



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Marco Aurelio Barsanelli de Almeida

A representação em questão:

colonizador e colonizado em *The Other Hand*, de Chris Cleave

São José do Rio Preto
2023

Marco Aurelio Barsanelli de Almeida

A representação em questão:

colonizador e colonizado em *The Other Hand*, de Chris Cleave

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Cláudia Maria Ceneviva Nigro

São José do Rio Preto

2023

A447r

Almeida, Marco Aurelio Barsanelli de

A representação em questão : colonizador e colonizado em The Other Hand, de Chris Cleave / Marco Aurelio Barsanelli de Almeida.

-- São José do Rio Preto, 2023

181 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

Orientadora: Cláudia Maria Ceneviva Nigro

1. Literatura inglesa. 2. Representação (filosofia). 3.
Pós-colonialismo na literatura. 4. Feminismo e literatura. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Marco Aurelio Barsanelli de Almeida

A representação em questão:

colonizador e colonizado em *The Other Hand*, de Chris Cleave

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Maria Ceneviva Nigro
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Regiane Corrêa de Oliveira Ramos
UEMS – Câmpus de Dourados

Prof^ª. Dr^ª. Cleide Antonia Rapucci
UNESP – Câmpus de Assis

Prof^ª. Dr^ª. Gisèle Manganelli Fernandes
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cláudia Rodrigues Alves
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
13 de fevereiro de 2023

Dedico este trabalho a todos aqueles cujos sorrisos e palavras de incentivo me encorajaram a continuar caminhando, mesmo nos momentos mais turbulentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos momentos de reflexão e pelas oportunidades que sempre apareceram no momento certo;

Aos meus pais, José Aparecido e Maria José, por todo o carinho e dedicação, sem os quais eu certamente não teria chegado onde estou;

À minha irmã, Maria Júlia, cujo riso e empatia me ajudaram a superar muitos obstáculos;

Ao meu companheiro de jornada, Leandro, pelo suporte e por todas as conversas que me motivaram a continuar caminhando;

À minha orientadora, Cláudia Maria Ceneviva Nigro, pelo acolhimento, pelo apoio e por todo trabalho e paciência que me permitiram chegar até este momento;

A todos os professores cujo trabalho pavimentou meus caminhos e me permitiu ter certeza que apenas a educação é capaz de transformar uma comunidade;

Aos amigos e amigas pelos abraços e sorrisos, e pelas palavras de incentivo;

À Unesp de São José do Rio Preto, onde completei minha formação, e onde encontrei amigos de uma vida toda;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Lançada em 2008, a obra *The Other Hand*, de autoria do britânico Chris Cleave, tem como protagonista Pequena Abelha, uma garota negra nigeriana que, fugindo de uma realidade de medo e violência em sua terra natal, busca refúgio na Inglaterra após a destruição de seu vilarejo e o assassinato de sua irmã. Cleave, assim, deseja representar o olhar de uma garota africana em sua luta por sobrevivência e adaptação à nova realidade. O trabalho aqui apresentado tem como objetivo investigar a maneira como Cleave, um homem branco e europeu, representa uma garota negra africana, a visão sobre a sociedade inglesa, a relação com outros refugiados e o convívio com a família de Sarah, uma mulher branca britânica. Para nossas análises, utilizamos os escritos de autoras/es como Gambarato (2005), Foucault (1998), Compagnon (2012) e Olney (1980), entre outros, para estabelecermos uma visão acerca da representação, enquanto processo e produto, que abarque nossas análises do romance de Cleave. Atentamos também para as ideias de Hall (2002, 2003, 2003, 2016), Spivak (2010), Nigro (2017) e Butler (1993, 2016), para citar alguns, acerca dos liames entre representação, poder e gênero. Apresentamos, ainda, uma breve explanação acerca da exploração colonial no continente africano, a partir das considerações de Chagastelles (2008), Matera, Bastian e Kent (2012), Mbembe (2018), Lynch (2012) e Nwosu (1992), e outros. As ideias pós-coloniais e o pensamento decolonial são discutidos por meio das concepções de Said (2001), Spivak (2010), Quijano (1992, 2008), Castro-Gómez (2008), Walter Dignolo (2008) e Catherine Walsh (2008, 2009), de modo a compreendermos como as percepções dos povos anteriormente colonizados moldam a apreensão desses indivíduos sobre a sociedade contemporânea e os permite agir contra os meios de exploração e dominação. Por fim, os escritos de Muraro (1989), Garcia (2015) e Priore (2013) nos proporcionam um panorama histórico-social sobre a situação da mulher e o movimento feminista, enquanto hooks (1990, 2019), Crenshaw (1991), Davis (2016) e Collins (2019) voltam seus olhares para os problemas e lutas do feminismo negro. Os autores e autoras elencados fornecem uma sólida base crítica e teórica a partir da qual compreendemos como as relações coloniais continuam inseridas no romance de Cleave. Apesar de oferecer um bom trabalho ao criticar a sociedade britânica e retratar os refugiados, notamos a presença de variados elementos que reforçam papéis de gênero tradicionalmente atribuídos pelo pensamento patriarcal, além da perpetuação de mitos raciais que desabonam o indivíduo negro, principalmente o feminino. Nosso estudo reforça a presença autoral no texto literário ao entrever, na representação criada por Cleave de uma refugiada negra africana, elementos que conservam a mentalidade hegemônica e patriarcal,

na qual o pensamento colonizador permanece como artifício de dominação do sujeito colonizado.

Palavras-chave: Representação. Chris Cleave. *The Other Hand*. Pós-colonialismo. Feminismo.

ABSTRACT

Released in 2008, “The Other Hand”, by British author Chris Cleave, has as its protagonist Little Bee, a black Nigerian girl who, fleeing from a reality of fear and violence in her homeland, seeks refuge in England after the destruction of her village and the murder of her sister. Cleave, thus, wishes to represent the perceptions of an African girl in her struggle for survival and adaptation to her new reality. The work presented here aims to investigate the way Cleave, a white European man, represents a black African girl, her view of English society, her relationship with other refugees, and her relations with Sarah's family, a white British woman. For our analyses, we used the writings of authors such as Gambarato (2005), Foucault (1998), Compagnon (2012), and Olney (1980), among others, to establish a vision about representation, as process and product, that encompasses our analyses of Cleave's novel. We are also based on the ideas of Hall (2002, 2003, 2003, 2016), Spivak (2010), Nigro (2017), and Butler (1993, 2016), to name a few, about the links between representation, power, and gender. We present a brief explanation, as well, of colonial exploitation on the African continent, from the considerations of Chagastelles (2008), Matera, Bastian and Kent (2012), Mbembe (2018), Lynch (2012) and Nwosu (1992), and others. Postcolonial ideas and decolonial thinking are discussed through the conceptions of Said (2001), Spivak (2010), Quijano (1992, 2008), Castro-Gómez (2008), Walter Mignolo (2008), and Catherine Walsh (2008, 2009) in order to understand how the perceptions of formerly colonized peoples shape these individuals' apprehension of contemporary society and enable them to act against the means of exploitation and domination. Finally, the writings of Muraro (1989), Garcia (2015), and Priore (2013) provide us with a historical-social overview of the situation of women and the feminist movement, while hooks (1990, 2019), Crenshaw (1991), Davis (2016), and Collins (2019) turn their gaze to the problems and struggles of black feminism. The authors above provide a solid critical and theoretical foundation from which we understand how colonial relations remain embedded in Cleave's novel. Although Cleave does a good job of critiquing British society and portraying refugees, we note the presence of various elements that reinforce gender roles traditionally assigned by patriarchal thought, as well as the perpetuation of racial myths that discredit the black individual, especially the female one. Our study reinforces the authorial presence in the literary text by glimpsing, in the representation created by Cleave of a black

African refugee, elements that preserve the hegemonic and patriarchal mentality, in which colonizing thought remains as an artifice of domination of the colonized subject.

Keywords: Representation. Chris Cleave. *The Other Hand*. Postcolonialism. Feminism.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	REPRESENTAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE AUTOR, NARRADOR E PERSONAGEM.....	19
1.1	Uma breve introdução sobre o conceito de representação.....	19
1.2	Marcas da presença autoral.....	24
1.3	Hall e a representação enquanto elemento de apreensão/construção cultural.....	32
1.4	Spivak e Butler: representação e poder.....	47
1.4.1	A representação em meio à questão pós-colonial.....	47
1.4.2	Judith Butler: gênero, poder e representação.....	59
1.5	Outros olhares para a representação.....	69
2	O PÓS-COLONIAL EM <i>THE OTHER HAND</i>.....	74
2.1	Expansões coloniais: um breve olhar sobre a dominação do continente africano.....	75
2.2	Entre metrópole e colônia: um breve olhar sobre a colonização nigeriana.....	80
2.3	O pós-colonial.....	104
2.4	A violência (pós-)colonial.....	114
2.5	Descolonização e decolonização.....	118
3	FEMINISMOS PÓS/DECOLONIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FEMINISMO E O FEMININO EM <i>THE OTHER HAND</i>.....	141
	CONSIDERAÇÕES.....	171
	REFERÊNCIAS.....	176

INTRODUÇÃO

Ao falarmos de literatura não raro vislumbramos em nosso horizonte de análise a forma como o ser humano, em sua complexidade existencial, é inserido na obra. Assim percebemos um dos conceitos fundamentais para o estudo da literatura: a representação. Como elemento primordial de qualquer investigação literária, o conceito de representação é constantemente revisitado e reexplorado, seja em uma busca por descobrir seus mecanismos de funcionamento, ou em uma análise, a fim de encontrar os componentes textuais englobados em suas tramas. Como elemento que remonta às formas de arte rupestres, a representação ainda se faz presente nas sociedades humanas, sendo continuamente reexaminada em suas mais diversas acepções, em campos sociais heterogêneos como o político, judiciário, ou artístico.

No campo literário, apercebemos muitas vezes a ideia de representação amplamente relacionada com questões coloniais, como em *The Other Hand* (2008), obra de autoria do escritor britânico Chris Cleave, que nos propomos a analisar neste estudo. Assim sendo, os Estudos Pós-Coloniais apresentam-se como constituinte essencial em nossas análises.

Os Estudos Pós-Coloniais surgem entre as décadas de 1970 e 1980 como uma corrente de pensamento em busca de compreender as repercussões do período Imperialista, ocorrido nos séculos XIX e em parte do século XX, principalmente a partir da visão dos povos colonizados. Segundo algumas de suas vertentes a descolonização, ou seja, o fim do período de dominação das nações europeias e dos Estados Unidos sobre outros povos, principalmente africanos e asiáticos, não coincide com o término da influência política, econômica e cultural das nações colonizadoras sobre esses povos anteriormente colonizados.

Ao examinarmos a influência exercida pelos colonizadores sobre os povos colonizados, traçamos um paralelo dessa relação com as relações estabelecidas entre o masculino e o feminino. Desse modo, trazemos algumas vertentes das teorias feministas para nosso horizonte de análises de maneira a nos auxiliar na investigação acerca das relações de gênero presentes na obra, não apenas entre seus personagens, mas também acerca do papel desempenhado por Cleave enquanto autor.

The Other Hand, objeto de análise de nossa pesquisa, é o segundo romance do autor britânico Chris Cleave, publicado no Reino Unido pela editora Sceptre em agosto de 2008. O romance já figurou no primeiro lugar do *New York Times bestseller list* e foi indicado para os prêmios *Costa Book Awards*, em 2008, e *Commonwealth Writers' Prize*, em 2009. Seu primeiro romance *Incendiary*, publicado em 2005, foi adaptado para um filme de mesmo nome, além de ganhar o prêmio *Somerset Maugham Award* de 2006 e ser indicado, no mesmo ano, para o

prêmio *Commonwealth Writers' Prize*. Seus outros romances publicados são *Gold*, em 2012 e *Everyone Brave is Forgiven*, em 2016.

Assim como outras obras literárias, o livro de Cleave teve seu título modificado ao ser levado para os Estados Unidos e Canadá, sendo lançado com o nome de *Little Bee* e, posteriormente, trazido para o Brasil com o nome de *Pequena Abelha*, uma tradução do título estadunidense, em 2010.

Uma primeira questão importante a ser levantada acerca da publicação tratada em nosso trabalho é a mudança do título do romance nos volumes publicados em língua inglesa em ambos os lados do Atlântico. A primeira edição, lançada no Reino Unido em 2008, foi intitulada *The Other Hand*, mas, uma vez levada para fora das ilhas britânicas rumo aos Estados Unidos e Canadá, seu título foi redefinido como *Little Bee*.

Em uma entrevista publicada em sua página oficial, o autor comenta essa duplicidade de nomenclatura:

É bastante comum que romances mudem de título quando atravessam o Atlântico. Eu gosto de ambos os títulos sob os quais o romance foi publicado. “*The Other Hand*” é um bom título, pois fala sobre a dupla natureza desse romance, seus dois narradores e dois mundos, ao mesmo tempo que faz referência à ferida de Sarah. “*Little Bee*” também é um bom título, pois o romance é na verdade a história de Pequena Abelha, é um título direto e honesto. Também gosto dele, pois parece radiante e acessível – e meu objetivo com esse romance era escrever uma história acessível sobre um assunto sério. Gosto do fato do romance ter dois títulos. Gosto quando escolhas divergentes estão simultaneamente corretas [...]¹ (tradução nossa)

Apesar de não esclarecer o motivo para a mudança no nome da obra, Cleave revela que em ambos os casos os títulos conseguem, de alguma maneira, captar a essência da narrativa.

Quando traduzido para a língua portuguesa, o romance recebeu em terras brasileiras o nome de *Pequena Abelha*, baseado diretamente no título popularizado nos Estados Unidos – apesar de constar no índice catalográfico da obra em português *The Other Hand* como título original.

¹ It's quite common for novels to change titles when they cross the Atlantic. I like both the titles the novel is published under. “The Other Hand” is a good title because it speaks to the dichotomous nature of the novel, with its two narrators and two worlds, while it also references Sarah’s injury. “Little Bee” is a good title too, because the novel is really Little Bee’s story, so it’s a straightforward and an honest title. Also I like it because it sounds bright and approachable – and my aim with this novel was to write an accessible story about a serious subject. I like the fact that the novel has two titles. I like it when divergent choices are simultaneously right [...] Disponível em: < <https://chriscleave.com/little-bee/the-true-story-behind-my-new-novel/> >. Acesso em: 06 de agosto de 2019.

Gostaríamos de esclarecer que em nossa pesquisa a versão utilizada será a de origem britânica, uma vez que existem diferenças, a exemplo das primeiras páginas dos capítulos sete e nove, feitas por Cleave para uma melhor adequação da narrativa ao público norte-americano:

Sou americana, casada com um francês há 35 anos, e vivo na França [...] Um amigo nos EUA me enviou um exemplar de *Little Bee*, e me disse que seria uma grande erro se não o lesse [...] recomendei o livro ao grupo de leitura. Os membros do grupo encomendaram cópias da livraria local em inglês, mas como estamos na Europa, recebemos a versão inglesa, *The Other Hand*. [...] gostaríamos de saber porque existem algumas diferenças consideráveis entre *Little Bee* e *The Other Hand*. Duas que notei de imediato são a primeira página do capítulo 7 [...] e a primeira página do capítulo 9 [...] Os membros que discutiram hoje o livro eram americanos, ingleses, canadenses e franceses, mas todos nós concordamos que preferíamos a versão *Little Bee* destes dois exemplos. Desejo ler *The Other Hand* para ver se existem outras diferenças, mas gostaríamos de saber se VOCÊ fez as alterações antes da publicação nos EUA, ou se elas foram feitas pelo editor americano. (CLEAVE, 2015, n.p., tradução nossa)

Olá Maggie,

[...] É verdade que *Little Bee* e *The Other Hand* divergem no último terço antes de convergirem novamente no final. Fiz as alterações na versão americana depois de o texto do Reino Unido estar pronto. Minha intenção era americanizar algumas ortografias e expressões idiomáticas, e fornecer alguma explicação adicional aos leitores norte-americanos que teriam menos familiaridade com a história, a sociedade e a economia de Londres. Eu o fiz, e provavelmente também escrevi além do necessário porque sou um trabalhador compulsivo e sempre me preocupo com um texto até que alguém o afaste fisicamente de mim e o envie para ser impresso. Olhando para as duas versões lado a lado depois de todo este tempo, penso que uma não é melhor que a outra. (Quem me dera poder ter a oportunidade de reformular todo o romance agora - eu faria muitas mudanças). [...] ² (CLEAVE, 2015, n.p., tradução nossa)

² I am an American, married to a Frenchman for 35 years, and living in France [...] A friend in the US gave me a copy of *Little Bee*, and told me I'd be making a big mistake if I didn't read it [...] I recommended it to the book group. Members of the group ordered copies from the local English-language bookshop, but since we are in Europe, we received the UK version, *The Other Hand*. [...] we would like to know why there are some major differences between *Little Bee* and *The Other Hand*. Two that I noticed right away are the first page of chapter 7 [...] and the first page of chapter 9 [...] Members discussing the book today were American, English, Canadian and French, but we ALL agreed that we preferred the *Little Bee* version of these two examples. I plan to read *The Other Hand* to see if there are other differences, but we would like to know if YOU made the changes before publication in the US, or if they were made by the US editor.

Hi Maggie,

[...] It's true that *Little Bee* and *The Other Hand* do diverge in the last third before reconverging at the end. I made the changes to the US version after the UK text was locked. My brief was to Americanise some spellings and idioms, and to provide some additional exposition for North American readers who would have less familiarity with London history and socioeconomics. This I did, and I probably went beyond the brief too because I'm a compulsive worker & will always worry away at a text until someone physically wrenches it away from me and sends it to the printers. Looking at the two versions side-by-side after all this time I don't think one or the other is better. (I wish I could have the chance to redraft the whole novel now – I would make a lot of changes.) [...]

Em nosso texto a versão original em língua inglesa é introduzida nas notas de rodapé, enquanto a tradução em língua portuguesa é utilizada no corpo textual de modo a tornar a leitura mais acessível e fluida. Acrescentamos que eventuais diferenças quanto à edição britânica, presentes nas versões norte-americanas, não são abordadas, porquanto as mesmas merecem um empenho analítico próprio. O foco das considerações apresentadas em nossas análises é mantido nos elementos presentes na primeira versão, por ser a mais próxima da realidade inglesa e, conseqüentemente, daquela vivida pela protagonista.

Em sua narrativa, o autor propõe-se a representar a vida de uma garota africana vivendo na Inglaterra, seus pensamentos, suas relações com outras pessoas de mesma origem e a forma como busca apreender os costumes do novo país. Os capítulos, narrados a partir dos olhos de Pequena Abelha e de Sarah O'Rourke, buscam retratar, com um olhar por vezes crítico, a sociedade inglesa do início do século XXI ao conceder a duas mulheres, uma estrangeira e uma nativa, voz acerca de suas percepções, sentimentos, e desejos.

Nesse ínterim, Pequena Abelha representa uma grande fonte de críticas, uma vez que, através dos olhos da protagonista africana, da estrangeira, daquela para o qual o ambiente é totalmente estranho, injustiças e preconceitos são percebidos. Entretanto, faz-se notar a onipresente mão do autor na construção de sua compreensão social.

Formado em psicologia pelo Balliol College, Oxford, passou a infância no oeste africano, o que, segundo sua página pessoal na internet, o inspirou a escrever o romance *The Other Hand*, no qual narra a história de duas mulheres vivenciando os problemas femininos contemporâneos: Pequena Abelha, ou Abelhinha, a protagonista, cujo nome verdadeiro, Udo, nos é apresentado apenas nas últimas duas páginas do romance, é uma refugiada nigeriana, que chega a Londres a bordo de um navio transportando chá; e Sarah, editora de uma revista de moda, tenta lidar ao mesmo tempo com o marido Andrew (que sofre de depressão), o filho Charlie (que vive em um mundo de fantasia) e Lawrence (o amante). Aos poucos, conhecemos melhor a história de Pequena Abelha: a fuga da Nigéria, a passagem pelo Centro de Imigrantes, o modo como tenta absorver aspectos da nova cultura, até o encontro com Sarah e família.

O romance é dividido em 11 capítulos, sendo os ímpares narrados a partir da perspectiva da protagonista, e os pares, por meio da visão de Sarah. Dessa forma, Pequena Abelha inicia e termina o livro, além de ter sobre sua tutela um capítulo a mais que Sarah. Os capítulos não possuem títulos específicos, sendo indicados apenas por meio de numeração, o que parece corroborar o estilo direto de escrita de Cleave, sem grandes descrições e com diálogos rápidos.

Ao mencionar sua infância na África como inspiração para escrever *The Other Hand*, Cleave parece colocar muito de si mesmo na narrativa. Como declara em uma de suas

entrevistas, disponíveis em seu site oficial, ele de alguma maneira se reconhece em Pequena Abelha, uma vez que nenhum dos dois parece se sentir totalmente confortável em território britânico.

Ademais, a exploração de Cleave quanto ao universo feminino, representado não só por Pequena Abelha, mas também por Sarah, mostra muito das ideias socialmente perpetradas acerca dos papéis femininos na sociedade apesar de muitas vezes deixar clara a tentativa do autor de quebrar tais parâmetros. Essa ideia é melhor explicada ao observarmos as personagens que orbitam ao redor de Sarah, como seu marido Andrew, um jornalista, vítima de depressão causada não apenas pela descoberta do caso extraconjugal da esposa, mas, principalmente, devido ao episódio vivido em uma praia nigeriana.

Durante uma viagem com Sarah, com o propósito de salvar seu casamento, o casal se depara com Pequena Abelha e sua irmã, que lhes pedem ajuda. Em seguida, um grupo de mercenários encontra as irmãs e o casal, lhes explicando que devem assassinar as garotas, pois ambas seriam testemunhas da destruição causada pelo grupo armado.

Enquanto conversam, o líder do grupo manda que o casal inglês corte, cada um, o dedo médio de uma das mãos, caso queiram salvar as jovens, estipulando uma vida por cada dedo. Andrew tenta negociar, pois não tem coragem de cortar o próprio dedo, enquanto Sarah, em um impulso, amputa o membro, salvando, assim, Pequena Abelha. Andrew assume a culpa por não ter sido capaz de salvar Nkiruka, irmã da protagonista, o que, aliado aos problemas conjugais, o conduz ao suicídio.

Enquanto jornalista, Andrew se posiciona como superior à esposa, considerando-a uma profissional menos qualificada, pois publica matérias em uma revista feminina. Mostra-se incapaz de cuidar do filho Charlie, e de manter uma vida sexual satisfatória com a esposa.

Ainda no círculo familiar, Charlie, o filho pequeno, parece ser uma representação da responsabilidade socialmente conectada à figura materna. Quando Andrew não cuida mais de seu filho, Sarah tem problemas com seu papel de mãe, pois não consegue lidar com as fantasias infantis da criança. O menino incorpora a figura do super-herói Batman, recusando-se a atender por outro nome ou mesmo a tirar a fantasia. A relação dos dois muda apenas a partir da entrada de Pequena Abelha no seio familiar.

Pequena Abelha, protagonista do romance, é uma jovem nigeriana, refugiada na Inglaterra após sua aldeia ser destruída e sua família e amigos serem mortos durante uma guerra civil em prol do domínio dos campos de petróleo do delta no Níger. Depois de testemunhar a violência sexual e o conseqüente assassinato de sua irmã Nkiruka por soldados mercenários, a jovem consegue entrar escondida em um navio inglês rumo às ilhas britânicas. Sua história

pode ser dividida em dois momentos: a fuga da Nigéria até o encontro com Sarah, o que inclui sua prisão em um centro de detenção para refugiados; e sua inclusão no círculo familiar dos O'Rourke, culminando na deportação da personagem para a Nigéria. O primeiro e o 11º capítulos são narrados por Pequena Abelha, tornando-a a personagem responsável por iniciar e encerrar o ciclo da narrativa.

O principal embate da protagonista acontece com Lawrence, amante de Sarah: um funcionário do departamento de imigração inglês, autodeclarado como de pouca importância para o funcionamento da repartição. Representa principalmente a vida sexual satisfatória, a masculinidade protetora e o apoio emocional masculino considerado por Sarah como necessário para atravessar o período de luto pelo marido Andrew. No entanto, transparece em Lawrence, diversas vezes, uma preocupação controladora para com Sarah e uma violência reprimida no tratamento direcionado a Pequena Abelha.

Ao considerarmos os Estudos Pós-Coloniais e a representação à luz de teorias feministas conseguimos nos aproximar de Pequena Abelha, de Sarah, e da masculinidade autoral de modo a respondermos o questionamento norteador de nosso estudo: de que maneira um homem branco europeu consegue representar uma garota negra africana?

Com o objetivo de observar as nuances autorais tecidas ao longo da narrativa, sob os olhos de duas personagens femininas, encontramos elementos que desvelam valores sexistas, patriarcais e xenofóbicos imbricados na trama literária. Dessa forma, compreendemos a maneira como o pensamento colonizador mantém-se como elemento quase onipresente na narrativa.

Nossas observações acerca do conceito de representação, enquanto processo e enquanto produto, tem embasamento nos escritos de Aristóteles (1991, 2001), Renira Rampazzo Gambarato (2005), e Lígia Militz da Costa (1992), sobre a concepção clássica de representação. Em sequência, exploramos ideias de Michel Foucault (1998) sobre o processo e o produto da representação, e nos detemos no representar de si mesmo com as ideias de Antoine Compagnon (2012) e James Olney (1980) sobre o lugar do autor no texto literário. As contribuições de Olney são basilares para a compreensão das aproximações entre autor, narrador e personagens que revelam a presença autoral na trama literária.

Posteriormente, dedicamos subcapítulos à discussão da sociedade e da cultura enquanto elementos constituintes do desenvolvimento do processo representacional. Iniciamos nossas considerações com algumas ideias de Stuart Hall (2002, 2003, 2003, 2016), e de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), de forma a embasar nossas discussões acerca do lugar do pós-colonial no processo representacional. Apresentamos também acepções de Sandra Regina

Goulart Almeida (2010), Cláudia Maria Ceneviva Nigro (2017), Sara Salih (2012), Joana Plaza Pinto (2013), e Judith Butler (1993, 2016) sobre questões de representação de gênero, principalmente no que concerne aos papéis social e culturalmente designados para o feminino.

Nossas reflexões sobre o pós-colonial são iniciadas a partir dos escritos de Tânia Maria Chagastelles (2008), que nos proporciona um apanhado rápido dos fatores históricos instigadores da corrida imperialista. Suas declarações são complementadas com as ideias de Marc Matera, Misty L. Bastian e Susan Kingsley Kent (2012), Achille Mbembe (2018), Hollis R. Lynch (2012), e Nereus I. Nwosu (1992), que nos proporcionam um amplo panorama acerca da situação dos países africanos, em especial a Nigéria, durante o domínio imperialista, seus conflitos, as formas de controle político, social e cultural, até os movimentos de independência dos colonizados. Por fim, as observações de Edward Wadie Said (2001), Chimamanda Ngozi Adichie (2014), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Aníbal Quijano (1992, 2008), Santiago Castro-Gómez (2008), Walter D. Mignolo (2008) e Catherine Walsh (2008, 2009) contribuem para a compreensão do pensamento pós-colonial e decolonial a partir das percepções dos povos anteriormente colonizados, explorando o fato de as influências colonizadoras ainda serem largamente identificáveis nas sociedades contemporâneas.

O feminismo, muito abordado em várias teses na atualidade, é aqui debatido inicialmente por meio das considerações de Rose Marie Muraro (1989), Carla Cristina Garcia (2015), e Mary del Priore (2013), que estabelecem uma linha histórica do movimento feminista, comentado acerca da luta de mulheres por melhores condições e por algum grau de igualdade social desde antes do termo feminista ser cunhado. Apesar de não ser essa discussão o objetivo deste trabalho, ela se configura como elemento importante na compreensão das personagens femininas, principalmente de Pequena Abelha, uma personagem aparentemente ainda pertencente a uma primeira onda de reivindicações feministas. Em seguida, exploramos as ideias acerca do feminismo de bell hooks (1990, 2019) e Kimberlé Crenshaw (1991), Angela Davis (2016) e Patrícia Hill Collins (2016), principalmente sobre questões relativas a classe social e raça, sobre a interseccionalidade de fatores atuantes na construção de preconceitos e estereótipos relativos a mulheres negras, além de explorar o papel do homem no reconhecimento da opressão exercida pelo sistema patriarcal hegemônico também sobre o masculino e, conseqüentemente, a tomada de consciência do masculino sobre sua própria vitimização social.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro dedicado a discussões sobre representação. Primeiramente, traçamos um breve panorama acerca da concepção clássica do termo, para, posteriormente, explorar ideias de alguns autores dedicados ao conceito e, por

fim, incluir em nossa compreensão o papel da sociedade, da cultura e da mulher na construção representacional.

No segundo capítulo discorremos acerca de acontecimentos históricos que despertam o interesse das grandes potências econômicas do século XIX pelo continente africano ao traçar um rápido panorama da revolução industrial e das maneiras como ela auxiliou a entrada dos povos colonizadores na África. Nesse capítulo também discorremos acerca da condição da Nigéria durante a ocupação colonial britânica e, por fim, discutimos as consequências contemporâneas do período colonial para os povos colonizados.

O terceiro capítulo apresenta o movimento feminista ocidental, suas características e suas demandas. Comentamos acerca dos precursores do movimento, mantendo foco principalmente no surgimento do feminismo negro e de como suas pautas diferem de outras vertentes ao explorar problemas enfrentados especificamente por mulheres negras em meio a uma realidade machista, racista e, por diversas vezes, cultural e economicamente desfavorável.

Diante do horizonte crítico e teórico recolhido, podemos olhar detidamente para *The Other Hand* e compreender como os laços coloniais e patriarcais costuram-se na trama narrativa, revelando a presença de Cleave nos discursos de Pequena Abelha e de Sarah, como uma voz que, embora diversas vezes demonstrando interesse na representação feminina longe de amarras patriarcais e coloniais, ainda se impõe como uma voz colonizadora e masculina.

Devemos pontuar ainda que, embora representante da voz masculina colonial, a experiência jornalística de Cleave desempenha papel basilar na construção da crítica acerca da situação de refugiados e imigrantes sem documentos em solo britânico. O empenho do autor em denunciar o descaso governamental direcionado à situação de indivíduos que buscam no Reino Unido uma maneira de fugir de suas realidades de opressão e violência, muitas vezes causadas pelas próprias ações do chamado Império Britânico, reforça o pensamento profundamente colonizador europeu.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que os trechos português são retirados da versão brasileira do livro e, por esse motivo, em nosso trabalho a personagem principal será denominada como “Pequena Abelha”, em conformidade com a escolha editorial nacional e com o modo como a protagonista é identificada por quase toda a narrativa.

1 REPRESENTAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE AUTOR, NARRADOR E PERSONAGEM

1.1 Uma breve introdução sobre o conceito de representação

Antes de discutirmos de forma mais aprofundada o conceito de representação, gostaríamos de lançar foco sobre como esse conceito foi repensado através dos séculos. Perguntar “o que é representar algo ou alguém?” parece ser um questionamento bastante audacioso para qualquer estudioso do campo das artes e das humanidades de modo geral e, ainda que não tenhamos como objetivo nos determos demoradamente nessa introdução, visto não ser este nosso objetivo, parece imprescindível atentarmos para alguns diferentes modos de pensar a representação de maneira a compreender essa concepção na contemporaneidade.

A percepção acerca da ideia de representação foi, ao longo da história, constantemente revisitada, reanalisada e reinterpretada, o que nos proporcionou uma variada miríade de entendimentos e, conseqüentemente, de questionamentos subsequentes. Talvez uma das discussões mais antigas a ser estabelecida no horizonte dos estudos literários, filosóficos e sociais, o debate acerca do conceito de representação remonta, no ocidente, aos escritos filosóficos de Platão e de Aristóteles, destacando, deste último, as ideias expressas em *Poética* (1991) e *Arte poética* (2001).

Ao lançar foco, inicialmente, sobre o pensamento platônico, a escritora Renira Rampazzo Gambarato (2005) esclarece que, para Platão, o conhecimento verdadeiro provém puramente daquilo que há para ser apreendido, sem a necessidade de agentes intermediadores como imagens e palavras. A apreensão de algo, portanto, provém da experiência direta do indivíduo com um objeto ou ideia, uma vez que qualquer conhecimento adquirido através de intermediários estaria aquém da compreensão obtida por intermédio da experiência direta.

Por meio desse pensamento o filósofo tenta definir a ideia de mimese. Para Platão, a mimese seria uma cópia da realidade, de modo que a criação se afasta do processo mimético. O filósofo acredita que a mimese é apenas verossímil, devido à comum incapacidade de imitar a essência das coisas e a verdadeira natureza dos seres.

Lígia Militz da Costa esclarece em seu texto *A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança* (1992) que o filósofo considera as imagens miméticas como “[...] uma imitação da imitação, já que elas imitavam a própria pessoa e o mundo do artista, os quais, por sua vez, já eram imitação (sombra e miragem) da ‘verdadeira realidade’ original.” (COSTA, 1992, p. 6).

Platão apoia-se na ideia de mimese enquanto uma concepção perigosa devido à sua suposta falha em imitar a essência e natureza das coisas, já Aristóteles enaltece a autonomia do processo mimético na arte. O pensamento aristotélico compreende a imitação a partir de uma concepção estética, ou seja, a mimese não seria mais uma simples imitação do mundo exterior, mas mostraria possíveis formas de compreender esse mundo.

No livro *Poética* (1991), Aristóteles objetiva discutir as formas da poesia clássica, em especial a tragédia, a comédia e a epopeia, suas características e elementos distintivos. Ao iniciar suas considerações, o autor declara prontamente a base de sua argumentação futura: toda poesia é imitação:

A epopeia, a tragédia, assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da aulética e da citarística, todas são, em geral, imitações. Diferem, porém, umas das outras, por três aspectos: ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam objetos diversos, ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira. (ARISTÓTELES, 1991, v. II, p. 201)

as formas poéticas seriam, dessa maneira, imitações, distintas entre si pelo modo, objeto ou meio pelo qual constroem sua carga significativa.

A partir do entendimento aristotélico acerca da mimese, o filósofo desenvolve a ideia de verossimilhança, ou seja, a poética e a arte, de modo geral, são entendidos como reflexos da realidade, assemelhando-se à coerência e possibilidade da vida real.

A verossimilhança é, para Aristóteles, a barreira que manteria a mimese dentro dos limites do “possível”, ainda que não limite essa imitação às possibilidades pertencentes à realidade sensível. Segundo Costa, o verossímil é “[...] o possível lógico, causal e necessário, como modo de arranjo interno [...]” (COSTA, 1992, p. 54). A verossimilhança seria, então, a ideia norteadora na construção da mimese, responsável por manter uma lógica interna, mesmo irracional, cuja função essencial é convencer seus interlocutores de sua possibilidade. A autora explica essa afirmação ao citar que:

Tudo é verossímil ou possível na mimese, até o inverossímil, desde que motivado, isto é, simulado como admissível; o paralogismo³, como armação persuasiva falsa, exemplifica a afirmação. (COSTA, 1992, p. 54).

³ Costa explica que “o paralogismo é um recurso da mimese trágica que foi ensinado pelo supremo poeta épico: Homero; coube a ele ensinar como convencer, dizendo o que é falso através de uma estratégia verossímil; enquanto o silogismo é um recurso que leva à aceitação de uma conclusão verdadeira, o paralogismo leva à admissão de um raciocínio falso [...]” (COSTA, 1992, p. 52)

Podemos exemplificar essas ponderações ao considerarmos os elementos sobrenaturais presentes em narrativas fantásticas. Ainda que muitos reconheçam a impossibilidade de elementos narrativos, como elfos e dragões, existirem na realidade sensível, esses elementos não parecem estranhos quando inseridos em narrativas como *The Lord of the Rings* (1937-1949), uma vez que são verossímeis dentro do universo literário da obra e dentro da cultura inglesa.

A compreensão clássica da representação, portanto, perpassa principalmente a ideia de similitudes, reflexos do real presentes na arte, ainda que as relações de semelhança estejam compreendidas em um universo ficcional. O escopo da representação, portanto, ao considerarmos o campo literário, seria cativar o indivíduo ao aproximá-lo do universo ficcional apresentado. Para Aristóteles, a partir da imitação, o ser humano compreende a realidade e simpatiza com o imitado. Segundo o filósofo, isso seria o fundamento para a imitação fazer parte de algo inerente ao ser humano.

A ideia aristotélica de imitação, ainda que abra caminhos para concepções mais contemporâneas sobre representação, mantém a ligação estreita entre o real e o inventado e, mesmo tendo em seu horizonte a possibilidade da impossibilidade, preserva uma visão bastante dualista acerca da construção representacional. Enquanto basilar para o entendimento da arte literária, suas ideias foram e são ainda fundamentais na análise e compreensão da literatura contemporânea.

Em verdade, Aristóteles menciona o termo “representação” somente quando, ao discorrer sobre encenações teatrais, cita a representação enquanto a leitura dramática de uma obra literária: “Na verdade, mesmo sem representação e sem atores, pode a tragédia manifestar seus efeitos; além disso, a realização de um bom espetáculo mais depende de um bom cenógrafo que de um bom poeta.” (ARISTÓTELES, 1991, v. II, p. 207).

Assim, a representação, na visão aristotélica, compreende a encenação teatral, o que não deixa de se apresentar também como uma forma de imitação. Ao tomar o lugar de uma personagem nos palcos, o/a artista interpreta o texto escrito segundo suas experiências, ou seja, ele/a imita traços de entidades, enquanto reflexos de seres presentes ou ausentes da realidade sensível, de modo a dar vida àquilo que primariamente tem existência apenas nas palavras. Dessa maneira, da mesma forma que vemos no palco a imitação de indivíduos humanos, existe também a chance de observarmos personagens que fogem das possibilidades do mundo sensível, como árvores falantes ou encarnações de seres mitológicos.

Um outro período sobre o qual gostaríamos de comentar é a época medieval. Segundo o que nos traz Gambarato, em *Signo, significação, representação* (2005), na era medieval o

conceito de representação encontra-se ainda atrelado ao campo das similitudes, principalmente àquele ligado à área teatral. De acordo com a autora, o representar medieval é compreendido não apenas como um “assemelhar-se a” mas como “estar em lugar de”, ou seja, a representação ocuparia o espaço daquilo que era representado.

Ainda, em uma breve menção a Aurélio Agostinho de Hipona⁴, a autora explica que, para o filósofo, o processo de representação é constituído pelo algo a ser representado, pelo intérprete, que deve apreender a nuances da representação, e pelo significado, ou seja, os signos que norteariam e desencadeariam o liame entre a representação e o indivíduo que a apreende. Segundo a autora: “Para Agostinho, significar é associar um conteúdo de pensamento a uma forma sensível e interpretar é o trajeto inverso.” (GAMBARATO, 2005, p. 206). Apreendemos então que, ainda segundo o pensamento de Agostinho, a ideia de representação continua atrelada às formas do mundo sensível.

O conceito de signo começa a sofrer transformação principalmente na concepção do filósofo escocês Duns Scotus. Segundo Gambarato, Scotus considera que “[...] o signo conduz imediatamente ao significado, sem a presença de intermediários.” (GAMBARATO, 2005, p. 207), ou seja, a relação entre a representação e a apreensão do indivíduo ocorre sem a necessidade de elementos interpostos. A autora pontua ainda que, para Scotus, a representação “[...] não se limita apenas a uma realidade material, física ou sensível, basta possuir uma realidade formal.” (GAMBARATO, 2005, p. 207). A compreensão de Scotus, portanto, nega a necessidade de ancoragem da representação em uma realidade material, apresentando novas possibilidades para a concepção de representação.

Ao mencionar o período renascentista, Gambarato comenta que, assim como na Idade Média, o conceito de representação no Renascimento foi pautado nas ideias clássicas de similitude. É apenas a partir do século XVII que os ideais de semelhança cedem lugar à ideia de representação enquanto um conceito relacionado à arbitrariedade do signo:

A linguagem passa a organizar as coisas para o pensamento. O mundo já não é mais o da semelhança, mas o da representação. Com a divisão entre o signo e seu objeto, as palavras não se ligam mais diretamente às coisas: a alternativa é a representação como elemento de ligação. (GAMBARATO, 2005, p. 210)

Por fim, Gambarato aponta a passagem do século XIX para o século XX, na qual Charles Sanders Peirce expõe suas ideias acerca da concepção de representação.

⁴ Popularmente conhecido como Santo Agostinho.

Para Pierce, representar é construir na mente do indivíduo uma ideia equivalente àquilo que está sendo representado, ou seja, o filósofo resgata a ideia clássica de “estar no lugar de”, ainda que, de certa forma, como esclarece a autora, a representação é vista como o próprio algo a ser representado:

Em síntese, Pierce considera que o signo é aquilo que, sob determinado aspecto, representa alguma coisa para alguém, criando em sua mente um signo equivalente. Nessa operação é gerado um interpretante. Aquilo que o signo representa é denominado seu objeto. Representação caracteriza-se pela relação entre o signo e o objeto. Representar é estar no lugar do outro, de tal forma que, para uma mente interpretante, o signo é tratado como sendo o próprio objeto, em determinados aspectos. (GAMBARATO, 2005, p. 211)

Apesar de seu retorno à linha de pensamento clássica, Pierce concentra-se não no estudo do signo em si, mas do processo de semióse, ou seja, no processo de criação desses signos. As representações parecem tomar caráter mais cognitivo na compreensão de Pierce, mantendo-a desvinculada da realidade material, no que difere do entendimento clássico.

O filósofo Michel Foucault, de certa maneira, acompanha o pensamento de Pierce, no sentido que desvincula a representação de qualquer ligação necessária com a realidade material. Em seu texto *As palavras e as coisas* (1998), Foucault rompe com a ideia de similitude ao analisar o discurso de *Dom Quixote* (1605), no qual a verossimilhança não se faz presente em relação ao mundo sensível, a verdade de *Dom Quixote*, para Foucault, está imbricada na própria linguagem.

A representação não é mais vista como uma cópia do real, um reflexo do mundo sensível, ou um sistema sógnico que se desdobra a partir de similitudes com o mundo físico. O autor compreende a representação principalmente a partir do discurso, no qual as palavras criam a realidade a ser representada.

Se por um lado o olhar clássico trata a representação enquanto reflexo da realidade material, por outro, a visão de Foucault parece encerrar a representação aos elementos textuais. Ainda que o conceito aristotélico de mimese considere a subjetividade do artista na criação da obra de arte, visto a compreensão do filósofo de que a apropriação da realidade pelo artista e sua reinterpretação sejam elementos essenciais na criação; e que o filósofo francês reconheça a liberdade artística na construção da obra, o conceito clássico de similitude e a ideia de distanciamento entre a arte e a sociedade impõem uma barreira à leitura de nosso objeto de estudo frente às teorias contemporâneas, uma vez que se apresentam enquanto concepções insuficientes para abarcar os pontos a serem trabalhados.

Buscamos, pois, por uma concepção de representação que não seja apenas baseada num espelhamento da vida sensível, e que ultrapasse os limites do texto literário, estabelecendo ligações com a sociedade não em termos de semelhança, mas compreendendo a sociedade enquanto elemento ativo na arte.

Ainda, como peça integrante da arte literária, vislumbramos em nosso horizonte de análise a imagem indelével do autor. Como instância criativa na literatura, percebemos no autor (e, por extensão, também no leitor) a força motriz através da qual não apenas a narrativa toma forma, como também mediante a qual a sociedade é incluída no texto, condicionada à sua interpretação particular da vivência sociocultural em que está inserido/a.

Entendemos que o ficcional não é algo separado do mundo factual, mas sim que a realidade sensível é percebida, lida, de maneiras tão diversas quanto um texto literário o pode ser, tornando a vida material uma combinação inesgotável de ficções. Dessa maneira, apresentaremos a seguir algumas concepções sobre o conceito de representação que, em maior ou menor grau, acolhe nossa aceção acerca da ação de representar. Iniciaremos nossas considerações explorando algumas ideias sobre a presença autoral na trama literária, de maneira a vislumbrar caminhos pelos quais o artista, ou autor/a, submerge em seu texto.

1.2 Marcas da presença autoral

Quais os limites entre o autor, o narrador e a personagem quando olhamos para obras literárias? Estaria o autor, enquanto entidade física, destacado de sua criação artística? Se não, quais ligações identitárias são estabelecidas entre o autor, o narrador e as personagens apresentadas em um texto literário?

Uma tentativa, entre muitas, de compreender as relações entre o autor e a obra literária é apresentada por Antoine Compagnon em *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2012). Nele, o escritor belga tece uma análise acerca do papel exercido pelo autor na compreensão da obra literária ao abordar diferentes visões teóricas, contrapondo o que identifica como ideias mais antigas e mais novas acerca da intencionalidade autoral, ou seja, sobre as ideias presentes no horizonte íntimo do autor quando da escrita de sua obra.

Compagnon contrapõe as ideias acerca da intencionalidade autoral, segundo as quais o sentido do texto literário estaria ancorado na intenção do autor, transformando os propósitos autorais em uma bússola para a compreensão literária, às que elegem o leitor como peça fundamental na compreensão textual, ao considerar o texto como uma expressão própria e autônoma de significados diversos:

A antiga ideia corrente identificava o sentido da obra à intenção do autor; circulava habitualmente no tempo da filologia, do positivismo, do historicismo. A ideia corrente moderna (e ademais muito nova) denuncia a pertinência da intenção do autor para determinar ou descrever a significação da obra; o formalismo russo, os *New Critics* americanos, o estruturalismo francês divulgaram-na. (COMPAGNON, 2012, p. 47)

[...] O *New Critic* americano, William Empson (1930) descrevia o texto como uma entidade complexa de significações simultâneas (não sucessivas ou exclusivas). Poderia o autor ter tido a intenção de todas essas significações e impressões que vemos no texto, mesmo que não tivesse pensado nelas ao escrevê-lo? [...] (COMPAGNON, 2010, p. 88-89)

Ainda que reconheça a fragilidade do pensamento de Empson, as ideias de Compagnon parecem residir em uma tentativa bastante dualista de alcançar um meio termo entre ideias que consideram a intenção autoral como primordial na interpretação literária, e aquelas que imprimem a chamada “morte do autor” e mantêm apenas o texto em seus horizontes de análise.

Nesse sentido, Compagnon mantém o leitor como elemento essencial na interpretação literária, além de assegurar a pluralidade de acepções provenientes de um texto ao citar Stanley Fish que, em 1980 afirma: “[...] no extremo oposto do objetivismo que prega um sentido inerente e permanente no texto, que um texto tem tantos sentidos quanto leitores, e que não há como estabelecer a validade (ou invalidade) de uma interpretação.” (COMPAGNON, 2012, p. 67). Entretanto, sua concepção acerca do autor ainda parece indicar este como um elemento, em certa medida, distante do texto.

Assim, a presunção de intencionalidade permanece no princípio dos estudos literários, mesmo entre os anti-intencionalistas mais extremados, mas a tese anti-intencional, mesmo se ela é ilusória, previne legitimamente contra os excessos da contextualização histórica e biográfica. A responsabilidade crítica, frente ao sentido do autor, principalmente se esse sentido não é aquele diante do qual nos inclinamos, depende de um princípio ético de respeito ao outro. Nem as palavras sobre a página nem as intenções do autor possuem a chave da significação de uma obra e nenhuma interpretação satisfatória jamais se limitou à procura do sentido de umas ou de outras. Ainda uma vez, trata-se de sair dessa falsa alternativa: o texto ou o autor. Por conseguinte, nenhum método exclusivo é suficiente.” (COMPAGNON, 2012, p. 94)

Apesar das considerações de Compagnon serem, ainda hoje, importantes para os estudos literários e bastante prolíficas na compreensão e análise da literatura, suas ideias acerca do papel autoral na construção do significado literário não são suficientes quando pensamos em muitas obras contemporâneas, como, por exemplo, o romance aqui analisado. A importância do autor parece bastante clara ao pensarmos, por exemplo, nas possíveis diferenças que a história de *The*

Other Hand apresentaria caso escrita por uma mulher negra nigeriana: como seria a visão de Pequena Abelha sobre a vida na Inglaterra e na Nigéria? Como seria seu relacionamento com Sarah? Como seriam suas interações com as figuras masculinas? Podemos apenas conjecturar.

Percebemos a influência autoral na obra de Cleave quando, por exemplo, o autor declara suas experiências de infância em Camarões e seu trabalho jornalístico com refugiados como fontes de inspiração para a criação de *The Other Hand*, evidenciando o modo como essas experiências o instigaram na construção narrativa:

Olá Ben, obrigado por ler *Little Bee*. Estou muito feliz por você ter gostado. Sim, tive minha primeira infância em Camarões - vivemos lá desde quando eu tinha 6 semanas até 7 anos de idade. O lugar e as pessoas são minhas primeiras lembranças. Vivíamos em Douala, no que era chamado de Camarões francês, e eu falava francês na escola e com amigos da escola. Falávamos inglês em casa. Havia muita vida nas ruas - muita comida e música. Era um lugar muito feliz na parte da cidade onde vivíamos. Eu não gostei de me mudar para a Inglaterra e me sentia como um estranho, um sentimento que nunca passou completamente. Essa sensação duradoura de deslocamento, de ser um observador e não um participante pleno, é provavelmente o que me afetou como pessoa. A verdade é que provavelmente eu também não pertencço - provavelmente nunca pertenci - à África Ocidental. [...] há um lado negativo, pois me parece que só entendo parcialmente a origem das pessoas. (CLEAVE, 2016, tradução nossa)⁵

Ao observarmos o relato de suas experiências em conjunto com a narrativa de *The Other Hand*, podemos perceber como a presença autoral encontra-se de alguma maneira diluída na narrativa. Assim como o autor acredita não fazer parte da sociedade onde vive (inglesa), também não se sente como pertencente à cultura africana. Essas questões são espelhadas, até certo ponto, por Pequena Abelha e Sarah. Quando Sarah vê pessoas com problemas, como a senhora caída em um trem, um homem cabisbaixo, ou quando seu filho joga-se na cova de Andrew, ela compreende o quanto elementos culturais ingleses são contrários àquilo que desejaria fazer:

O próprio número de pessoas bem-intencionadas tornava a compaixão algo embaraçoso. Um de nós teria de empurrar os outros para abrir caminho até ele

⁵ Hi Ben, thank you for reading *Little Bee*. I'm really happy you liked it. Yes, I had my early childhood in Cameroon – we lived there from when I was 6 weeks to 7 years old. The place and the people are my first memories. We lived in Douala, in what was called French Cameroun, and I spoke French at school & with school friends. We spoke English at home. There was a lot of life in the streets – a lot of food and music. It was a very happy place in the part of the city where we lived. I didn't enjoy moving to England & felt like an outsider, which is a feeling that has never completely passed. That enduring sense of dislocation, of being an observer rather than a full participant, is probably the way it affected me as a person. The truth is that I probably don't belong – probably never belonged – in West Africa either. [...] there's a negative side, in that I feel I will only ever half-understand where people are coming from.

e dar o exemplo para todos, o que teria sido uma atitude nada britânica. Eu não tinha certeza se seria capaz de manifestar ternura assim, num trem lotado, sob o olhar silencioso dos outros. Foi horrível para mim não ajudar o homem, mas eu estava dividida, oscilando entre dois tipos de vergonha. Por um lado, a vergonha de não cumprir uma obrigação humana. Por outro, a loucura de ser a primeira de uma multidão a ousar um gesto.⁶ (CLEAVE, 2010, p. 38-39)

Eu tentava me debruçar mas havia mãos em meus cotovelos me detendo. Eu lutava para me soltar, olhava todos os rostos horrorizados ao redor do túmulo e pensava: Por que ninguém faz nada?
Mas é difícil, muito difícil ser o primeiro.⁷ (CLEAVE, 2010, p. 51)

Vislumbramos na atitude de Sarah uma representação da percepção de Cleave acerca da sociedade inglesa: a atitude passiva de Sarah, em contraste com seu pensamento, ressoa algo considerado por Cleave como lugar comum na sociedade da qual faz parte. Podemos relacionar suas palavras com as da escritora Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra *The Danger of a Single Story* (2009).

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, [...] (ADICHIE, 2009, 01'32-02'03)

Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. (ADICHIE, 2009, 02'24-02'47)

Ao falar sobre o perigo de uma única narrativa como um molde ideal e único, uma ideia solitária, Adichie aponta o modo como narrativas hegemônicas estruturam nossas formas de pensamento criando construtos representacionais que excluem elementos apartados dos focos de poder. Nesse sentido, enquanto sujeito hegemônico, existe internalizado em Sarah um único

⁶ The sheer number of well-meaning people made compassion awkward. One of us would have had to push the others aside, and make an example of ourselves, which wouldn't have been terribly British. I wasn't sure I was up to administering tenderness like that, on a crowded train, under the silent gaze of others. It was awful of me not to help the man but I was torn between two kinds of shame. On the one hand, the disgrace of not discharging a human obligation. On the other hand, the madness of being the first in the crowd to move. (CLEAVE, 2008, p. 44)

⁷ I tried to go forward but the hands on my elbows were holding me back. I strained against their grip and looked at all the horror-struck faces around the grave and I was thinking, Why doesn't someone do something? But it is hard, very hard, to be the first. (CLEAVE, 2008, p. 62-63)

relato, uma única história do que é ser britânico, não havendo espaço para quebras no rol de regras a serem obedecidas pelo sujeito hegemônico.

Assim como Sarah, Pequena Abelha também vivencia descobertas ao afastar-se de uma narrativa única. Ao ser deportada para a Nigéria, observa com admiração uma realidade distante de qualquer vivência sua no país. Toda a vida pregressa da personagem, baseada em experiências de uma vila parcialmente isolada no interior do território, se diferencia demasiadamente da realidade que a personagem encara da janela de um hotel da capital. Em diálogo com Sarah, Pequena Abelha demonstra sua admiração relativa a algo ao qual ainda não tem um sentimento de pertencimento: “— É a sua cidade — ela disse. — Está orgulhosa dela? / — Nem sabia que existia algo assim no meu país. Ainda estou tentando acreditar que é minha.”⁸ (CLEAVE, 2010, p. 254)

Em ambos os casos, podemos considerar as falas das personagens como resquícios autorais. O deslocamento sentido por Sarah em relação à cultura inglesa, bem como a falta de pertencimento sentida por Pequena Abelha, pode ser vistos como representações das percepções do autor acerca de seu envolvimento social na Inglaterra e da infância na África.

Ainda, é perceptível a valorização de aspectos da cultura e sociedade britânicas em detrimento à nigeriana, durante a narrativa tanto de Pequena Abelha quanto de Sarah. Talvez explicável devido ao trauma vivido pela protagonista quando de sua fuga da Nigéria e seu acolhimento, ainda que turbulento, na Inglaterra. Mesmo assim, é bastante clara a maneira como a identidade britânica do autor é reforçada a partir do modo como a cultura e sociedade inglesas são representadas, principalmente por meio dos olhos de Pequena Abelha. O autor utiliza-se diversas vezes de estereótipos hegemonicamente construídos sobre a sociedade e cultura africanas para identificar o continente, a partir de seu discurso sobre a Nigéria, como um lugar de pessoas selvagens e ignorantes. Uma exemplificação pode ser vista ao observarmos o interesse de Pequena Abelha em aprender o *Queen's English*, como uma maneira de sobreviver na nova sociedade:

Só estou viva porque aprendi a falar o Inglês da Rainha, o *Queen's English*. [...] De fato, mas o problema é que na minha terra falamos inglês muito melhor do que vocês. Para falar o Inglês da Rainha, tive de esquecer todos os melhores truques da minha língua natal. [...] Aprender o Inglês da Rainha é como tirar o esmalte vermelho das unhas dos pés na manhã seguinte a um baile. Leva um tempo enorme, sempre fica um pouco nos cantos e, quando a unha cresce,

⁸ ‘This is your city,’ she said. ‘Are you proud?’

‘I did not know such a thing existed in my country. I am still trying to feel that it is mine.’ (CLEAVE, 2008, p. 353)

a mancha vermelha faz lembrar como a gente se divertiu naquela noite.⁹ (CLEAVE, 2010, p. 10-11)

Fiquei zangada comigo mesma. E pensei: Você não pode se dar ao luxo de sair por aí cometendo erros como esse, garota. Se falar como uma selvagem que aprendeu inglês no navio, os homens vão descobri-la e mandá-la direto para casa. Foi o que fiquei pensando.¹⁰ (CLEAVE, 2010, p.12)

Se, inicialmente, Pequena Abelha expressa contentamento quanto à variedade nigeriana da língua inglesa, admitindo que, em sua terra, se fala o inglês melhor do que na Inglaterra, em seguida ela compara seu modo de falar com o de uma pessoa selvagem. Por extensão, ao “falar como uma selvagem”, Pequena Abelha não apenas desabona sua língua materna como também a si mesma. Seja como crítica ou enquanto fruto dos construtos representacionais hegemônicos de Cleave, a construção da narrativa mostra os resquícios autorais comuns no texto literário, além de descortinar o modo como a representação do estrangeiro africano é condicionada ao discurso civilizatório europeu.

Um outro autor importante no estudo dos resquícios autorais presentes na obra literária é o escritor estadunidense James Olney. Em *Autobiography and the Cultural Moment: A Thematic, Historical, and Bibliographical Introduction* (1980), Olney comenta acerca do gênero narrativo autobiográfico, bem como sobre seus elementos constitutivos. A partir de suas ideias propomos reflexões sobre os elos entre aquele que escreve, aquele que conta e aquele que é representado na narrativa literária.

Apesar de nosso objeto de estudo claramente não ser uma autobiografia, ou mesmo uma biografia, gostaríamos de comentar as ideias de Olney, especificamente aquelas nas quais o autor discute a maneira como resquícios autorais apresentam-se como elementos intrínsecos ao texto literário.

Olney tece considerações indagando sobre os elementos identitários da autobiografia, concentrando-se particularmente nas maneiras como o autor se utiliza do texto de modo a perpetuar sua subjetividade e sua história pessoal.

Embora, como declaramos, o romance em questão não se tratar de uma autobiografia, e não ter a intenção de evidenciar o autor para além do nome estampado na capa, as afirmações

⁹ I am only alive at all because I learned the Queen’s English. [...] Yes, but the trouble is that back home we speak it so much better than you. To talk the Queen’s English, I had to forget all the best tricks of my mother tongue. [...] Learning the Queen’s English is like scrubbing off the bright red varnish from your toenails, the morning after a dance. It takes a long time and there is always a little bit left at the end, a stain of red along the growing edges to remind you of the good time you had. (CLEAVE, 2008, p. 3-4)

¹⁰ I was angry with myself. I was thinking, You cannot afford to go around making mistakes like that, girl. If you talk like a savage who learned her English on the boat, the men are going to find you out and send you straight back home. That’s what I was thinking. (CLEAVE, 2008, p. 5)

de Cleave consonam com a percepção de Olney acerca dos fragmentos autorais presentes no texto literário. Cleave, podemos considerar, reafirma essa crença ao apontar *The Other Hand* como fruto de suas pesquisas, mas, também, como reflexo de suas experiências de infância no continente africano.

Olney defende que todo texto escrito é imbuído de resquícios da voz autoral, como uma representação, velada ou não, do autor. Assim, ainda que nem toda obra escrita seja (auto)biográfica, todo texto retém em si elementos autorais:

[...] se a autobiografia não consegue persuadir o crítico com a tolice de duvidar ou negar sua existência, então surge a tentação oposta (ou talvez seja a mesma tentação com outra roupagem) de argumentar não só que a autobiografia exista, mas que só ela existe: toda a escrita que aspira ser literária é autobiografia e nada mais.¹¹ (OLNEY, 1980, p. 4, tradução nossa)

A ideia de argumentar que toda obra literária seria autobiografia é rejeitada por Olney, entretanto, o autor reafirma sua declaração de que a os resquícios da voz autoral são parte do texto, uma vez que comenta sobre o constante desejo, que parece fazer parte da psique do ser humano, de escrever sua própria história, enquanto indivíduo e enquanto comunidade. Mesmo que o registro cultural exista desde os primórdios da humanidade, desde quando fomos capazes de marcar paredes de cavernas há muitos milhares de anos, também é verdade que o registro de nossa própria história enquanto indivíduos exerce um grande apelo no sujeito. Olney argumenta que “A ousadia de escrever as próprias vidas, direta e indiretamente, parece constituir-se como um forte apelo a todos.”¹² (OLNEY, 1980, p.4, tradução nossa)

O desejo subconsciente de reconhecimento, de sublinhar a história individual do sujeito na história mundial, parece auxiliar na sinalização da representação autoral na narrativa. Ao citar Nietzsche: “De pouco a pouco tem se tornado claro para mim que toda grande filosofia foi a confissão de seu criador, assim como foi também sua autobiografia involuntária e inconsciente [...]”¹³ (OLNEY, 1980, p.4-5, tradução nossa) Olney sugere que os resquícios autorais são

¹¹ [...] if autobiography fails to entice the critic into the folly of doubting or denying its very existence, then there arises the opposite temptation (or perhaps it is the same temptation in a different guise) to argue not only that autobiography exists but that it alone exists—that all writing that aspires to be literature is autobiography and nothing else.

¹² The daring venture of writing their own lives directly as well as indirectly seems to have an overwhelming appeal for all such.

¹³ Little by little it has become clear to me that every great philosophy has been the confession of its maker, as it were his involuntary and unconscious autobiography [...]

elementos comuns mesmo em campos literários não biográficos, como o filosófico e, por que não, o ficcional.

No caso de Cleave, não temos expressamente a intenção de assinalar sua existência através do texto, no entanto, parece claro o fato da ocorrência de tal demarcação por meio da subjetividade autoral estar presente na narrativa, além de elementos paratextuais, como entrevistas e interações entre autor e leitor em sítios virtuais.

Nesse interim, o autor torna-se parte importante da compreensão do texto, uma vez que para além das ideias de Compagnon, as ideias do autor, sua interação com os leitores, seu envoltório social e cultural, são componentes que agregam sentido ao texto literário. O texto pode ser lido desconsiderando-se a presença autoral? Sim, mas acreditamos que ao considerarmos novos ingredientes como parte do texto, não apenas a leitura é enriquecida, como também aprofundada. Como menciona Olney, ainda que alguns críticos, como Foucault e Derrida, prezem por desvincular a obra literária da imagem do autor, defendendo que, uma vez escrito, o texto adquire vida própria, o que não negamos, parece-nos verdadeira a concepção de que, uma vez incorporada sua subjetividade à narrativa, o autor não possa ser desvinculado do texto literário.

Enquanto existência constante, o autor tem em seu poder a prerrogativa de representar seus sentimentos e pensamentos livremente, podendo interpretar a realidade conforme suas experiências o guiam. Embora quem nos conte aquela história seja o narrador, ou as personagens, toda a narrativa tem uma força motriz autoral. Na mescla de olhares que se desenrolam no texto, mesmo que o autor figure apagado frente à narrativa das personagens, parece-nos clara a ideia da presença do autor em cada ponto do texto literário.

Olney defende, ainda, que a vivência autoral nos textos apresenta-se como fonte inestimável de informações sobre diferentes períodos e culturas. Ao construir representações e marcar seus rastros na narrativa, autores de sociedades e grupos socialmente marginalizados, muitas vezes ignorados pela cultura europeizante contemporânea, firmam testemunhos de vivências que, de outra maneira, certamente sofreriam um apagamento social temporal:

[...] a história de uma cultura distinta escrita em personagens individuais, e do interior, oferece um acesso privilegiado a uma experiência (a americana, a negra, a feminina, a africana) que nenhuma outra variedade de escrita pode oferecer.¹⁴ (OLNEY, 1980, p. 13, tradução nossa)

¹⁴ [...] the story of a distinctive culture written in individual characters and from within—offers a privileged access to an experience (the American experience, the black experience, the female experience, the African experience) that no other variety of writing can offer.

Representar, nesse contexto, não se configura apenas como uma forma de manifestação das verdades individuais, mas como modos de resistência e de preservação cultural. Ao incluir sua voz no texto, autores pertencentes a camadas periféricas da sociedade mostram concepções novas de realidade, distantes das sociedades hegemônicas eurocentradas. Em *The Other Hand*, apesar de Cleave ser hegemônico, ele tenta representar indivíduos não hegemônicos, como Pequena Abelha e outros indivíduos do Centro de Imigrantes.

Cleave propõe-se a representar em *The Other Hand* duas realidades distintas. Ao lançar foco sobre a vivência de Pequena Abelha e Sarah, separadas e unidas, o autor explora diferentes pontos de vista sobre a cultura nigeriana e inglesa, ao percorrer o campo íntimo de ambas as personagens, mostrando suas inseguranças, preconceitos e mal entendidos provocados por elementos culturais. Nesse sentido, continuamos a tecer indagações à representação confeccionada na narrativa de *The Other Hand* ao retomar nosso questionamento inicial, ou seja, como Cleave constrói a narrativa a partir do olhar de Pequena Abelha e, também, através das percepções de Sarah. Quando Olney considera a narrativa como portão de acesso à realidade íntima do autor/a, à sua realidade e subjetividade, podemos compreender o olhar das personagens do romance como reflexo da subjetividade de Cleave, um testemunho de sua verdade pessoal.

Assim como a subjetividade é parte da vida material e imaterial de um indivíduo, sua representação literária reclama a possibilidade de explorar também o depósito cognitivo autoral. Conseqüentemente, os resquícios autorais presentes no texto literário são elementos ativos na construção textual. Enquanto repositórios das experiências individuais, a voz do autor encontra-se intimamente trançada na voz de suas personagens.

Aproveitando-nos das considerações de Olney acerca da maneira como a voz autoral por diversas vezes serve como repositório representacional das vivências de grupos socialmente marginalizados, gostaríamos de explorar as teorias sobre representação e sociedade do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall.

1.3 Hall e a representação enquanto elemento de apreensão/construção cultural

O sociólogo e teórico cultural Stuart Hall fornece argumentos significativos para a compreensão do conceito de representação. Entretanto, antes de discorrermos acerca das contribuições de Hall para esse campo, faz-se necessário o entendimento de seu pensamento sobre a concepção de cultura, em especial, das culturas nacionais.

Para o sociólogo, a cultura não é algo orgânico do ser humano, mas uma construção a partir de um processo de identificação do sujeito com um conjunto de significados ligados a ideias particulares. Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2002), defende o reconhecimento de uma identidade nacional a partir das características socialmente atribuídas a ela. Assim, a nação não seria apenas uma unidade política, mas uma ideia à qual o sujeito adere, de forma a integrar esse conjunto simbólico.

Ao considerarmos a identidade cultural como ligada a uma ideia subjetiva de nação, compreendemos a constante comparação que Pequena Abelha evoca ao falar da Rainha Elizabeth II. Como uma garota africana, a personagem vê na imitação da figura de autoridade da Rainha a uma representação da possibilidade de sobrevivência e adaptação à realidade na Inglaterra:

Se a rainha falasse com você assim com essa voz, acha que seria possível desobedecer? Li que as pessoas perto dela — até reis e primeiros-ministros — sentem seus corpos obedecendo às ordens que ela dá antes mesmo que os cérebros consigam sequer pensar num motivo para não o fazer. E vou lhes dizer uma coisa: isso não acontece por causa da coroa e do cetro. Eu poderia espetar uma tiara na minha carapinha curta e segurar um cetro do mesmo jeito que ela numa das mãos e ainda assim os policiais viriam andando na minha direção com seus sapatões e diriam: *Gostei muito do visual, madame, mas agora vamos dar uma espiada na sua carteira de identidade, certo?* Não, não são a coroa e o cetro da rainha que mandam na sua terra. São a gramática e a voz dela. É por isso que as pessoas querem falar como ela. Para que se possa dizer ao policial, com uma voz tão clara quanto o diamante Cullinan: *Ponha-se no seu lugar! Como se atreve a falar assim comigo?*¹⁵ (CLEAVE, 2010, p. 10)

Talvez você pense que, afinal, não é tão difícil assim. O inglês é o idioma oficial do meu país, a Nigéria.¹⁶ (CLEAVE, 2010, p. 10)

A supervalorização do outro dominador, nesse caso um colonizador, é constantemente reforçada por toda a narrativa. Parece não haver figuras de autoridade nigerianas cuja imitação seja capaz de permitir a sobrevivência da protagonista, dessa maneira, a solução é a valorização do proveniente da metrópole.

¹⁵ If the Queen spoke to you in such a voice, do you suppose it would be possible to disobey? I have read that the people around her—even kings and prime ministers—they find their bodies responding to her orders before their brains can even think why not. Let me tell you, it is not the crown and the sceptre that have this effect. Me, I could pin a tiara on my short fuzzy hair, and I could hold up a sceptre in one hand, like this, and police officers would still walk up to me in their big shoes and say, *Love the ensemble, madam, now let's have a quick look at your ID, shall we?* No, it is not the Queen's crown and sceptre that rule in your land. It is her grammar and her voice. That is why it is desirable to speak the way she does. That way you can say to police officers, in a voice as clear as the Cullinan diamond, *My goodness, how dare you?* (CLEAVE, 2008, p.3)

¹⁶ Maybe you are thinking, that isn't so hard. After all, English is the official language of my country, Nigeria. (CLEAVE, 2008, p. 3)

A fala de Pequena Abelha demonstra um claro juízo de valor quanto ao estrangeiro e uma tentativa de aproximação de si para com a realidade inglesa. Ao falar do diamante Cullinan, descoberto em uma mina na África do Sul e considerado um dos maiores já encontrados, a personagem tenta aproximar-se de elementos monárquicos ingleses ao citar algo que, também originário de um território colonial, figura hoje como parte das joias reais. Ao lembrarmos que tudo o que um dia foi de uma região passa para o domínio do colonizador depois da conquista colonial, a citação de Pequena Abelha parece corroborar com sua tentativa de se igualar a uma posse colonial, também retirada de seu local de origem, e habilmente incorporada à cultura britânica.

Diferentemente do diamante Cullinan, entretanto, Pequena Abelha não se configura enquanto elemento economicamente ou simbolicamente importante na história inglesa. Talvez sua ciência enquanto tal motive a revisitação da simbologia econômica frequente na narrativa, como a declaração de Pequena Abelha que abre o primeiro capítulo:

Às vezes eu penso que gostaria de ser uma moeda de uma libra esterlina em vez de uma menina africana. Todo mundo ficaria satisfeito ao me ver. Talvez eu fosse à sua casa no fim de semana e então, de repente, como sou muito inconstante, eu iria visitar o homem da loja da esquina — mas você não ficaria triste, porque estaria comendo um pãozinho doce com canela ou tomando uma lata de Coca-Cola gelada, e nunca mais pensaria em mim. [...]
Estão vendo como uma moeda de uma libra fala direitinho? Ela fala com a voz da Rainha Elizabeth Segunda da Inglaterra. O rosto da rainha está gravado na moeda e às vezes, quando olho bem de perto, vejo os lábios dela se mexendo. O que ela está dizendo? *Largue-me agora mesmo, mocinha, ou vou chamar meus seguranças.*¹⁷ (CLEAVE, 2010, p. 9-10)

Os pensamentos de Pequena Abelha deixam transparecer o quanto a cultura nigeriana é apagada frente à inglesa. Podemos recorrer a Hall que, ao citar o autor Ernest Renan, afirma a promoção de uma unificação social da nação em culturas nacionais a partir de três elementos: “as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*.” (HALL, 2002, p. 58). Entretanto, em *The Other Hand*, a herança perpetuada está ligada principalmente aos elementos culturais da nação colonizadora, um provável reflexo da nacionalidade do autor. Se a autoria fosse norte-americana, a possibilidade de termos declarações semelhantes acerca

¹⁷ Most days I wish I was a British pound coin instead of an African girl. Everyone would be pleased to see me coming. Maybe I would visit with you for the weekend and then suddenly, because I am fickle like that, I would visit with the man from the corner shop instead—but you would not be sad because you would be eating a cinnamon bun, or drinking a cold Coca-Cola from the can, and you would never think of me again. [...]
See how nicely a British pound coin talks? It speaks with the voice of Queen Elizabeth the Second of England. Her face is stamped upon it, and sometimes when I look very closely I can see her lips moving. I hold her up to my ear. What is she saying? *Put me down this minute, young lady, or I shall call my guards.* (CLEAVE, 2008, p. 1-3)

do dólar parece palpável. Entretanto, podemos perguntar o que ocorreria no caso do romance ser de autoria nigeriana; qual a probabilidade da cultura e valores de nações colonizadoras ainda serem a fonte de salvação da protagonista? Dentro de uma lógica colonial na qual a história única é constantemente reforçada, à maneira da metrópole, talvez a representação de elementos colonizadores ainda figurassem acima dos colonizados na hierarquia de poder cultural.

Ainda sobre Ernest Renan, atualmente Hall tece uma linha argumentativa ligeiramente diferente, ao defender que as distintas culturas nacionais, antes apresentadas enquanto sistemas íntegros de significação, mostram-se cada vez mais fragmentadas, devido a uma série de fatores, como as diferenças culturais existentes no interior de cada sociedade; e as variedades de classes sociais, de gênero, religiosas e étnicas. Ainda de acordo com Hall, uma vez fragmentadas as culturas nacionais, a unificação cultural e identitária por elas antes promovida passa também por um processo de fragmentação. Essa fragmentação pode ser notada na percepção de Pequena Abelha acerca dos momentos em que se encontra presa no Centro de Imigrantes, pois, inserida em um nicho social formado por indivíduos que veem na nação colonizadora possivelmente a única maneira de sobrevivência às violências de seus países de origem, a protagonista passa por esse processo de fragmentação a fim de adaptar-se a uma realidade, a princípio, menos hostil.

Aqueles anos frios estão congelados dentro de mim. A menina africana que eles trancaram no centro de detenção de imigrantes, coitadinha, aquela nunca saiu realmente dali. Dentro da minha alma, ela ainda está presa lá, para sempre, sob as luzes fluorescentes, encolhida no piso de linóleo com os joelhos enfiados debaixo do queixo. [...] Não há nada de natural em mim. Nasci — não, renasci — no cativo. Aprendi minha língua nos seus jornais, minhas roupas são o refúgio das suas e é a sua libra que faz meus bolsos sofrerem com sua ausência.¹⁸ (CLEAVE, 2010, p.15)

Não vim para conversar sobre as cores vibrantes da África. Sou uma cidadã renascida do mundo em desenvolvimento e vou lhes provar que a cor da minha vida é o cinza. E caso eu adore em segredo banana-da-terra frita, então isto deve ficar entre nós e imploro a você que não conte *para ninguém*. Combinado?¹⁹ (CLEAVE, 2010, p.16)

¹⁸ Those cold years are frozen inside me. The African girl they locked up in the immigration detention centre, poor child, she never really escaped. In my soul she is still locked up in there, forever, under the fluorescent lights, curled up on the green linoleum floor with her knees tucked up under her chin. [...] There is nothing natural about me. I was born—no, I was reborn—in captivity. I learned my language from your newspapers, my clothes are your cast-offs, and it is your pound that makes my pockets ache with its absence. (CLEAVE, 2008, p. 11)

¹⁹ I did not come to talk to you about the bright African colours. I am a born-again citizen of the developing world, and I will prove to you that the colour of my life is grey. And if it should be that I secretly love fried plantain, then that must stay between us and I implore you to tell *no one*. Okay?

Em seu processo de adaptação à sociedade e cultura do colonizador, Pequena Abelha expõe a segmentação de si mesma, na qual a Nigéria é sempre uma recordação, nunca a ser trazida novamente à realidade. Seus laços com a África são confidenciados ao leitor, sob a condição de que não sejam mais mencionados, e ainda que o assassinato da irmã seja narrado para Sarah, suas lembranças em companhia de Nkiruka não são confidenciadas a nenhuma outra personagem. O apagamento, ao menos aparente, de seu passado, frente às outras personagens, é uma forma de Pequena Abelha garantir sua integração na sociedade britânica, ao mesmo tempo em que, ao dirigir-se diretamente ao leitor, a personagem procura algum laço empático no colonizador – sua cultura é exposta ao leitor, sem que possa atrapalhar sua adaptação e sobrevivência na sociedade colonizadora do romance.

Ainda segundo Hall, em *Representation: Cultural Representation and Signifying Practices* (2003), temos mais uma explicação sobre a importância de questões culturais e identitárias no entendimento da representação, uma vez que para o autor existe uma ligação intrínseca entre cultura e representação:

Mas o que a representação tem a ver com a “cultura”: qual é a ligação entre elas! Para dizer de forma simples, cultura é sobre “significados partilhados”. A língua é o meio privilegiado em que “fazemos o sentido” das coisas, em que o significado é produzido e trocado. Os significados só podem ser partilhados através do nosso acesso comum à língua. Assim, a língua é central para o significado e a cultura e tem sido sempre considerada como o repositório chave dos valores e significados culturais.²⁰ (HALL, 2003, p. 1, tradução nossa)

Dessa forma, por meio de um sistema representacional, a linguagem intermedeia a apreensão cultural. Na concepção de Hall, representação, cultura e linguagem são partes inerentemente ligadas à vivência e subjetividade do indivíduo, mas também cultural e socialmente construídas. Uma vez considerada a subjetividade como elemento criador e organizador da realidade individual, a ideia de uma “realidade verdadeira”, una e objetivamente passível de comprovação perde força, e a concepção de representação como elemento fundamental na construção cognitiva do sujeito frutifica.

Em *The Other Hand*, como vimos, Pequena Abelha revisita a questão da linguagem como forma de mostrar sua tentativa de integração na cultura inglesa. A recorrente menção da

²⁰ But what does representation have to do with 'culture': what is the connection between them! To put it simply, culture is about 'shared meanings'. Now, language is the privileged medium in which we 'make sense' of things, in which meaning is produced and exchanged. Meanings can only be shared through our common access to language. So language is central to meaning and culture and has always been regarded as the key repository of cultural values and meanings.

necessidade vital de aperfeiçoar-se na norma padrão da língua inglesa, o chamado “*Queen’s English*”, também aparece nas frequentes correções do modo de falar de Charlie, feitas por Sarah no decorrer dos diálogos entre mãe e filho. Entretanto, notamos grandes diferenças nos discursos direcionados a cada personagem, pois, para Pequena Abelha, o erro de linguagem pode significar a diferença entre a permanência em terras britânicas e sua repatriação, ou seja, entre a vida e a morte. Quando nos voltamos para Charlie, filho de Sarah, percebemos que, assim como Pequena Abelha, o menino está aprendendo a norma padrão, em outras palavras, o *Queen’s English*:

Assenti e mordi o lábio.
 — Bom dia, Batman.
 — O que você e papai estão fazendo, mamãe?
 — Ahn...
 — Cês tão lutando contra os bandidos?
 — “Vocês estão” lutando contra os bandidos, Charlie, e não “cês tão”.
 — Vocês estão?
 — Estamos, Batman, é exatamente o que estamos fazendo.²¹ (CLEAVE, 2010, p. 36)

Assim como Pequena Abelha, Charlie precisa aprender as formas corretas para se expressar, de modo a garantir, se não sua sobrevivência, ao menos sua integração à comunidade britânica, uma vez que o reconhecimento e exclusão da diferença configura peça fundamental na manutenção do colonizador. Ainda que as correções parentais ao modo de falar dos filhos seja algo comum em muitas famílias, não deixa de ser significativo que, em um romance no qual a linguagem opera como um dos principais elementos culturais a assegurar a sobrevivência da protagonista, a insistência na expressão correta apareça textualmente por diversas vezes. Charlie deve aprender o inglês corretamente, de modo a perpetuar a diferenciação entre a linguagem do colonizador e a do colonizado.

Enquanto característica própria da sociedade na qual deseja buscar sua liberdade, a linguagem é elemento primordial para que a protagonista tenha sucesso para se integrar, ou ao menos para passar despercebida, na sociedade inglesa. Pequena Abelha esclarece esse pensamento ao citar o conselho recebido durante a estadia no Centro de Imigrantes: “[...]”

²¹ I nodded, and bit my lip.

‘Good morning, Batman.’

‘What is you and Daddy doing, Mummy?’

‘Er...’

‘Is you getting baddies?’

‘Are you getting baddies, Charlie. Not *is* you.’

‘Are you?’

‘Yes, Batman. Yes, that’s exactly what we’re doing.’ (CLEAVE, 2008, p. 40-41)

quando as moças mais velhas me cochichavam: *Para sobreviver, precisa ter boa aparência ou tem de falar direito*, decidi que falar direito seria mais seguro para mim.”²² (CLEAVE, 2010, p. 14). Essa decisão faz com que Pequena Abelha esqueça aos poucos sua forma de falar a fim de aproximar-se o máximo possível ao sotaque britânico, uma vez que acredita ser essa a melhor forma de garantir sua sobrevivência na nova realidade.

Entretanto, sua conversa com uma das guardas que a escoltam durante sua deportação traz à luz a barreira, talvez quase intransponível, das relações coloniais. O diálogo entre Pequena Abelha e a funcionária reforça os limites entre colonizador e colonizado. Apesar de seus esforços para aprender as inflexões próprias do inglês britânico, parece não existir a possibilidade da personagem nigeriana ser integrada à sociedade inglesa, pois ela será sempre reconhecida como estrangeira.

[...] A funcionária da imigração me algemou nas costas do banco à minha frente.

— Não é necessário me algemar — eu disse. — Como eu poderia fugir daqui? A mulher virou para trás e me olhou. Estava surpresa.

— Você fala inglês muito bem — disse ela. — A maioria das pessoas que trazemos não fala uma palavra.

— Achei que se aprendesse a falar como vocês eu poderia ficar. A mulher sorriu.

— Não importa como se fala, não é mesmo? — disse ela. — Vocês sugam recursos. A questão é que vocês *não são daqui*.

[...]

— Mas, por favor, o que isso significa? — perguntei. — O que significa “ser daqui”?

A funcionária da imigração virou-se outra vez para olhar para mim.

— Ora, você tem de ser britânica, não é? Precisa ter nossos valores.²³ (CLEAVE, 2010, p.248)

A percepção de Pequena Abelha de que o *Queen’s English* não é suficiente para garantir sua presença em território britânico, ou mesmo para sua sobrevivência, evidencia para

²² [...] when the older girls whispered to me, *To survive you must look good or talk good*, I decided that talking would be safer for me. (CLEAVE, 2008, p. 9)

²³ [...] The female officer handcuffed me to the back of the seat in front.

“It is not necessary to handcuff me,” I said. “How could I run away?”

The female officer looked back at me. She was surprised.

“You speak pretty good English,” she said. “Most of the people we bring in don’t speak a word.”

“I thought if I learned to speak like you people do, I would be able to stay.”

The officer smiled.

“It doesn’t matter how you talk, does it?” she said. “You’re a drain on resources. The point is you don’t *belong* here.”

[...]

“But please, what does it mean?” I said. “What does it mean, to belong here?”

The female officer turned to look at me again.

“Well, you’ve got to be British, haven’t you? You’ve got to have our values.” (CLEAVE, 2008, p. 344-345)

a personagem a impossibilidade de sua inserção na sociedade colonizadora, uma vez que ela é ainda vista como uma estrangeira indesejada. O “ser britânico” é mais do que apenas um verniz linguístico, pois perpassa o reconhecimento do colonizado e sua exclusão da metrópole. O britânico é tudo aquilo que difere do colonizado.

Em seu texto *Da diáspora* (2003), Hall oferece algumas considerações acerca da compreensão da representação enquanto elemento inerente à formação cognitiva do sujeito. Ao valer-se das ideias de Althusser sobre o tema, Hall explora os liames entre representação e questões socioculturais.

Antes de aprofundar-se em observações sobre representação, o escritor disserta a respeito de ideologia, no tocante aos significados e usos do termo. Inicialmente, Hall questiona “O que é a ideologia, senão precisamente a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação, de uma cadeia de equivalências?” (HALL, 2003, p. 164). Sua pergunta abre espaço para a compreensão da representação não como um entendimento apartado, mas como um processo encadeado de cognições e percepções cultural e socialmente fomentadas.

É importante notarmos que, como defende Hall, as “equivalências” citadas não apresentam correspondências fixas com elementos socioculturais. Apesar de seu discurso abranger especificamente círculos sociológicos referentes a ideologias de estratos sociais (aqui o teórico utiliza como exemplo os trabalhadores, soldados, intelectuais e camponeses russos durante os acontecimentos de 1917), podemos acolher em suas palavras diversificadas camadas da sociedade contemporânea. Explicamos: embora, como o próprio autor comenta, a representação seja construída social e culturalmente, a apreensão e interpretação dessas representações processam-se a partir da subjetividade individual.

Ao extrapolar a esfera psíquica, indagamos qual seria o espaço no qual as ideias são expressas. Hall responde ao mencionar o pensamento de Althusser sobre o assunto:

Ele [Althusser] enfatiza o lugar de onde as ideias surgem, onde os eventos mentais são registrados ou concretizados enquanto fenômenos sociais. Trata-se, naturalmente, da linguagem (compreendida no sentido de práticas significativas que envolvem o uso de signos; no domínio semiótico, o domínio do significado e da representação). (HALL, 2003, p. 173)

A citação de Hall clarifica uma vez mais seu entendimento sobre a ligação intrínseca entre a representação, a linguagem e a sociedade. A menção da ideia de linguagem, entretanto, opera um questionamento autêntico acerca da concepção de linguagem idealizada por Hall. Ao

indagarmos qual seria a apreciação do sociólogo sobre a ideia de linguagem, o autor clarifica a questão em *Representation: Cultural Representation and Signifying Practices*:

Estes elementos – sons, palavras, notas, gestos, expressões, vestuário – fazem parte do nosso mundo natural e material; mas a importância para a linguagem não se dá pelo que são, mas pelo que fazem, a função. Constroem significado e transmitem-no. Significam. [...] são os veículos ou meios que carregam significado, porque funcionam como símbolos, retratando ou representando (isto é, simbolizam) os significados que desejamos comunicar. Para utilizar outra metáfora, funcionam como sinais. Os sinais retratam ou representam os nossos conceitos, ideias e sentimentos de modo a permitir que outros “leiam”, decodifiquem ou interpretem o significado quase da mesma forma como o fazemos.²⁴ (HALL, 2003, p. 5, tradução nossa)

A linguagem, neste sentido, é uma prática significante. Qualquer sistema de representação que opere desta forma pode ser pensado como funcionando, em termos gerais, de acordo com os princípios da representação por meio da língua. Assim, a fotografia é um sistema representativo [...] A música é ‘como uma língua’ na medida em que utiliza notas musicais para comunicar sentimentos e ideias, mesmo que sendo estas muito abstratas, e não se referindo de forma óbvia ao “mundo real”.²⁵ (HALL, 2003, p. 5, tradução nossa)

Linguagem é, portanto, o meio através do qual não apenas representamos, mas também extrapolamos nossas construções cognitivas representacionais e comunicamos sensações, sentimentos e ideias. Longe de restringir-se ao âmbito da fala e da escrita, expressa-se das mais diversas formas, nas mais diversas mídias, o que não apenas demonstra a versatilidade da linguagem, mas trabalha em prol do rompimento de barreiras à comunicação.

A linguagem é elemento relevante em *The Other Hand*, não apenas devido à preocupação das personagens com a questão linguística, mas também em razão de nomenclaturas utilizadas por Cleave. A personagem principal, ao ver uma abelha voando enquanto fugia com a irmã para longe de sua aldeia, se auto nomeia “Pequena Abelha”, criando uma identidade considerada por ela como segura, uma vez que a afastaria de ligações com seu passado e com a Nigéria.

²⁴ These elements - sounds, words, notes, gestures, expressions, clothes - are part of our natural and material world; but their importance for language is not what they are but what they do, their function. They construct meaning and transmit it. They signify. [...] they are the vehicles or media which carry meaning because they operate as symbols, which stand for or represent (i.e. symbolize) the meanings we wish to communicate. To use another metaphor, they function as signs. Signs stand for or represent our concepts, ideas and feelings in such a way as to enable others to 'read', decode or interpret their meaning in roughly the same way that we do.

²⁵ Language, in this sense, is a signifying practice. Any representational system which functions in this way can be thought of as working, broadly speaking, according to the principles of representation through language. Thus photography is a representational system [...] Music is 'like a language' in so far as it uses musical notes to communicate feelings and ideas, even if these are very abstract, and do not refer in any obvious way to the 'real world'

[...] Nkiruka olhou nos olhos da irmã e disse que precisavam inventar nomes novos. Não era seguro usarem seus nomes verdadeiros, tão próprios de sua tribo e de sua região. Nkiruka disse que agora seu nome seria “Bondade”. A irmã mais nova quis dar uma resposta a Bondade, mas não atinou com um nome para si própria.

[...] uma abelha veio voando entre a brisa marinha e pousou entre as duas irmãs. A abelha era pequena e pousou numa flor clara – frangipana, disse ela, embora não tivesse certeza de que esse fosse o nome europeu –, depois voou para longe sem alvoroço. A menina não tinha reparado na flor antes da chegada da abelha, mas então viu que a flor era bonita. Virou-se para Bondade. — Meu nome agora é Pequena Abelha — declarou.²⁶ (CLEAVE, 2010, p. 107-108)

Entretanto, ao refletirmos sobre os novos nomes escolhidos pelas irmãs, ambos parecem apontar previsões de suas vidas futuras: Bondade é assassinada e sexualmente abusada pelos integrantes do exército mercenário que a caçavam, enquanto entoa preces católicas – um mártir da cristandade; e Pequena Abelha se torna uma operária na casa de Sarah, responsável por reparar os laços entre mãe e filho, abalados pela morte de Andrew. Seus problemas pessoais são suplantados pela urgência em ajudar a família branca, pois é assim que ela apreende seu papel na nova realidade, essa é sua função: reparar o mal de ter sobrevivido ao exército mercenário.

O nome verdadeiro de Pequena Abelha, Udo, é revelado nas duas últimas páginas do romance:

— Qual é seu nome de verdade?

Sorri.

— Meu nome é Udo.

— UU-doo?!

— Isso mesmo. Udo quer dizer paz. Você sabe o que é paz, Charlie? Ele fez que não.

— Paz é quando as pessoas podem contar umas às outras seus nomes de verdade.

[...]

— Udo?

— Sim, Charlie.

— Eu que tirá minha roupa de Batman agora.

Os soldados estavam quase chegando.

²⁶ [...] Nkiruka looked into her sister’s eyes and said that they must make up new names for themselves. It was not safe to use their true names, which spoke so loudly of their tribe and of their region. Nkiruka said her name was ‘Kindness’ now. Her younger sister wanted to reply to Kindness, but she could not think of a name for herself.

[...] a bee blew in on the sea breeze and it landed between the two sisters. The bee was small and it touched down on a pale flower—frangipani, she told me, although she said she wasn’t sure about the European name—and then the bee flew off again, without any fuss. She hadn’t noticed the flower before the bee came, but now she saw that the flower was beautiful. She turned to Kindness.

‘My name is Little Bee,’ she said. (CLEAVE, 2008, p. 144-145)

— Ande logo, então, Charlie.²⁷ (CLEAVE, 2010, p. 266-267)

Segundo a personagem seu nome significa paz, o que também contrasta com o percurso de Pequena Abelha durante a narrativa: constantemente ameaçada pela violência de sua terra natal, pelo poder masculino colonial e por pensamentos suicidas. Ao descaracterizar a protagonista, escolhendo um nome inglês em substituição àquele de sua língua materna, Cleave revela a ânsia da personagem em adaptar-se à realidade inglesa, em simultâneo com a necessidade de explicitar que ela não pertence à sociedade britânica. Seu nome é revelado apenas quando, prestes a ser presa na Nigéria, empreende uma tentativa final de ajudar Charlie.

Um vez que, para a personagem, o nome Pequena Abelha remete à possibilidade de sobrevivência e segurança, a revelação de seu nome verdadeiro aparece como um último ato sacrificial, salientando a relação de servitude de Pequena Abelha para com a família branca. Reforçamos ainda que a alcunha “Pequena Abelha” é mantida em nosso trabalho por ser a maneira predominante de referência à personagem, uma vez que em um romance de 267 páginas, ela é assim chamada nas primeiras 265.

Um outro ponto interessante acerca dos nomes presentes na obra refere-se ao lugar no qual se encontra o fictício Centro de Imigrantes:

[...] Enquanto andávamos, e quando as outras não estavam olhando, enfiei a mão por debaixo da minha camisa havaiana e soltei a faixa de algodão que comprimia meus seios. [...] Respirei fundo o ar fresco e limpo.
 [...] Olhamos as colinas de Black Hill através da cerca alta de arame farpado. O campo inglês estendia-se até o horizonte. Uma névoa suave pairava nos vales e o topo das elevações menores estava dourado ao sol da manhã, e eu sorri porque o mundo inteiro era fresco, novo e reluzente.²⁸ (CLEAVE, 2010, p. 27-28)

²⁷ ‘What is yours real name?’ he whispered.

I smiled. ‘My name is Udo.’

‘Ooh-doh?’

‘That is it. Udo means *peace*. Do you know what peace is, Charlie?’

Charlie shook his head.

‘Peace is a time when people can tell each other their real names.’

[...]

‘Udo?’ he said.

‘Yes, Charlie?’

‘I is going to take off mine Batman costume now.’

The soldiers were almost on us.

‘Hurry then, Charlie,’ I whispered. (CLEAVE, 2008, p. 372-373)

²⁸ [...] As we walked, when the other girls were not looking, I reached under my Hawaiian shirt and I undid the band of cotton that held my breasts strapped down. [...] I breathed deeply in the fresh, clean air.

[...] We looked out through the high razor wire fence and down the slopes of Black Hill. The English countryside stretched away to the horizon. Soft mist was hanging in the valleys, and the tops of the low hills were gold in the morning sun, and I smiled because the whole world was fresh and new and bright. (CLEAVE, 2008, p. 29)

É simbólico o fato da região chamar-se *Black Hill* (algo como Colina Negra) e representar, na história, um cativo para estrangeiros indesejados na metrópole. Ainda que não fique bem especificado a quantidade de pessoas negras presentes no Centro, quando Pequena Abelha é libertada, junto a outras três mulheres, todas elas são descritas como negras, provenientes de ex-colônias britânicas. *Black Hill* é construída narrativamente como uma prisão para ex-colonizados negros, ou seja, um lugar de indesejados do império britânico, cujas diferenças em relação à metrópole os torna inaceitáveis para o colonizador.

Relegados a áreas distantes das grandes concentrações populacionais, esses corpos estrangeiros experimentam a vivência do cárcere institucional, antes de serem enviados novamente a seus países de origem, para conhecerem nova leva de violências. A restrição desses corpos a locais exteriores à “civilização” impede o corpo colonizado de experienciar a dinâmica sociocultural metropolitana, além de garantir a manutenção da subjetividade do colonizador e do colonizado como distintas.

A imposição da realidade cultural colonizadora sobre suas colônias garante que o parâmetro de apreensão cultural esteja permanentemente ligado à subjetividade do sujeito metropolitano, ou seja, ainda que a manutenção da história única, como comentado por Adichie (2009), não seja efetivada, a representação do sujeito colonizado aparenta estar continuamente atrelada ao colonizador.

A concepção de representação, enquanto forma de apreensão cultural e de linguagem como maneira de comunicação, liga definitivamente o campo psicológico da representação (como processo e como produto) ao seu campo social comunicacional.

Enquanto o liame entre representação, subjetividade e sociedade nos é apresentado, notamos ainda uma questão importante explorada por Hall em seu texto. Nos comentários tecidos sobre a concepção de representar, o autor reflete a respeito do modo como essa ideia é formada no universo psíquico do indivíduo, indagando como a construção aparece, se de forma consciente ou inconsciente.

A esse respeito, o sociólogo menciona o caráter fundamentalmente discursivo e semiótico dos sistemas de representação, reconhecendo-os como fomentadores de práticas envolvidas na produção de significados. Mais uma vez Hall recorre a Althusser ao comentar acerca de práticas sociais:

Althusser nos lembra que as ideias não flutuam simplesmente no espaço vazio. Sabemos que elas estão lá porque elas se materializam nas práticas sociais e as permeiam. Neste sentido, o social nunca está fora do semiótico. Cada prática social é constituída na interação entre significado e representação e

pode, ela mesma, ser representada. Em outras palavras, não existe prática social fora da ideologia. Entretanto, isso não significa que, porque todas as práticas sociais se situam no discursivo, não há nada na prática social além do discurso. (HALL, 2003, p. 179)

As práticas sociais, portanto, situam-se no campo discursivo, ainda que não em uma relação exclusiva de pertencimento, ou seja, estão inseridas, embora não limitadas, ao campo do discurso. A realidade seria, portanto, compreendida como a vivência do indivíduo em meio à cultura, às suas experiências socioculturais e aos sistemas representacionais individuais e coletivos. Nesse sentido, a história de Pequena Abelha e Sarah bebe da fonte das percepções individuais de Cleave, refletindo sua maneira de entender o envoltório social no qual se encontra. Ao considerarmos Cleave como fruto de um pensamento metropolitano, não é estranho compreendermos as razões que movem Pequena Abelha em direção ao auxílio ao colonizador branco, mais do que à resolução de seus próprios problemas. De acordo com Hall, “Não é possível pôr um fim à ideologia e simplesmente viver o real. Sempre necessitamos de sistemas para representar o que o real significa para nós e os outros.” (HALL, 2003, p. 181).

Sua condição enquanto produto de ideias coloniais seria um impeditivo à construção representacional de personagens não britânicos? Não, mas é necessária a compreensão de ideais limitantes inconscientemente inseridos no universo representacional individual. Dissertar sobre a experiência alheia parece sempre esbarrar nos entraves subjetivos da vivência pessoal, uma vez que representar o outro perpassa o reconhecimento do eu, em sua subjetividade e em seus privilégios. Explicamos: embora esclarecido o lugar da representação e das práticas sociais dentro do discurso, o questionamento sobre o lugar da consciência na construção da representação permanece em aberto. A esse respeito, Hall entende que os sistemas de representação são fundamentalmente construídos de maneira inconsciente. Em seu discurso sobre ideologia, o sociólogo diz:

Nós mesmos não temos consciência das regras e sistemas de classificação de uma ideologia quando produzimos uma enunciação ideológica qualquer. Contudo, como as normas da linguagem, elas são abertas a inspeção racional e a análise pelos modos de interrupção e desconstrução, o que pode revelar um discurso até seus fundamentos e nos permitir observar as categorias que o geraram. (HALL, 2003, p. 183)

Em meio aos comentários de Hall sobre o discurso de Althusser, um elemento nos transporta para a questão do “real”. Em alguns momentos de seu texto, o “real” aparece como uma manifestação do que chamamos aqui de realidade factual. Após as considerações apresentadas até o momento, o que afinal compreendemos como “real”?

O “real” é aquilo que o indivíduo, por meio de mecanismos representacionais subjetivos, interpreta como realidade, sem que haja um compromisso de semelhança com aquilo factualmente tratado. Dessa maneira, a realidade está dividida entre duas vertentes paralelas, misturadas, mas diferentes: aquela arraigada na concepção factual (embora ela mesma seja assaz fluída, visto sua divulgação frequentemente perpassa múltiplas subjetividades), e aquela interpretada num âmbito subjetivo particular, embora construída a partir de elementos sociais, históricos e culturais. A realidade expressa por Cleave em seu romance não é, assim, necessariamente uma reprodução de uma concretude particular, mas representações, até certo ponto inconscientes, de suas percepções sobre a realidade.

Um último elemento que gostaríamos de comentar acerca do entendimento de Hall sobre representação é a forma como esta manifesta fluidez, a depender de diversos fatores sociais e culturais.

Ao discorrer sobre sua experiência de vida enquanto homem negro e caribenho inserido na sociedade britânica, o sociólogo rememora diversas experiências junto às quais uma gama considerável de alcunhas lhe foram constantemente atribuídas. À luz dessas experiências, Hall medita sobre os significados:

Enquanto indivíduo vivo e concreto, sou mesmo qualquer uma dessas interpelações? Alguma delas me esgota? Na verdade, eu não “sou” nem uma nem outra dessas formas de me representar, embora tenha sido todas elas em épocas diferentes e ainda seja algumas delas, até certo ponto. Porém, não existe um “eu” essencial, unitário — apenas o sujeito fragmentário e contraditório que me torno. Tempos depois me deparei novamente com o termo “de cor”, como se eu estivesse do outro lado, além dele. Tentei ensinar a meu filho que ele era “negro” [black] quando este estava aprendendo o espectro de cores e ele dizia para mim que era “marrom”. Obviamente, ele era ambos. (HALL, 2003, p. 188)

Enquanto o discurso de Hall é voltado sobretudo para o olhar colonizador sobre a cor da pele dos indivíduos, em *The Other Hand* o principal fator de exclusão de Pequena Abelha reside em sua nacionalidade. Notamos, porém, um esforço de Cleave para mostrar o preconceito racial como um fator menos importante do que a nacionalidade ou a linguagem na aceitação dos sujeitos em meio à sociedade britânica, como pontuado na naturalidade com que Pequena Abelha fala sobre um casal interracial quando de sua visita a um parque:

[...] Ele atirou uma moeda para o ar com dois dedos e a vi girar no céu muito azul, com o sol se refletindo nela e o rosto da Rainha da Inglaterra — cujos lábios se mexiam e diziam: Ó, céus, parece que estamos caindo — e vir parar direitinho na mão do homem, e essa mão se fechou em torno da moeda, e a

cor dessa mão era muito escura, mais escura ainda do que a da minha pele. E a filha dele ria e tentava abrir os dedos da mão do pai, e a pele dela era muito mais clara do que a dele — da cor dos gravetos que Charlie estava catando, correndo ali por perto. E a mãe também ria, ajudando a filha a abrir a mão do pai, e a pele da mãe era clara como a de Sarah.²⁹ (CLEAVE, 2010, p. 224)

Não obstante a maneira amena com que a questão da raça parece ser abordada no exemplo acima, outros elementos, como as experiências vividas no Centro de Imigrantes, nas interações fora do cárcere e na representação da sociedade nigeriana, marcam o componente racial como elemento presente na rejeição ao estrangeiro, ou seja, não existe uma única característica excludente do outro, mas uma gama de parâmetros a serem seguidos para que a diferença seja reforçada constantemente.

Como elemento subjetivo, social, cultural e historicamente nordeado, a representação não pode ser definida de maneira perene. Enquanto indivíduos em contínua transformação, inseridos em um ambiente cultural e socialmente instável, as personagens de Cleave criam encadeamentos representacionais e os utilizam na apreensão do próprio entorno, pelo qual são afetados e constantemente reformados. Enquanto a representação encontra-se intimamente ligada à sociedade, deslocamentos no espaço e no tempo afetam, parcial ou totalmente, a maneira como Pequena Abelha, Sarah e Lawrence, por exemplo, compreendem a si e aos outros, a partir de modelos representacionais voláteis.

Dessa forma, entendemos a representação como um fenômeno social, mas também como um fenômeno subjetivo. Enquanto processo inconsciente de apreensão e interpretação de uma realidade, de comunicação e organização social, a representação constitui-se enquanto um vínculo fluido em constante ligação entre nosso universo subjetivo e o encontrado no exterior do “eu”.

Para encerrarmos, abordaremos as relações de poder estabelecidas dentro de sistemas representacionais. Utilizando as ideias de Gayatri Chakravorty Spivak e Judith Butler, traçaremos um panorama das conexões entre poder e representação.

²⁹ [...] He flipped the coin high in the air and I saw it tumbling through the bright blue sky with the sunshine flashing upon it and the Queen of England’s face upon the coin—with her lips moving and saying, *Good lord, we appear to be falling*—and it fell all the way back to the man’s hand, and the man’s hand closed around it, and the colour of his hand was very dark, darker even than my skin. And his daughter was laughing and trying to open up the fingers of his hand, and her skin was much lighter than her father’s—it was the colour of the sticks that Charlie was racing around and collecting. And the mother, she was laughing too, and helping her daughter to get the father’s hand open, and the mother’s skin was as white as Sarah’s. (CLEAVE, 2008, p. 309)

1.4 Spivak e Butler: representação e poder

1.4.1 A representação em meio à questão pós-colonial

Para falarmos sobre as ideias de Spivak acerca do pós-colonialismo, precisamos, inicialmente, atentar para a forma como a autora posiciona o ideário pós-colonial no contexto histórico social contemporâneo. Do livro *Pode o subalterno falar?* (2010), podemos extrair duas vertentes de pensamento sobre o exposto pela autora: primeiramente uma extensa reflexão sobre questões econômicas e político-culturais manifestas quando da contemplação do período colonial e da era pós-colonial. Costurada a essa reflexão, a autora expõe críticas ao pensamento filosófico eurocentrado. Discutiremos as asserções de Spivak acerca do pensamento pós-colonial em um capítulo posterior, de modo a reservar os próximos parágrafos para um olhar mais atento sobre as ponderações da autora relativas ao eurocentrismo filosófico e suas consequências para as questões de representação.

Em suas considerações, Spivak critica ideias de filósofos europeus, em especial Michel Foucault e Gilles Deleuze. No horizonte do principal questionamento de sua obra: “Pode o subalterno falar?”, Spivak discorre sobre pontos essenciais das reflexões de Deleuze e Foucault que, de algum modo, contribuem, ainda que de forma velada, para o pensamento contemporâneo, no qual “[...] a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente.” (SPIVAK, 2010, p. 20).

Primeiramente, cabe entendermos a compreensão da autora sobre o termo “subalterno”. Segundo Spivak, o subalterno é o indivíduo colocado à margem social, não apenas através de meios legais, mas sim, e principalmente, por intermédio da eliminação da possibilidade de sua participação no estado dominante. Sandra Regina Goulart Almeida explica, no prefácio do texto de Spivak, a compreensão da autora sobre a camada social da qual o subalterno faz parte:

[...] as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante [...] (ALMEIDA, In: SPIVAK, 2010, p. 13-14).

Um ponto importante para apreendermos o pensamento de Spivak é compreendermos o significado do Outro. Ao tecer suas considerações, a autora expõe o Outro como aquele posicionado fora do círculo colonizador, ou seja, o Outro seria todo aquele que mantém, em algum grau, relações de submissão para com um poder dominante. O diálogo entre Pequena

Abelha e a oficial do governo durante a extradição da garota africana exemplifica essa impossibilidade do subalterno de se tornar um membro pleno da sociedade. A outrificação do sujeito subalternizado reforça o *status quo* no qual o colonizador paira a uma distância segura do colonizado, suficiente para que ambos não sejam confundidos.

Em *The Other Hand*, o Outro é encarcerado no Centro de Imigrantes, fazendo de *Black Hill* um espaço para os indesejados. Quando esse Outro é liberto, suas opções de sobrevivência são poucas: correr os riscos de ser um cidadão sem documentos, ou ser deportado para o lugar do qual foge. Salvo essas duas opções, a morte também se configura como destino possível, ou a entrada legal ao país, concedida a poucos. Entretanto, como vemos no romance de Cleave, qualquer que seja a escolha individual, a completa integração à sociedade figura como uma impossibilidade ao subalterno colonizado.

[...] E essa mulher que eles soltaram do centro de detenção de imigrantes, essa criatura que eu sou, essa é uma nova raça humana. [...] Imagine uma figura de mulher recortada de um anúncio de revista, um daqueles anúncios sorridentes de Salvem as Crianças, vestida com roupas gastas cor-de-rosa tiradas da lixeira de reciclagem do estacionamento do supermercado do seu bairro, e que fala inglês como o editorial do *The Times*. Eu mudaria de calçada para evitar um encontro. Sério, essa é uma coisa que as pessoas do seu país e as do meu têm em comum. Elas dizem: *Aquela refugiada não é uma de nós. Aquela moça não é daqui*. Aquela moça é um ser híbrido, fruto de uma união antinatural, é a face oculta da lua.³⁰ (CLEAVE, 2010, p. 15-16)

Pequena Abelha se reconhece como o Outro, não é mais nigeriana, mas também não é britânica: é um híbrido indesejado em ambas as sociedades. Incapaz de encaixar-se em uma e em outra. Entendemos claramente sua percepção quando, ao falar com a policial que a está escoltando para ser deportada, a garota diz ter cogitado a possibilidade de permanecer na Inglaterra, caso falasse a língua inglesa como uma britânica, sendo refutada pela policial que, assim como Cleave, reconhece a impossibilidade de aceitação de Pequena Abelha na sociedade colonial, pois confunde as diferenças entre colonizador e colonizado que devem ser, sempre, bem delineadas, segundo o discurso da metrópole.

O discurso colonizador, segundo Spivak, produz o Outro, ao mesmo tempo em que promove seu silenciamento. A fala colonizadora preza pelo apagamento de tudo aquilo que

³⁰ [...] And this woman they released from the immigration detention centre, this creature that I am, she is a new breed of human. [...] Imagine a young woman cut out from a smiling Save the Children magazine advertisement, who dresses herself in threadbare pink clothes from the recycling bin in your local supermarket car park and speaks English like the leader column of *The Times*, if you please. I would cross the street to avoid me. Truly, this is the one thing that people from your country and people from my country agree on. They say, *That refugee girl is not one of us. That girl does not belong*. That girl is a halfling, a child of an unnatural mating, an unfamiliar face in the moon. (CLEAVE, 2008, p. 11-12)

acredita fazer parte de um estrato social inferior, de modo a fixar a si como modelo manifesto de pensamento, impondo-se culturalmente sobre o subalterno. Em *The Other Hand*, a Inglaterra é vista como uma espécie de utopia para aqueles que fogem de confrontos violentos em seus próprios países. No caso de *Pequena Abelha*, a Inglaterra é vista como um oposto da Nigéria, como sua chance de sobrevivência.

A violência física, por exemplo, não é reconhecida por Cleave, em sua narrativa, como parte da sociedade inglesa, sendo associada principalmente aos territórios e povos exteriores à Inglaterra. O discurso das personagens reforça constantemente os abismos existentes entre a sociedade inglesa e suas ex-colônias. Ao encontrar alguns fazendeiros, durante sua “fuga” do Centro de Imigrantes, uma das mulheres refugiadas, chamada no romance de “moça sem nome”, conversa com a protagonista: “— Por favor. Deixa a gente voltar. Essas pessoas não vão nos ajudar, não está vendo? / — Não podem nos fazer mal. Estamos na Inglaterra agora. Não é igual ao lugar de onde viemos.”³¹ (CLEAVE, 2010, p. 67)

O pensamento utópico de *Pequena Abelha* sobre a vida na Inglaterra é bastante reforçado durante a narrativa, pois, diferente de seu país de origem, em terras inglesas não parece existir a ameaça de violência física. Seus constantes pensamentos suicidas estão relacionados com a possível aparição dos “homens”, indivíduos aparentemente conectados com sujeitos masculinos externos à Inglaterra, como os soldados responsáveis pelo assassinato de sua irmã.

No centro de detenção de imigrantes, disseram-nos que precisávamos nos disciplinar para superar nossos medos. A disciplina que aprendi foi esta: sempre que vou para um lugar novo, procuro descobrir como poderia fazer para me matar ali. Certifico-me de que estou preparada, caso os homens apareçam de repente. A primeira vez em que entrei no banheiro de Sarah, pensei: É, Abelhinha, aqui dentro você pode quebrar o espelho daquele armário de remédios e cortar seus pulsos com os cacos. Quando Sarah me levou para um passeio de carro, pensei: Aqui, Abelhinha, você abaixaria o vidro e soltaria seu cinto de segurança e se atiraria pela janela, sem problemas, debaixo do próximo caminhão que viesse pelo outro lado. E quando Sarah me levou para passar o dia em Richmond Park, ela ficou contemplando a paisagem enquanto eu procurava um buraco no chão onde pudesse me esconder, ficar bem quietinha até virar uma caveirinha branca, que as raposas e os coelhos viriam farejar com seus focinhos úmidos e macios.

Se os homens vierem de repente, vou estar pronta para me matar. Você está com pena de mim porque penso nisso o tempo todo? Se os homens vierem e você não se preparar, então sou eu quem vai sentir pena de você.

Durante os primeiros seis meses no centro de detenção, eu gritava todas as noites e durante o dia imaginava mil maneiras de me matar. Planejei me matar

³¹ [...] ‘Please. Let us turn around and go. These people will not help us, can’t you see?’

‘They cannot hurt us. We are in England now. It is not like it was where we came from.’ (CLEAVE, 2008, p. 86)

em cada uma das situações em que uma moça como eu poderia se encontrar no interior do centro de detenção.³² (CLEAVE, 2010, p. 55)

O modo de agir da protagonista reflete os episódios de violência vivenciados quando de sua captura pelos assassinos na Nigéria. A descrição de Pequena Abelha sobre o medo que a irmã Nkiruka sente ao perceber a aproximação dos homens sustenta o sentimento de ojeriza reforçado pela protagonista em suas declarações suicidas, além de aludir à animalização das irmãs:

[...] Invisíveis dentro da selva, os cães latiam mais alto agora. As irmãs escutaram os gritos dos homens que corriam com eles. Bondade tremia. As duas irmãs se abraçaram. Um dos cães uivou e os outros o acompanharam. No esconderijo, um ruído de líquido caindo nas folhas secas e o cheiro de urina — a realidade do medo de Bondade. Abelhinha olhou nos olhos dela. Parecia que a irmã nem sequer a enxergava.³³ (CLEAVE, 2010, p. 111)

A violência, na narrativa de Cleave, além de experienciada, é também transmitida nas histórias contadas pelos refugiados. Como alusão às tradições orais de contação de histórias, comuns para alguns povos africanos, a brutalidade estrangeira é compartilhada oralmente, contribuindo para a associação do homem com a bestialidade não metropolitana. Pequena Abelha comenta sobre essas histórias de selvageria ao citar sua relação com uma das mulheres que a acompanham na saída do Centro de Imigrantes:

[...] Não era bonita nem falava bem, mas existe mais uma coisa que pode salvar a pessoa e impedir que ela seja mandada logo para casa. O negócio dessa garota é que ela possuía sua história toda por escrito e oficializada. Havia carimbos no final do papel dizendo em tinta vermelha que tudo era VERDADE. Lembro que ela me contou a história uma vez e que era mais ou menos assim:
Os-homens-vieram-e-eles-
-queimaram-minha-aldeia-

³² In the immigration detention centre, they told us we must be disciplined to overcome our fears. This is the discipline I learned: whenever I go into a new place, I work out how I would kill myself there. In case the men come suddenly, I make sure I am ready. The first time I went into Sarah's bathroom I was thinking, Yes Little Bee, in here you would break the mirror of that medicine cabinet and cut your wrists with the splinters. When Sarah took me for a ride in her car I was thinking, Here, Little Bee, you would roll down the window and unbuckle your seat belt and tip yourself out of the window, no fuss, in front of the very next lorry that comes the other way. And when Sarah took me for a day in Richmond Park, she was looking at the scenery but I was looking for a hollow in the ground where I could hide and lie very still until all that you would find of me was a small white skull that the foxes and the rabbits would fuss over with their soft, wet noses. If the men come suddenly, I will be ready to kill myself. Do you feel sorry for me, for thinking always in this way? If the men come and they find you not ready, then it will be me who is feeling sorry for you. For the first six months in the detention centre, I screamed every night and in the day I imagined a thousand ways to kill myself. I worked out how to kill myself in every single one of the situations a girl like me might get into in the detention centre. (CLEAVE, 2008, p. 68)

³³ Unseen in the jungle, the dogs were barking louder now. The sisters could hear the shouts of the men running with them. Kindness was trembling. The two sisters held each other. Now one of the dogs howled and the others joined in. In the hiding place there was a splashing on the dry leaves and a smell of urine—the reality of Kindness's fear. Little Bee looked into her eyes. It didn't look as if her sister was even seeing her. (CLEAVE, 2008, p. 149)

-amarraram-minhas-filhas-
 -estupraram-minhas-filhas-
 -levaram-minhas-filhas-embora-
 -chicotearam-meu-marido-
 -cortaram-meu-seio-
 -eu-fugi-
 -pelo-meio-do-mato-
 -encontrei-um-barco-
 -atravessei-o-mar-

-então-me-puseram-aqui-dentro. Ou algo parecido. As histórias daquele centro de detenção me deixaram confusa. Todas as histórias das moças começavam com os-homens-vieram-e-eles. E todas terminavam com então-me-puseram-aqui-dentro.³⁴ (CLEAVE, 2010, p. 18-19)

O início e o fim das histórias relacionam-se intimamente com o começo e o término das vidas daquelas mulheres. A própria protagonista, ao narrar a vida pregressa, antes de seu encarceramento, conta como os homens chegaram e destruíram seu vilarejo, a fuga, a chegada na Inglaterra e o aprisionamento. Ao final da narrativa de Cleave, Pequena Abelha vê uma vez mais a chegada dos homens, soldados nigerianos, que a supostamente a escoltariam para a prisão.

A vida da protagonista e as histórias ouvidas no cárcere moldam as percepções de Pequena Abelha acerca dos homens e dessa brutalidade não metropolitana. No entanto, o colonizador, como parte do modelo de civilização, não desperta os mesmos temores na garota. A guisa de exemplo, podemos citar o último encontro entre Andrew e Pequena Abelha, no qual é o marido de Sarah que, ao perceber a presença da garota, demonstra seu pavor do colonizado. Ainda que o medo de Andrew esteja relacionado ao sobrenatural e aos eventos traumáticos vividos na praia nigeriana, seu pânico não deixa de reforçar a imagem do colonizado como desagradável.

³⁴ [...] She was not pretty and she was not a good talker either, but there is one more thing that can save you from being *sent home early*. This girl's thing was, she had her story all written down and made official. There were rubber stamps at the end of her story that said in red ink this is TRUE. I remember she told me her story once and it went something like,
*the-men-came-and-they-
 burned-my-village-
 tied-my-girls-
 raped-my-girls-
 took-my-girls-
 whipped-my-husband-
 cut-my-breast-
 I-ran-away-
 through-the-bush-
 found-a-ship-
 crossed-the-sea-
 and-then-they-put-me-in-here*. Or some such story like that. I got confused with all the stories in that detention centre. All the girls' stories started out, *the-men-came-and-they*. And all of the stories finished, *and-then-they-put-me-in-here*. (CLEAVE, 2008, p. 15-16)

Do mesmo modo, Pequena Abelha, a princípio, não teme Lawrence, pois o enfrenta, ameaçando denunciar seu caso extraconjugal para a esposa, quando este considera entregá-la às autoridades britânicas.

— Eu encontraria um jeito. Encontraria um jeito de contar a ela o que você fez. E encontraria um jeito de contar a Linda também. Destruiria suas duas vidas, Lawrence. Sua vida de família e sua vida secreta.
Lawrence pareceu surpreso. Levantou-se e pôs-se a andar de um lado para outro pela cozinha. Correu os dedos pelo cabelo.
— É — disse. — Acho que você seria mesmo capaz de fazer isso.
— Faria. Não imagine que eu perdoaria você, Lawrence. Eu faria tudo para ter certeza de que prejudiquei você.³⁵ (CLEAVE, 2010, p. 196)

O receio da garota repousa sobre as possibilidades de violência física provenientes dos homens colonizados, uma vez que eles são os representantes da selvageria, ao contrário do homem metropolitano. A insurgência de Pequena Abelha contra Lawrence é sufocada quando, após contar a história de seu encontro com Andrew na Inglaterra, absorve a culpa pelo suicídio deste:

— Acabei de admitir que entregaria você às feras se pudesse. Você é a menina refugiada corajosa e eu sou o canalha egoísta. Nossos papéis estão muito bem-definidos, não acha?
Sacudi a cabeça, negando.
— Sou egoísta também, sabe.
— Não, você não é.
— Agora você está pensando que sou uma doçura de menina, não é? Na sua cabeça, você ainda acha que eu não existo realmente. Não lhe ocorre que eu possa ser tão esperta quanto uma pessoa branca. Tão egoísta quanto uma pessoa branca.
Percebi que ficara tão irritada, que estava gritando. Lawrence apenas riu de mim.
— Egoísta? Você? Comeu o último biscoito da lata? Usou o resto da pasta de dentes de Sarah?
— Fiz o marido de Sarah se enforcar — eu disse.³⁶ (CLEAVE, 2010, p. 197)

³⁵ [...] ‘I would find a way. I would find a way to tell her what you had done. And I would find a way to tell your wife too. I would break both of your lives, Lawrence. Your family life and your secret life.’
Lawrence looked surprised. He stood up and walked around the kitchen. He ran his hands through his hair. ‘Yeah,’ he said, ‘I really think you would.’
‘I would. Please do not imagine I would forgive you, Lawrence. I would make sure I hurt you.’ (CLEAVE, 2008, p. 268)

³⁶ [...] ‘I’ve just admitted to you that I’d sell you down the river if I could. You’re the brave little refugee girl, and I’m the selfish bastard. I think our roles here are pretty clearly delineated, don’t you?’
I shook my head. ‘I am selfish too, you know.’
‘No, you’re really not.’
‘Now you think I’m a sweet little girl, do you? In your mind you still don’t think I really exist. It does not occur to you that I can be clever, like a white person. That I can be selfish, like a white person.’
I realized I was so angry I was shouting. Lawrence just laughed at me.
‘Selfish! You? Took the last biscuit out of the tin, did you? Left the top off Sarah’s toothpaste?’

— Estou com medo de contar a ela. Acho que se contar ela vai me fazer ir embora daqui e então não vou poder ajudá-la, e não vai haver nenhuma maneira de compensar o erro que cometi. [...] Descobri a pessoa que sou e não gosto dela. Sou igual a Andrew. Igual a você. Tentei me salvar. Diga, por favor, onde fica o amparo para isso.

Lawrence me olhava detidamente.

— O que você fez é um crime — disse ele. — Agora não tenho escolha. Preciso ir à polícia.

Comecei a chorar.

— Por favor, não vá à polícia. Eles vão me levar embora. Só quero ajudar Sarah. Você não quer ajudar Sarah?

— Amo Sarah, portanto não me venha com essa conversa de ajudá-la. Acha mesmo que a ajudou vindo para cá?

A essa altura, eu chorava de soluçar.

— Por favor, pare, por favor — eu pedi.

As lágrimas desciam pelo meu rosto. Lawrence bateu com a mão na mesa.

— Merda! — exclamou.

— Desculpe, Lawrence, desculpe.

Lawrence levou a palma da mão à testa.³⁷ (CLEAVE, 2010 p. 202)

Ainda que ao final de sua narrativa a garota esteja uma vez mais subordinada ao controle masculino, o medo de Pequena Abelha recai na possibilidade de ser enviada para sua terra natal. Os homens ingleses não ameaçam sua integridade física diretamente, mas os homens nigerianos sim, pois o colonizador reflete o ideal de civilização, em contraste com a selvageria subalterna – qualquer ato fisicamente violento advém necessariamente do subalternizado. Percebemos esse pensamento retratado no relato de Pequena Abelha sobre o período em que ficou presa no sistema migratório inglês:

O problema é que havia homens e mulheres trancados juntos naquele lugar. À noite, eles mantinham os homens numa ala diferente do centro de detenção. Quando o sol se punha, eram enjaulados como se fossem lobos, mas durante o dia circulavam entre nós, comiam a mesma comida que nós. Eu achava que

‘I left Sarah’s husband hanging in the air,’ I said. (CLEAVE, 2008, p. 269-270)

³⁷ ‘I am scared to tell her. I think if I tell her then she will make me go away from here, and then I will not be able to help her, and then there will be no way for me to make up for the bad thing I did. [...] I have discovered the person I am and I do not like her. I am the same as Andrew. I am the same as you. I tried to save myself. Tell me, please, where is the refuge from that?’

Lawrence stared at me.

‘What you did is a crime,’ he said. ‘Now I don’t have a choice. I have to go to the police.’

I started to cry. ‘Please, don’t go to the police. They will take me away. I just want to help Sarah. Don’t you want to help Sarah?’

‘I love Sarah, so don’t fucking well talk to me about helping her. Do you really think it was helpful to come here?’

I was sobbing now. ‘Please,’ I said. ‘Please.’

There were tears running down my face. Lawrence slammed his hand down on the table.

‘Shit!’ he said.

‘I’m sorry, Lawrence, I’m sorry.’

Lawrence slapped the palm of his hand against his forehead. (CLEAVE, 2008, p. 277-278)

eles ainda continuavam famintos. Achava que olhavam para mim com fome nos olhos.³⁸ (CLEAVE, 2010, p. 14)

Por toda a narrativa, os “homens” são constantemente lembrados como um símbolo da violência exterior à metrópole. Mesmo Sarah, quando em conversa com Lawrence, menciona os soldados encontrados na praia nigeriana como “os homens”:

— Jesus! Pensei que você tivesse dito que ela havia sido morta pelos homens.
— Eu tinha certeza de que sim. Vi os homens a levarem arrastada. Ela e a outra. Vi as duas serem arrastadas se debatendo e gritando pela praia. Fiquei olhando até virarem uns pontinhos ao longe e então alguma coisa dentro de mim simplesmente morreu.³⁹ (CLEAVE, 2010, p. 127)

Os “homens”, enquanto sujeitos masculinos subalternos, procedentes de fora da metrópole, são comumente relacionados com o estrangeiro selvagem, indicados como uma massa de indivíduos vilanescos, voltados para a violência e crueldade exacerbadas. Entretanto, ainda que sejam constantemente citados por todo o texto, suas histórias são ignoradas ou, como forma de reforçar seu lado irracional, brevemente apresentadas. Exemplificamos com o diálogo entre Sarah e Andrew e o líder dos militares:

— De onde você é, dona?
— Nós moramos em Kingston — respondi.
O homem inclinou a cabeça de lado e olhou para mim com interesse.
— Kingston-upon-Thames — expliquei. — Em Londres.
O homem concordou, balançando a cabeça.
— Sei onde fica Kingston — disse ele. — Estudei engenharia mecânica lá.
Baixou os olhos para a areia. Ficou em silêncio por um instante. Então se mexeu, e muito depressa. Vi seu facão subir, vi a lâmina reluzir ao sol da manhã, vi uma contração minúscula — foi só o que o segurança teve tempo de fazer. A lâmina entrou na garganta do segurança e retiniu. Retiniu quando atingiu os ossos do pescoço. O metal ainda retinia quando o homem a arrancou e o segurança caiu na areia. A lâmina retiniu, eu me lembro, como se o facão fosse um sino e a vida do segurança fosse o badalo do sino.
O assassino perguntou:
— Já ouviu um barulho igual a esse em Kingston-upon-Thames?
[...]

³⁸ [...] The trouble was, there were men and women locked up together in that place. At night they kept the men in a different wing of the detention centre. They caged them like wolves when the sun went down, but in the daytime the men walked among us, and ate the same food we did. I thought they still looked hungry. I thought they watched me with ravenous eyes. [...] (CLEAVE, 2008, p. 9)

³⁹ ‘Jesus! I thought you said the men killed her.’

‘I was sure they had. I saw the men drag her off. Her and the other one. I watched them being dragged kicking and screaming up the beach. I watched them till they were tiny dots and something in me just died.’ (CLEAVE, 2008, p. 172)

— Eu vivo aqui — disse ele. — Vocês é que foram loucos de vir para cá.⁴⁰
(CLEAVE, 2010, p. 117-118)

O texto de Cleave trabalha a história desse homem mostrando que, apesar de ter a oportunidade de estudar na metrópole, a selvageria do colonizado suplantou suas possibilidades de progresso na sociedade civilizada. Não importa a razão de sua transformação de um possível engenheiro para um assassino, pois essa é a história que o colonizador propõe-se a narrar sobre o subalterno. A história é colonizada, assim como o próprio sujeito, silenciada e substituída pelas narrativas de outridade geridas pela metrópole. O silenciamento do subalterno é sublinhado na conquista colonial, como comentado por Spivak:

[...] na constituição do Outro na Europa, um grande cuidado foi tomado para obliterar os ingredientes textuais com os quais tal sujeito pudesse se envolver emocionalmente e pudesse ocupar (investir?) seu itinerário – não apenas pela produção ideológica e científica, mas também pela instituição da lei. (SPIVAK, 2010, p.46)

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistemológica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se construir o sujeito colonial como o Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subje-tividade⁴¹. (SPIVAK, 2010, p.47)

Aqui, é interessante notarmos o duplo questionamento sugerido pelo livro de Spivak. Ao intitular seu texto *Pode o subalterno falar?*, entendemos que a estudiosa indiana pode estar se referindo a uma suposta permissão para que o subalterno fale, ou inquirindo sobre a capacidade do subalterno de se expressar. Os comentários da autora parecem apontar em ambas as direções, pois, para Spivak, o apagamento do subalterno e do Outro promovem, em certa medida, a narrativa imperialista quase como normativa, impondo-a, diversas vezes, como a alternativa aceitável de interpretação da realidade.

⁴⁰ ‘Where are you from, missus?’

‘We live in Kingston,’ I said.

The man cocked his head and looked interestedly at me.

‘Kingston-upon-Thames,’ I said. ‘It’s in London.’

The man nodded. ‘I know where Kingston is,’ he said. ‘I studied mechanical engineering there.’

He looked down at the sand. He stood in silence for a moment. Then he moved, and it was very quick. I saw his machete go up, I saw the blade flash in the rising sun, I saw a tiny flinch—that was all the guard had time for. The blade went into the guard’s throat and it rang. It rang when it struck the bones of the neck. The metal was still ringing when the man yanked it out and the guard dropped into the sand. The blade rang, I remember, as if the machete was a bell and the guard’s life was the clapper.

The killer said, ‘You ever hear a noise like that in Kingston-upon-Thames?’

[...]

‘I live here,’ he said. ‘You were crazy to come.’ (CLEAVE, 2008, p. 158-160)

⁴¹ Os tradutores Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira explicam: “Aqui a autora utiliza em inglês ‘Subject-ivity’, deixando em evidência a palavra que significa ‘sujeito’ na composição do termo”.

A intenção da autora não é, entretanto, descrever a narrativa imperialista, mas entender como foi formado seu caráter de normatividade. Assim sendo, a autora evoca a violência epistemológica imposta ao sujeito subalterno tendo em seu horizonte de análise particularmente a figura feminina como principal alvo de subalternização colonial.

Nesse sentido, Spivak critica duramente a noção de um “falar por” ao comentar sobre o episódio da proibição do sacrifício das viúvas na tradição hindu. Ao proibir a auto imolação da viúva na pira funerária do marido, os colonos britânicos apresentavam-se como salvadores da mulher indiana, em uma quase encenação do que a autora define como “homens brancos salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura” (SPIVAK, 2010, p. 94); ao mesmo tempo que os nativos retorquiam com “As mulheres realmente queriam morrer” (SPIVAK, 2010, p. 94).

Na luta de argumentos entre nativos e colonos, em busca de legitimação de seus ideais, Spivak explica que “Nunca se encontra o testemunho da voz-consciência das mulheres.” (SPIVAK, 2010, p. 94). A declaração de Spivak expõe a condição feminina não apenas enquanto uma voz calada e subalternizada frente ao subalterno, mas extrapola o âmbito sociocultural ao tirar da mulher o controle de seu corpo e de sua vida. Mais do que apenas inferiorizada, o feminino encontra-se a deriva, relegada aos desejos do poder masculino.

Entretanto, resta, talvez, a dúvida sobre a ligação existente entre a ideia de subalternização de Spivak e questões referentes à representação. Em que medida a subalternidade interfere no representar do sujeito? Como resposta, Spivak pontua:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p.66-67)

[...] o sujeito da exploração não pode conhecer nem falar o texto da exploração feminina, mesmo se for assegurado à mulher – de forma absurda pelo intelectual que não pode representá-la – um espaço no qual ela possa falar. A mulher se encontra duplamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p.70)

Inferiorizada como colonizada frente à sociedade hegemônica, e rebaixada diante da sociedade colonizada por sua situação enquanto ser feminino, a mulher é duplamente calada. Inclui-se nessa constante subalternização todos os sujeitos sociais desviantes do ideal

patriarcalista e excluídos do círculo social hegemônico. Junto a outros não assentados no estrato social dominante, desviantes das normas heteronormativas da hegemonia social, como homossexuais, negros, prisioneiros, pobres etc., a mulher é constantemente empurrada para a periferia.

A representação de Pequena Abelha, enquanto mulher negra colonizada e subalternizada, reforça o pensamento de Spivak. A atitude da personagem frente ao colonizador, principalmente Sarah e Lawrence, ou mesmo ao dirigir-se diretamente ao leitor, é frequentemente representada como uma postura de exaltação à metrópole:

Seu sistema é cruel, mas muitos de vocês foram bondosos comigo. Mandam caixas de doações. Vestiram meu terror com botas e uma camisa colorida. Mandaram esmalte para meu terror pintar as unhas. Enviaram livros e jornais. Agora o terror sabe falar o Inglês da Rainha.⁴² (CLEAVE, 2010, p. 54)

Ainda que presa e forçada a conviver com outros detentos em um ambiente distante do ideal, a generosidade do colonizador é aclamada. Como já mencionamos, a voz do subalterno é utilizada para a autocritica e a autopunição, para a demonstração da inferioridade da cultura estrangeira à capital colonial. As considerações da personagem aprofundam ainda mais a lacuna existente entre o Eu colonizador e o Outro.

Devemos pontuar, ainda, que a voz de Pequena Abelha, bem como a de Sarah, estão entrelaçadas com a de Cleave, ressaltando na narrativa elementos problemáticos acerca das noções de masculinidade e feminilidade aplicadas às personagens. No entanto, lançaremos foco sobre essa discussão em um capítulo oportuno, dedicado especificamente à análise de questões de gênero que permeiam a obra.

Mantendo a subalternização feminina em nosso horizonte de análise, a autora esclarece que, uma vez silenciado, o subalterno geralmente depende de outros, comumente identificados dentro do círculo colonizador hegemônico, para se expressar. A mulher, nesse sentido, encontra-se constantemente afastada de qualquer poder, seja ele político, econômico ou cultural, por uma força patriarcal hegemônica subalternizante frente a uma somatória de diferentes elementos como raça e classe social.

É evidente, assim, a ligação entre representação e poder dentro do contexto pós-colonial. Enquanto subalternizado, o indivíduo não encontra espaço dentro das estruturas sociais

⁴² [...] Your system is cruel, but many of you were kind to me. You sent charity boxes. You dressed my horror in boots and a colourful shirt. You sent it something to paint its nails with. You posted it books and newspapers. Now the horror can speak the Queen's English. [...] (CLEAVE, 2008, p. 67)

hegemônicas para que possa se expressar sem reproduzir um discurso colonizador. Em resposta à pergunta “Pode o subalterno falar?”, Spivak declara: “Não há nenhum espaço a partir do qual o sujeito subalterno sexuado possa falar” (SPIVAK, 2010, p. 121); “O subalterno como sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido.” (SPIVAK, 2010, p. 124). Longe de demonstrar uma incapacidade inata do sujeito subalterno de falar, de representar a si e à sociedade onde vive, as palavras de Spivak mostram que a voz subalterna é constantemente oprimida dentro de um sistema de representação patriarcal e hegemônico, sendo normalmente, e notadamente, anulada, calada, tomada, ou necessitando de legitimação para se fazer ouvida.

Frente às relações de poder inerentes à representação de si e da sociedade, algumas questões precisam ainda ser discutidas: existe possibilidade da voz colonizada ser ouvida? Ora, uma vez essa possibilidade sendo quase nula dentro das estruturas de poder, quando fora dessas, o subalterno pode se expressar. Mais que um ato de resistência, a expressão fora de estruturas colonizadoras pode ser vista, diversas vezes, como um ato subversivo. É a partir dele que a cultura, o pensamento, e muitas vezes a língua imposta ao colonizado são rearranjadas, reinterpretadas e redefinidas, e o discurso colonizador pode se transformar no discurso do colonizado, a voz subalterna pode se fazer ouvida.

Cláudia Maria Ceneviva Nigro, em seu artigo *A literatura que abriga mulheres* (2017), defende a arte literária como uma forma de expressão dos sujeitos subalternizados.

Ao nascermos, surge conosco uma narrativa. Se você é definido como homem, espera-se que a cumpra sendo forte, ousado, inteligente, empreendedor, entre outros adjetivos que o compõem no imaginário ocidental. Presume-se também que se tenha uma vida próspera, que se case e demonstre a virilidade em inúmeros filhos e netos, não necessariamente com a mesma esposa. No entanto, se for decretada como o outro (mulher, gay, transexual, etc.), nada se espera de você: inexistente, invisível, ou quando muito, incômoda. No registro da vida ordinária somos assim, mas na literatura podemos ser... fora dessas caixinhas. (NIGRO, 2017, p. 24)

A literatura apresenta-se, então, como uma forma de empoderamento da voz à margem. O pensamento é livre, os corpos soltam-se das amarras patriarcais e hegemônicas, e o representar torna-se mais que um exercício de expressão: é agora um exercício de resistência. Nigro continua seus comentários sobre o pensamento de Spivak, focalizando as críticas ao ideário de Foucault acerca da representação como um “falar por”:

Irá falar apenas o que interessa para o outro. As discordâncias serão radicalmente apagadas. Para o subalterno ter voz, teria que falar dentro das representações existentes e criar novas representações. Empoderar-se.

Onde fazer isso? Na literatura. Na contemporaneidade. Com abordagens não apenas imanentes do texto, como os estudos de gênero, as abordagens sociopolíticas, as complexas relações estabelecidas pelo ato de fala, desviante e propiciador de aberturas das normas prescritas, e os estudos subalternos, principalmente o latino-americano. (NIGRO, 2017, p. 25)

Na contemporaneidade, segundo a autora, a voz subalterna não está relegada apenas a espaços fora dos sistemas de poder. A literatura permite que essa voz não apenas crie novos locais nos quais pode ser ouvida, mas também aproprie-se de estruturas já construídas. Apoderar-se e empoderar-se são intervenções essenciais para a construção representacional de grupos subalternizados. A partir delas ressignifica-se o pensamento e quebra-se o engessamento secular das estruturas de poder.

A voz de Pequena Abelha, enquanto mantenedora do liame entre a voz colonizadora e a colonizada, reproduz as arquiteturas de poder representadas por Cleave. Ainda que haja durante a narrativa a identificação por parte das personagens acerca de privilégios do sujeito colonizador, parece não haver lugar para discursos que ultrapassem a hegemonia metropolitana. O mundo apresentado por Cleave é heteronormativo, racialmente limitante e hegemonicamente estruturado.

Finalmente, um último questionamento faz-se necessário: qual o lugar da voz subalterna dentro de um sistema hegemônico patriarcalista e opressor? Enquanto vozes destoantes em uma sociedade colonizadora, o “fazer-se ouvir”, ou “fazer-se notar”, pode muitas vezes parecer pequeno, ou mesmo insignificante, em meio a discursos de poder mais antigos, mas o empoderamento desses sujeitos é um aceno e um convite para o surgimento de novas vozes.

Ao apoderar-se de discursos colonizadores e remodelar representações preestabelecidas pelo pensamento dominante, prova-se que as estruturas de poder podem ser corroídas e reconstruídas; e ao situar a representação fora dos terrenos dominados pela hegemonia patriarcalista colonizadora, semeia-se campos que modificam as relações preestabelecidas entre poder e representação.

Lançaremos foco, então, às ideias de Judith Butler, concentrando-nos em suas considerações sobre as ligações existentes entre a representação e as relações de poder centradas em questões de gênero.

1.4.2 Judith Butler: gênero, poder e representação

Judith Butler, filósofa estadunidense, discute algumas relações estabelecidas entre poder e representação, a partir de um prisma voltado principalmente para indagações sobre gênero e

feminismo. Assim como defendido por Spivak, Butler também compreende que os liames entre poder e representação perpassam relações sociais ligadas a questões sexuais, raciais, econômicas, entre outras.

Inicialmente, algumas considerações sobre o pensamento de Butler acerca da construção de identidade e subjetividade são necessárias. Para tanto, trazemos ponderações de Sara Salih, expressas em *Judith Butler e a teoria Queer* (2012), na qual a autora explora, ainda que de forma bastante breve, os escritos de Butler presentes em livros como *Bodies that Matter* (1993), *Gender Trouble* (1990), *Subject of Desire* (1987) e *The Psychic Life of Power* (1997), entre outros.

A autora tem em suas bases ideias dos filósofos Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Michel Foucault, Luis Althusser, e Jacques Derrida. Ao debruçar-se sobre suas fontes, Butler reexamina conceitos desses pensadores acerca do sujeito e de sua construção para, em seguida, desenvolver uma visão particular sobre a subjetividade.

A filósofa inicia, então, seus questionamentos acerca da construção do sujeito. Em suas percepções, Butler utiliza-se das concepções de Hegel sobre a dialética, superando-a, de modo a levá-la para além de fronteiras binárias. Ao inquirir a maneira pela qual a existência do sujeito é compreendida socialmente, Butler entende que, sendo nosso entorno social, cultural e político apreendido através da linguagem, a existência do sujeito só pode acontecer também por meio linguístico. A autora confronta as ideias de Hegel com aquelas de Derrida, apropriando-se de acepções do filósofo francês, segundo as quais o sujeito é fruto de um processo não teleológico, ou seja, um devir que não almeja um resultado final. Desse modo, como explicam Joana Plaza Pinto, em *Do performativo à performatividade: a vulnerabilidade à linguagem* (2013), e Sara Salih, em *Judith Butler e a teoria Queer*, Butler concebe sua concepção de sujeito enquanto uma estrutura linguística constantemente em processo de formação.

Para Butler, o corpo é vulnerável à linguagem, no sentido de que a linguagem, sendo performativa, opera, faz, e, sendo assim o corpo é feito e efeito, sustentado e ameaçado pela linguagem. Os atos de fala operam não somente a produção reguladora e produtiva sobre aquilo que nomeiam, mas também constituem seus contextos possíveis – a sua historicidade condensada. (PINTO, 2013, n.p.)

De acordo com Butler, a afirmação de Derrida de que o signo não consegue chegar à completude constitui um desafio a Hegel porque revela que a “ambição” do sujeito de atingir o ser absoluto é uma impossibilidade. Se o sujeito é construído na linguagem e se a linguagem tal como é teorizada por Derrida é incompleta e aberta, então o *próprio* sujeito será igualmente caracterizado por sua incompletude [...] (SALIH, 2012, p. 54)

Como uma contínua transformação de si, o sujeito de Butler nunca alcança uma completude, sua reconfiguração, como um movimento de destruição e reconstrução, é constante e fortemente ligada ao ambiente social e cultural no qual se encontra. Butler envereda seu pensamento pelos campos políticos da representação social, mantendo em seu horizonte de análise indagações sobre o corpo, o sexo e o gênero ao se perguntar como essas questões afetam a formatação do sujeito e como as estruturas de poder determinam sua forma de existência.

No romance de *Cleave* o corpo é comumente visto como um refúgio. Encarcerada no Centro de Imigrantes, Pequena Abelha utiliza seu corpo como forma de defesa contra a possível violência iminente em meio a outros refugiados:

Tornei-me repulsiva. Não me lavava, deixei minha pele ficar oleosa. Debaixo da roupa, enrolei uma larga faixa de algodão em torno do peito para fazer meus seios parecerem pequenos e achatados. Quando as caixas com doações chegavam, cheias de roupas e sapatos de segunda mão, algumas das outras moças tentavam se embelezar mas eu revirava as caixas de papelão procurando roupas que escondessem minhas formas. Usava jeans largões, camisas masculinas com estampas havaianas e botas pretas pesadas com as chapas das biqueiras brilhando através do couro rasgado. Procurei a enfermeira do centro e pedi para que cortasse meu cabelo bem curto com a tesoura cirúrgica. Durante os dois anos inteiros, nunca sorri nem olhei para a cara de homem nenhum. Estava apavorada. Só à noite, depois que trancavam os homens, eu voltava para minha cela, desenrolava a faixa de algodão que me apertava os seios e respirava fundo. Então, tirava minhas botas pesadas e dobrava as pernas, encostando os joelhos no queixo. Uma vez por semana, sentava no colchão de espuma da cama e pintava as unhas dos pés.⁴³ (CLEAVE, 2010, p. 14-15)

Sincronicamente, o corpo torna-se um escudo e também uma maneira de Pequena Abelha conseguir se expressar: uma defesa e um cárcere simultaneamente, é por meio dele que, ao libertar os seios, Pequena Abelha sente o alívio da segurança e pode lembrar de si ao pintar as unhas, não obstante todo o aparato de defesa volte a ser usado no dia seguinte.

A descrição da fuga da garota pela selva nigeriana também mostra como o corpo está intimamente relacionado ao constante perigo de sofrer violência. Quando correndo de seus perseguidores, rumo à praia nigeriana, não se esconde com roupas:

⁴³ I made myself undesirable. I declined to wash, and I let my skin grow oily. Under my clothes I wound a wide strip of cotton around my chest, to make my breasts small and flat. When the charity boxes arrived, full of secondhand clothes and shoes, some of the other girls tried to make themselves pretty but I rummaged through the cartons to find clothes that hid my shape. I wore loose blue jeans and a man's Hawaiian shirt and heavy black boots with the steel toecaps shining through the torn leather. I went to the detention nurse and I made her cut my hair very short with medical scissors. For the whole two years I did not smile or even look in any man's face. I was terrified. Only at night, after they locked the men away, I went back to my detention cell and I unwound the cloth from my breasts and I breathed deeply. Then I took off my heavy boots and I drew my knees up to my chin. Once a week, I sat on the foam mattress of my bed and I painted my toenails. [...] (CLEAVE, 2008, p. 9-10)

[...] Quando precisei ir ao toalete, enterrei minhas fezes para não deixar rastro nenhum. Todo ruído que escutava, pensava que eram os homens voltando. Dizia para mim mesma: Abelhinha, os homens vêm aí arrancar suas asas. [...] ⁴⁴ (CLEAVE, 2010, p. 141)

A configuração animalesca da busca pela liberdade corrobora com a narrativa de selvageria atribuída a terras estrangeiras pela metrópole.

[...] Havia campos dos dois lados da estrada. E eram campos lindos, com capim verde tão fresquinho que até dava fome. Olhei para aqueles campos e pensei: eu seria capaz de ficar de quatro e enfiar meu rosto naquele capim e comer, comer, comer sem parar. E era isso mesmo que uma grande quantidade de vacas fazia à esquerda da estrada, e uma quantidade maior ainda de carneiros à direita. ⁴⁵ (CLEAVE, 2010, p. 60)

Se na Nigéria ela busca a evasão na animalização de seus atos, na Inglaterra sua fuga é perpetrada por meio de subterfúgios mais “refinados”, como a ocultação de sua feminilidade.

Qual é, portanto, a relação estabelecida por Butler entre o corpo e o poder? Em que medida as atitudes de Pequena Abelha podem ser vistas por Butler como políticas? Podemos procurar as respostas ao considerar os escritos da filósofa que, utilizando-se de argumentos sobre a construção subjetiva feminina, esclarece, em *Problemas de gênero* (2016), uma das formas pelas quais a política e a representação inter-relacionam-se na configuração do sujeito:

Mas *política e representação* são termos polêmicos. Por um lado, a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. (BUTLER, 2016, p. 18)

Qual seria, pois, o motivo de lançarmos foco em questões relativas ao desenvolvimento do sujeito? Em que medida a confecção identitária está relacionada à representação? De acordo com Butler, a construção da identidade e, por extensão, do sujeito, é permeada por vias políticas

⁴⁴ [...] When I had to go to the toilet I buried my excrement so that I would not leave any traces. Every noise I heard, I thought it was the men coming back. I said to myself, *Little Bee, the men are coming to tear your wings off.* [...] (CLEAVE, 2008, p. 192-193)

⁴⁵ [...] On both sides of the road there were fields. And these were beautiful fields, with bright green grass so fresh it made you hungry. I looked at those fields and I thought, I could get down on my hands and my knees and put my face into that grass and eat and eat and *eat*. And that is what a very great number of cows were doing to the left of the road, and an even greater number of sheep to the right. (CLEAVE, 2008, p. 76)

e de poder. A representação é, portanto, atuante na concepção do indivíduo, mas também se faz fundamental enquanto ferramenta política.

Para a filósofa, o sujeito é discursivo, bem como político e, portanto, encerra em si possibilidades de repressão e manutenção da ordem patriarcal, heteronormativa e hegemônica, social e culturalmente estabelecida, além da oportunidade de desconstrução, subversão e libertação dessa ordem. Talvez esse poder subversivo do sujeito esteja intimamente ligado à extensa análise da autora acerca do processo de formação subjetiva.

Ao inquirir sobre a forma como o sujeito, como o Eu é construído, Butler põe em cena a questão do Outro, ou seja, a subjetividade exterior ao Eu. Nesse sentido, Salih esclarece a concepção de Hegel, acerca da relação entre o Eu e o Outro:

Hegel diz que é apenas através do reconhecimento e do conhecimento de um outro que o “Eu” pode conhecer a si mesmo, de modo que o desejo é sempre um desejo por algo que é “Outro”, o que acaba por ser um desejo pelo *próprio* sujeito [...] Há na *Fenomenologia* dois modos de desejar: o desejo pelo Outro, que leva à perda do Eu, e o desejo por si mesmo (ou, em outras palavras, a autoconsciência) que leva à perda do mundo [...] Dito de outro modo, o sujeito só pode conhecer a si mesmo *através de um outro*, mas no processo de reconhecer a si mesmo e constituir sua própria autoconsciência, ele deve superar ou aniquilar o Outro, caso contrário ele coloca em risco sua própria existência [...] O desejo é, em outras palavras, equivalente à *consumação* do Outro. (SALIH, 2012, p. 41)

Butler serve-se das ideias de Hegel ao contrapor o outro ao eu, entretanto, admite que a concepção fenomenológica de autoconhecimento, como indicada pelo filósofo germânico, possível apenas por meio da superação do outro pelo eu, não se sustenta na contemporaneidade, nem na filosofia crítica⁴⁶ empregada pela filósofa. Segundo a autora, o Eu e o Outro – ou Outros – não se configuram enquanto elementos particulares em confronto, mas enquanto partes de um mesmo todo. Como ator político, social e cultural, o sujeito modifica sua exterioridade e por ela é modificado.

Podemos vislumbrar um exemplo dessa interação entre o Eu e o Outro no desenvolvimento da personagem Sarah, principalmente em relação a Lawrence e ao trabalho. Inicialmente, o elemento definidor de Sarah é o casamento, pois toda sua vida desenvolve-se em torno do fato de ser a esposa de Andrew O’Rourke, ser mãe de Charlie, ou ter um relacionamento extraconjugal com Lawrence:

⁴⁶ Butler acredita que a crítica filosófica deve ser capaz de proporcionar ao sujeito as condições necessárias para a compreensão das possibilidades ilimitadas de transformação do sujeito e de reinvenção individual.

Naquele verão — o verão em que meu marido morreu — todos tínhamos identidades que relutávamos em abandonar. Meu filho tinha sua fantasia de Batman, eu ainda usava o sobrenome de meu marido e Pequena Abelha, a nossa Abelhinha, apesar de estar relativamente em segurança conosco, ainda se agarrava ao nome que adotara numa época de terror. Éramos exilados da realidade, naquele verão. Éramos refugiados de nós mesmos.⁴⁷ (CLEAVE, 2010, p. 30)

Entretanto, com a entrada de Pequena Abelha em sua vida e a perda de seu marido, a personagem inicia um processo de transformação identitária na qual sua função enquanto base do relacionamento familiar – esposa e mãe – é questionado. Sarah percebe que a falta do marido modifica sua função na sociedade:

[...] A partir de agora, será sempre assim que as pessoas olharão para mim, imagino, como uma estrangeira nessa pátria do meu coração onde nunca deveria ter chegado.⁴⁸ (CLEAVE, 2010, p. 102)

Adotar o nome de Andrew O'Rourke foi a segunda decisão de verdade da minha vida, e foi errada. Imagino que Abelhinha me compreenderia. Assim que nós abrimos mão de nossos nomes verdadeiros, ela e eu, estávamos perdidas.⁴⁹ (CLEAVE, 2010, p. 131)

Em sua redescoberta, Sarah reorganiza sua vida, excluindo sua identificação como mulher casada. Nesse processo, Pequena Abelha funciona como a principal ferramenta de transformação, pois ela ajuda Sarah a reatar laços com o filho e com o amante.

A relação entre Sarah e Pequena Abelha, entretanto, não parece ser tão benéfica para a garota, pois ela é novamente presa na Inglaterra, deportada e encarcerada uma vez mais na Nigéria. Ainda que durante a narrativa a intensidade dos pensamentos suicidas de Pequena Abelha diminua, o que mostra certa evolução para a personagem, a violência de seu segundo encarceramento deixa claro o colonizado como instrumento na resolução dos problemas do colonizador, mas o inverso não é verdadeiro. Sarah tem sua família novamente, seu filho não é mais o “Batman”, e seu amante espera seu retorno, ela tem uma nova missão de vida: terminar

⁴⁷ That summer—the summer my husband died—we all had identities we were loath to let go of. My son had his Batman costume, I still used my husband’s surname, and Little Bee, though she was relatively safe with us, still clung to the name she had taken in a time of terror. We were exiles from reality, that summer. We were refugees from ourselves. (CLEAVE, 2008, p. 31)

⁴⁸ It’s the way people will always look at me now, I suppose, as a foreigner in this country of my heart I should never have come to. (CLEAVE, 2008, p. 136)

⁴⁹ Taking Andrew O’Rourke’s name was the second real decision of my life, and it was wrong. I suppose Little Bee would understand me. As soon as we let go of our real names, she and I, we were lost. (CLEAVE, 2008, p. 178)

o livro de seu falecido marido. Pequena Abelha, porém, não tem sua liberdade. Na relação entre o Eu e o Outro, o Eu de Pequena Abelha parece operar em função do Eu de Sarah.

Ainda sobre essa exterioridade em relação ao sujeito, podemos notar pontos de encontro entre a outridade como idealizada por Butler e por Spivak. Ainda que Spivak discursse sobre o Outro enquanto colonizado e subalternizado, e Butler se debruce sobre os Outros enquanto composição e exterioridade do Eu, em ambos os casos a outridade mostra-se como elemento representacional essencial de construção da subjetividade individual. Uma vez a existência do sujeito sendo condicionada às influências de seu entorno, a existência do Eu é possível apenas em sociedades nas quais o Eu e os Outros promovem um reconhecimento recíproco, pois, segundo Butler, apenas a partir do olhar dos Outros, o Eu pode engendrar a constante ressignificação de si e da sociedade e, dessa maneira, consumir sua capacidade de autorrenovação e de transformação social.

Se o sujeito retém o poder de preservação e de subversão da ordem hegemônica regente da sociedade, podemos ainda nos questionar como esse poder é expresso. Para responder a esse questionamento, Butler nos apresenta seu entendimento acerca da noção austiniana de performatividade.

A autora apropria-se da ideia de performatividade concebida pelo filósofo James Austin, adicionando sua compreensão sobre o assunto. Mas o que seria, segundo Butler, um enunciado performativo?

A filósofa explica que, segundo Austin, para além dos enunciados binários, resumidos nas ideias informativas de verdadeiro ou falso, a performatividade indica os enunciados que promovem uma ação. Para a autora, a partir dos enunciados performativos o gênero é construído e demolido para, em seguida, ser reformulado.

Enquanto construto linguístico, é por meio da linguagem que o indivíduo se expressa, apreende o mundo e por ele é apreendido. Se o sujeito é linguisticamente construído e, como mencionado, Butler rejeita a existência unicamente de construções binárias, como ideal cerceador e limitante, podemos depreender que, para a autora, o sujeito não se constitua enquanto entidade presa a binarismos.

Os binarismos são, portanto, incluídos do horizonte de análise da filósofa enquanto elementos participativos, ou seja, como constituintes de uma pluralidade. Assim, Butler reconhece a existência de binarismos, mas não enquanto concepção solitária na criação subjetiva. A ideia da autora perpassa o reconhecimento de binaridades ao mesmo tempo que orienta seu olhar rumo à compreensão da performatividade enquanto conceito altamente pluralizante. Mas o que seria, então, a performatividade para Butler?

Ao falar acerca do entendimento da filósofa sobre performatividade, Salih reitera que, na visão de Butler, o sujeito é elaborado pela linguagem e, a partir de enunciados performativos, seu discurso e seus atos constroem o Eu. Junto ao Eu é concebida também uma identidade de gênero, reconhecida a partir de uma sequência de atos e enunciados comumente baseados em características estereotípicas, sem que sejam necessariamente estabelecidas relações diretas entre o performativo e o considerado como biologicamente designado, como explica a autora:

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino quanto um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino quanto um feminino. (BUTLER, 2016, p. 26)

Fora dos padrões exclusivamente binários, as relações entre sexo e gênero perdem seu status hegemônico, regido por leis heteronormativas, e dão lugar a novas construções de sexo e gênero. A partir da ideia de performatividade o sujeito é livre para explorar essas novas composições e continuar sua incessante autorrecriação livre de amarras.

Na narrativa de Cleave, Pequena Abelha é talvez a principal personagem a desafiar padrões de gênero, uma vez que sua relação com o masculino é bastante problemática desde o início. Os homens são vistos como figuras assustadoras, emissários de todo tipo de violência, encontrando nas mulheres seus alvos preferenciais. Ao ser questionada sobre o tipo de homem com o qual prefere se relacionar, a violência é o principal elemento citado por Pequena Abelha:

— Qui tipo de homi que tu gosta, Musquitinha?

Olhei para o chão. Havia capim ali, crescendo através do asfalto, e eu o arranquei com as mãos. Quando pensava em homens, sentia um medo na minha barriga, tão forte que era como se houvesse facas me furando. Não queria falar, mas Yvette me empurrou com o cotovelo.

— Vamo lá, Musquita, que tipo de garoto é o da madame aí?

— Ah, o comum, sei lá.

— Quê? Mas que comum é esse? Alto, baixo, magro, gordo? Fitei minhas mãos.

— Acho que meu homem ideal tem de falar uma porção de línguas. Tem de falar ibo e iorubá e inglês e todas as outras línguas. Tem de poder falar com qualquer pessoa, até com os soldados, e se eles tiverem violência nos corações ele tem de poder mudar isso. Sem precisar lutar, entende? Talvez ele não seja muito bonito, mas ficaria lindo quando falasse. Teria de ser muito gentil e bondoso, mesmo que a gente queimasse a comida dele porque estava conversando com as amigas em vez de tomar conta do fogão. Ele só diria: Ah, não faz mal.

Yvette me encarou.

— Me discurpe, Musquita, mas esse seu homi ideal num parece que é muito rialixco.

A moça dos documentos levantou o olhar de seus tênis Dunlop Green Flash.
— Deixe ela em paz. Não está vendo logo que ela é virgem?⁵⁰ (CLEAVE, 2010, p. 62)

O fato de Pequena Abelha não ter tido contato sexual com homens reforça a distância que a garota deseja manter, uma vez que eles são constantes ameaças, como os soldados que assassinaram sua irmã, ou Lawrence, que deseja entregá-la à polícia. Os policiais ingleses e nigerianos querem prendê-la, os funcionários do Centro de Imigrantes lhe são indiferentes, os refugiados homens representam uma ameaça de estupro, e o taxista para o qual ligam ao sair do Centro de Imigrantes declara abertamente seu ódio pelos estrangeiros ali encarcerados: “— O homi do táxi falô que num vem pegá ninguém nesse lugar aqui. Ele falô assim que a gente aqui é escória. Tu sabe quié isso?”⁵¹ (CLEAVE, 2010, p. 20).

Andrew, por exemplo, consumido pela culpa, comete suicídio, encerrando qualquer possibilidade de convivência com Pequena Abelha, e os únicos homens a ajudá-la, trabalhadores de uma fazenda próxima ao centro de detenção de imigrantes, deixam claro que elas são um incômodo:

[...] — Temos um dormitório onde nossos trabalhadores temporários dormem. Está vazio no momento. Só é usado durante a colheita e a tosquia. Podem ficar lá uma semana, não mais. Depois disso, não são mais problema meu. Sorri para o seu Ayres, mas ele fez um gesto com a mão dispensando o meu sorriso. Talvez seja assim que se enxota uma abelha antes que ela chegue perto demais.⁵² (CLEAVE, 2010, p. 71)

⁵⁰ ‘What sorta man yu like, Lil Bug?’

I looked at the ground. There was grass there, pushing out of the tarmac, and I twisted it in my hands. When I thought about men, I felt a fear in my belly so sharp it was like knives piercing me. I did not want to speak, but Yvette nudged me with her elbow.

‘Come on, Bug, what sorta boy be madam’s type?’

‘Oh, you know, the usual sort.’

‘What? What yu mean, de *yoo*-sual sort? Tall, short, skinny, fat?’

I looked down at my hands. ‘I think my ideal man would speak many languages. He would speak Ibo and Yoruba and English and French and all of the others. He could speak with any person, even the soldiers, and if there was violence in their heart he could change it. He would not have to fight, do you see? Maybe he would not be very handsome, but he would be beautiful when he spoke. He would be very kind, even if you burned his food because you were laughing and talking with your girlfriends instead of watching the cooking. He would just say, *Ah, never mind.*’

Yvette looked at me.

‘Forgive me, Bug, but yore ideal man, he don’t sound very rill-istic.’

The girl with the documents, she looked up from her Dunlop Green Flash trainers. ‘Leave her alone. Can’t you see she is a virgin?’ (CLEAVE, 2008, p. 77-78)

⁵¹ [...] *Taxi man say he no pick up from dis place. Then he say, You people are scum. You know dis word?* (CLEAVE, 2008, p. 18)

⁵² ‘We have a dormitory where our seasonal labourers sleep. It’s empty at the moment. It’s only needed around harvest and lambing. You can stay there a week, no longer. After that, you’re not my problem.’

I smiled at Mr. Ayres, but Mr. Ayres waved away my smile with his hand. Maybe this is the way you would wave away a bee before it came too close. (CLEAVE, 2008, p. 91-92)

Para os poucos homens que a ajudam, Pequena Abelha é um ser indesejado e passageiro, nunca permanente. Mesmo Charlie, com quem consegue estabelecer um relacionamento de amizade, não sofre com sua partida, pois quando os soldados nigerianos vêm prendê-la, o menino parte para brincar com outras crianças na praia. A narrativa de Pequena Abelha também esbarra em estereótipos de gênero, como quando esta serve a família branca como babá ou como conciliadora familiar, mas desenvolvemos esse tópico no capítulo sobre questões feministas.

Ainda sobre a concepção de performatividade, é necessário lançarmos foco sobre a diferenciação entre performatividade e performance. Segundo Salih, Butler entende que a performance sugere a existência de um sujeito anterior à ação, enquanto a performatividade é compreendida como um “fazer” desprovido de um fazedor antecedente:

Ela [Butler] esboça aqui uma distinção entre *performance* (que pressupõe a existência de um sujeito) e *performatividade* (que não o faz). Isso não significa que não há sujeito, mas que o sujeito não está exatamente onde esperaríamos encontrá-lo – isto é, “atrás” ou “antes” de seus feitos. (SALIH, 2012, p. 65-66)

Butler compreende o sujeito enquanto criação dos enunciados performativos – são esses enunciados que formatam o sujeito e é através deles que suas reconfigurações são concretizadas. Dessa maneira, a ideia de Butler acerca da inexistência de um “fazedor”, como explicita Salih, indica a concepção subjetiva enquanto força motriz e produto de seu discurso: ele não tem existência fora do discurso e o discurso inexistente se dissociado dele.

Podemos entender, assim, que é a partir de construtos linguísticos representacionais que o sujeito compreende sua existência. Fora da linguagem, ou seja, fora das arquiteturas de representação e apreensão socioculturais, não há sujeito. Como fruto da história, cultura e sociedade, e enquanto processo e produto da linguagem, o sujeito guarda grande força de manutenção e subversão da ordem social em vigor, suas contínuas desconstruções e reconstruções reconfiguram, também, sua realidade individual e, conseqüentemente, podem desencadear transformações estruturais na sociedade.

Nessa sociedade, qual é a relação entre poder e representação, de acordo com Butler? Para a autora, o arcabouço representacional encerrado no sujeito é mantenedor de poder político, pois o próprio sujeito é um ser político. Dessa forma, mais do que apenas uma maneira de compreensão e manutenção de sua existência, é por meio da representação que o sujeito pode insurgir contra a repressão e o engessado poder hegemônico patriarcal, eurocentrado e heteronormativo. A subversão das estruturas de poder dá voz a grupos excluídos, relativiza

discursos enrijecidos e desestrutura normas sexuais arbitrariamente estabelecidas. Juntamente com Spivak, Butler reintroduz o sujeito subalternizado no discurso social, cultural e político ao incluir sua voz junto àquela produzida pelo discurso hegemônico.

No próximo capítulo, baseados nas ideias trabalhadas acima, discutimos mais profundamente a concepção de representação pela qual nosso estudo é norteado. Aprofundamos também nossas considerações sobre o discurso de personagens subalternizadas presentes na narrativa de Cleave.

1.5 Outros olhares para a representação

Uma vez postas as acepções aqui discutidas sobre representação, suas ramificações e contribuições para a compreensão desse conceito, podemos nos questionar: qual é, portanto, a ideia de representação a ser analisada no decorrer de nosso trabalho? O que ela engloba, e para onde volta seu olhar?

Ao trabalharmos com conceitos referentes à linguagem, enquanto concepção demasiada ampla para um estudo, é necessário que façamos um recorte, não apenas de um corpus específico, mas também do lugar desse corpus no interior da ideia de linguagem. Em meio ao complexo sistema significativo e comunicativo, nosso foco de análise volta-se especificamente à narrativa escrita em prosa.

Em *The Other Hand*, Cleave preza pelo texto narrado por suas próprias personagens, muitas vezes sublinhando elementos de oralidade, como na representação do modo de falar de Charlie e de Yvette, uma das mulheres libertadas do Centro de Imigrantes juntamente com Pequena Abelha. Na cena da saída do Centro, enquanto planejam o que fazer, a interação entre Yvette e a protagonista exemplifica a oralidade da narrativa: “Yvette veio para o meu lado. / — Quéqui nós vai fazê agora, Musquita? Num dá pra ficá aqui de jeito nenhum. Vamos andano, então, tá bom? / Sacudi minha cabeça.”⁵³ (CLEAVE, 2010, p. 65).

Um outro exemplo da oralidade na narrativa pode ser notada na transcrição da oração de Nkiruka, irmã de Pequena Abelha, quando percebe que será assassinada, uma vez que a prece da garota é transcrita de acordo com o Ibo, ou Igbo, língua nativa das irmãs, como vemos em citação na página 77 deste trabalho.

⁵³ Yvette came and stood beside me. ‘What we gonna do now, Bug? No way we can stay here. Let’s jus walk, okay?’
I shook my head. (CLEAVE, 2008, p. 83)

Nossas considerações acerca da representação inserida na narrativa nos levam a dois questionamentos basilares: qual o lugar da representação na literatura? De que maneira compreendemos a representação em nossa apreciação do texto literário?

Como discutimos, a narrativa não é apenas uma junção de ideias aleatórias, seu desenrolar acompanha a subjetividade – ou subjetividades – autoral. Não podemos excluir o autor de nosso horizonte de análise textual, ainda que ele, ou ela, não sejam o alvo específico de nossas considerações.

Paratextos desvendadores de experiências tornam-se importantes para a compreensão do que o autor entrelaça em seu texto e, embora a personagem adquira uma “quase” vida própria nas páginas escritas, é inegável como a criação autoral guia o olhar para o interior narrativo. A personagem é, portanto, em certa medida, parte criação autoral, parte reflexo do próprio autor.

Pequena Abelha, enquanto personagem subalternizada, tem em Cleave o meio pelo qual suas palavras são expressas. Sua história, enquanto africana, estrangeira, mulher e negra perpassa as complexas tramas do discurso colonizador. Da mesma forma, as interações de Sarah, Lawrence e Andrew ressaltam as percepções de gênero de Cleave, enviesado por suas experiências enquanto homem branco britânico.

Como criação subjetiva, a personagem observa a história narrada com olhos que se dividem entre o interior e o exterior autoral, uma vez que a personagem configura enquanto um ser linguístico parte proposital, parte acidental, que extrapola, consciente ou inconscientemente, a individualidade autoral. Seja através de memórias criadas ou modificadas, ou por meio de componentes imaginativos, a personagem e o narrador mantém suas características basilares ligadas ao autor, ao mesmo tempo em que, de alguma maneira, enriquecem sua subjetividade.

Enquanto o corpo físico do autor é composto de elementos biológicos, aquele da personagem manifesta-se fisicamente por meio do tomo, das páginas e palavras, ou mesmo potencialmente, através de arquivos virtuais. Entretanto, é inegável admitirmos a existência de ambos, haja vista a formação linguística do sujeito, como postulado por Butler (2016).

Assim como a personagem, o narrador é também parte da subjetividade autoral incluída no texto literário. Ao acompanhar a saga da protagonista e mostrar os rumos da narrativa, a voz do narrador, de certa forma, funde-se à voz autoral, como um aliado no contar literário.

Embora muitas vezes incorpóreo na realidade apresentada pela narrativa, a presença física do narrador é evidente na materialidade da página escrita, assim como sua existência enquanto ser linguisticamente constituído.

Ao atentarmos para o famigerado processo imposto à Gustave Flaubert quando da publicação de *Madame Bovary*, por exemplo, nos parece clara a noção de que autor e narrador

partilham suas bagagens subjetivas. Quando, em sua defesa, Flaubert identifica-se com sua personagem Emma Bovary, o escritor indica a inegável ligação entre autor e personagem, sustentando uma conexão que, em conjunto com o narrador, fusiona variadas subjetividades, a partir das quais o texto direciona a narrativa.

A tríade literária – autor, narrador, personagem – não encontra plenitude senão quando aliada ao leitor. Ao preencher as lacunas do texto, o leitor dá vida àquilo que está escrito. Quando mais uma subjetividade se junta àquelas que compõem o texto, uma nova gama de significados é gerada. O leitor traz suas experiências para dentro na narração e, conseqüentemente, modifica o texto como um reflexo de si.

Dessa maneira, nossa visão privilegia o encontro dos olhares desses sujeitos na qualidade de elementos no processo criativo e artístico e, principalmente, como fundamentais na construção dos complexos representacionais criados a partir da narrativa.

Uma vez que múltiplas subjetividades se fazem presentes em nosso horizonte de análise, é preciso observarmos o papel da sociedade na produção e leitura. O contato de Cleave com seus leitores revela como a obra literária reescreve a compreensão pública sobre questões sociais, culturais e políticas. Apesar da tentativa de Cleave em contar a história de Pequena Abelha, espelhando a realidade de outros indivíduos refugiados na Inglaterra, a reiterada evocação da Nigéria como um lugar violento e corrupto traça uma história única sobre o colonizado, ao mesmo tempo em que apaga os problemas do colonizador e reforça a presença autoral na trama literária.

Parece não haver entidade linguística capaz de escapar da constante influência cultural produzida socialmente. A sociedade é, de diversas maneiras, integrante na construção narrativa, bem como na leitura do texto. Contextos sociais diferentes promovem construções narrativas diversas e proporcionam leituras distintas.

Construtos representacionais são basilares não apenas na confecção do texto escrito, mas também em sua compreensão e análise. Uma vez que esses construtos são formados a partir das relações estabelecidas entre o indivíduo e seu entorno, ou seja, entre a subjetividade particular e aquelas que a cercam, parece clara a impossibilidade de desenvolvermos representações despojadas do cenário social, cultural, econômico e político no qual estamos inseridos: seja por meio de sua inserção ou de sua exclusão da trama narrativa. A sociedade é pilar da subjetividade individual.

Como já mencionamos, nas ideias de Butler e Spivak, as relações de poder configuram-se como componentes fundamentalmente presentes na sociedade e, portanto, constituintes das arquiteturas representacionais erigidas pelo indivíduo. Dessa maneira, compreendemos essas

relações enquanto ingredientes elementais na construção representacional subjetiva e presentes na linguagem, subsídio construtor da existência individual.

A partir dessas relações conseguimos compreender o universo subjetivo de Pequena Abelha, por exemplo. São suas interações com a irmã, com os soldados, com o casal O'Rourke etc., que moldam a personagem e permitem a emersão de sua carga subjetiva do caldeirão sintático criado por Cleave. As tramas de poder construídas nas interações entre as personagens desvelam as relações presentes em uma sociedade colonizadora, como a inglesa.

Essas relações de poder entrelaçadas com esquemas representacionais criados na subjetividade individual fazem da representação um processo, como também um produto, eminentemente político. Enquanto participantes do modo de construção representacional, autor, narrador, personagem e leitor são integrantes também politicamente norteadores do meio de apreensão da obra literária.

Como subjetividades também políticas, os indivíduos amalgamados no procedimento de edificação representacional estão intimamente ligados a questões de performatividade de gênero. A apreensão das subjetividades passa pelo corpo, generificado ou não, mas linguisticamente construído, envolto em toda a complexidade de seus elementos formativos, como por exemplo, as demandas acerca de questões raciais. Sobre a performatividade ligada a raça, apesar de não ser esse, a princípio, o foco de Butler, ela pode ser pensada a partir do prisma da autora.

Parece claro, para Butler, que a compreensão da performatividade de gênero é apreendida a partir de construtos representacionais edificados segundo uma apreensão íntima dos estereótipos sexuais. Ao expandir essa acepção rumo à percepção de questões raciais, entendemos que perante representações de raça, parece existir também uma performatividade racial.

Destarte, assim como ocorre com questões de gênero, a visão social lançada sobre tópicos raciais passa por crivos avaliativos fenotípicos mais severos. Mas parece notável que, assim como as ideias pautadas por elementos de gênero e sexo, nossa representação racial também perpassa um crivo intimista subjetivo baseado em apreensões culturais particulares.

Talvez o mais completo exemplo da ideia de raça enquanto performatividade possa ser visualizado nos preconceitos raciais. Ideias preconcebidas de raça, gênero e classe norteiam nossa percepção do outro e, conseqüentemente, afetam o modo como reconhecemos e recriamos a nós mesmos. Dessa maneira, a percepção de raça é sempre norteada por estereótipos basilares de nosso entendimento subjetivo do outro e do ambiente exterior ao Eu.

Se o gênero não é natural, mas é comumente compreendido socialmente como um afloramento fenotípico, não seria a raça também uma construção social, porquanto biologicamente o humano ser uma espécie que não se subdivide em raças? Claramente o conceito de raça é inteiramente pautado em construções regionais, sociais, culturais e econômicas.

Assim como o gênero, a raça é também uma ideia linguisticamente construída e social, cultural, econômica e politicamente influenciada (quando não totalmente norteadada) e, enquanto performance, está permanentemente entrelaçada em uma complexa teia de constructos representacionais. Aliada a percepções intimamente moldadas pelo indivíduo, a representação modela a percepção de si e do Outro, enquanto alavanca metamorfoses constantes na subjetividade individual e coletiva, transformando o universo interior e exterior.

Em *The Other Hand*, apesar de Cleave não focar em temáticas raciais, o preconceito está amplamente presente no discurso de suas personagens, ora de modo velado, ora de maneira explícita. Quando o grupo de Pequena Abelha é libertado do Centro de Imigrantes, o diálogo da personagem com um motorista de táxi desnuda o racismo colonial:

Olhei para o motorista. “We Are the Champions” ainda tocava no estéreo dele, muito alto. Percebi que precisava dizer ao motorista alguma coisa que mostrasse a ele que não éramos refugiadas. Queria mostrar que éramos inglesas, que falávamos a sua língua e compreendíamos todas as sutilezas da cultura de vocês. Também queria que ele ficasse feliz.

[...]

Acho que o motorista não me compreendeu. A expressão na cara dele ficou ainda mais azeda. Ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro bem devagar.

E disse:

— Lá na selva não ensinam boas maneiras para vocês, não, suas macacas?⁵⁴
(CLEAVE, 2010, p. 64)

A injúria racial direcionada a Pequena Abelha reforça a ideia dos povos africanos como selvagens. Se ao fugir de seus perseguidores as ações da personagem aludem a uma desumanização, ou mesmo animalização, do ser colonizado, as palavras do taxista expõem claramente a ideia racista da pessoa negra africana como inferior ao branco colonizador. O fato de Pequena Abelha não reagir à ofensa demonstra que Cleave, embora critique o pensamento

⁵⁴ I looked at the taxi driver. “We Are the Champions” was still playing on his stereo, very loud. I realized I needed to tell the taxi driver something that showed him we were not refugees. I wanted to show that we were British and we spoke your language and understood all the subtle things about your culture. Also, I wanted to make him happy. [...]

I do not think the driver understood me. The sour expression on his face became even worse. He shook his head from side to side, very slowly. He said, ‘Don’t they teach you monkeys any manners in the jungle?’ (CLEAVE, 2008, p. 81-82)

social inglês ao desvelar o preconceito latente nessa sociedade, parece manter uma mentalidade colonial.

Nosso trabalho propõe uma visão de representação na qual a atenção primordial não se concentre unicamente no texto, na subjetividade do escritor, do narrador, da personagem ou do leitor, mas que compreenda a aliança dessas individualidades na construção da representação; uma visão que abarque, em conjunto com essas subjetividades, suas peculiaridades econômicas, culturais, sociais, de gênero e raça, moldando suas próprias arquiteturas representacionais de criação e compreensão da realidade íntima e da existência exterior; uma visão em que a trajetória pessoal, a partir da qual apreendemos os elementos derivativos construtores da narrativa, é incluída como componente basilar da criação e da cognição, e, por fim, uma visão a partir da qual os veios de poder socialmente regentes despontam nas tramas narrativas de modo a clarificar as relações de opressão e submissão, inclusão e exclusão, historicamente, economicamente, socialmente e culturalmente construídas e mantidas, permitindo que elementos performativos de gênero e raça sejam reconhecíveis por meio do texto.

A representação, dessa maneira, enquanto processo e produto, abrange análises que ultrapassam a relação entre artista, obra e leitor, englobando elementos biológicos, sociais, culturais, econômicos, e políticos, todos inexoravelmente presentes na construção representacional.

2 O PÓS-COLONIAL EM *THE OTHER HAND*

Antes de comentarmos sobre a maneira como o pensamento pós-colonial se apresenta na narrativa de Cleave, gostaríamos de lançar foco brevemente sobre a história do continente africano, especialmente sobre a maneira como os interesses políticos e econômicos das grandes potências europeias subjugaram os povos nativos a fim de concretizar suas ambições expansionistas.

Posteriormente, comentamos mais especificamente sobre a formação e exploração da Nigéria, país de origem da protagonista de Cleave, de modo a compreendermos como o domínio econômico, cultural e político do então Império Britânico atuou, e ainda atua, na preservação de relações coloniais. Iniciamos, pois, nossas considerações observando o processo de dominação do continente africano pela Europa.

Esclarecemos ainda que, como um campo epistemológico que privilegia a história, o pensamento pós-colonial não é uno, mas tão diversificado quanto foram as experiências coloniais, existindo, portanto, diversos pós-colonialismos. Em nosso trabalho, entretanto,

focalizamos especialmente a realidade nigeriana, por ser a nacionalidade da protagonista de Cleave.

2.1 Expansões coloniais: um breve olhar sobre a dominação do continente africano

Na contemporaneidade, a colonização aparenta ser um tema demasiado distante dos pensamentos do dia-a-dia. Enquanto expansões territoriais parecem se distanciar das preocupações diárias de grande parte da população mundial, a colonização permanece como aspecto essencial do sistema econômico capitalista.

Se as preocupações sobre conquistas territoriais não são mais frequentes nas grandes cidades (ao contrário do que acontece com povos indígenas brasileiros, por exemplo), o enfoque cultural não pode ser menosprezado quando mencionamos os assaltos colonialistas a grupos sociais, por vezes, subjugados. Assim, iniciaremos o texto esclarecendo, brevemente, nossa compreensão sobre o conceito de colonialismo; quando começou; quais suas características; quando – e se – acabou, quais foram as motivações para seu término.

A conquista territorial e subsequente construção de colônias remonta a impérios tão antigos quanto os fenícios, egípcios e gregos. Como prática comum de civilizações da antiguidade, a colonização de novas terras visa, entre outros objetivos, a expansão territorial, o domínio comercial e a ampliação do poder político e militar de um império ou grupo social. Basicamente esses são os princípios norteadores da primeira onda colonizadora europeia, segundo a historiadora Tania Maria Chagastelles. Através das grandes empreitadas navais de Portugal, Espanha, Holanda e Inglaterra, o sistema capitalista marca definitivamente sua entrada nas Américas, na Ásia e na África.

Em seu texto *As sociedades africanas e o colonialismo* (2008), Chagastelles disserta acerca da colonização europeia sobre o continente africano, lançando foco especialmente no período compreendido a partir do século XIX.

Na América, constituíram-se as colônias-padrão da fase mercantilista. A África contribuiu com a mão-de-obra escrava. Com a Ásia, a Europa desenvolveu um lucrativo comércio de especiarias, além de estabelecer alguns enclaves coloniais de excepcional importância para o período seguinte. (CHAGASTELLES, 2008, p. 111)

Segundo a autora, a busca por matérias-primas, escravizados, bem como a exploração econômica dos territórios declinam e, finalmente, encontram um fim quando da independência das colônias americanas. Até o início das guerras de independência, a relação entre os impérios

européus e os povos africanos, por exemplo, estava centrada principalmente no estabelecimento de relações comerciais. Entretanto, quando a Europa inicia seu processo de revolução industrial, o olhar das grandes potências europeias volta-se novamente para o continente africano.

O livre comércio tornou-se a bandeira de uma nova fase imperialista que inaugurava as primeiras décadas do século XIX com a presença britânica e francesa na África. (CHAGASTELLES, 2008, p. 111)

A era da primeira expansão europeia, inaugurada pelos ibéricos e muito bem aproveitada pelos britânicos, encerrava-se. A evolução Industrial, a Revolução Francesa e a independência das colônias americanas se fizeram em função da nova filosofia burguesa – o liberalismo. Este condena o sistema de exclusividade, consagra o livre-cambismo, a livre concorrência e a liberdade para o trabalho. Generaliza-se uma atitude pragmática de liberdade comercial, enquanto o regime de escravidão passa a ter seus dias contados. (CHAGASTELLES, 2008, p. 113)

Com o fim do primeiro período colonial, ainda que a influência colonizadora das potências da Europa em certas regiões da África e Ásia não houvesse sido totalmente extinta, a ocupação e a exploração de territórios africanos configuraram-se, no século XIX, como um objetivo em comum para a manutenção da máquina industrial dessas economias. Chagastelles aponta, como porta de entrada para as grandes potências no continente africano, a demanda por expedições, ocorrida em meio ao furor científico da época, bem como as campanhas religiosas em busca da arrecadação de novos fiéis fora da Europa:

Alguns fatores, no entanto, conjugam-se para facilitar a partilha africana, de vez que proporcionaram o conhecimento do continente aos europeus, tão necessário à sua conquista: a atuação dos missionários e as expedições científicas.

Em 1815, havia apenas 200 missionários católicos fora da Europa. Em 1900, são 6.100. O mesmo acontece com os missionários protestantes, que são 16.000 em 1900. Trata-se de uma nova era de evangelização, inspirada por ideais humanitários e pela cruzada contra a escravidão, que abre rotas de penetração para o interior do continente. (CHAGASTELLES, 2008, p. 113)

Reflexos das missões evangelizadoras podem ser vistas na Nigéria atual, por exemplo, uma vez que, segundo o *Nigeria Inter Religious Council*, o islamismo e o cristianismo correspondem às duas maiores denominações religiosas presentes no país, e, de acordo com o *U.S. Department of State*, estima-se que, em 2012, 49,3% da população nigeriana era formada por cristãos e 48,8% por mulçumanos, significando que cerca de 2% praticavam outras ou nenhuma religião.

A narrativa de Cleave também indica a forte presença cristã em terras Nigerianas. Quando Sarah narra o episódio em que conheceu a protagonista, Nkiruka, também chamada de Bondade, irmã de Pequena Abelha, utiliza a ritualística cristã ao saber que está prestes a ser assassinada:

Comecei a chorar então, de medo. Andrew tremia. Bondade começou a rezar na língua de sua tribo.

— Ekenem-i Maria, gratia ju-i obi Dinweni nonyel-i, I new ngozi kali ikporo nine na ngozi dili nwa afo-i bu Jesu.

O matador voltou os olhos para Bondade e disse:

— Você vai ser a próxima a morrer.

— Nso Maria Nne Ciuku — continuou ela —, yo nyel’anyi bu ndi njo, kita, n’ubosi nke onwu anyi. Amém.⁵⁵ (CLEAVE, 2010, p. 118-119)

Abelhinha agora estava chorando. Bondade segurava a mão dela.

— Não fica com medo, não — disse ela. — Se eles nos matarem hoje, de noite a gente vai tá comendo pão com Jesus.⁵⁶ (CLEAVE, 2010, p. 121)

Ainda que pronunciada em sua língua natal, Nkiruka declama a oração “Ave Maria” e consola-se na ideia cristã do paraíso ao lado de Jesus Cristo. A relação da irmã de Pequena Abelha com uma religião cristã corrobora o sucesso das missões evangelizadoras não apenas na propagação de sua doutrina, mas também no apagamento das religiões endêmicas. Ademais, a presença preponderante, senão exclusiva, do cristianismo na narrativa, ainda que não com focalização relevante, denota o viés eurocentrado do texto de Cleave. Mesmo o enfado do funcionário do centro de detenção de imigrantes, quando questionado sobre a localização do telefone público, utiliza uma interjeição de caráter cristão: “[...] O funcionário olhou fixamente para o teto, como se houvesse algo de muito interessante lá em cima, e disse: *Jesus...* Depois, apontou com o dedo para o fim do corredor e disse: *O telefone é ali.*”⁵⁷ (CLEAVE, 2010, p. 11).

Embora campanhas evangelizadoras e civilizatórias fossem enviadas ao continente africano, persistia um grande receio europeu acerca de doenças e infecções provenientes das populações africanas nativas, a África era, na época, considerada como o “túmulos do homem

⁵⁵ I began to cry then, out of fear. Andrew was shaking. Kindness began to pray in her tribal language.

‘Ekenem-i Maria,’ she said, ‘gratia ju-i obi Dinweni nonyel-i, I new ngozi kali ikporo nine na ngozi dili nwa afo-i bu Jesu.’

The killer looked up at Kindness and he said, ‘You will die next.’

Kindness looked back at him. ‘Nso Maria Nne Ciuku,’ she said, ‘yo nyel’anyi bu ndi njo, kita, n’ubosi nke onwu anyi. Amen.’ (CLEAVE, 2008, p. 160)

⁵⁶ Little Bee was crying now. Kindness held her hand.

‘Do not be afraid,’ she said. ‘If they kill us today we will eat bread tonight with Jesus.’ (CLEAVE, 2008, p. 163)

⁵⁷ [...]The officer pointed his eyes at the ceiling, like there was something very interesting up there, and he said, *Jesus*. Then he pointed his finger down the corridor and he said, *There is the telephone*. (CLEAVE, 2008, p. 5)

branco” (CHAGASTELLES, 2008, p. 114). A resolução para os problemas europeus, entretanto, surge em conjunto com os grandes avanços na área médica. As novas possibilidades de combate a doenças endêmicas nas colônias alargam as portas de entrada das nações colonizadoras, além de promover um esvaziamento populacional, necessário frente à explosão demográfica causada pelas melhores condições de saúde na Europa. Vale destacar, entretanto, que a mesma preocupação não foi dispensada às populações nativas, podendo ser verificadas a partir de elementos como a morte em massa de populações africanas infectadas por doenças vindas da Europa, como a tuberculose e a varíola.

Os avanços tecnológicos ocupam também um lugar importante na nova fase colonial, principalmente nas áreas de transportes e comunicações. Os trens e navios movidos a vapor, assim como os cabos telegráficos, permitiram a incursão europeia nos territórios colonizados. Complicações foram tratadas, de modo geral, a partir da força militar, ainda que com algumas exceções, os povos revoltados com a dominação europeia foram sobrepujados pela potência bélica superior dos impérios.

Segundo Chagastelles, a migração em massa de europeus para as colônias ao redor do mundo não apenas enxugou o excedente populacional do continente, mas também era vista pelos próprios migrantes como uma forma de encontrar condições de vida melhores do que aquelas oferecidas pela metrópole colonial:

A Europa lança seus excedentes populacionais por todo o planeta, em um movimento migratório sem precedentes, formado especialmente por proletários que não encontram na sua pátria condições de sobrevivência. Por outro lado, na África subsaariana, pela primeira vez, o homem branco – missionários, cientistas, exploradores, comerciantes – sobrevive. (CHAGASTELLES, 2008, p. 114)

Auxiliados pelos avanços científicos, as levas migratórias marcavam o prólogo do processo colonizatório seguinte. Segundo a autora, sua fixação em território africano demarcava os interesses dos colonizadores em meio aos recursos naturais presentes em diferentes partes do continente.

Juntamente com os franceses, os britânicos são uma das principais forças colonizadoras do continente africano. Ainda que a presença de outras potências europeias como italianos, alemães, portugueses e espanhóis não possa ser ignorada, além dos *böers*, segundo a autora, uma herança holandesa remanescente no continente africano.

Além da presença de colonos, uma outra forma de prelúdio colonizatório indicado pela autora é a insolvência de dívidas pelos territórios africanos desejosos de modernizações. Nesse sentido, Chagastelles cita o exemplo do Egito:

O Egito, antigo palco das rivalidades franco-britânicas, constituiu, junto com a Tunísia, um dos territórios mais independentes do Império Turco, integrando-se ao sistema capitalista europeu como produtor de algodão. Mehemet Ali e seus sucessores aspiram à modernização das estruturas egípcias, aproximando-se de franceses e ingleses e aproveitando-se da sua rivalidade para contrair empréstimos e promover a construção do Canal de Suez.

O exemplo do Egito e da Tunísia é clássico e precursor de outros casos nos quais a invasão de capitais e empresas europeias leva à crise, ao rolamento das dívidas e, como consequência de sua insolvência, ao controle internacional imposto pelos credores. A perda da soberania antecede, nesses casos, o domínio efetivo e oficial da potência colonizadora. (CHAGASTELLES, 2008, p. 115)

Em consonância com a invasão de colonos e de capitais vindos da Europa, rumo às nações africanas, junta-se uma profunda crise econômica iniciada em meados da década de 1870, para a qual a solução, de uma crise que duraria cerca de 20 anos, foi a busca por sistemas de monopólios e pela proteção de mercado.

Afigura-se, então, uma doutrina de caráter imperialista, delineada frente ao sentimento xenofóbico, gerado por rivalidades entre as grandes potências econômicas, e por pseudociências que buscavam afirmar a raça branca como detentora de uma suposta superioridade. As fronteiras entre colonizadores e colonizados precisavam ser amplamente delimitadas, de modo a preservar a suposta superioridade natural do colonizador. Cria-se a ideia racial da excepcionalidade do homem branco, em contraste com a inferioridade de outros povos, uma narrativa racista cujos reflexos são sentidos ainda na contemporaneidade.

As rivalidades e disputas entre as nações europeias são transportadas também rumo às suas colônias, resultando na realização da Conferência de Berlim, na qual o continente africano, sem a colaboração de autoridades locais, é dividido entre as grandes potências europeias:

As rivalidades na região levaram à realização, entre 1884-85, da Conferência de Berlim, marco histórico do imperialismo contemporâneo. Sob o disfarce de objetivos humanitários, a conferência reúne vários países europeus, com maior ou menor interesse pelo continente africano, aos quais se unem o Império Turco e os Estados Unidos da América. Nenhuma [n]ação independente africana foi convidada a participar dos assuntos que diziam respeito, diretamente, aos seus territórios.

Invocando Deus no seu primeiro parágrafo, o documento que resultou da Conferência pouco cuidou dos objetivos humanitários iniciais, mas

estabeleceu “regras” a serem observadas pelas potências signatárias para apropriação “legal” dos territórios africanos. Esta passaria, em primeiro lugar, pela ocupação efetiva do território e, logo após, pela comunicação às demais potências e sua ratificação. (CHAGASTELLES, 2008, p. 119)

A Inglaterra teve seus interesses reconhecidos nos *Oil Rivers* do delta do Níger e, principalmente, o domínio absoluto da África Meridional. Após definir suas áreas de influência assinando tratados com dirigentes africanos, a contestação possível dessas áreas era contornada através de acordos ou tratados que as potências europeias realizavam entre si. Estes liquidaram com as rivalidades anteriores e definiram as esferas de influência metropolitanas e o mapa africano até a 1ª Guerra Mundial. (CHAGASTELLES, 2008, p. 120)

A partir da Conferência de Berlim, diversos tratados são firmados entre potências europeias e lideranças sociais africanas. Dessa maneira, o domínio europeu sobre os povos africanos ganhava um verniz de legalidade, ainda que em muitos casos, como explica a autora, processos fraudulentos tenham sido empregados por parte das metrópoles. Chagastelles, entretanto, pontua que em muitos casos os conflitos entre colonizadores e colonizados foram resolvidos por meios militares, o que evidencia que os povos colonizados não aceitaram passivamente a perda de sua soberania.

Seja por meio de expedições científicas, ou religiosas, revestidas ou não de um verniz humanitário e civilizatório; seja por meio de acordos fraudulentos e arrebatamentos econômicos, não podemos negar que o projeto imperialista europeu foi implementado com sucesso na África. A colonização não se deu apenas no tocante a territórios e fontes de matérias-primas, ao contrário, a colonização é ainda um processo cujos braços estendem-se até os dias atuais.

Como uma das maiores potências coloniais do período, a superioridade naval do Império Britânico, como sabemos, foi a chave para a conquista de muitos povos africanos. Dessa maneira, nas próximas linhas, gostaríamos de explorar um pouco mais sua história colonial, enfatizando especificamente a conquista dos territórios dos *Oil Rivers* e da Nigéria, importantes na contextualização da vida e fuga de Pequena Abelha, e do encontro entre ela e o casal O'Rourke na praia.

2.2 Entre metrópole e colônia: um breve olhar sobre a colonização nigeriana

Os primeiros contatos de mercantilistas europeus com a região da atual Nigéria remontam ao século XV. Segundo Marc Matera, Misty L. Bastian e Susan Kingsley Kent, no livro *The Women's War of 1929: Gender and Violence in Colonial Nigeria* (2012), o contato

dos povos da região com comerciantes europeus inicia as trocas de mercadorias como tecidos, armamentos e bebidas alcoólicas por escravizados. Esse sistema de escambo perdurou por alguns séculos, ao ponto que, segundo os autores, entre 1730 e 1810 a região foi a maior fornecedora de mão-de-obra escravizada para o novo mundo.

Quando a demanda pelo transporte de escravizados chegou ao fim com a proibição do tráfico pelos britânicos em 1807, alguns territórios africanos, cujas relações econômicas baseavam-se nessa espécie de comércio, viram-se subitamente desfalcados economicamente e, dessa maneira, em busca de novos produtos que suprissem sua demanda econômica e permitissem a manutenção das relações comerciais com as metrópoles. Nesse contexto, Chagastelles afirma que uma das saídas foi a comercialização do óleo de palma.

As regiões ocidentais, fornecedoras de escravos aos europeus – Serra Leoa, Costa do Ouro, Nigéria, as regiões do Rio Congo a Angola – foram as que primeiro se adaptaram às novas exigências do capital, ainda na época do livre-cambismo, desenvolvendo uma economia exportadora em substituição ao tráfico negreiro. Ali, o óleo de palma foi o primeiro substituto para a economia baseada no tráfico. (CHAGASTELLES, 2008, p. 115)

Os comerciantes do óleo de palma, cujos povos tinham suas terras localizadas no delta do rio Níger, voltam os olhos dos ingleses para a região da Nigéria. Segundo Chagastelles: “O delta do Níger, constituído pelos *Oil Rivers* (rios de óleo), atraiu os britânicos para a futura Nigéria, apesar da resistência dos iorubás.” (CHAGASTELLES, 2008, p. 115)

A partir do interesse britânico pelo óleo, necessário para a lubrificação das cada vez mais numerosas máquinas da revolução industrial, as sementes imperialistas fincam definitivamente suas raízes na região. Apesar dos produtos oferecidos pelos ingleses não serem de boa qualidade, como afirmam Matera et al., eles foram responsáveis, conjuntamente ao comércio de álcool, pela continuidade das relações mercantes com os povos nativos.

Produtos derivados da palma aumentaram significativamente em importância depois de 1830, quando europeus, ao aventurarem-se rumo à nascente do rio Níger, iniciaram negócios diretamente com comerciantes Igbos, trocando produtos manufaturados pelo óleo responsável por lubrificar a economia industrial britânica que se desenvolvia; e por grãos que poderiam ser transformados em *commodities* valiosas como sabão, margarina e ração animal.⁵⁸ (MATERA et. al., 2012, p. 16, tradução nossa)

⁵⁸ Palm products in particular took on increased significance after 1830, when Europeans ventured up the Niger river, encountering Igbo traders directly and exchanging manufactured goods for the oil that lubricated much of Britain’s newly-developing industrial economy and for the kernels that could be made into valuable commodities like soap, margarine, and cattle fodder. (MATERA et. al., 2012, p. 16)

As relações comerciais promoveram também a ampla entrada de missionários na região. De acordo com os autores, a partir de 1857 as empreitadas missionárias começam a ficar cada vez mais comuns, primeiramente a partir de iniciativas da igreja anglicana e, posteriormente, com o envio de missões católicas e protestantes. Dessa maneira, as comunidades nativas são exploradas comercialmente, além de iniciar-se um processo mais agressivo de colonização cultural sobre as populações de Igbos e Iorubás do delta do Níger.

Conforme Matera et. al., as relações pré-coloniais entre os povos nativos – aqui os autores focam-se especificamente naqueles de origem Igbo – são desmontadas e reorganizadas pelos colonizadores britânicos, em acordo com governos nativos, segundo preceitos europeus. No período pré-colonial até os primeiros anos da colonização, existia, na sociedade Igbo, divisão sexual do trabalho e de tarefas sociais, entretanto, de acordo com os autores, a visão do valor do indivíduo enquanto característica vinculada à sua “utilidade” no ambiente social, reservava para as mulheres posições significativas dentro da comunidade e oportunidades de ascensão em sua importância dentro da família.

Outra área de benefício mútuo para maridos e esposas relacionava-se ao processo de transformação dos frutos da palma em óleo. Homens colhiam os frutos, visto ser *nso* (uma abominação) em algumas partes das terras Igbo que mulheres subissem em árvores. As mulheres e os filhos eram responsáveis por extrair o óleo das fibras dos frutos. O óleo era de propriedade dos homens, mas as mulheres retinham o controle sobre os grãos [...] ⁵⁹ (MATERA et. al., 2012, p. 18-19, tradução nossa)

A produção do óleo envolvia homens e mulheres, existindo a divisão entre os produtos resultantes do trabalho familiar. Os autores esclarecem também que grande parte do comércio dentro da comunidade era realizado por mulheres, sendo a própria comunidade vista como responsável por permitir que a mulher pudesse realizar trocas comerciais e alimentar seus filhos.

Essa cadeia de codependência entre comunidade, homens e mulheres, formava a base da sociedade Igbo, sendo ainda imprescindível a adição do lado espiritual nessas relações. Matera et. al. argumentam que o mundo espiritual exercia grande influência na sociedade Igbo, uma vez que a concepção, por exemplo, era possível apenas quando existia concordância por parte do mundo espiritual, tanto quanto do mundo material.

⁵⁹ Another major area of mutual benefit for husbands and wives lay in the processing of palm fruits into oil. Men harvested the palm fruits, it being *nso* (an abomination) in some parts of Igboland for women to climb trees, and women and their children processed the fibers from the fruit into oil. This oil belonged to the men, but women retained control over the kernels [...] (MATERA et. al., 2012, p. 18-19)

As visões de mundo Igbo pré-coloniais envolviam uma série de sistemas de interdependências mútuas. Mesmo a concepção envolvia um esforço de cooperação bilateral – não apenas entre homens e mulheres, mas entre o mundo humano e o mundo espiritual, e mesmo entre os vivos e os mortos. A falta de consentimento por parte de qualquer um desses grupos “torna a concepção impossível”.⁶⁰ (MATERA et. al., 2012, p. 19, tradução nossa)

Essas ideias socialmente estabelecidas começam a mudar a partir do início do processo colonizatório. Os administradores coloniais britânicos em conjunto com as missões evangelizadoras vão aos poucos impondo aspectos culturais europeus nas sociedades colonizadas.

Um dos mais notórios administradores indicados pela coroa britânica foi Frederick Lugard que, a partir de 1894, assume o controle da região da Nigéria, iniciando, assim, o extensivo processo de colonização. Lugard instala uma sede administrativa britânica no oeste nigeriano e, com o apoio de missionários cristãos e das elites comerciais da nova colônia, inicia uma longa transformação cultural e política nos povos da região.

As mudanças, tão lamentadas pelas mulheres Igbo, ocorreram devido aos administradores coloniais britânicos e aos missionários cristãos – e, na verdade, até mesmo devido a homens e mulheres colonizados que desejavam fazer parte das novas autoridades do território, as elites insipientes do sudeste da Nigéria.⁶¹ (MATERA et. al., 2012, p. 28, tradução nossa)

Lugard iniciou processos de diálogo com chefes locais de modo a barrar avanços franceses, ao mesmo tempo que lhes garantia a “proteção” da *Royal Niger Company*, companhia da qual era representante – uma proteção contra as próprias armas da metrópole. Uma vez assegurado o domínio britânico sobre norte e o oeste nigeriano, Lugard volta-se para o interior das terras do Níger, em especial para um conjunto de emirados ao norte da Nigéria, os Emirados Muhammadan.

Os Emirados Muhammadan, tinham como principal fonte de relações comerciais das classes dominantes o tráfico de escravos. Segundo Matora et. al., Lugard investe contra os

⁶⁰ Pre-colonial Igbo worldviews involved, then, a series of systems of mutual interdependence. Even conception required an effort of mutual cooperation—not just between men and women, but between the human world and the spirit world and even between the living and the dead. The absence of consent on the part of any party “renders conception impossible. (MATERA et. al., 2012, p. 19)

⁶¹ The changing of the land lamented by Igbo women occurred at the hand of British colonial administrators and Christian missionaries—and, indeed, at the hands of colonized men and women who wished to be part of these new authorities in the land, the incipient comprador elites of southeastern Nigeria. (MATERA et. al., 2012, p. 28)

emirados com o apoio da coroa britânica com vistas a expandir o controle da metrópole sobre os emires da região:

Por volta de 1906, os emires haviam sido, como ditava o vernáculo imperial, “pacificados”, e acomodavam-se no processo de colonização: derrotados pelas armas britânicas, lhes foi permitido governar seus súditos sob o sistema de “governo indireto” de Lugard.⁶² (MATERA et al., 2012, p. 29, tradução nossa)

Dessa maneira, a administração dos territórios era feita de forma indireta, mantendo as estruturas governamentais como fantoches da coroa britânica. Lugard conseguiu, assim, assegurar o domínio colonizador sobre uma área maior do que a simples substituição de chefes locais por administradores coloniais poderia ter proporcionado.

Matera et. al. esclarecem que a doutrina de governo indireto não era algo novo para os ingleses, tendo sido iniciada desde as incursões do Reino Unido, na década de 1840, para a colonização da região do Punjab, na Índia. O sucesso das empreitadas rendeu aos britânicos, segundo os autores, uma série de ideias acerca do Reino Unido como uma “*ruling race*”, uma nação com habilidades quase natas para comandar:

Desenvolvido a princípio no Punjab, Índia, na década de 1840, quando os britânicos buscaram trazer a área para o controle imperial, o ideal promulgado pelo governo indireto retratava os britânicos imperialistas como homens de tamanha força de caráter, engenhosidade, e retidão moral, que um pequeno número deles poderia governar milhões de estrangeiros sem a necessidade de, para tal, recorrer à violência. (MATERA et. al., 2012, p. 29, tradução nossa)

O ideário de *ruling race*, perpetrado durante a expansão colonial, pode ser considerado como herança ainda viva não apenas nas vozes de alguns povos europeus, como também em concepções, notadamente adotadas por governos como o estadunidense, acerca de uma nação como superior e, portanto, moderadora de conflitos, uma ideia bastante utilizada como camuflagem para disputas geradas por interesses políticos e econômicos.

Podemos perceber que parte desse ideário transparece nos escritos de Cleave. As considerações de Pequena Abelha sobre aspectos sociais, culturais e políticos nigerianos, como a polícia corrupta e a ignorância das pessoas de seu antigo vilarejo sobre elementos quotidianos, como um refrigerador ou peças de decoração, retratam os cidadãos nigerianos como atrasados ou deveras isolados:

⁶² By 1906, the emirs had been, in the imperial parlance of the day, “pacified,” and were settling into the process of colonization; defeated by British arms, they were to be permitted to govern their subjects under Lugard’s system of “indirect rule.” (2012, p. 29)

Seria desse jeito, sabe, caso eu tivesse de parar para explicar cada coisinha para as garotas lá em casa. Teria de explicar o que é linóleo, água sanitária, pornografia *soft* e a mágica da mudança de forma da moeda inglesa de uma libra, como se todas essas coisas do dia a dia fossem mistérios tão maravilhosos. E num instante minha história se perderia nesse grande oceano de maravilhas, porque seu país daria a impressão de ser uma confederação encantada de milagres e minha historinha dentro dele pareceria muito pequena e sem mágica nenhuma. Mas falar com você é muito mais fácil porque posso dizer, olhe aqui, na manhã em que nos soltaram, o funcionário de plantão no centro de detenção de imigrantes estava vendo uma foto de uma moça de *topless* no jornal. Você compreende logo a situação. Foi por este motivo que passei dois anos aprendendo o Inglês da Rainha, para podermos falar assim sem precisar interromper a conversa.⁶³ (CLEAVE, 2010, p. 13)

Enquanto Pequena Abelha pondera acerca de elementos culturais e sociais provavelmente desconhecidos de seus conterrâneos, suas palavras reproduzem um discurso acerca da metrópole como um universo de maravilhas, em contraste com seu próprio mundo. O pensamento colonial parece frequentemente apresentar a colônia a partir de um imaginário primitivo, no qual seus habitantes vislumbram a metrópole como uma terra de oportunidades e conhecimento quase impossível de ser alcançada, reforçando novamente a visão do colonizador como um ser superior.

Como dominantes, ainda que em menor número, os colonizadores britânicos operam uma grande quantidade de reformas administrativas na região da Nigéria, ao mesmo tempo em que as missões evangelizadoras transformam culturalmente os povos dominados. Segundo os autores, mesmo que as reformas administrativas tenham sido bem aceitas pela diminuta elite nativa do sudeste nigeriano, a maioria da população era obrigada a admitir com desagrado a dominação colonial.

Aquela terra havia mudado; isso era aparente para todos uma vez que o colonialismo e o cristianismo tornaram-se endêmicos no sudeste Nigeriano na década de 1910. Enquanto para uma pequena elite do sudeste essas mudanças tenham sido claramente vantajosas, a maioria das mulheres e homens nativos perceberam-se vivendo em um mundo que parecia haver virado de cabeça para baixo no curto espaço de uma geração. Figuras de autoridade masculina

⁶³ This is what it would be like, you see, if I had to stop and explain every little thing to the girls back home. I would have to explain linoleum and bleach and soft-core pornography and the shape-changing magic of the British one-pound coin, as if all of these everyday things were very wonderful mysteries. And very quickly my own story would get lost in this great ocean of wonders because it would seem as if your country was an enchanted federation of miracles and my own story within it was really very small and unmagical. But with you it is much easier because I can say to you, look, on the morning they released us, the duty officer at the immigration detention centre was staring at a photo of a topless girl in the newspaper. And you understand the situation straight away. That is the reason I spent two years learning the Queen's English, so that you and I could speak like this without an interruption. (CLEAVE, 2008, p. 8)

respeitadas definham sob o controle de homens brancos e da indesejada administração nativa.⁶⁴ (MATERA et. al., 2012, p. 43, tradução nossa)

O controle branco sobre os povos originários cresce na mesma medida em que o poder de lideranças nativas enfraquece. Seus costumes são substituídos, suas crenças apagadas ou desacreditadas frente ao avanço cristão, o não europeu deve ser europeizado, sob pena de afetar negativamente o controle imperial na região.

Cientes de suas conquistas como fato indesejado por grande parte da população nativa, os colonizadores não se preocuparam em esconder a violência de sua administração com punições coletivas, desaparecimentos e execuções públicas. Ao contrário das considerações de Pequena Abelha, para quem a violência provém do colonizado, muitas narrativas históricas apontam que a brutalidade da metrópole foi igualmente aterradora durante os processos de colonização. Opositores eram tratados com severidade e, de acordo com Matera et. al., as mulheres foram talvez as que mais lamentaram as mudanças administrativas e culturais.

As anciãs não eram mais consultadas sobre assuntos que anteriormente seriam de sua responsabilidade e que integravam a base de seu poder sobre a terra. Até mesmo a principal divindade feminina, com seus templos e rituais fora deposta e desacreditada pela nova força religiosa das missões cristãs. A autoridade colonial começava a assemelhar-se mais ao modelo composto fechado, vigiado e controlado dos homens, do que com o *afia* aberto, livre, transparente e feminino, que oferecia um modelo cultural e compensador dentro da visão de mundo dos Igbos, bem como de outras culturas do sudeste. Ao passo que o colonialismo se intensificava no sudeste nigeriano, e enquanto as pessoas se esforçavam para entender seus lugares na emergente ordem social colonial, as mulheres tinham todas as razões para serem as menos confortáveis com o que estavam experienciando – ainda que o desconforto masculino fosse também relevante. (MATERA et. al., 2012, p. 43, tradução nossa)

Enquanto lideranças masculinas perdiam poder frente ao colonizador britânico, as mulheres viram seus espaços minguarem brutalmente no período colonial. A imposição de novas vertentes religiosas impactou as populações não apenas espiritualmente, mas também socialmente. Os lugares antes ocupados por mulheres foram paulatinamente desaparecendo, substituídos por modelos europeizados de sociedade.

⁶⁴ The land had changed; that much was apparent to everyone as colonialism and Christianity became endemic to the Nigerian southeast by the 1910s. While for a few elite southeasterners these changes were clearly advantageous, the majority of indigenous women and men found themselves living in a world that must have seemed to have turned upside down in the short space of a generation. Respected male authority figures languished under the rule of both the white men and the unwelcome native administration. (MATERA et. al., 2012, p. 43)

Uma falha da visão colonizadora quanto às mulheres, entretanto, foi ignorá-las enquanto sujeitos ativos na sustentação das comunidades do sudeste nigeriano. Segundo os autores, as políticas e práticas impostas pelos colonizadores impactavam não apenas as mulheres, mas a própria estrutura social daquelas comunidades:

[...] as políticas e práticas que eles haviam imposto sobre a colônia perturbaram significativamente e ameaçaram a existência dos mundos das mulheres do sudeste nigeriano, que entendiam-se como responsáveis por garantir o bem-estar e a continuidade não apenas de suas famílias mas da própria vida.⁶⁵ (MATERA et. al., 2012, p. 76, tradução nossa)

Os britânicos almejavam, segundo os autores, além de relações comerciais favoráveis, estabelecer regulagens civilizatórias nas novas colônias. De acordo com Matera et. al., as práticas sociopolíticas, religiosas e econômicas observadas pelos colonizadores nas sociedades da colônia – aqui os autores referem-se especificamente às comunidades Igbo – eram caóticas e ameaçavam não apenas o domínio britânico, mas a dominação do masculino sobre o feminino:

As práticas sociais, políticas, religiosas e econômicas dos Igbos deixaram os britânicos perplexos, pois eles viam na natureza heterárquica das instituições e sistemas Igbo uma manifestação de caos e desordem. [...] Inevitavelmente, Igbos e outros povos do sudeste nigeriano assumiram as armadilhas de uma feminilidade confusa, alóctone e, em última análise, perigosamente sexualizada, em distinção à ordem, controle e familiaridade masculinas ascéticas do norte. Em relatos britânicos sobre a colonização da Nigéria encontramos sinais inconfundíveis dos sistemas de significado generificados que informavam o empreendimento imperial, além de evidências das profundas ansiedades sexuais e de gênero geradas pelas interações com os povos colonizados.⁶⁶ (MATERA et. al., 2012, p. 45, tradução nossa)

O estabelecimento de novos padrões administrativos instaurou-se em conjunto com uma série de regras de vestimenta, leis, jurisprudência e impostos. Segundo os autores, Lugard desejava ordenar um sistema que considerava caótico, assustador e ameaçador. A concepção da mulher como um indivíduo a ser calado e subalternizado consona com as ideias de Butler e

⁶⁵ [...] the policies and practices they had imposed on the colony significantly disrupted and threatened the very existence of the worlds of southeastern Nigerian women, who regarded themselves as responsible for ensuring the wellbeing and continuity not only of their families but of life itself. (MATERA et. al., 2012, p. 76)

⁶⁶ Igbo social, political, religious, and economic practices baffled Britons, who saw in the heterarchical nature of their institutions and systems a manifestation of chaos and disorder. [...] Inevitably, Igbo and other southeastern Nigerian peoples took on the trappings of a messy, alien, ultimately dangerously sexualized femininity, as distinct from the ascetic, masculine order, control, and familiarity of the north. In British accounts of the colonization of Nigeria, we find unmistakable signs of the gendered meaning systems that informed the imperial enterprise and evidence of the profound gender and sexual anxieties their interactions with colonized peoples generated. (MATERA et. al., 2012, p. 45)

Spivak acerca do cerceamento do sujeito feminino, na medida em que o pensamento colonizador prevê que essas mulheres devem ser caladas e restritas a periferias sociais como uma maneira de controle desses corpos.

Na narrativa de Cleave, por exemplo, o controle masculino sobre o corpo feminino envereda principalmente pela instituição familiar e pela satisfação sexual. As declarações de Sarah, ao pensar no filho e seu breve diálogo com Pequena Abelha após uma discussão com o amante, reforçam as estruturas de controle masculino:

[...] Adoro ser mãe de Charlie. O que quer que aconteça agora, isso é uma coisa de que posso me orgulhar.⁶⁷(CLEAVE, 2010, p. 171)

— Sinceramente, que homem insuportável! — exclamou quando me viu.

— Lawrence?

— De vez em quando fico em dúvida se não estaria melhor sem ele. Ah, esqueça, claro que estaria pior. Mas, me responda francamente: será que não tenho o direito de falar de Andrew?⁶⁸ (CLEAVE, 2010, p. 227)

Além do já mencionado relacionamento problemático de Pequena Abelha com os homens, Sarah demonstra sua dependência emocional em relação a Lawrence e a Charlie, pois, com a morte de Andrew, ela vê no amante o apoio masculino que o marido deixou vago, e no filho, uma das poucas escolhas corretas de sua vida, ou seja, suas características essenciais estão baseadas em seu papel como mãe e como mulher sexualmente ativa. Podemos exemplificar com o diálogo no qual Lawrence pede a Sarah que escolha entre ele e Pequena Abelha, uma vez que, como refugiada sem documentos, a ajuda de Sarah à garota poderia causar problemas ao casal:

— Cortei fora o meu dedo por aquela menina, Lawrence. Quer fazer o favor de me dizer qual é o limite para uma coisa que começou assim? Você realmente quer que eu faça uma escolha dessas? Cortei a droga do meu dedo. Acha que eu não seria capaz de também cortar você da minha vida?

[...]

— Desculpe — ele disse. — Eu não deveria ter vindo.

— Pois é. Talvez não.

[...]

— Vou arranjar um hotel. Vai ser bom para mim. Vou ler um livro sobre liderança. Pode ser que aprenda realmente alguma coisa.

— Ah, Lawrence, venha cá.

⁶⁷ [...] I love being Charlie's mother. Whatever happens now, that is the one thing I can be proud of. (CLEAVE, 2008, p. 234)

⁶⁸ 'Honestly,' she said when she saw me, 'that bloody man.'
'Lawrence?'

'Sometimes I'm not so sure I wouldn't be better off without him. Oh, I don't mean that, of course I don't. But honestly. Don't I have the right to talk about Andrew?' (CLEAVE, 2008, p. 314)

Estendi os braços para ele. Apertei meu rosto contra o seu pescoço e abracei-o enquanto ele permanecia imóvel. Respirei o cheiro dele e lembrei todas aquelas tardes em hotéis, nós dois embriagados um com o outro.

[...]

Acaricieei o rosto dele.

— Desculpe. Desculpe ter sido ríspida com você. Obrigada por ter vindo me ver. Por favor, não vá para um quarto de hotel ficar sentado lá sozinho, não aguento isso. Por favor, fique aqui.

[...]

Lawrence quase sorriu. Entrelacei meus dedos atrás da nuca dele.

— O que eu não disse foi que, se tivesse de cortar você da minha vida, iria doer mais do que cortar um dedo.⁶⁹ (CLEAVE, 2010, p. 181-182)

Embora Sarah deseje manter Pequena Abelha em sua casa, não consegue se libertar da influência de Lawrence: o poder colonizador masculino não permite que a insurgência feminina tenha sucesso. A situação só é resolvida quando Lawrence, após uma noite de relações sexuais com Sarah, e de Pequena Abelha se declarar culpada pelo suicídio de Andrew, confirma seu controle sobre ambas: domina Sarah por meio do envolvimento amoroso e Pequena Abelha mediante ameaças de deportação.

A sexualidade feminina que mantém Sarah presa ao relacionamento com Lawrence pode, por outro ângulo, ser vista como inconvenientemente perigosa para os interesses metropolitanos. Ao restringir a participação da mulher na comunidade colonizada, Lugard entendia estar suprimindo os impulsos femininos, comuns naquelas sociedades que, a seu ver, tanto ameaçavam o domínio masculino:

Ao afirmar políticas de vestuário, convivência, um sistema de leis e jurisprudência e, acima de tudo, ao estabelecer impostos, Lugard desejava levar moralidade e estabilidade para o que ele havia experienciado como um ambiente caótico e desconhecido. Ao fazê-lo, Lugard – não sozinho – tentou afastar os indisciplinados impulsos femininos que ameaçavam não apenas a dominação britânica, mas sua identidade masculina e, com efeito, eles mesmos. A ordem permitiu aos britânicos estabelecer limites claros e cognoscíveis entre eles e os impulsos femininos caóticos e insubordinados

⁶⁹ [...] ‘I cut off my finger for that girl. Will you tell me when is the logical point to stop something that started like that? Do you really want me to make a choice like that? I cut off my own bloody finger. Do you think I wouldn’t cut you off too?’

[...] ‘I’m sorry,’ he said. ‘I shouldn’t have come.’

‘No. Maybe you shouldn’t.’

[...] ‘I’ll get a hotel. It’ll be good for me. I’ll read a book on leadership. Might actually learn something.’

‘Oh Lawrence, come here.’

I held out my arms to him. I pressed my face into his neck and hugged him while he stood motionless. I breathed in the smell of him, and remembered all those hotel afternoons, high as kites on each other.

[...] I stroked his face. ‘I’m sorry. I’m sorry I snapped at you. Thank you for coming to see me. Please don’t go to a hotel room and sit there all on your own, I can’t bear it. Please stay.’

[...] Lawrence almost smiled. I linked my fingers around the back of his neck.

‘What I didn’t say was that if I had to cut you off, it would hurt more than cutting off my finger.’ (CLEAVE, 2008, p. 248-249)

que, para muitos, caracterizavam os africanos; além disso, uma série de proclamações de Lugard buscava estabelecer e manter distância entre africanos e britânicos.⁷⁰ (MATERA et. al., 2012, p. 75-76, tradução nossa)

Os autores deixam claro, entretanto, que o domínio masculino a ser conservado relacionava-se diretamente àquele dos homens metropolitanos. Desde o começo de suas ações, Lugard priorizou uma ordenação que definisse claramente as diferenças de *status* e poder que deveriam ser conservadas entre a metrópole e suas colônias.

A bem estabelecida distância entre colonizadores e colonizados, assim como a política de guerra e extermínio aos opositores das novas diretrizes coloniais podem ser relacionadas aos poderes estatais comentados por Achille Mbembe em *Necropolítica* (2018).

Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. (MBEMBE, 2018, p. 17)

[...] a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte. (MBEMBE, 2018, p. 18)

A separação racial entre europeus e africanos define de maneira contumaz as relações entre colonizadores e colonizados. A violência e o extermínio, utilizados contra rebeliões em favor da expulsão dos povos conquistadores, eram mostras claras do poder de vida e morte que os colonizadores detinham em relação aos povos africanos: uma clara tentativa de impor na colônia um sistema administrativo, cultural e social europeizado, ainda que contendo um evidente lembrete de que as colônias nunca se igualam à Europa.

As tentativas de Pequena Abelha de adaptar-se à sociedade inglesa ecoam as barreiras à incorporação de colonizados nesse corpo social, uma vez que é claro no discurso de Cleave a hermeticidade da metrópole. Não obstante os esforços adaptativos da garota africana, o final da narrativa, na qual Pequena Abelha volta forçadamente para a Nigéria, e Sarah permanece em

⁷⁰ By asserting policies for dress, living arrangements, a system of law and jurisprudence, and, above all, imposing taxation, Lugard sought to bring morality and certainty to what he experienced as a chaotic, unknowable environment. In doing so, he and others sought to stave off the unruly feminine impulses that threatened not only British rule in Nigeria but their masculine identity and, indeed, their very selves. Order enabled Britons to establish clear, knowable boundaries between themselves and the unruly, chaotic, feminine impulses that, for many of them, characterized Africans, and a series of proclamations issued by Lugard sought to establish and maintain distance between Africans and themselves. (MATERA et. al., 2012, p. 75-76)

solo africano a procura de relatos para continuar o livro que seu falecido marido iniciara, reflete os processos colonizadores do país, no qual os nativos são alienados de suas funções sociais e culturais e o branco metropolitano explora a identidade local: “[...] Sarah explicou como escreveria o livro para o qual Andrew viera pesquisando. *Preciso levantar mais histórias como a sua — ela disse. — Acha que podemos fazer isso aqui? Sem viajar para o sul do país?*”⁷¹ (CLEAVE, 2010, p. 254). A justificativa é retomada e novamente alicerçada por propósitos humanitários:

— Sabe que não é uma boa ideia levantar histórias — eu disse. Sarah sacudiu a cabeça.

— Não concordo. Acho que é a única maneira de dar segurança a você.

— Como assim?

Sarah tirou os olhos da rua.

— Nosso problema é que você só tem sua própria história. Com uma história só, você é fraca. No entanto, assim que tivermos cem histórias, você estará forte. Se pudermos mostrar que aquilo que aconteceu em sua aldeia aconteceu em uma centena de aldeias, o poder vai estar do nosso lado. Precisamos levantar histórias de pessoas que passaram pelas mesmas coisas que você. Precisamos tornar isso inegável. Então, poderemos enviar as histórias para um advogado e informar às autoridades que, se alguma coisa acontecer com você, essas histórias irão direto para os meios de comunicação. Entendeu? Acho que era o que Andrew esperava fazer com o livro dele. Foi a forma que encontrou para salvar meninas como você.⁷² (CLEAVE, 2010, p. 255)

Não é cogitada a possibilidade de Pequena Abelha escrever sua própria história, a narrativa do colonizado é colhida e perpetrada pela voz da metrópole. Os contornos das vivências dos colonizados tornam-se insumos na manutenção das relações de dominação, em um relato indulgente estruturado como: o colonizador usa os colonizados de modo a protegê-los de si mesmos e do próprio colonizador.

⁷¹ [...] Sarah explained how she was going to write the book that Andrew had been researching. *I need to collect more stories like yours*, she said. *Do you think we can do that here? Without going down to the south of the country?* (CLEAVE, 2008, p. 354)

⁷² ‘You know it is not a good idea to collect stories,’ I said.

Sarah shook her head. ‘I don’t agree. I think it’s the only way we’ll make you safe.’

‘What do you mean?’

Sarah lifted her eyes up from the street.

‘Our problem is that you only have your own story. One story makes you weak. But as soon as we have one hundred stories, you will be strong. If we can show that what happened to your village happened to a hundred villages, then the power is on our side. We need to collect the stories of people who’ve been through the same things as you. We need to make it undeniable. Then we can send the stories to a lawyer and we’ll let the authorities know, if anything happens to you, those stories will go straight to the media. Do you see? I think that was what Andrew hoped to do with his book. It was his way of saving girls like you.’ (CLEAVE, 2008, p. 355)

Sarah tem consciência de que, como representante do poder, em território colonial ela é intocável. Quando Pequena Abelha relata seus temores acerca das possibilidades de que Charlie e a mãe sejam alvos do governo nigeriano, Sarah declara:

— *Não vou deixar você. Enquanto Charlie e eu estivermos aqui, você vai estar segura.*⁷³ (CLEAVE, 2010, p. 254)

— E daí que eles vão procurar por uma garota com uma mulher branca e um menino branco. Afaste-se de nós, está bem, Abelhinha? Vá para aquele ponto lá adiante, onde estão aquelas outras mulheres, e só olhe para trás depois que os soldados forem embora. Se eles nos levarem, Charlie e eu, não se preocupe. Não podem fazer nada conosco.⁷⁴ (CLEAVE, 2010, p. 262)

A certeza de Sarah vem do fato da personagem saber que está lidando com oficiais do governo. Diferentemente de sua primeira visita à Nigéria, quando presenciou vários atos de violência advindos de forças não oficiais, sua presença enquanto cidadã inglesa branca é intimidadora, sendo representação do colonizador. A autoridade colonial protege Sarah, pois domina o colonizado política e culturalmente, assim como no passado. São os governos coloniais que devem prestar contas à metrópole, não o contrário.

A autoridade britânica, por exemplo, modelou suas colônias segundo seus próprios anseios. Em 1914 a coroa britânica funde os territórios do norte e do sul formando uma única Colônia e Protetorado da Nigéria, ainda que, segundo Hollis R. Lynch, em seu livro *K. O. Mbadiwe: A Nigerian Political Biography 1915-1990* (2012), por volta de 1915 poucos nigerianos sabiam ou importavam-se com a nova alcunha aplicada ao território, uma vez que os reais limites coloniais relacionavam-se sobretudo à competição entre Inglaterra, França e Alemanha pelo domínio africano.

Como afirma o autor, apesar da entrada da Inglaterra na Primeira Guerra Mundial ter aberto oportunidades para que os povos da Nigéria pudessem se rebelar contra o domínio britânico, o fôlego das revoltas logo cessou ao final das hostilidades dentro da Europa. O domínio inglês sobre a Nigéria começaria a efetivamente ser abalado a partir da Segunda Guerra Mundial, quando gradualmente começa a surgir um forte sentimento nacionalista no interior da colônia.

⁷³ [...] *I will not leave you, she said. So long as Charlie and I are here, you are safe.* (CLEAVE, 2008, p. 353)

⁷⁴ 'They'll be looking out for a girl with a white woman and a white boy. Just walk away from us, okay, Bee? Go down to the point down there, where those other women are, and don't look around till the soldiers have gone. If they take me and Charlie, don't worry. There's no way they'll do anything to us.' (CLEAVE, 2008, p. 366)

Em *The Dynamics of Nigeria's Decolonization Policy in Africa* (1992), Nereus I. Nwosu disserta sobre a transição da Nigéria de uma colônia britânica até sua independência. Segundo o autor, a independência nigeriana localiza-se na vanguarda dos movimentos políticos de libertação no continente, principalmente a partir do regime de Abubakar Tafawa Balewa, primeiro e único Primeiro Ministro do país.⁷⁵

Segundo o autor, para Balewa o auto governo só poderia ser alcançado a partir de um período de transição entre a condição como colônia e como país independente. Iniciando-se em 1960, a transição seria completada apenas em 1970.

Essa abordagem gradativa surgiu a partir da percepção do Primeiro Ministro Balewa de que a crise testemunhada no Congo, quando de sua independência, aconteceu principalmente em virtude da falta de preparação da elite daquele país para assumir posição de liderança. Devido a isso, essencialmente, o regime Balewa defendeu um período de tutela para países africanos com esperanças de que estes obtivessem independência política por volta de 1970.⁷⁶ (NWOSU, 1992, p. 75, tradução nossa)

Os sistemas de liderança apoiados em autoridade compartilhada dão lugar ao modelo europeu de governo. A sugestão de Balewa foi baseada principalmente na ideia, bastante costurada na mentalidade dos colonizados, acerca da inexistência de autoridades locais fortes o bastante para que fossem equiparadas à regência do colonizador sobre os povos agora “libertos”. O caos social das comunidades nativas, como percebido pelos olhos da metrópole, volta a ser uma ameaça na recente ex-colônia.

Essa mentalidade é, como comentamos, espelhada na constante evocação da figura de Elizabeth II por Pequena Abelha. Por toda a narrativa não nos é apresentado qualquer indivíduo nigeriano, ou mesmo africano, que possa representar, para a protagonista, um símbolo de força. Quando volta para a Nigéria, a autoridade colonial passa para as mãos de Sarah, assim como a rainha, uma mulher branca da metrópole. Pequena Abelha não cogita ter força o bastante para proteger a si mesma.

O período de agressiva dominação marca a história do país e da protagonista. O intervalo colonial, assim como a violência sofrida por Pequena Abelha, marcam a garota e seu país como dependentes dos desígnios metropolitanos. Os homens colonizados, na história de

⁷⁵ Atualmente a República Federal da Nigéria é governada adotando-se o sistema presidencialista.

⁷⁶ This gradualist approach was informed by the perception of Prime Minister Balewa that the crisis witnessed in Congo at independence came mostly because of the unpreparedness of the elite of that state to assume the position of leadership. Due essentially to this, the Balewa regime advocated for a period of tutelage for African countries with the hope of their attaining political independence by 1970. (NWOSU, 1992, p. 75)

Pequena Abelha, assemelham-se ao domínio inglês sobre a Nigéria, e a visão de Balewa sobre a necessidade da gestão inglesa acerca de assuntos da ex-colônia perpetua o domínio imperialista.

Nwosu critica esse pensamento na visão gradualista de Balewa. Segundo o autor, ela é explicada pela ideia do ex-Primeiro Ministro acerca da colonização enquanto uma necessidade para o desenvolvimento do povo africano, uma visão altamente influenciada pelas ideias civilizatórias trazidas da Europa.

Ainda que seus ideais políticos mantivessem ligações estreitas com o pensamento metropolitano, Nwosu admite que o governo de Balewa auxiliou na busca da independência por governos posteriores, mais assertivos no confronto ao colonialismo: “O regime Muhammed, pela primeira vez na história nigeriana, não só confrontou o colonialismo com retóricas proferidas em várias conferências, mas também desafiou o ocidente ao confronto aberto”.⁷⁷ (NWOSU, 1992, p. 75, tradução nossa)

Oficialmente, a independência nigeriana ocorre em 1960, entretanto, as ligações com a metrópole, bem como a corrupção governamental, aliadas a disputas étnicas, lançam o país em dois golpes de estado em 1966 e, posteriormente, em uma guerra civil causada pela proclamação da República de Biafra – uma tentativa de separação por parte dos povos de etnia Igbo – em 1967. A guerra duraria até 1970, com uma somatória entre 1 e 3 milhões de mortos, e seria seguida por um grande investimento no setor petrolífero, investimento esse que não se refletiu nas condições de vida da população.

Na década de 1970 a Nigéria viveu o *boom* do petróleo, entretanto, uma longa sucessão de golpes de estado leva o país até o fim da década de 1990, na qual é instaurada a Quarta República, presente até os dias atuais.

A destruição do vilarejo de Pequena Abelha é resultado da busca, provavelmente por parte das elites, locais ou estrangeiras, por campos petrolíferos. Se antes a economia nigeriana gravitava ao redor da comercialização do óleo de palma, a independência da Nigéria traz um outro tipo de óleo como principal fonte de conflitos. Em ambos os casos, entretanto, pontuamos como as demandas dos mercados estrangeiros, em especial os das grandes potências econômicas, influenciam a busca por insumos e, conseqüentemente, a violência em territórios coloniais, pois os interesses das metrópoles acabam sendo atendidos, ainda que causem direta ou indiretamente distúrbios sociais ou políticos.

⁷⁷ It was the Muhammed regime that for the first time in Nigerian history not only confronted colonialism with rhetorics delivered at various summits but challenged the West to open confrontation.” (NWOSU, 1992, p. 75)

Apesar da conturbada história política da Nigéria, Nwosu ressalta a persistência dos sucessivos governos nigerianos em posicionarem-se contra o pensamento colonizador. Eventos como o boicote aos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976, e aos *Commonwealth Games* de Edimburgo em 1986, ambos em protesto contra o regime de Apartheid instalado na África do Sul, são exemplos da determinação dos subsequentes governos do país em combater o colonialismo e o regime segregacionista em território africano.

Com os novos empreendimentos na área do petróleo, os governos nigerianos conseguiram não apenas negociar com a Inglaterra de Margaret Thatcher, como também apoiar grupos armados que lutavam por independência e fim da política de segregação em países como a Namíbia e a África do Sul.

Em 1975, juntamente com o Togo, alguns países do oeste africano tentam formar o ECOWAS, *Economical Community of West African States*, como uma forma de promover suporte econômico para nações africanas em seus processos de desenvolvimento, bem como apoiar relações comerciais na região.

Embora um total de 15 países tenham assinado o acordo, Nwosu explica que as tensões entre as nações africanas ainda atrapalhavam a integralização da comunidade e o cumprimento do acordo, pois:

A maioria dos estados em meio à sub-região do Oeste Africano ainda vêm uns aos outros com suspeitas e são, portanto, relutantes em entregar parte de sua soberania para o ECOWAS. Os padrões de transações econômicas desses países demonstram a grande dependência que esses estados têm para com seus antigos colonizadores.⁷⁸ (NWOSU, 1992, p. 79, tradução nossa)

As desconfianças entre países africanos, muitas vezes engendradas a partir de interesses imperialistas, reforçam narrativas coloniais, incentivadas pelas metrópoles, sobre a incivilidade e incapacidade de autogestão desses povos. Cleave corrobora as imagens depreciativas acerca dos países africanos, por exemplo, ao apresentar o relacionamento entre as mulheres libertadas do Centro de Imigrantes e Pequena Abelha.

— Inglaterra, sim, por favor. Sim por favor obrigada, quero ir para a Inglaterra.

Aí, a moça do vestido roxo evasê quase encostou o nariz no nariz da moça de sári amarelo-limão e aí bateu com o dedo na testa dela, fazendo ao mesmo

⁷⁸ Most of the states within the West African sub-region still view each other with suspicion and are, therefore, reluctant to surrender part of their sovereignty to ECOWAS. Their pattern of economic transactions still shows a lot of dependency on their former colonizers. (NWOSU, 1992, p. 79)

tempo um barulhinho com a boca parecido com o de uma vassoura batendo num barril vazio.

— Bong! Bong! — disse para a outra. — Tu já tá na Inglaterra, né não? — E apontou com os dois indicadores para o piso de linóleo. E disse: — Aqui é a Inglaterra, benzim, num tá vendo? Bem aqui, tá legal? É onde a gente já tá.

A moça do sári amarelo calou a boca. Só ficou olhando para a outra com aqueles olhos verdes de lua de jujuba. Então a de vestido roxo, a moça da Jamaica, disse:

— Me dá isso aqui — e tirou o telefone da mão da garota de sári. E pôs o telefone ao ouvido e falou: — Peraí um minutim, faz favô. — Mas então ficou quieta e passou o telefone para mim.⁷⁹ (CLEAVE, 2010, p. 21)

As atitudes de Yevette, a moça de vestido roxo vinda da Jamaica, apresentam um certo tom de agressividade no trato com suas companheiras. Apesar das tentativas de Pequena Abelha para estabelecer uma relação amistosa com a jamaicana, esta mantém a atitude agressiva e sarcástica:

— Tá olhano o quê? — perguntou ela.

Respondi que não sabia. E ela:

— Sei o que cê deve tá pensano: agora que o táxi não vem mais, como é que ela vai se virá só com um lápis de sombrancelha, uma pinça e três rodela de abacaxi?

E aí eu falei:

— Quem sabe você pode usar o lápis para escrever uma mensagem — PRECISO DE AJUDA — e depois dar as rodela de abacaxi para o primeiro que ajudar.

A moça me olhou como se eu fosse maluca da cabeça e disse:

— Oquei, meu bem, só que, primeiro, não tenho papel pra escrevê a mensagem, segundo, num sei escrevê, só sei desenhá minha sombrancelha, e três, eu é que vou comê esse abacaxi aí.⁸⁰ (CLEAVE, 2010, p. 20-21)

Girei nos calcanhares para olhar para ela e me agarrei no batente da porta.

— Não consigo me mexer — disse eu.

⁷⁹ [...] England, Yes please. Yes please thank you, I want go to England.

So the girl in the purple A-line dress, she put her nose right up to the nose of the girl in the lemon-yellow sari, and she tapped her finger on the girl's forehead and made a sound with her mouth like a broom handle hitting an empty barrel. *Bong! Bong!* she said to the girl. *You already is in England, get it?* And she pointed both her index fingers down at the linoleum floor. She said: *Dis is England, darlin, ya nuh see it? Right here, yeh? Dis where we at all-reddy.*

The girl in the yellow sari went quiet. She just stared back with those green eyes like jelly moons. So the girl in the purple dress, the Jamaican girl, she said, *Here, gimme dat*, and she grabbed the telephone receiver out of the sari girl's hand. And she lifted the receiver to her mouth and she said *Listen, wait, one minnit please*. But then she went quiet and she passed the telephone receiver to me [...] (CLEAVE, 2008, p. 19-20)

⁸⁰ [...] *What you starin at?* she said. I said I did not know. She said, *I know what you tinkin. You tinkin, Now the taxi no come for to pick me up, how far me going to get wid one eyebrow pencil an one tweezer an three pineapple slice?* So I told her, *Maybe you can use the eyebrow pencil to write a message that says HELP ME, and then you can give the pineapple slices to the first person who does.* The girl looked at me like I was crazy in the head and she said to me: *Okay darlin, one, I got no paper for to write no message on, two, I no know how to write, I only know how to draw on me eyebrows, an tree, me intend to eat that pineapple meself.* [...] (CLEAVE, 2008, p. 19)

Então foi Yevette que me deu um empurrão no peito e eu voei para trás. E foi desse jeito que toquei pela primeira vez em solo inglês como mulher livre, não com as solas das minhas botas mas com o fundilho das minhas calças.

— Uá-ha-ha-ha! — riu Yevette. — Bem-vindas ao Reino Unido, num é uma maravilha?⁸¹ (CLEAVE, 2010, p. 27)

O relacionamento entre as ex-prisioneiras espelha a visão europeizada sobre os povos africanos como ignorantes e temperamentais. As quatro mulheres libertadas do cárcere não conseguem estabelecer um bom relacionamento entre si, são rudes e agressivas, e tem na adequação aos moldes europeus a única maneira de sobrevivência.

— Que lugar é esse donde tu veio que chamam as minina com nomi de inseto?
— Nigéria.

Yevette caiu na risada. Deu uma gargalhada daquelas, iguais às que o chefe dos maus dá nos filmes de pirata. Uá-ha-ha-ha! Fez até o aparelho do telefone sacolejar no gancho.

— Ni-GERA! — exclamou Yevette. Depois se virou para as outras, a garota do sári e a dos documentos. — Vambora, minha gente — disse ela. — Nós somo as Nações Unida, sabe cumé, e hoje nós tudo tá siguino a Ni-GERA! Uá-ha-ha-ha!⁸² (CLEAVE, 2010, p. 25)

As palavras de Yevette mostram que qualquer tipo de união entre esses indivíduos colonizados não é mais que um gracejo. Assim como os países africanos mantêm um olhar de suspeição para com seus vizinhos, as ex-prisioneiras também perpetuam atitudes incômodas entre si. Suas discussões transformam-se em um alívio cômico exploratório, cuja imagem contrastante entre colonizador e colonizado auxilia na manutenção distintiva da supremacia metropolitana, na qual a incivilidade é tida como marca do dominado.

As narrativas de dominação auxiliam na manutenção das relações de subordinação cultural, política e social. A dependência econômica mantém as vinculações centro-periferia entre países africanos e as metrópoles colonizadoras, ainda que tais países se esforcem rumo à mitigação desses vínculos com a Europa. Para Nwosu, o principal motivo para a manutenção

⁸¹ I turned round to face her and I gripped on to the door frame.

‘I can’t move,’ I said.

That is when Yevette gave me a great push in the chest and I flew backward. And that is how it was, the first time I touched the soil of England as a free woman, it was not with the soles of my boots but with the seat of my trousers.

‘WU-ha-ha-ha!’ said Yevette. ‘Welcome in de U-nited Kindom, int dat glorious?’ (CLEAVE, 2008, p. 28-29)

⁸² ‘What kind of place yu come from, dey go roun callin little gals de names of insects?’

‘Nigeria.’

Yevette laughed. It was a big laugh, like the way the chief baddy laughs in the pirate films. *WU-ha-ha-ha-ha!* It made the telephone receiver rattle in its cradle. *Nye-JIRRYA!* said Yevette. Then she turned round to the others, the girl in the sari and the girl with the documents. *Come wid us, gals,* she said. *We de United Nations, see it, an today we is all followin Nye-JIRRYA. WU-ha-ha-ha-ha!* (CLEAVE, 2008, p. 25)

dessa relação de dependência está na falta de infraestrutura básica na promoção de avanços nas áreas de industrialização e tecnologia, principalmente em nações cuja economia está profundamente ligada à produção do setor primário. Nwosu aponta ainda que a maior parte do capital proveniente de setores industriais, como a produção de aço e do setor petrolífero, permanece nas mãos do capital estrangeiro, cujos interesses mantêm o *status quo* econômico.

Em uma nova tentativa de desvincular as economias africanas das metrópoles, a Nigéria, juntamente com outras nações do continente, cria a *African Economic Community*, AEC, em 1991, mas a conservação do capital em mãos estrangeiras, em conjunto com os fracos incentivos locais, mantém a ideia, segundo Nwosu, como um sonho.

A experiência colonial na qual a maior parte das economias da África foram saqueadas e integradas no sistema capitalista mundial desafia os esforços dos integracionistas econômicos do continente [...] Como previamente indicado, a maior parte dos Estados africanos produzem bens primários de exportação para a Europa. Estes são manufaturados como produtos finalizados e retornam para a África para consumo a um custo bastante elevado. Consequentemente, a tendência de muitos africanos em desenvolver gosto por produtos estrangeiros cresce, de modo a ser necessário um grande esforço para que possam abandonar tal hábito.⁸³ (NWOSU, 1992, p. 80, tradução nossa)

A supervalorização de produtos estrangeiros pelas populações locais, em detrimento à produção nacional, incentiva a circulação de hábitos culturais e sociais da metrópole. Pequena Abelha, por exemplo, guarda a imagem da libra esterlina quase como algo mágico:

Claro que uma moeda de uma libra também pode ser uma coisa séria. Pode se disfarçar de poder, de propriedade, e não há nada mais sério do que uma moça com essas duas coisas. Você pode tentar pegar a libra e prendê-la dentro de seu bolso, de modo que ela só possa chegar a um país seguro, se levá-la junto. Mas uma libra sabe todos os truques, como um feiticeiro. Quando perseguida, já a vi estender sua cauda igual a um lagarto, de modo que você fica somente com *pence* na mão. E quando finalmente você vai pegá-la, a moeda britânica pode realizar a maior magia de todas, que é se transformar não em uma, mas em duas cédulas idênticas de dólar americano. Seus dedos, então, vão segurar o ar, o vazio, estou lhe dizendo.

Eu adoraria ser uma libra esterlina. Uma libra pode viajar livremente para a segurança, e nós podemos assistir, também com liberdade, à sua viagem. Esse é o triunfo da humanidade. Chama-se *globalização*. Uma menina como eu é barrada na imigração, mas uma libra pode saltar por cima das roletas e se esquivar dos aparelhos daqueles homens grandalhões de uniforme com quepe

⁸³ The colonial experience where most of the economies of Africa were plundered and integrated into the world capitalist system defies the efforts of the continent's economic integrationists [...] As earlier indicated, most African States produce primary goods for export to Europe. These are manufactured into finished products and returned to Africa for consumption at a very high cost. Hence, the tendency of many Africans developing taste for foreign products becomes high that it requires enormous effort to pull out of such a habit. (NWOSU, 1992, p. 80)

e entrar direto num táxi de aeroporto que esteja à espera. *Para onde, senhor?* Para a civilização ocidental, meu amigo, e ligeiro.⁸⁴ (CLEAVE, 2010, p. 9-10)

O valor atribuído à civilização ocidental e ao processo de globalização reproduz a idealização da sociedade e da cultura metropolitanas, e o dinheiro cumpre papel basilar nas representações da cultura colonizadora, como meio de garantir felicidade e segurança. Nos desejos de integração social de Pequena Abelha, a moeda de libra esterlina desponta como um facilitador, um modo ideal de fusão, ou de camuflagem, em uma sociedade capitalista:

[...] Seríamos felizes, como amantes que se encontram num feriado e depois esquecem os nomes um do outro.

Uma moeda de uma libra pode ir aonde achar que vai ser mais seguro. Pode atravessar desertos e oceanos e deixar para trás o som dos tiros e o cheiro acre dos telhados de sapé queimando. [...]”⁸⁵ (CLEAVE, 2010, p. 9)

A coisificação de Pequena Abelha reflete o pensamento acerca de povos africanos como indesejados na sociedade colonizadora, uma vez que a imigração desses para a metrópole pode confundir os limites entre colonizador e colonizado. Para ser aceita, a protagonista deve se render à força econômica imperialista, reforçando o dinheiro como elemento de dominação e reiterando a valorização de produtos metropolitanos pelas antigas colônias como uma via de mão única: não há apreço do colonizador pelo colonial, pois é a metrópole o símbolo da civilização e da prosperidade e, portanto, o elemento que deve ser enaltecido.

A própria protagonista, quando presa no Centro de Imigrantes, atribui ao dinheiro e aos produtos vindos da metrópole a manutenção de seu bem estar. Ao comentar sobre a importância dos momentos em que, sozinha na cela, consegue pintar suas unhas, diz: “[...] Se algum dia descobrir a pessoa que o deu [vidro de esmalte], vou contar a ela que, ao custo de uma libra e noventa e nove *pence*, essa pessoa salvou minha vida. [...]”⁸⁶ (CLEAVE, 2010, p.

⁸⁴ Of course a pound coin can be serious too. It can disguise itself as power, or property, and there is nothing more serious when you are a girl who has neither. You must try to catch the pound, and trap it in your pocket, so that it cannot reach a safe country unless it takes you with it. But a pound has all the tricks of a sorcerer. When pursued I have seen it shed its tail like a lizard so that you are left holding only pence. And when you finally go to seize it, the British pound can perform the greatest magic of all, and this is to transform itself into not one, but two, identical green American dollar bills. Your fingers will close on empty air, I am telling you.

How I would love to be a British pound. A pound is free to travel to safety, and we are free to watch it go. This is the human triumph. This is called, *globalization*. A girl like me gets stopped at immigration, but a pound can leap the turnstiles, and dodge the tackles of those big men with their uniform caps, and jump straight into a waiting airport taxi. *Where to, sir?* Western Civilization, my good man, and make it snappy. (CLEAVE, 2008, p. 2)

⁸⁵ [...] We would be happy, like lovers who met on holiday and forgot each other’s names.

A pound coin can go wherever it thinks it will be safest. It can cross deserts and oceans and leave the sound of gunfire and the bitter smell of burning thatch behind. [...] (CLEAVE, 2008, p. 1)

⁸⁶ [...] If I ever discover the person who gave it then I will tell them, for the cost of one British pound and ninety-nine pence, they saved my life. [...] (CLEAVE, 2008, p. 10)

15). Mais do que suas recordações sobre a realidade pregressa, a garota atribui à generosidade, ao dinheiro e ao produto metropolitano a esperança de construir uma vida na Inglaterra, livre de violências.

Assim, a economia orienta as relações internacionais e os vínculos coloniais subsistem. A dependência de produtos estrangeiros, por exemplo, reforça as limitadas possibilidades de desvinculação entre as economias africanas com as metrópoles. Ajudada pelas elites, que veem seus interesses alinhados com aqueles dos colonizadores, a sujeição das economias africanas àquelas das grandes potências capitalistas parece distante de um fim. Nwosu aponta ainda que, mesmo nos momentos em que nações europeias foram forçadas a pagar grandes somas de dinheiro pelos anos de humilhação e exploração impostos aos países africanos, os valores pagos eram comumente guardados em instituições financeiras estrangeiras, ou seja, o capital continuava longe das mãos das nações africanas.

O alinhamento entre elites políticas locais e interesses capitalistas de grandes economias impede que a independência total das nações africanas se torne realidade. Diante disso, Nwosu explica que, enquanto não houver um rompimento entre os interesses políticos locais e as intenções exploratórias capitalistas estrangeiras, não parece haver um modo de impedir a subsistência do sistema centro-periferia – os interesses coloniais permanecem tão presentes na Nigéria quanto o eram antes da independência em 1960.

[...] uma das principais razões pelas quais a descolonização dos governos nigerianos não se provou eficiente foi devido ao desinteresse por parte da elite local em cometer suicídio de classe. Muitos deles desejavam a manutenção da relação centro-periferia existente. [...] Foi essa dependência econômica que fez com que Douglas Anglin classificasse a política nigeriana da Primeira República como politicamente não-alinhada, mas economicamente alinhada ao Ocidente [...] ⁸⁷ (NWOSU, 1992, p. 82, tradução nossa)

Embora um retorno ao estado anterior à colonização seja por vezes desejado, faz-se necessária a reafirmação da ideia de uma desvinculação colonial total da sociedade e da cultura ser essencialmente impossível. O amálgama entre elementos culturais distintos transforma as comunidades social, política e culturalmente. Essas composições socioculturais, uma vez formadas, impossibilitam uma volta ao um passado idealizado, no qual a influência estrangeira não existe: culturas “puras” são idealizações cujo alcance foge ao mundo globalizado.

⁸⁷ [...] a major reason why economic decolonization of Nigerian governments has not proved effective is because the political elite do not want to commit class suicide. Many of them have interest in the continuation of the existing centre-periphery relationship. [...] It is this economic dependence that makes Douglas Anglin to classify Nigeria's policy under the First Republic as politically non-aligned but economically aligned to the West [...] (NWOSU, 1992, p. 82)

A persistência da colonização é também uma realidade culturalmente reafirmada. Por meio da educação e da imposição cultural, sobretudo linguisticamente, as ligações entre os povos africanos e os seus colonizadores continua, em muitos casos, bastante vívidas.

O autor explica que, apesar do interesse do governo em usar línguas locais no ensino escolar, a interferência das elites, que defendem a dificuldade em se utilizar línguas nativas no processo educacional, é fundamental para barrar o avanço dessa espécie de projeto.

Como discutido anteriormente, a linguagem é um aspecto importante na divisão entre colonizador e colonizado. Podemos ver similaridades entre o esforço de Pequena Abelha em aprender o *Queens English* e o desejo das elites nigerianas em manter a língua do colonizador nos processos pedagógicos. Enquanto existir a possibilidade da utilização da linguagem na subversão dos vínculos de dominação, para as elites, assim como no caso da protagonista de Cleave, a língua do dominador será uma maneira de aproximação ao ideal sociocultural europeu de segurança e prosperidade: “[...] Admiro vocês. Vocês são iguais a feiticeiros, tornaram sua língua tão segura quanto o seu dinheiro.”⁸⁸ (CLEAVE, 2010, p. 20)

Assim como a língua, a mídia contribui na manutenção dos liames coloniais. Dominada por programas de TV e filmes estrangeiros, além de afastarem o público da cultura local, a mídia televisiva inunda o público com filmes predominantemente violentos, seja física, econômica, psicológica ou politicamente. O autor cita o estudioso Nosa Owens-Ibie ao afirmar que mesmo os filmes provenientes da China e da Índia trazem consigo uma enorme carga de violência, seja ela, respectivamente, advinda de artes marciais ou de tiroteios.

Por fim, outro aspecto bastante problemático da ênfase no modo de vida europeu concentra-se na imagem distorcida que muitos africanos possuem sobre a cor da própria pele. A constante busca por produtos capazes de promover o clareamento epitelial demonstra o quão arraigado está o pensamento europeizante em meio a sociedades africanas. Segundo Nwosu:

[...] descolonização cultural, assim como a economia, não se configurou enquanto uma história de sucesso na África. Isso ocorre uma vez que a maioria dos modos de vida dos africanos, incluindo os aparatos estatais, ainda são modelados segundo as estruturas europeias.⁸⁹ (NWOSU, 1992, p. 84, tradução nossa)

⁸⁸ [...] I admire you people. You are like sorcerers and you have made your language as safe as your money. (CLEAVE, 2008, p. 18)

⁸⁹ [...] cultural decolonization like the economy has not been a success story in Africa. This is because most African ways of life including state apparatus are still modelled towards the existing structures in Europe.” (NWOSU, 1992, p. 84)

Uma abordagem direta sobre questões raciais é por vezes deveras sutil em *The Other Hand*. Podemos citar como exemplo a adjetivação utilizada por Sarah quando ela e Pequena Abelha percorrem o caminho até o velório de Andrew: “Parecia que tínhamos sido montados no Photoshop, nós três, indo para o enterro do meu marido. Uma mãe branca de classe média, *uma refugiada negra esquelética* e um pequeno e sombrio cavaleiro de Gotham City. [...]”⁹⁰ (CLEAVE, 2010, p. 31, grifo nosso).

A identificação de Sarah como mãe, branca e de classe média, em contraste com a garota refugiada, negra e esquelética, enfatiza as diferenças entre as duas mulheres, assim como reforça estereótipos metropolitanos sobre as colônias e seus povos. O fato de Sarah indicar a cor da pele, sua e de Pequena Abelha, revela o quanto questões raciais, ainda que não diretamente tratadas, são relevantes no pensamento de Cleave.

A protagonista também tece comentários acerca dos tons de pele presente na comunidade britânica em uma visita a um parque:

Charlie pendurou-se na mão dela enquanto andávamos, olhando para trás, para a caminhonete de sorvete. O parque não estava muito cheio e seguimos por um caminho de terra até uma área fechada chamada Isabella Plantation. Lá dentro havia uma floresta formada por grandes arbustos, cujas copas se emaranham e se enroscam.⁹¹ (CLEAVE, 2010, p. 223)

Eu nem tentaria explicar isso às moças da minha aldeia porque elas não acreditariam. Se contasse a elas que aqui neste lugar existem crianças nascidas de pais negros e brancos, que se dão as mãos no parque e riem juntos, elas sacudiriam a cabeça e diriam: Madame Já-fui-lá está inventando suas histórias outra vez.

No entanto, olhei em torno e reparei que havia outras famílias assim. A maioria era de brancas mas algumas eram negras, e tanto quanto as negras havia as mistas. Sorri quando vi aquilo. E pensei com meus botões: Abelhinha, não há eles neste lugar. Essas pessoas felizes, essas pessoas misturadas que são uma coisa e ao mesmo tempo outra coisa, essas pessoas são você. Ninguém vai sentir sua falta e ninguém está procurando-a. Então, o que a impede de entrar simplesmente neste país misturado e fazer parte dele? Pensei comigo: Abelhinha, talvez seja isso mesmo o que você deveria fazer.⁹² (CLEAVE, 2010, p. 224)

⁹⁰ We looked as if we’d been cobbled together in Photoshop, the three of us, walking to my husband’s funeral. One white middle-class mother, one skinny black refugee girl, and one small Dark Knight from Gotham City. [...] (CLEAVE, 2008, p. 33)

⁹¹ Charlie dragged on her hand as we walked, looking back at the ice-cream van. The park was not crowded and we walked along a dirt path to an enclosure called the Isabella Plantation. Inside there were great jungles of a coiling, tangling bush. (CLEAVE, 2008, p. 308)

⁹² I would not even try to explain this to the girls from my village because they would not believe it. If I told them that there were in this place children that were born of black and white parents, holding hand in the park and laughing together, they would only shake their heads and say, *Little miss been-to is making up her tales again*. But I looked around that place and I realised that there were other families like this. Most were white, but some were black, and as many as were black were mixed. I smiled when I saw this. I was thinking to myself, *Little Bee*, there is no *them* in this place. These happy people, these mixed-up people who are one thing and also another

Assim como o nome escolhido para o Centro de Imigrantes, *Black Hill*, o nome do parque escolhido para a visita, Isabella Plantation, inspirado em um local físico de mesmo nome, também carrega uma carga semântica que mantém certa ligação com um passado de exploração de povos africanos. Ainda que essa carga semântica possa ser ignorada pelos cidadãos britânicos, a escolha de Cleave alude ao racismo colonizador.

Devemos apontar ainda para o fato de as concentrações de pessoas não-brancas em *The Other Hand* aparecerem principalmente na praia nigeriana, em Black Hill e em Isabella Plantation, o que restringe a percepção racial na narrativa a espaços discursivamente pré-definidos, uma vez que não é mencionado concentrações de pessoas não-brancas em outros lugares, como no trabalho de Sarah ou no escritório de Lawrence. A narrativa deixa clara a posição das pessoas de pele negra na sociedade metropolitana.

Um outro ponto importante a ser comentado é como a fala de Pequena Abelha corrobora a visão idealizada da sociedade inglesa. A protagonista vislumbra na metrópole um modelo de civilidade e convivência entre pessoas de diferentes panoramas raciais, o que explica seu desejo de fazer parte desse corpo social. No entanto, parece evidente a concepção de que as considerações de Pequena Abelha provêm de seu desejo de segurança mais do que de suas experiências pessoais, as quais constatam o tratamento negativo sofrido por ela antes de sua chegada na casa de Sarah e durante o processo de deportação.

Embora a colonização nigeriana tenha sido extinta oficialmente em 1960, é patente a percepção de que o pensamento colonizador ainda impera em muitos aspectos das nações, colonizadas ou não. Seja econômica, social ou culturalmente, as potências imperialistas ainda exercem grande influência sobre suas ex-colônias e perpetuam o processo exploratório iniciado há décadas, sendo possível entender que, embora oficialmente terminadas, as relações de colonização permanecem ativas de diferentes formas, o que faz de Pequena Abelha, ainda, um indivíduo colonizado.

A influência das metrópoles, ainda presente nas nações africanas, junta-se a interesses elitistas locais de modo a alimentar a manutenção dos processos de exploração, criando sistemas engessados que impedem a libertação africana de amarras coloniais. Gostaríamos, portanto, de lançar foco, na seção seguinte, sobre a forma como intelectuais têm repensado os processos de

thing, these people are *you*. Nobody will miss you and nobody is looking for you. So what is stopping you from just stepping out into this mixed-up country and becoming a part of it? I thought to myself, Little Bee, maybe that is just what you should do. (CLEAVE, 2008, p. 309-310)

colonização e de de(s)colonização em busca de alternativas que possibilitem o rompimento dessas amarras. Iniciaremos nossas considerações a partir das ideias de Edward Said.

2.3 O pós-colonial

Como um dos mais importantes pensadores do pós-colonialismo, o crítico palestino Edward Wadie Said dedicou-se a estudar, entre outras, questões acerca das relações entre o “Ocidente” e o “Oriente”. Em seu livro *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (2001), Said discute a maneira como as múltiplas visões estereotípicas do “Oriente” auxiliaram na criação de um Outro exótico e misterioso frente à mentalidade colonizadora europeia.

Nas palavras de Said: “O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’.” (SAID, 2001, p. 14). Para o pensador palestino, a ideia de “Oriente” não é um fato natural, assim como também não o é a noção de “Ocidente”. Segundo Said, aquele é produto da concepção imagética centrada nas potências europeias, apresentando-se como uma das mais profundas imagens de um Outro passivo, exótico e imutável, além de um dos principais responsáveis na definição da ideia, imagem, personalidade e experiência contrastante com aquela da Europa e, por extensão, do Ocidente.

O orientalismo, como define o autor, surge não apenas como uma forma de compreender esse Oriente, segundo os preceitos europeus, mas também como uma maneira de estender a dominação de grandes potências em direção a esses povos. O crítico defende que o orientalismo é um modo de compreensão de uma realidade diferente da europeia, mas também uma maneira de reestruturar e promover certo grau de autoridade sobre sociedades e culturas:

Tomando o final do século XVIII como um ponto de partida muito grosseiramente definido, o orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID, 2001, p. 15)

O discurso eurocentrado, de acordo com Said, permitiu que a cultura europeia produzisse e administrasse o Oriente “política, sociológica, ideológica, científica e imaginativamente durante o período pós-Iluminismo” (SAID, 2001, p. 15), ou seja, o ideário europeu abriu caminho não apenas para que o oriental fosse remontado, de modo a ser

compreendido dentro do horizonte cultural da Europa, como também permitiu que a conquista e colonização das sociedades que fazem parte desse Oriente fosse possível.

Said divide essa domesticação do oriental entre os períodos pré e pós Segunda Guerra Mundial. Para o escritor, se hoje o Oriente é dominado por forças Norte-Americanas, especialmente as estadunidenses, antes da Guerra essa porção do mundo já era dominada por França e Inglaterra, num esforço de gerenciar elementos como:

[...] os textos bíblicos e as terras bíblicas, o comércio de especiarias, exércitos coloniais e uma longa tradição de administradores coloniais, um formidável *corpus* acadêmico, inúmeros “peritos” e “trabalhadores” orientais, um professorado oriental, um complexo aparato de ideias “orientais” (despotismo oriental, esplendor oriental, crueldade, sensualidade orientais), diversas seitas, filosofias e sabedorias orientais domesticadas para uso europeu local [...] (SAID, 2001, p. 16)

elementos esses que, uma vez rearranjados e levados para a Europa, permitem à cultura colonizadora força e identidade, bem como reforça um suposto poder superior – seja cultural, seja socialmente – por parte dos países europeus. O Oriente foi a identidade “exótica” ou, nas palavras de Said, “subterrânea” e “clandestina” que reafirmou a potência cultural europeia.

Essa exotização pode ser percebida em uma resposta oferecida por Cleave em sua página oficial. Em interação com uma de suas leitoras, o autor argumenta sobre a necessidade de explicação sobre características de segurança na Nigéria:

Caro Chris, eu adoro ler livros escritos por e sobre nigerianos. Por isso, fiquei muito feliz quando encontrei seu romance em uma livraria em Zurique no outro dia. Meu marido é nigeriano e eu já estive na Nigéria várias vezes. felizmente nada de mal me aconteceu quando eu estava lá, mas não viajamos para o Leste nos últimos cinco anos por razões de segurança. Eu planejava dar seu livro para minha mãe no aniversário dela, mas depois de lê-lo, tenho que mudar de ideia. Ela não conseguiria dormir se eu fosse à Nigéria novamente com nossos dois filhos depois de ler sua história. é até difícil para mim mesma perceber que nem mesmo as crianças são salvas quando o pior acontece. mas mesmo assim, muito obrigada por esta excelente história!⁹³ (CLEAVE, 2011, tradução nossa)

Oi Roseline, obrigado por sua mensagem muito amável. Um dia espero publicar um ensaio sobre todos os aspectos positivos da Nigéria e da cultura

⁹³ Dear Chris, I love reading books written by and about Nigerians. So I was very happy when I came across your novel in a bookstore in Zurich the other day. My husband is Nigerian and I have been to Nigeria several times. fortunately nothing bad has ever happened to me when I was there, but we have not traveled to the East for the past five years for security reasons. I planned to give your book to my mother for her birthday, but after reading it I have to change my mind. She couldn't get a wink of sleep if I ever went to Nigeria again with our two children after reading your story. it is even difficult for myself to realise that not even children are save when the worst comes to the worst. but nevertheless, thank you so much for this excellent story!

nigeriana que aprendi enquanto pesquisava o livro, e que as pessoas têm escrito para me contar desde que o livro foi publicado. É verdade que a atrocidade do romance acontece na Nigéria, mas como você sabe, é claro, a maioria da Nigéria está em paz. Há áreas do meu próprio país, o Reino Unido, que são muito conturbadas e também não são os lugares mais seguros. Um dos meus arrependimentos com o livro é que talvez eu não tenha enfatizado suficientemente que as cenas que escrevi não eram representativas de todo o país. No momento de escrever não achei que precisava fazer isso (afinal, quando escrevo sobre uma cena violenta no Reino Unido, não sinto a necessidade de lembrar às pessoas que nem todo o Reino Unido é assim), mas há sensibilidades particulares neste caso às quais talvez eu devesse ter estado mais alerta.⁹⁴ (CLEAVE, 2011, tradução nossa)

Podemos perceber como a narrativa de outrificação do não europeu contribui para a distorção na percepção do outro. Ao ser apresentado a um relato consoante com os estereótipos criados pelo pensamento eurocentrado, cria-se o que Chimamanda Ngozi Adichie nomeia como uma “história única”, uma maneira singular de compreender a realidade de um povo:

Recentemente, eu palestrei numa universidade onde um estudante disse-me que era uma vergonha que homens nigerianos fossem agressores físicos como a personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que eu havia terminado de ler um romance chamado “Psicopata Americano” - (Risos) - e que era uma grande pena que jovens americanos fossem assassinos em série. (Risos) (Aplausos) É óbvio que eu disse isso num leve ataque de irritação. (ADICHIE, 2009, 10’40’’-11’18’’)

As declarações de Adichie explicitam a maneira como a narrativa colonizadora massifica e homogeneiza o outro, de maneira a criar um discurso único que não apenas reforça o poder do colonizador, como também submete os povos colonizados à autoridade cultural metropolitana.

Ressaltamos ainda a forma como Cleave pontua as diferentes percepções acerca da necessidade de explicações sobre a violência presente no país africano. Ao citar o fato da violência estar presente também na Inglaterra e de ser mencionada em textos literários e apontar o fato de nunca ter sentido a necessidade de explicar que a violência abordada não é uma

⁹⁴ Hi Roseline, thank you for your very kind message. One day I’m hoping to publish an essay I’ve been working on about all the positive aspects of Nigeria and Nigerian culture that I learned while I was researching the book, and that people have written to tell me about since the book was published. It’s true that the atrocity in the novel happens in Nigeria, but as you know of course the majority of Nigeria is at peace. There are areas of my own country, the UK, that are very troubled and not the safest places either. One of my regrets with the book is that I perhaps did not sufficiently stress that the scenes I wrote were not representative of the whole country. At the time of writing I didn’t think I needed to do that (after all, when I write about a violent scene in the UK I don’t feel the need to remind people that not all of the UK is like that), but there are particular sensitivities in this case that maybe I should have been more alert to.

realidade geral do país europeu, Cleave indica como países mais afastados dos centros de poder são mais suscetíveis à narrativa singular sobre o Outro.

Em muitos aspectos, o lugar do outro ocupado pelo Oriental é manifesto no pensamento europeu acerca dos povos africanos. O teor de exotismo, a urgência na ordenação do caos e a reafirmação da diferença entre Europa e África foram, e ainda são, elementos presentes na dominação das antigas colônias. A protagonista do romance de Cleave, por exemplo, explora o teor místico e exótico atribuído aos povos africanos:

[...] Não acho que ela seja fraca nem tola por viver a vida que Deus lhe deu. Um cão é um cão e um lobo é um lobo — isso é um provérbio em meu país. Para ser sincera, não dizemos isso em meu país. Por que teríamos um provérbio que fala de lobos? Temos duzentos provérbios sobre macacos, trezentos sobre mandioca. Somos sábios com as coisas que conhecemos. [...] ⁹⁵
(CLEAVE, 2010, p. 186)

Ao explorar a atmosfera de exotividade atribuída aos povos africanos, Pequena Abelha denuncia a maneira como estruturas chave impõem o leitor a acreditar na narrativa de alteridade imperialista. Embora no caso da protagonista o provérbio não seja real, o colonizador parece disposto a endossar o dito baseado na ideia de exotividade do outro, do indivíduo alóctone e excêntrico.

A exotização de culturas não-europeias, bem como as atitudes de Balewa supracitadas e as críticas de Mbembe acerca da violência colonial, examinadas no subcapítulo seguinte, servem como sustentáculos dos laços ainda mantidos entre colonizadores e ex-colonizados no interior de um complexo discursivo no qual a Europa se mantém como uma espécie de “utopia” cultural, superior a todas aquelas culturas não-europeias:

O orientalismo nunca está longe daquilo que Denys Hay chamou de ideia da Europa, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus em contraste com todos “aqueles” não-europeus, e de fato pode ser argumentado que o principal componente na cultura europeia é precisamente o que torna essa cultura hegemônica tanto na Europa quanto fora dela: a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus. (SAID, 2001, p. 19)

⁹⁵ [...] I do not think she is weak or foolish for living the life she was born in. A dog must be a dog and a wolf must be a wolf—that is the proverb in my country. Actually we do not say that in my country. Why would we have a proverb with wolves in it? We have two hundred proverbs about monkeys, three hundred about cassava. We are wise to the things we know. [...] (CLEAVE, 2008, p. 254)

Ao examinar e qualificar o Oriente, a cultura europeia inventa uma caixa na qual o “tipicamente oriental” é isolado do ocidental. Ao rememorar o encontro do escritor Gustave Flaubert com uma cortesã egípcia, Said elucida o modo como Flaubert fala por ela, em lugar de deixar que a própria cortesã possa se expressar. O *falar por* reafirma o processo de exploração e dominação não só do masculino sobre o feminino, como também a hegemonia europeia sobre o orientalizado, um sinal de poder da Europa sobre o outro.

Em *The Other Hand*, por exemplo, o “falar por” marca muitas das passagens de Pequena Abelha e Sarah. A ânsia da protagonista em ajudar a família branca, ao invés de procurar as soluções para seus próprios problemas, ou o modo como Sarah e sua colega de trabalho Clarissa estão constantemente falando em relacionamentos, sexo e moda, mostram um repertório limitado e, de certa maneira, patriarcalmente e racialmente concebido, acerca do feminino.

Como reflexo da vivência de Cleave, seu texto reflete o machismo estrutural presente no ambiente sociocultural do autor. O problema talvez repouse no fato de o autor não reconhecer os privilégios dos quais ele, enquanto homem inglês, branco e heterossexual, desfruta. Longe de impor quaisquer impeditivos à construção de personagens, independentemente de gênero, o/a escritor/a, ao ignorar as vantagens das quais se faz usufrutuário/a, propulsiona a perpetuação dos estereótipos próprios do discurso e do poder metropolitano.

Esse poder discursivamente reafirmado é um dos mais fortes pilares do sistema exploratório colonial. Embora a colonização fisicamente perpetrada, bem como aquela política e economicamente instaurada não possam, e nem devam, ser menosprezadas no íterim do sistema colonial, o discurso cumpre papel fundamental na manutenção desse sistema. A linguagem mantém o registro do poder vigente frente aos povos explorados, como uma lembrança permanente de que fazem parte do outro, são continuamente distintos diante do pensamento europeu.

[...] o orientalismo não é um mero tema político de estudos ou campo refletido passivamente pela cultura, pela erudição e pelas instituições; nem é uma ampla e difusa coleção de textos sobre o oriente; nem é representativo ou expressivo de um nefando complô imperialista “ocidental” para subjugar o mundo “oriental”. É antes uma *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é uma *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é feito de duas metades, o Ocidente e o Oriente), como também de toda uma série de “interesses” que, através de meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica e a descrição paisagística e sociológica, o orientalismo não apenas cria como mantém; ele *é*, em vez de expressar, uma

certa *vontade* ou *intenção* de entender, e em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo); é, acima de tudo, um discurso que não está em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder, moldado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político [...], com o poder intelectual [...], com o poder cultural [...], com o poder moral (com as ideias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles” não podem fazer ou entender como “nós” fazemos). (SAID, 2001, p. 24, grifos do autor)

A ideia da divisão entre Oriente e Ocidente extrapola uma percepção simplista acerca da partilha do mundo em duas metades, enviesada por uma ideologia imperialista segundo a qual a Europa apresenta-se como centro do mundo. Assim como a divisão geopolítica em Norte e Sul, a orientalização de povos estrangeiros segundo o pensamento europeu irrompe como um fator decisivo no jogo de dominação colonial.

Discursivamente, essa outrificação do Oriente trabalha em favor da subjugação desses povos para benefício dos interesses imperialistas ocidentais. O orientalismo, assim como a separação entre Norte e Sul global, impregnado na cultura, sociedade e política, move o pensamento ocidental em direção à uma contínua divisão do mundo que separa o progresso e o desenvolvimento da metrópole do atraso e dependência da colônia.

Essas divisões entre colonizador e colonizado apresentam-se claramente no romance de Cleave. A ignorância atribuída a povos colonizados marca muitas das considerações de Pequena Abelha acerca das pessoas de sua aldeia:

Se eu estivesse contando essa história para as meninas lá da minha terra, elas estariam me perguntando: Como pode uma mesa ser feita de vidro, e o que é essa coisa chamada veludo, e como é possível essa mulher com quem você estava não ter empilhado a madeira ao lado da casa como todo mundo faz? Como é possível ela ter deixado a lenha toda espalhada pelo chão, será que era muito preguiçosa? E eu teria de dizer a elas: uma mesa de centro é feita de vidro, e veludo é um pano tão macio quanto a parte de baixo das nuvens pequenas, e a madeira do piso de Sarah não era lenha para o fogo mas PISO SUECO ESTRUTURADO COM TRÊS LÂMINAS LACA ANTIGA E FOLHEADO COM O MÍNIMO DE 3MM DE MADEIRA NATURAL CERTIFICADA PELO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO FLORESTAL (FSC) FABRICADA DE ACORDO COM PRÁTICAS FLORESTAIS ÉTICAS, e sei disso porque vi um piso exatamente igual anunciado na revista que estava debaixo da mesa de centro, especializada em casas bonitas. E as meninas da minha terra, essas iriam arregalar os olhos e dizer Uau, porque então compreenderiam que eu havia finalmente chegado num lugar além do fim do mundo — um lugar onde a madeira era feita por máquinas — e se

perguntariam a que feitiçaria eu teria sobrevivido depois disso.⁹⁶ (CLEAVE, 2010, p. 134-135)

As conterrâneas de Pequena Abelha são retratadas como indivíduos atrasados ou apavorados, maravilhados com elementos como pisos de madeira, recorrendo a explicações sobrenaturais para justificar a existência das supostas maravilhas da metrópole. Em nenhum momento do romance é creditado a uma pessoa negra, africana ou não, o mesmo conhecimento e/ou sofisticação atribuídos a pessoas brancas inglesas.

Mesmo Pequena Abelha se esforçando para aprender o *Queen's English* e integrar-se na sociedade britânica, percebe no mundo ocidental uma fonte de maravilhas, diferente de sua terra natal:

[...] havia uma geladeira na cozinha de Sarah, uma enorme caixa prateada com uma máquina de fazer gelo embutida. A frente dessa máquina era de vidro transparente e dava para ver o que acontecia dentro. Ela estava fazendo um cubo de gelo pequeno e brilhante. Estava quase pronto. Vocês vão rir de mim — menina boba de aldeia — por olhar assim um cubo de gelo. Vocês vão rir, mas foi a primeira vez que vi água transformar-se em sólido. Era lindo — porque, se isso era possível, então talvez se pudesse fazer o mesmo com tudo o que estava sempre fugindo e escorrendo e sumindo na areia ou no nevoeiro. Tudo poderia voltar a ser sólido outra vez, sim, até o tempo em que eu brincava com Nkiruka na poeira vermelha sob o balanço de corda. Naquela época, eu acreditava que tais coisas eram possíveis em seu país. Sabia que havia grandes milagres esperando que eu os descobrisse, era só encontrar o centro, a fonte de todas essas pequenas maravilhas.⁹⁷ (CLEAVE, 2010, p. 136-137).

⁹⁶ If I was telling this story to the girls back home they would be asking me, *How can a table be made of coffee and what is this thing called velvet and how come that woman you were staying with did not keep her wood in a pile at the side of the house like everybody else? How come she left it lying all over her floor, was she very lazy?* And I would have to tell them: a coffee table is not made out of coffee, and velvet is a fabric as soft as the underside of infant clouds, and the wood on Sarah's floor was not firewood, it was a SWEDISH-ENGINEERED FLOOR WITH THREE-STRIP ANTIQUE LACQUER AND MINIMUM 3MM REAL WOOD VENEER CERTIFIED BY THE FOREST STEWARDSHIP COUNCIL (FSC) AS BEING MANUFACTURED USING ETHICAL FORESTRY PRACTICES, and I know this because I saw a floor just like it advertised in the magazine that was underneath the coffee table and which concerned beautiful homes. And the girls from back home, their eyes would go wide and they would say, *Weh*, because now they would understand that I had finally arrived in a place beyond the end of the world—a place where wood was made by machines—and they would be wondering what sorcery I survived next. (CLEAVE, 2008, p. 182)

⁹⁷ [...] there was a refrigerator in Sarah's kitchen, a huge silver box with an icemaker machine built into it. The front of the icemaker machine was clear glass and you could see what it was doing inside there. It was making a small, bright cube of ice. It was nearly ready. You will laugh at me—silly village girl—for staring at an ice cube like this. You will laugh, but this was the first time I had seen water made solid. It was beautiful—because if this could be done, then perhaps it could be done to everything else that was always escaping and running away and vanishing into sand or mist. Everything could be made solid again, yes, even the time when I played with Nkiruka in the red dust under the rope swing. In those days I believed such things were possible in your country. I knew there were large miracles just waiting for me to discover them, if only I could find the centre, the source of all these small wonders. (CLEAVE, 2008, p. 185)

O ocidente colonizador de Cleave é constantemente posto em contraste com o exótico exterior de Pequena Abelha, um ideal humanitário e civilizatório permanentemente separado da violência, corrupção e ignorância de seus antigos domínios imperiais. No discurso colonial, o vácuo entre a colônia e a metrópole nunca deve ser preenchido, uma vez que, por meio da garantia da inferioridade do outro, o colonizador mantém sua posição superior.

Esse pensamento rumo à outrificação, entretanto, não se apresenta sempre claramente manifesto no discurso. Visto que, como declara Said, o orientalismo é, de maneira ampla, uma reunião de elementos pertencentes a um campo de estudos eruditos, a percepção da orientalização de uma cultura é camuflada como uma anedota arquetípica de um estereótipo cultural. Entretanto, é precisamente o pensamento de Said acerca do orientalismo considerado como marco inaugural dos estudos Pós-Coloniais, ou seja, é a partir das considerações de Said que intelectuais voltam seus olhares de maneira mais atenta ao modo como o discurso colonizador contribuiu e ainda contribui para a manutenção dos sistemas coloniais.

Em poucas palavras, poderíamos definir os estudos Pós-Coloniais como todo o conjunto de contribuições por parte de intelectuais, principalmente advindos de antigas colônias, que, no cenário pós Segunda Guerra Mundial, buscam desconstruir o pensamento colonial, uma vez compreendido o modo como esse pensamento, principalmente eurocentrado, colaborou na produção e na atual manutenção das relações exploratórias.

Nesse sentido, é importante realçar que o prefixo “pós” não indica apenas uma posterioridade cronológica, bem como não aponta uma ruptura total nas relações coloniais, mas sim uma oportunidade de reconfiguração do discurso colonizador. O “pós”, aqui, indica a busca de uma recharacterização, por exemplo, da dicotomia Oriente/Ocidente, não mais como elementos delineados e bem separados, e fora da dinâmica dualista e simplista de superior/inferior.

Nesse contexto, Spivak (2010) compreende não apenas o discurso, como também a produção intelectual eurocentrada, de modo geral, como coautora na preservação do pensamento ocidental sobre o oriente: “[...] a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente” (SPIVAK, 2010, p. 20). Dessa forma, a reorganização do pensamento torna-se elemento *sine qua non* para a desconstrução das relações coloniais tanto nos campos social e cultural, quanto político e econômico.

Para Spivak, é essencial que a experiência do oprimido seja levada em consideração ao olharmos para o pós-colonial. No entanto, a escritora defende também que a relevância dos pensadores que perpetraram por anos a figura do Outro em contraste com o Eu europeu não

deva ser desconsiderada. A pertinência dos ideários, e por extensão, dos pensadores, coloniais é fundamental na compreensão e conseqüente rompimento das correntes de pensamento colonizadoras.

Nesse sentido, Spivak lembra que, na construção do outro, o pensamento europeu não apenas interpretou as realidades coloniais a partir dos olhos das metrópoles, como também promoveu o apagamento de muitas nuances culturais em prol de uma organização e distanciamento aprazíveis aos interesses imperialistas:

[...] na constituição do Outro da Europa, um grande cuidado foi tomado para obliterar os ingredientes com os quais tal sujeito [Europa] pudesse se envolver emocionalmente e pudesse ocupar (investir?) seu itinerário – não apenas pela produção ideológica e científica, mas também pela instituição da lei. (SPIVAK, 2010, p. 46)

Dessa maneira, além de uma obliteração do outro, a autora defende que nasce também uma normatização da História, como versão incontestada dos fatos, mas cuja ótica privilegia sobretudo o colonizador. A “verdade” torna-se ingrediente maniqueísta na interpretação histórica europeia.

The Other Hand corrobora as afirmações de Spivak, pois mesmo as declarações favoráveis à Pequena Abelha e/ou ao povo nigeriano são suplantadas por enunciados que reafirmam a narrativa colonial hegemônica. A guisa de exemplo, podemos mencionar os pensamentos de Pequena Abelha, durante sua libertação do Centro de Imigrantes, sobre a eficiência dos povos dominados:

Se eu estivesse contando essa história para as moças lá da minha terra, então uma das palavras novas que eu teria de explicar a elas seria “eficiência”. Nós refugiados somos muito eficientes. Não temos as coisas de que precisamos — nossos filhos, por exemplo —, mas somos capazes de tirar proveito de tudo que temos. [...]

Deitada na cama, eu olhava para as correntes. E pensava: Esse sol, essa cor amarela, talvez daqui em diante eu não os veja muitas vezes mais. Talvez a nova cor da minha vida seja o cinzento. Dois anos naquele centro de detenção cinzento, e agora eu me tornara uma imigrante ilegal. Ou seja, livre até me pegarem de novo. Ou seja, viver numa zona cinzenta. Pensei em como eu iria viver. Pensei nos anos todos em que viveria com o máximo de discrição. Escondendo minhas cores e vivendo no crepúsculo e nas sombras. Suspirei, depois tentei respirar fundo. Quis chorar quando olhei para aquelas correntes lá em cima e pensei na cor cinza.⁹⁸ (CLEAVE, 2010, p. 82-83)

⁹⁸ If I was telling this story to the girls from back home, then one of the new words I would have to explain to them is ‘efficiency’. We refugees are very efficient. We do not have the things we need—our children, for example—and so we are clever at making things stretch a little further. [...]

Era um pé de tênis Dunlop Green Flash. O outro caíra do pé da mulher sem nome. Ela se enforcara em uma das correntes compridas que pendiam do teto. Seu corpo estava nu exceto pelo pé de sapato. [...] ⁹⁹ (CLEAVE, 2010, p. 85)

[...] Era urina. Estava tão fria quanto o piso de concreto pintado. Uma poça se formara debaixo da moça sem nome. Olhei para cima e vi uma gota única de urina pender do dedo grande de seu pé descalço e brilhar ao cair no chão. Levantei-me depressa. Aquela urina me deixou muito deprimida. [...] Não sei por que a cabeça da gente escolhe essas pequenas coisas para nos fazer desmorrar. ¹⁰⁰ (CLEAVE, 2010, p. 86)

A percepção de Pequena Abelha sobre a eficiência dos povos colonizados é deturpada pelo suicídio de uma de suas colegas de cárcere, pois a eficácia desta foi utilizada para tirar a própria vida, ao perceber a oportunidade de suicídio nas correntes penduradas no teto do local onde estavam. A protagonista reconhece o quão triste e humilhante é o destino da colega, ainda que desconsidere a importância do ocorrido ao falar das “pequenas coisas para nos fazer desmorrar”, respaldando uma ideia colonial acerca dos colonizados como povos “descartáveis”, necessários apenas para assegurar a dominação imperialista.

O discurso colonial de Cleave reverbera, assim, a ideia europeizada acerca da primazia europeia. Como trouxemos no primeiro capítulo, em seus comentários acerca dessa forma de interpretação histórica eurocentrada, Spivak disserta sobre a maneira como o povo indiano foi generificado de modo a tornar-se uma massa uniforme de indivíduos. Além de uma forma de facilitar a dominação metropolitana, essa massificação é também uma estratégia para assegurar a manutenção da distância entre colonizadores e colonizados. A autora, entretanto, reafirma que o sujeito colonizado nunca é parte de um todo homogêneo, sendo a massificação apenas uma estratégia de descaracterização.

Compreender os processos de colonização parece essencial na promoção de sua ressignificação, uma vez que apenas por meio de sua compreensão é possível insurgir contra elementos subalternizantes promotores e perpetradores dos laços coloniais. São esses elementos

I lay back on the bed and looked up at the chains. I was thinking, That sunshine, that colour yellow, maybe I will not see very much of these now. Maybe the new colour of my life was grey. Two years in the grey detention centre, and now I was an illegal immigrant. That means, you are free until they catch you. That means, you live in a grey area. I thought about how I was going to live. I thought about the years, living as quiet as could be. Hiding my colours and living in the twilight and the shadows. I sighed, and I tried to breathe deeply. I wanted to cry when I looked up at those chains and thought about the colour grey. (CLEAVE, 2008, p. 108-109)

⁹⁹ It was a single Dunlop Green Flash trainer. The other one had fallen off the foot of the woman with no name. She had hanged herself from one of the long chains that reached up to the roof. Her body was naked apart from that one shoe. [...] (CLEAVE, 2008, p. 112)

¹⁰⁰ [...] It was urine. It was as cold as the painted concrete floor. A puddle of it had collected underneath the girl with no name. I looked up and I saw a single drop of urine hang from the big toe of her bare foot, then sparkle as it fell to the floor. I stood up quickly. I felt so depressed about the urine. [...] I do not know why the mind chooses these small things to break itself on. (CLEAVE, 2008, p. 113)

que, segundo a autora, constroem as estratégias imperialistas de manutenção da ordem sociopolítica mundial.

Ainda que a volta a um passado idealizado seja impossível, e em muitos casos indesejado, a percepção dos sistemas de manipulação imperialistas nos permite tomar consciência de como somos atingidos pelos discursos colonizadores, por meio dos veículos midiáticos, por exemplo, e conseqüentemente nos aproxima de estratégias de combate aos laços coloniais, principalmente à violência colonial, seja ela física, cultural ou social.

Nas próximas linhas gostaríamos de traçar um esboço da brutalidade colonial e pós-colonial a partir dos escritos de Achille Mbembe. Em seu texto *Necropolítica* (2018), Mbembe explora os conceitos de soberania e nacionalismo de modo a compreender como a agressividade colonialista manifestou-se em meio a regimes de dominação e exploração de povos africanos.

2.4 A violência (pós-)colonial

Como mencionado anteriormente, o controle sobre a vida das nações colonizadas ultrapassa largamente o domínio político e cultural sobre um estado. Mbembe explica em *Necropolítica* como a soberania e o poder estão relacionados com o controle sobre a vida e morte dos sujeitos.

A protagonista de *The Other Hand*, por exemplo, tem sua vida condicionada aos ditames do governo britânico. Ameaçada de morte na Nigéria, a extradição da garota rumo a sua terra natal reaviva o risco de violência e morte para Pequena Abelha.

Se esse policial começasse a desconfiar de mim, poderia chamar o pessoal da imigração. Então um deles clicaria um botão em seu computador e assinalaria um ponto na minha ficha e eu seria deportada. Estaria morta, mas ninguém teria disparado nenhuma bala. Entendi então por que a polícia não anda armada num país civilizado, eles matam você com um clique. O assassinato é feito à distância, no coração do reino, num prédio cheio de computadores e xícaras de café.¹⁰¹ (CLEAVE, 2010, p. 242)

O medo que Pequena Abelha tem do policial deve-se ao fato das forças de segurança terem controle sobre seu destino e sobre suas chances de sobreviver. A protagonista declara que o modo de extermínio dos refugiados e estrangeiros não documentados na metrópole vem

¹⁰¹ If this policeman began to suspect me, he could call the immigration people. Then one of them would click a button on their computer and mark a check box on my file and I would be deported. I would be dead, but no one would have fired any bullets. I realized, this is why the police do not carry guns. In a civilized country, they kill you with a click. The killing is done far away, at the heart of the kingdom in a building full of computers and coffee cups. (CLEAVE, 2008, p. 335-336)

através da exclusão desses indivíduos. Os conflitos de seus próprios países, por vezes causados por políticas coloniais, encarregam-se da eliminação dos sujeitos indesejados.

Quando a protagonista é enviada de volta para sua terra natal, Sarah e Charlie viajam com a jovem seguros de que, na Inglaterra ou na Nigéria, suas vidas estão a salvo. O poder da metrópole restringe a segurança para o colonizador, não para o colonizado.

Segundo Mbembe, o poder de uma nação, sua soberania, se faz a partir da construção de regras gerais, a serem obedecidas por seus cidadãos. Qualquer cidadão, independentemente de questões de gênero, apresenta-se inserido em uma sociedade, ou ao menos assim o deveria ser, enquanto sujeitos “capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação.” (MBEMBE, 2018, p. 9). Dessa maneira, a política é reconhecida como um projeto de autonomia do próprio indivíduo, bem como um acordo coletivamente efetivado.

Nesse sentido a soberania, de acordo com Mbembe, baseia-se “[...] na crença de que o sujeito é o principal autor controlador do seu próprio significado. Soberania é, portanto, definida como um duplo processo de ‘autoinstituição’ e ‘autolimitação’ (fixando em si os próprios limites para si mesmo).” (MBEMBE, 2018, p. 10), ou seja, enquanto sujeito de sua própria representação em meio à sociedade, considerando seu ambiente físico e psicológico, o indivíduo entende sua existência como elemento integrante do cenário social e cultural no qual se encontra.

A partir dessas considerações, o autor busca discutir como a influência sobre a existência do indivíduo se relaciona politicamente com a retenção de poder por parte de um grupo especificamente definido a partir de características culturais, históricas, políticas ou econômicas. O domínio sobre a morte do indivíduo é, para Mbembe, um expoente da dominação sobre uma sociedade.

Por esse motivo, as certezas de Sarah acerca de sua própria segurança e da de seu filho, enquanto indivíduos pertencentes à sociedade metropolitana, é respaldada pelo poder imperialista inglês sobre suas antigas colônias. Pequena Abelha, não conseguindo mais se identificar com a vida na Nigéria e sendo incapaz de mesclar-se à sociedade inglesa, pode ou não estar segura junto a Sarah, mas está certamente em perigo longe dela. Mesmo sua segurança e sua vida estão subordinadas ao poder metropolitano.

A protagonista reconhece a distinção entre a sociedade colonizadora e ela mesma. Quando pensa em pegar os documentos deixados pela refugiada suicida, percebe que a história do colonizado, independe de seu trajeto, ruma para um mesmo fim:

[...] Talvez eu pudesse conseguir meu asilo político com esses papéis. Pensei sobre o assunto durante um minuto, mas, enquanto segurava a história da moça em minhas mãos, o rangido da corrente dela pareceu ficar mais alto, e tive de deixar a história em cima da cama porque sabia como acabava. Uma história é uma coisa poderosa em meu país, e que Deus ajude a moça que se aposar de uma que não seja sua. De modo que a deixei na cama da moça, cada palavrinha dela, inclusive os cliques de papel e todas as fotografias da cicatriz e os nomes das filhas desaparecidas, e toda a tinta vermelha que dizia que aquilo estava CONFIRMADO.¹⁰² (CLEAVE, 2010, p. 86)

As histórias dos refugiados têm finais semelhantes. O pensamento fatalista de Pequena Abelha reflete a subordinação da história e da vida colonial ao poder da metrópole, salientando o hiato existente entre o dominador e o dominado na dinâmica colonial.

Um elemento comum no processo de subordinação de um povo está relacionado à gênese da ideia de alteridade entre colonizador e colonizado. A constituição de distinções claras, entre aquele que retém o poder econômico e social e aquele subalternizado, divide também o poder político dentro de uma sociedade, evidenciando grupos que retém controle político soberano sobre a vida dos indivíduos.

Nesse contexto, Mbembe menciona como o modo que um sujeito encontra o fim de sua existência foi altamente politizado de maneira a descobrir formas “humanizadas” de eliminação da vida:

Em um contexto em que a decapitação é vista como menos humilhante do que o enforcamento, inovações nas tecnologias de assassinato visam não só “civilizar” as maneiras de matar, mas também eliminar um grande número de vítimas em um espaço relativamente curto de tempo. (MBEMBE, 2018, p. 22)

Os artificios de assassinato perpetrados pelos estados, segundo Mbembe, ao mesmo tempo que prezam pela “humanização” da morte de alguns, desumaniza aqueles que se encontram em outro extremo do poder. Aliada à ideia de alteridade, inserida nas sociedades colonizadas, o poder reduz aqueles que se rebelam contra a ordem estabelecida a um corpo biológico desprovido de quaisquer elementos humanos.

A maneira como Cleave insere essa ideia em seu romance explicita a concepção dos refugiados e dos imigrantes não documentados como problemas para a metrópole. Em seu

¹⁰² [...] Maybe I can win my asylum case with these papers. I thought about it for one minute, but while I held the girl's story in my hands the squeaking of her chain seemed to get louder, and I had to drop her story back down on the bed because I knew how it ended. A story is a powerful thing in my country, and God help the girl who takes one that is not her own. So I left it on the girl's bed, every word of it, including the paper-clips and all the photographs of the scar tissue and the names of the missing daughters, and all of the red ink that said this was CONFIRMED. (CLEAVE, 2008, p. 114)

romance, Pequena Abelha é animalizada, coisificada, explorada, presa e finalmente enviada para seu provável fim por uma sociedade para qual a relevância do sujeito desaparece quando esse indivíduo busca a inserção no meio dominante.

Uma outra maneira citada pelo autor como uma forma de exclusão do sujeito de sua condição enquanto ser humano é a escravidão:

De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um ‘lar’, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade). (MBEMBE, 2018, p. 27)

Despido de elementos humanizantes, subalternizado e dominado por um poder que decide acerca de sua existência, o sujeito não tem nada além de seu corpo biológico – que muitas vezes não é propriamente de seu controle.

Como reverberação dos impulsos escravistas coloniais podemos perceber a atitude servil de Pequena Abelha em relação a Sarah. A ânsia da garota em ajudar a família branca a recuperar seu equilíbrio conflita com a própria necessidade da protagonista de resolver sua situação legal com fim à sobrevivência. Ao absorver a culpa pela morte de Andrew, a protagonista se coloca numa posição servil frente à família branca: “— Entendeu, agora? Entendeu por que quero tanto ajudar Sarah? Por que quero ajudar Charlie? Fiz a escolha errada, Lawrence. Deixei Andrew morrer. Agora preciso fazer tudo o que puder para acomodar as coisas.”¹⁰³ (CLEAVE, 2010, p. 201). Ainda que não seja claramente uma situação de escravidão, a autoimposição da subordinação ao poder colonizador inclui Pequena Abelha no espectro da servidão exploratória colonial.

Apesar da relação entre Sarah e Pequena Abelha nos ser apresentada como um vínculo de amizade, como quando a viúva de Andrew se prepara para ir ao velório: “— Meus pêsames mais sinceros, senhora. Podemos sair quando a senhora decidir. / — Obrigada. Vou só buscar meu filho e... bem, minha amiga.”¹⁰⁴ (CLEAVE, 2010, p. 99), outras passagens sublinham a posição de comando de Sarah sobre Pequena Abelha, seja pela forma como a mulher se dirige à menina africana, seja pela incapacidade da protagonista de questionar suas ordens:

¹⁰³ ‘Do you see now? Do you see why I want to help Sarah so much? Do you see why I want to help Charlie? I made the wrong choice, Lawrence. I let Andrew die. Now I must do everything I can to make things right.’ (CLEAVE, 2008, p. 277)

¹⁰⁴ ‘My deepest condolences, madam. We are ready for you whenever you feel ready to come.’
‘Thank you. I’ll just get my son and my... well. My friend.’ (CLEAVE, 2008, p. 132)

Abelhinha ainda estava parada ali, segurando o telefone de Lawrence na mão, olhando fixo para Lawrence e eu com olhos arregalados e assustados. Eu não compreendia por que ela ainda não saía correndo.

— Vá! — disse eu.

Ela continuou me fitando.

— A polícia... — balbuciou.

A compreensão bateu atordoadamente em minha cabeça. O número. Claro!

Ela não sabe o número de emergência.

— O número é 999 — eu disse.

Ela não saiu do lugar. Eu não conseguia imaginar qual era o problema.

— A polícia, Sarah.

Olhei para ela. Os olhos dela imploravam. Parecia apavorada. Então, lentamente, seu rosto mudou. Tornou-se firme, decidido. Ela respirou fundo e sacudiu a cabeça para mim. [...] ¹⁰⁵ (CLEAVE, 2010, p. 239)

Mesmo quando planejadamente implícito, existe uma relação de dominação entre Sarah e Pequena Abelha, reflexo das relações de poder coloniais. Embora esse poder sobre as sociedades seja comumente velado por meio de gerenciadores nativos, como no caso da Nigéria, o controle colonial resta sempre em mãos das metrópoles.

A ideia da tomada de consciência sobre os mecanismos que manipulam as relações de poder coloniais são chaves para a subversão dessas concepções, formas de quebrar as amarras exploratórias entre metrópoles e colônias. Na seção seguinte discutimos algumas ideias acerca dessa conscientização.

2.5 Descolonização e decolonização

O texto de Cleave, em uma primeira leitura, semelha nortear o leitor rumo a uma história na qual parecem claras as dicotomias entre as duas realidades abordadas: por um lado observamos a sociedade inglesa, colonizadora, culturalmente ordenada segundo ideais ocidentais de masculinidade e feminilidade, e na qual as fronteiras entre nativos e estrangeiros são rígidas e pretensamente impermeáveis; em um outro extremo, testemunhamos a mulher estrangeira, proveniente de uma terra estereotipicamente representada, carregada de uma

¹⁰⁵ Little Bee was still standing there, holding Lawrence's phone in her hand, staring at Lawrence and me with large and frightened eyes. I couldn't understand why she wasn't already running.

'Go!' I said.

She still stared at me. 'The police...', she said.

Understanding buzzed dully in my mind. *The number. Of course! She didn't know the emergency number.*

'The number is 999,' I said.

She just stood there. I couldn't work out what the problem was.

'The *police*, Sarah,' she said.

I stared at her. Her eyes were pleading. She looked *terrified*. And then, very slowly, her face changed. It became firm, resolved. She took a deep breath, and she nodded at me. [...] (CLEAVE, 2008, p. 331)

individualidade mal vista e indesejada na metrópole. Não é difícil, pois, considerar uma dualidade entre colonizador e colonizado, apropriada para algumas ramificações críticas e teóricas pós-coloniais.

Entretanto, um olhar mais atento para Sarah e, em especial, para Pequena Abelha, desvela uma compreensão, ainda que por diversas vezes sutil, sobre a maneira como o pensamento e a sociedade colonial estendem uma zona de dominação sobre o sujeito colonizado. Gostaríamos, no trecho seguinte, explorar ideias acerca do pensamento pós-colonial e as diferenças existentes entre o que compreendemos como descolonização e decolonização. Iniciamos nossas considerações com as ideias de Aníbal Quijano que, embora especialmente concernentes às múltiplas realidades do continente americano, desnudam relações raciais e de poder presentes na sociedade.

Aníbal Quijano, no texto *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America* (2008), explora alguns conceitos chave no entendimento do processo colonial, iniciando seus argumentos a partir da criação da ideia de raça, uma vez que, a fim de entender a descolonização, a compreensão das origens do sistema colonial é fundamental.

Segundo o autor, a definição das relações de raça aparece apenas a partir da efetiva colonização do continente americano, em especial, a Anglo América. Durante a exploração do Novo Mundo, a manutenção de relações segregatícias entre colonizador e os povos nativos, bem como entre o europeu e os povos escravizados traficados do continente africano, constituiu-se enquanto elemento basilar da sociedade colonial.

Para Quijano, a associação entre uma suposta superioridade biológica dos povos europeus, em comparação a americanos e africanos, aliada a estruturas de controle laboral de escravizados e pequenos produtores de *commodities*, foi um campo fértil para o surgimento das arquiteturas de dominação e controle coloniais.

A partir do surgimento da ideia de raça, a massa de trabalhadores e colonos tornou-se mais maleável aos interesses das classes dominantes, bem como interligadas com as demandas de mercado. Dessa forma, o autor comenta que: “[...] raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica.”¹⁰⁶ (QUIJANO, 2008, p. 182, tradução nossa).

A percepção desses parâmetros raciais na classificação social não é difícil de ser reconhecida, uma vez que esta é uma herança colonial presente até os dias atuais. Ideologias

¹⁰⁶ [...] race and racial identity were established as instruments of basic social classification. (QUIJANO, 2008, p. 182)

racistas e supervalorização do estrangeiro estadunidense/europeu são exemplos claros da força que o pensamento colonial ainda exerce nas sociedades contemporâneas. A maneira usada pelo colonizador para posicionar-se enquanto figura de autoridade e superioridade está estreitamente ligada à organização social predominante na contemporaneidade, em tal medida que em muitos aspectos mescla-se intimamente com ideias naturalizadas de compreensão de si mesmo.

Para Quijano, a visão eurocêntrica do mercado e das relações de poder foi um princípio básico no desenvolvimento de vínculos exploratórios e escravagistas de trabalho, por exemplo. Apesar do autor considerar o trabalho remunerado como economicamente viável, e possivelmente mais rentável, nas colônias europeias a mão de obra escravizada emerge como uma manifestação da inferioridade de outros povos frente aos europeus:

Não há nada na relação social do próprio capital, ou nos mecanismos do mercado mundial em geral, que implique a necessidade histórica de concentração europeia primeiro (seja na Europa ou em outro lugar) de trabalho assalariado e depois (precisamente sobre a mesma base) de produção industrial durante mais de dois séculos. Como os acontecimentos posteriores a 1870 demonstraram, o controle da mão-de-obra assalariada da Europa Ocidental, em qualquer setor da população mundial, teria sido perfeitamente viável e provavelmente mais rentável para a Europa Ocidental. A explicação deveria, pois, residir em algum outro aspecto da própria história.

O fato é que, desde o início da colonização da América, os europeus associaram o trabalho não remunerado ou não assalariado às raças dominadas, porque eram raças “inferiores”. O vasto genocídio dos índios nas primeiras décadas da colonização não foi causado principalmente pela violência da conquista ou pelas pragas trazidas pelos conquistadores, mas porque muitos índios americanos foram utilizados como trabalho braçal descartável e forçados a trabalhar até à morte.¹⁰⁷ (QUIJANO, 2008, p. 186, tradução nossa)

Como “naturalmente” inferiores ao colonizador europeu, muitos colonizados eram considerados como força de trabalho descartável e, portanto, sem necessidade de remuneração. Explorados segundo interesses coloniais, os escravizados mortos ou inaptos a continuar trabalhando eram facilmente substituídos quando da chegada de novos navios negreiros aos

¹⁰⁷ There is nothing in the social relation of capital itself, or in the mechanisms of the world market in general, that implies the historical necessity of European concentration first (either in Europe or elsewhere) of waged labor and later (over precisely the same base) of industrial production for more than two centuries. As events after 1870 demonstrated, Western European control of wage labor in any sector of the world's population would have been perfectly feasible and probably more profitable for Western Europe. The explanation ought to lie, then, in some other aspect of history itself.

The fact is that from the very beginning of the colonization of America, Europeans associated nonpaid or nonwaged labor with the dominated races because they were “inferior” races. The vast genocide of the Indians in the first decades of colonization was not caused principally by the violence of the conquest or by the plagues the conquistadors brought, but because so many American Indians were used as disposable manual labor and forced to work until death. (QUIJANO, 2008, p. 186)

portos, garantindo a continuidade do processo de desumanização comumente iniciado durante as viagens de tráfico escravagista.

Segundo Quijano, o trabalho remunerado era visto pelos exploradores coloniais como um privilégio dos brancos, sendo os não-brancos indignos de pagamento. A realidade vivida por esses povos ainda é presente não apenas por meio da perpetuação do trabalho escravo, como também por meio de salários baixos, principalmente direcionados a trabalhadores advindos de minorias étnicas.

A representação de Pequena Abelha como personagem atrelada a uma postura de servitude atesta a visão da jovem africana como um ser inferior na dinâmica colonial. Embora sua submissão provenha de vontade própria, por sentir-se culpada pelo suicídio de Andrew, o relacionamento entre a protagonista e Sarah é ainda assim marcado pela dominação do sujeito inglês. Cleave trabalha a ideia de que o vínculo entre as duas personagens acontece devido aos traumas passados de ambas, entretanto, ao passo que os problemas pessoais de Sarah são paulatinamente resolvidos, não há muito esforço para resolver os de Pequena Abelha.

Qualquer retribuição pelos esforços da jovem vem de maneira conveniente para o colonizador. Manter a protagonista sob sua influência, como uma serviçal obediente, semelha a manutenção do domínio social e econômico metropolitano sobre as relações coloniais.

Uma vez o controle social e o controle de capital estando sob domínio das potências europeias, estas tornaram-se o centro da economia capitalista:

[...] a configuração específica do capital social foi geográfica e socialmente centrada na Europa e, sobretudo, em meio aos europeus em todo o mundo capitalista. Através dessas medidas a Europa e os europeus constituíram a si mesmos como o centro da economia capitalista mundial.¹⁰⁸ (QUIJANO, 2008, p. 187-188, tradução nossa)

Com a centralização do sistema capitalista em torno da Europa, o capitalismo, segundo o autor, torna-se um sistema “[...] colonial/moderno e eurocentrado.”¹⁰⁹ (QUIJANO, 2008, p. 188, tradução nossa). Apesar da entrada efetiva dos Estados Unidos no jogo econômico a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, a Europa mantém grande influência não apenas econômica, como também política e cultural. Similarmente, o controle sobre as colônias continua mesmo após o encerramento das relações coloniais oficiais, ou seja, essa libertação agiu como um

¹⁰⁸ [...] capital’s specific social configuration was geographically and socially concentrated in Europe and, above all, among Europeans in the whole world of capitalism. Through these measures, Europe and the European constituted themselves as the center of the capitalist world economy. (QUIJANO, 2008, p. 187-188)

¹⁰⁹ “[...] colonial/modern and Eurocentered” (QUIJANO, 2008, p. 188)

placebo para o fim dos vínculos oficiais entre colônia e metrópole, ainda que essas ligações efetivamente nunca tenham sido cortadas. Assim, vemos então o final do colonialismo, mas não da colonialidade.

E qual seria, portanto, segundo o autor, a diferença entre colonialismo e colonialidade? Essa resposta nos é provida em seu texto *Colonialidade e Modernidade/Racionalidade* (1992):

[...] foi estabelecida uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes. Essa dominação é conhecida como *colonialismo*. Em seu aspecto político, sobretudo formal e explícito, a dominação colonial foi derrotada na grande maioria dos casos. [...] Assim, o colonialismo, no sentido de uma dominação política formal de algumas sociedades sobre outras, parece assunto do passado. (QUIJANO, 1992, p. 437)

A colonialidade, em consequência, é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual, uma vez que o colonialismo, como ordem político explícito, foi destruído [*sic*]. Ela não esgota, obviamente, as condições nem as formas de exploração e dominação existentes entre as pessoas. Mas não parou de ser, há 500 anos, seu marco principal. As relações coloniais de períodos anteriores provavelmente não produziram as mesmas sequelas e, sobretudo, não foram a pedra angular de nenhum poder global. (QUIJANO, 1992, p. 440)

Ao contrário do colonialismo, cujas relações de dominação política e econômica legalmente demarcadas se extinguíram, ao menos oficialmente, com a vitória dos movimentos de libertação colonial, a colonialidade persiste como realidade na posteridade dos períodos de exploração.

A ideia de decolonizar advém da percepção da persistente campanha colonizadora na contemporaneidade, ainda que mais comprometida com avanços de teor epistemológico, em vez de físico. Enquanto “descolonizar” remete à ideia de um cancelamento do colonial, ou mesmo de uma “limpeza” dos resquícios da ideologia do colonizador na sociedade (algo que o próprio autor defende ser impossível), o “decolonizar” aponta para uma atitude de luta e transgressão dos valores coloniais a partir da compreensão sobre a impossibilidade de se desvincular o panorama contemporâneo de ideias colonizadoras. Ao tomar consciência de sua situação enquanto sujeito colonizado, o indivíduo pode investir na constante busca por alternativas e maneiras de desconstrução e remodelagem do pensamento imperialista.

Pequena Abelha seria, a princípio, uma personagem descolonizada, uma vez que muitas de suas atitudes e pensamentos estão ligados a um ideário imperialista. A personagem ecoa diversas características vinculadas a estereótipos raciais e de gênero, próprios do pensamento colonial: seu “trabalho” como babá de Charlie, seu esforço para melhorar a vida de Sarah, ou

mesmo sua tentativa de chamar um táxi na saída do Centro de Imigrantes reproduzem uma ideologia que rebaixa o ser colonizado:

— Por favor, já sei, sei que vocês não apanham refugiados. Mas não somos refugiadas. Somos faxineiras. Nós trabalhamos aqui.
 — Vocês são faxineiras?
 — É.
 — E isso é verdade, não é? Porque se eu ganhasse uma libra para cada desgraçado de refugiado que entrasse num dos meus carros, que não soubesse para onde ir e que começasse a rezingar em suaíli com meu motorista, e que tentasse pagar a corrida com cigarros, eu estaria jogando golfe neste exato momento em vez de estar falando com você.
 — Somos faxineiras.
 — Tudo bem. É verdade que você não fala como as outras. Para onde querem ir?
 [...]
 — Kingston, por favor.
 A moça do vestido roxo agarrou meu braço e, com a voz sibilando, me disse:
 — Não, minina! — disse ela. — Tudo menos a Jamaica. Os homi me mata no minuto queu botá meus pé lá, pode tê certeza. [...]
 — Kingston-upon-Thames — eu completei.
 — É longe pra burro, não é? Fica em que condado mesmo?
 — Surrey — disse eu.
 — Surrey. Quer dizer que vocês são quatro faxineiras que moram em Surrey, no meio daquelas árvores todas. É isso o que está tentando me dizer?
 — Não. Somos faxineiras que moram perto dali. Mas vamos fazer um serviço lá em Surrey.¹¹⁰ (CLEAVE, 2010, p. 23)

Se Pequena Abelha fala bem o *Queen's English*, por que ela não poderia se identificar como uma policial, ou médica? O lugar de Pequena Abelha, assim como o das outras refugiadas não documentadas, é limitado e pré-estabelecido, ou seja, existem trabalhos que uma garota

¹¹⁰ 'Please, it is okay. I know you do not pick up refugees. We are not refugees. We are cleaners. We work in this place.'

'You're cleaners.'

'Yes.'

'And that's the truth is it? Because if I had a pound for every bloody immigrant that got in the back of one of my cabs and didn't know where they wanted to go and started prattling on to my driver in Swahili and tried to pay him in cigarettes, I'd be playing golf at this very moment instead of talking to you.'

'We are cleaners.'

'All right. It's true you don't talk like one of them. Where do you want to go?'

[...]

'Kingston, please.'

The girl in the purple dress grabbed my arm and hissed at me. *No darlin!* she said. *Anywhere but Jamaica. Dey mens be killin me de minnit I ketch dere, kill me dead.* [...]

'Kingston-upon-Thames,' I said.

'That's bloody miles away isn't it? That's over in, what?'

'Surrey,' I said.

'Surrey. You are four cleaners from leafy Surrey, is that what you're trying to tell me?'

'No. We are cleaners from nearby. But they are sending us on a cleaning job in Surrey.' (CLEAVE, 2008, p. 22-23)

negra refugiada pode, e outros que ela não pode exercer na sociedade metropolitana, em função da manutenção do colonizador enquanto sujeito dominante nas dinâmicas coloniais.

Entretanto, existem momentos da narrativa nos quais percebemos reflexões da personagem acerca das relações entre estrangeiros e ingleses. Ao comentar sobre suas conversas com Sarah, por exemplo, citando um suposto provérbio sobre cães e lobos, Pequena Abelha reflete acerca do quanto a percepção do colonizador ignora, cultural e socialmente, povos estrangeiros à metrópole, mesmo aqueles sob seus domínios:

[...] já reparei que, no seu país, posso falar o que quiser contanto que acrescente: Isso é um provérbio em meu país. As pessoas balançam a cabeça e ficam muito sérias. É um bom truque. Liberdade para Sarah é um longo futuro em que ela vai poder viver a vida que escolher. Um cão é um cão e um lobo é um lobo e uma abelha é uma abelha. Liberdade para uma garota como eu é chegar viva ao fim de cada dia.¹¹¹ (CLEAVE, 2010, p. 186)

— Sou uma daquelas mulheres que já viram os homens fazerem coisas que não são engraçadas.

— Ora, faça-me o favor. Estamos na Europa. Somos um pouco mais civilizados aqui.

— Diferente de nós, você acha?

— Se prefere interpretar assim.

Balancei a cabeça.

— Um cão é um cão e um lobo é um lobo.

— É o que dizem em seu país?

Sorri.

Lawrence franziu a testa.¹¹² (CLEAVE, 2010, p. 193)

Pequena Abelha demonstra compreender as relações entre colonizador e colonizado, e compreende o que ela, enquanto estrangeira africana, representa na sociedade inglesa. Apesar de sua percepção, entretanto, suas tentativas de insurgência, ou mesmo de transformação de sua situação são sufocadas diante de supostas figuras de autoridade ou da figura masculina.

¹¹¹ [...] I have noticed, in your country, I can say anything so long as I say, *That is a proverb in my country*. Then people will nod their heads and look very serious. That is a good trick. Freedom for Sarah is a long future where she can live the life of her choice. A dog must be a dog and a wolf must be a wolf and a bee must be a bee. Freedom for a girl like me is getting through to the end of each day alive. (CLEAVE, 2008, p. 255)

¹¹² ‘I am one of those women who has seen men do things that are not funny.’

‘Oh please. This is Europe. We’re a little more house trained over here.’

‘Different from us, you think?’

‘If you must put it that way.’

I nodded. ‘A wolf must be a wolf and a dog must be a dog.’

‘Is that what they say in your country?’

I smiled.

Lawrence frowned. [...] (CLEAVE, 2008, p. 264)

Um outro momento no qual a protagonista demonstra entendimento sobre sua condição, como também da situação de outros estrangeiros frente a sociedade inglesa, pode ser observado quando Pequena Abelha tenta ajudar refugiados a preencher formulários governamentais:

[...] Só havia espaço para você escrever as coisas mais tristes que tinham lhe acontecido. Essa era a pior parte. Pois se você não pode ler as coisas bonitas que aconteceram na vida de alguém, por que se importaria com suas tristezas? É por isso que as pessoas não gostam dos refugiados, entende? Porque só conhecem as partes trágicas de nossas vidas, e portanto acham que somos pessoas trágicas. [...] Tive de escutar a história de cada uma delas e depois espremer sua vida inteira dentro daquela linha preta, até as de mulheres que eram maiores do que uma folha de papel, sabe?¹¹³ (CLEAVE, 2010, p. 228-229)

A protagonista nota, ao ouvir as histórias dos outros refugiados, que aqueles estrangeiros representam, para a metrópole, apenas um trabalho burocrático que reduz suas vivências a histórias tristes em uma folha de papel. A protagonista compreende como as pessoas às quais se dispõe a ajudar são limitadas pelo ideário metropolitano, contribuindo para a manutenção de uma posição periférica desses sujeitos.

De modo semelhante, Pequena Abelha compreende como sua condição enquanto colonizada afetou sua vivência. Ao caminhar com Sarah e Charlie, a garota percebe como a ação da metrópole, mesmo quando indiretamente, transforma suas experiências nas tragédias comentadas como “próprias” dos cidadãos em busca de refúgio:

Sarah não disse nada. Só continuou segurando meu braço, e seguimos Charlie pela rua. Charlie estava correndo e arrancando as rosas dos jardins das casas. Arrancava-as com golpes de caratê. Elas caíam no chão, numa queda repentina e com uma silenciosa explosão de pétalas. Como minha história com Nkiruka, como minha história com Yevette. Meus pés esmagavam as pétalas ao passarem, e percebi que minha história era feita só de finais.¹¹⁴ (CLEAVE, 2010, p. 155)

¹¹³ [...] They only gave you space to write down the very saddest things that had happened to you. That was the worst part. Because if you cannot read the beautiful things that have happened in someone's life, why should you care about their sadness? Do you see? That is why people do not like us refugees. It is because they only know the tragic parts of our life, so they think we are tragic people. [...] You have to listen to their story and then fit their whole life inside the line, even for the women who are bigger than a sheet of paper, you know? [...] (CLEAVE, 2008, p. 315-316)

¹¹⁴ Sarah did not say anything. She just held on to my arm and we followed Charlie down the street. Charlie was racing along and knocking the heads off the roses in the front gardens. He knocked them off with karate chops. They fell, each one with a sudden fall and a silent explosion of petals. Like my story with Nkiruka, like my story with Yevette. My feet crushed the petals as we passed over them, and I realized that my story was only made of endings. (CLEAVE, 2008, p. 213)

Mesmo vivendo colonizada, Pequena Abelha tem momentos de reflexão acerca de sua condição, entretanto, suas tentativas de transformação ou de insurgência contra os elementos dominantes da sociedade metropolitana são continuamente frustradas. Nesse sentido, é possível notarmos como Cleave tece críticas à sociedade britânica ao explorar as impressões dos refugiados acerca da realidade vivida na metrópole, entretanto, a representação desses indivíduos continua intimamente atrelada ao ditames do pensamento colonial, como podemos observar, a guisa de exemplo, na disposição de Pequena Abelha em permanecer em atitude servil para com a família branca, trabalhando como cuidadora, tanto para Charlie quando para Sarah.

Nesse sentido, podemos voltar às ideias de Quijano quando este discute a persistência das relações de dependência baseado em uma série de concepções que floresceram na Europa Ocidental em consequência da exploração colonial e do modo de divisão do trabalho criado durante o período de expansão imperialista. Uma vez que o trabalho assalariado era visto como um “privilégio branco”, dado a percepção europeia de inferioridade de povos não-brancos, o autor defende que a noção do ocidente europeu como o ápice da modernidade e desenvolvimento da espécie humana foi fundamental na autoproclamação da Europa como criadores, sustentáculos e protagonistas da modernidade.

Embora a ideia de superioridade racial não seja exclusivamente europeia, Quijano deixa claro o grande diferencial nesse caso ser o fato de a mentalidade eurocentrada ter sido espalhada de maneira a tornar-se uma forma hegemônica de compreensão social:

Notável não é os europeus terem imaginado e pensado a si mesmos e ao resto do mundo dessa maneira – uma não exclusividade europeia – mas o fato de terem sido capazes de divulgar e estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do modelo de poder global.¹¹⁵ (QUIJANO, 2008, p. 191, tradução nossa)

Uma vez estabelecidos, em meio ao pensamento hegemônico, como o arquétipo mais avançado da espécie humana, a perspectiva de subordinação de populações tidas como menos desenvolvidas foi transportada para os territórios colonizados como parte da bagagem sociocultural a ser imposta a esses povos.

¹¹⁵ What is notable about this is not that the Europeans imagined and thought of themselves and the rest of the species in that way—which is not exclusive to Europeans—but the fact that they were capable of spreading and establishing that historical perspective as hegemonic within the new intersubjective universe of the global model of power. (QUIJANO, 2008, p. 191)

A ideia da Europa enquanto centro da modernidade no mundo começa a ser contestada com mais ênfase, segundo o autor, a partir do século XIX: é nesse momento que intelectuais latino-americanos questionam o posto europeu como superior e melhor desenvolvido.

Nesse sentido, o autor esclarece que, mesmo ao nos voltarmos para exemplos de pensamentos científicos e racionais bastante avançados quando vislumbrarmos culturas como a Chinesa e a Egípcia, Asteca, e Indiana, é comum que a cultura Greco-Romana seja tomada por muitos como o principal (não raro único) exemplo a ser seguido e/ou copiado. Embora a civilização mais avançada e, segundo Quijano, a única a manter a herança cultural e filosófica Greco-Romana tenha sido a Islamo-Judaica (enquanto a Europa rendia-se ao obscurantismo do sistema feudal), a ascensão imperialista da Grã-Bretanha cria uma nova geografia do poder econômico e, conseqüentemente, cultural.

A cultura nigeriana, por exemplo, é pouco trabalhada e algumas vezes representada como algo “exótica” na narrativa de Cleave. As lembranças de Pequena Abelha sobre sua irmã, sua aldeia e seus costumes são apresentadas em conjunto com impressões sobre os povos africanos como atrasados, violentos e ignorantes, desejosos da vida e da cultura metropolitanas.

Após o início da era imperialista britânica, o modelo Greco-Romano foi gradualmente sendo transferido para o norte, modificando-se de maneira a atender os interesses da nova potência. Sequestrada pelos interesses europeus, a ideia de modernidade é então diretamente relacionada à noção de ocidentalização e, conseqüentemente, de europeização e provincialização de culturas não europeias.

Para o autor, é necessária a compreensão que mesmo a ideia de modernidade utilizada na ascensão europeia tem sua origem em um pensamento ocidentalizante. A Europa cumpre os requisitos como modelo de desenvolvimento e avanço intelectual especificamente por essas condições serem fruto do pensamento europeu. Dentro da concepção eurocentrada, não pode existir modernidade sem colonialismo, ou seja, modernidade e colonialismo são faces de uma mesma moeda. Dessa maneira, Quijano questiona o que representaria a modernidade, livre do pensamento europeu, quando inserida em um contexto que verdadeiramente englobe todos os povos e culturas do mundo, de modo a articular diferentes racionalidades.

Para o autor, a criação de um novo sistema global de poder entrega o domínio de experiências, histórias, recursos e produções culturais para a Europa, ao mesmo tempo que atribui novas identidades geoculturais para povos de outras partes do mundo, de maneira a manter o sistema de poder global orbitando principalmente as regiões centro e norte europeias.

Nesse sistema, culturas exteriores aos modelos europeus são relegadas ao passado, como instâncias primitivas de sociedades ainda incompletas dentro do processo civilizatório.

Dessa maneira, o continente se mantém na posição auge da civilização e modernidade: todos os caminhos levam a ela. Entretanto, Quijano explica que a suposta superioridade racial europeia cumpre papel fundamental na manutenção dessas relações de poder, visto que quaisquer corpos exteriores são vistos como naturalmente inferiores:

[...] os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e realocaram populações colonizadas, juntamente com as suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cujo ponto culminante foi a Europa [...] Notavelmente, porém, não estavam na mesma linha de continuidade que os europeus, mas noutra categoria, naturalmente diferente. Os povos colonizados eram raças inferiores e, dessa forma, eram o passado quando comparados aos europeus.

Essa perspectiva imaginava modernidade e racionalidade como produtos e experiências exclusivamente europeias. Deste ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa Ocidental e o resto do mundo foram codificadas num forte jogo de novas categorias: Leste/Oriente-Oeste/Ocidente, primitivo-civilizado, mágico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno – Europa e não Europa. Mesmo assim, a única categoria com a honra de ser reconhecida como a Outra da Europa e do Ocidente era “Oriente” - não os índios da América e não os negros de África, que eram simplesmente “primitivos”. Pois por baixo dessa codificação das relações entre europeus e não europeus, a raça é, sem dúvida, a categoria de base. Esta perspectiva binária e dualista do conhecimento, principalmente para o eurocentrismo, foi imposta como globalmente hegemônica no curso da expansão do domínio colonial europeu sobre o mundo.

Não seria possível explicar a elaboração do Eurocentrismo como a perspectiva hegemônica do conhecimento de outra forma. A versão eurocêntrica baseia-se em dois principais mitos fundadores: primeiro, a ideia da história da civilização humana como uma trajetória que partiu de um estado de natureza e culminou na Europa; segundo, uma visão das diferenças entre a Europa e a não-Europa como diferenças naturais (raciais) e não como consequências de uma história de poder.¹¹⁶ (QUIJANO, 2008, p. 190, tradução nossa)

¹¹⁶ [...] the Europeans generated a new temporal perspective of history and relocated colonized populations, along with their respective histories and cultures, in the past of a historical trajectory whose culmination was Europe [...] Notably, however, they were not in the same line of continuity as the Europeans, but in another, naturally different category. The colonized peoples were inferior races and in that manner were the past vis-a-vis the Europeans.

That perspective imagined modernity and rationality as exclusively European products and experiences. From this point of view, intersubjective and cultural relations between Western Europe and the rest of the world were codified in a strong play of new categories: East-West, primitive-civilized, magic/mythic-scientific, irrational-rational, traditional-modern—Europe and not Europe. Even so, the only category with the honor of being recognized as the other of Europe and the West was “Orient”—not the Indians of America and not the blacks of Africa, who were simply “primitive.” For underneath that codification of relations between Europeans and non-Europeans, race is, without doubt, the basic category. This binary, dualist perspective on knowledge, particular to Eurocentrism, was imposed as globally hegemonic in the same course as the expansion of European colonial dominance over the world.

It would not be possible to explain the elaboration of Eurocentrism as the hegemonic perspective of knowledge otherwise. The Eurocentric version is based on two principal founding myths: first, the idea of the history of human civilization as a trajectory that departed from a state of nature and culminated in Europe; second, a view of the differences between Europe and non-Europe as natural (racial) differences and not consequences of a history of power. (QUIJANO, 2008, p. 190)

A inclusão de corpos estrangeiros ao modelo eurocentrado no novo sistema global segue ainda padrões rígidos de raça, o que é possível perceber através do pensamento racista e xenofóbico existente em muitas nações europeias. A presença de raças não-europeias nesses espaços parece indicar a perigosa mistura de culturas e sociedades inferiores com os povos do continente. Dessa maneira, como comentado pelo autor, o sistema eurocentrado se divide basicamente entre nós e os outros, sendo esses últimos uma generalização de todos os corpos exteriores à Europa. Ao abarcar toda a população mundial em seu horizonte, o ideário eurocentrado fecha suas fronteiras à possibilidade de existência de outros povos tão ou mais civilizados e modernizados quanto o europeu: a visão eurocêntrica quer-se incontrovertida.

Essa trajetória de poder do pensamento eurocêntrico é explorada também por Santiago Castro-Gómez em *(Post)Coloniality for Dummies: Latin American Perspectives on Modernity, Coloniality, and the Geopolitics of Knowledge* (2008). Nele o autor explica que, como subproduto do processo colonial, a nova ordem de poder mantém ligações principalmente com questões sociais e culturais, mais do que com temas puramente financeiros.

Em seu texto Castro-Gómez expõe a visão de Marx acerca das relações coloniais sob um ponto de vista social e econômico. Dessa maneira, o autor demonstra como Marx falha em considerar temas raciais em suas reflexões, uma vez que, para ele, as questões étnico-raciais configuram-se enquanto elementos inferiores na trajetória da história universal. O colonialismo seria apenas um “efeito” da consolidação do mercado global.

Entretanto, para Castro-Gómez, o pós-colonialismo demonstra que a expansão colonial possui um lado epistemológico surgido não apenas nos centros culturais europeus, mas também nas sociedades colonizadas:

Para Marx, portanto, uma explicação do colonialismo esgota-se no uso de categorias filosóficas (“falsa consciência”), econômicas (“modos de produção”), e sociológicas (“luta de classe”).

Isso é exatamente o que começa a mudar com o surgimento dos estudos pós-coloniais e subalternos no final do século XX. O que teóricos de ex-colônias europeias da Ásia e do Oriente Médio [...] começam a demonstrar é que o colonialismo não é apenas um fenômeno econômico ou político. Ele possui uma dimensão epistemológica relacionada com o surgimento das ciências humanas, tanto no centro quanto na periferia.¹¹⁷ (CASTRO-GÓMEZ, 2008, p. 264, tradução nossa)

¹¹⁷ For Marx, therefore, an explanation of colonialism is exhausted in the use of philosophical categories (“false conscience”), economic categories (“modes of production”), and sociological categories (“class struggle”). This is precisely what begins to change with the emergence of postcolonial and subaltern studies toward the end of the twentieth century. What theorists from former European colonies of Asia and the Middle East [...] begin to demonstrate is that colonialism is not simply an economic or political phenomenon. It possesses an epistemological dimension relating to the emergence of the human sciences as much in the center as in the periphery. (CASTRO-GÓMEZ, 2008, p. 264)

Dessa forma, compreendemos que a posição do continente europeu como centro do pensamento moderno decorre principalmente de uma autoproclamação, e subsequente reafirmação, da região como centro cultural, não de uma inércia por parte dos povos colonizados. Nesse horizonte, o pensamento decolonial surge como uma maneira de barrar ou ao menos enfraquecer a hegemonia intelectual eurocêntrica, incitando a criação e manutenção de novas consciências sociais.

Entretanto, segundo o autor, devemos perceber que o pensamento colonial é incutido na cultura colonizada de diversas formas, como por meio da religião, um de seus sustentáculos. Para Castro-Gómez, a religião, e em muitos aspectos a religião cristã, aparece como uma das mais antigas formas de discurso sobre pureza racial, localizando no continente europeu o ápice do desenvolvimento humano.

A inexistência, no texto de Cleave, de representações religiosas diferentes do cristianismo reforça o apagamento das religiões africanas. Ademais, a utilização de rituais cristãos por Nkiruka antes de seu assassinato por homens nigerianos reafirma a ideia da religião cristã em oposição à uma narrativa de selvageria dos povos endêmicos, voltando-se a uma dualidade maniqueísta e simplista que desconsidera nuances morais.

O argumento de Castro-Gómez retoma o pensamento do filósofo Heródoto acerca da divisão do globo terrestre. Segundo o grego, a terra seria dividida em três partes: Europa, Ásia e África, sendo a parte europeia a mais evoluída socialmente e culturalmente e, portanto, superior às outras duas, habitadas por povos considerados pelos romanos como bárbaros e não-civilizados; uma ideia, em certa medida, perpetrada até os dias atuais.

Esse esquema foi adotado por intelectuais cristãos durante a Idade Média, período no qual entendeu-se como verdade o fato de os descendentes dos míticos Adão e Eva serem encontrados unicamente nas três partes que formavam a Terra. Dessa maneira, de acordo com Castro-Gómez, aqueles habitantes de fora dessa Terra tripartite não poderiam ser considerados descendentes do mitológico casal cristão e, portanto, não poderiam ser chamados de “homens”, ou humanos:

Intelectuais cristãos da Idade Média apropriaram-se desse esquema de classificação social, mas não sem a introdução de algumas modificações. Assim, por exemplo, o dogma cristão da unidade fundamental da raça humana (todos os homens sendo descendentes de Adão) forçou Santo Agostinho a reconhecer a existência de outras ilhas no *orbis terrarum*, seus habitantes, se

houvesse algum, não poderiam ser categorizados como “homens”, uma vez que os potenciais habitantes da “Cidade de Deus” poderiam ser encontrados apenas na Europa, Ásia ou África [...]”¹¹⁸ (CASTRO-GÓMEZ, 2008, p. 275, tradução nossa)

Ao observamos a ideia de indígenas como, ao menos inicialmente, fora da categoria cristã de humanos, e de africanos e asiáticos como inferiores aos europeus, não parece estranho que a ideia europeia de superioridade natural tenha sido instaurada nos territórios colonizados, em sua maioria por países de base cristã.

A crença europeia acerca da superioridade dos povos daquele continente sobre as nações dominadas também é explorada por Walter Mignolo em seu texto *The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference* (2008). Aqui, o autor busca nas palavras de Henrique Dussel a crítica à crença da modernidade enquanto fenômeno intrinsecamente europeu, de maneira a identificar povos não europeus com adjetivos como bárbaros, ultrapassados ou superados: “[...] a modernidade não é um fenômeno estritamente europeu, mas sim planetário, do qual os ‘bárbaros excluídos’ contribuíram, embora sua contribuição não tenha sido considerada.”¹¹⁹ (MIGNOLO, 2008, p. 225-226, tradução nossa).

Mesmo a representação de personalidades de origem africana e, em alguns casos, asiáticas ou latino-americanas são domesticadas a partir da visão eurocentrada. Podemos mencionar, como exemplos dessa domesticação, personagens históricos como Cleópatra, interpretada por Elizabeth Taylor no filme de 1963; ou mesmo a imagem popularizada de Jesus Cristo como um homem de olhos e cabelos claros. Mesmo nos tempos atuais, o peso de uma personagem asiática sendo interpretada por uma atriz estadunidense, como o papel de Motoko Kusanagi, de *Ghost in the Shell* (2017), dado a Scarlett Johansson, ainda causa menos turbulência em redes sociais do que uma personagem branca sendo interpretada por uma atriz afrodescendente, como o caso de Halle Bailey no papel de Ariel no *live motion* de 2023 *The Little Mermaid*.

Ambos tiveram atenção midiática, mas é notável a repercussão negativa do segundo, principalmente entre grupos predominantemente formados por pessoas brancas, indício do

¹¹⁸ Christian intellectuals of the Middle Ages appropriated this scheme of social classification, but not without introducing some modifications. Thus, for example, the Christian dogma of the fundamental unity of the human race (all men being descendants of Adam) forced St. Augustine to recognize that if there were to exist other islands on the orbis terrarum, its inhabitants, if there were any, could not be categorized as “men,” since the potential inhabitants of the “City of God” could only be found in Europe, Asia, or Africa [...] (CASTRO-GÓMEZ, 2008, p. 275)

¹¹⁹ [...] modernity is not a strictly European but a planetary phenomenon, to which the “excluded barbarians” have contributed, although their contribution has not been acknowledged. (MIGNOLO, 2008, p. 225-226)

menosprezo para com contribuições culturais de povos não europeus, ou com características estrangeiras à hegemonia eurocêntrica.

Ainda sobre as considerações de Mignolo, notamos que o conceito de modernização perpassa a ideia de europeização do mundo. Em meio à noção eurocentrada de conhecimento e desenvolvimento, o domínio intelectual, segundo o autor, cumpre papel fundamental na manutenção da hegemonia epistemológica, uma vez que esse domínio intelectual tem suas origens nos esforços para a construção dos estados-nações.

O texto de Cleave garante o domínio intelectual do colonizador, dentre outras maneiras, ao reafirmar estereótipos como a ignorância, sexualização e selvageria dos povos colonizados, reforçando o discurso acerca da necessidade desses povos de serem governados, ainda de maneira indireta e não-oficial. Apesar do esforço de Cleave em construir uma narrativa acerca dos colonizados emigrados para as ilhas britânicas, a presença em seu texto do relato hegemônico garante a soberania “inquestionável” das nações europeias e do ideário eurocentrado.

Ao afirmarem-se enquanto nações soberanas, os estados europeus transformam suas economias mercantis gradualmente. O capitalismo industrial, entre outros motivos, foi um dos principais precursores da busca por novos mercados, impulsionando as expansões imperialistas dos séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, o autor explica que o imperialismo europeu não seria possível sem a dominação ideológica das colônias.

Essa dominação epistemológica nas colônias concentra-se principalmente nas mãos dos brancos, mas encontram seu ápice nas ideias vindas diretamente das metrópoles europeias. Em meio aos colonizados, os indivíduos europeus mantêm, em geral, uma posição social superior àquela de colonos nascidos fora da metrópole. Dessa forma, a Europa define-se constantemente como alvo do desejo representando ascensão social e oportunidade de melhoria de vida e de sobrevivência, como o caso de Pequena Abelha.

Nesse contexto, não é estranho o discurso de Mignolo acerca da posição de negros e indígenas. Ao comentar sobre a situação colonial na América do Norte, o autor declara:

Os capitalistas emergentes favorecidos pela revolução industrial ansiavam pelo fim da escravidão, que beneficiava donos de *plantation* e senhores de escravos. Negros africanos e índios americanos não eram levados em conta quando conhecimento e organização social estavam em jogo. Eles – africanos e ameríndios – eram considerados pacientes, organismos vivos a serem comandados, não ouvidos.¹²⁰ (MIGNOLO, 2008, p. 231, tradução nossa)

¹²⁰ The emerging capitalists benefiting from the industrial revolution were eager to end slavery that supported plantation owners and slaveholders. Black Africans and American Indians were not taken into account when

Toda a carga epistemológica, toda a organização social e política, assim como o poder econômico vinha de fontes europeias, ainda que as matérias-primas que propiciavam sua existência fossem originárias da exploração colonial. As metrópoles exerciam seu poder tanto por meio da força ideológica quanto da força física.

Nesse sentido, Mignolo disserta sobre a decolonização da mente, ou seja, a busca por alternativas locais que possam substituir a dependência de ex-colônias do capital intelectual europeu. O autor defende a decolonização das ciências sociais e da filosofia como uma maneira de quebrar laços ideológicos colonizadores:

Decolonizar as ciências sociais e a filosofia significa produzir, transformar e disseminar conhecimento independente da epistemologia da modernidade do Atlântico Norte – as normas das disciplinas e os problemas do dessa região – mas que, ao contrário, responda às necessidades das diferenças coloniais. A expansão colonial foi também a expansão de formas de conhecimento, mesmo quando esses conhecimentos criticavam o colonialismo de dentro do próprio colonialismo (como Bartolomé de las Casas), ou a modernidade de dentro da própria modernidade (como Nietzsche). Uma crítica ao cristianismo feita por um filósofo islâmico seria um projeto significativamente distinto de uma crítica de Nietzsche ao cristianismo.¹²¹ (MIGNOLO, 2008, p. 247, tradução nossa)

O autor defende, portanto, uma reinterpretação da episteme colonizadora de maneira que as necessidades e problemas locais façam parte do horizonte de análise. Uma vez que a colonialidade apresenta-se como uma realidade ainda vigente, segundo o autor, devido a fenômenos como a globalização, a desconstrução e reinterpretação de estruturas sociais eurocentradas, de forma a criarem horizontes epistemológicos que atendam as sociedades locais, configuram-se como maneiras não de apagamento do colonial (visto ser esse, como comentamos previamente, um processo impossível de ser realizado), mas um novo olhar valorativo sobre o não europeu.

A decisão de não se adequar a moldes coloniais promove transformações e subversões desses modelos. Ao refletir sobre as ideias do filósofo martinicano Frantz Fanon acerca do

knowledge and social organization were at stake. They—Africans and American Indians—were considered patient, living organisms to be told, not to be heard. (MIGNOLO, 2008, p. 231)

¹²¹ Decolonizing the social sciences and philosophy means to produce, transform, and disseminate knowledge that is not dependent on the epistemology of North Atlantic modernity—the norms of the disciplines and the problems of the North Atlantic—but that, on the contrary, responds to the need of the colonial differences. Colonial expansion was also the colonial expansion of forms of knowledge, even when such knowledges were critical to colonialism from within colonialism itself (like Bartolomé de las Casas) or to modernity from modernity itself (like Nietzsche). A critique of Christianity by an Islamic philosopher would be a project significantly different from Nietzsche's critique of Christianity. (MIGNOLO, 2008, p. 247)

indivíduo pós-colonial, Mignolo declara que a luta contra o cativo da escravidão sustenta-se na concepção de resistência contra um poder opressor em favor do direito do indivíduo a existir. A resistência, portanto, é uma reação natural à dominação.

Na narrativa de Cleave, as tentativas de Pequena Abelha e de Sarah de insurgência contra o poder colonizador e patriarcal, respectivamente, são frustradas pelo próprio ideário explorado nas personagens. Ambas estão presas em teias de poder hegemônico e patriarcal das quais não conseguem se desvencilhar.

Pequena Abelha tenta enfrentar Lawrence, mas a culpa autoinfligida a faz submeter-se a ele novamente. Seu próximo empenho de insurgência contra um poder colonial acontece quando se esforça por esconder sua identidade como refugiada sem documentos de um policial:

— A senhora parece muito nervosa por minha causa. Há alguma coisa que eu deveria saber?

Ele disse isso com muita calma, olhando nos meus olhos o tempo todo.

Aprimei o corpo para ficar o mais alta possível, fechei os olhos por um momento e, quando os reabri, olhei muito friamente para o policial e falei com a voz da Rainha Elizabeth Segunda.

— Como se atreve? — eu disse.

O policial deu meio passo atrás, como se eu tivesse batido nele. Baixou os olhos para o chão e enrubescou.

— Desculpe, senhora — balbuciou.

Então olhou de novo para mim. Primeiro parecia encabulado, mas lentamente uma expressão de raiva tomou conta de seu rosto. Percebi que tinha passado da conta outra vez. Deixara o policial envergonhado, e essa é uma coisa que eu não precisaria explicar às moças do meu país nem às moças do seu: quando se deixa um homem envergonhado, ele se torna perigoso. [...] ¹²² (CLEAVE, 2010, p. 244)

Como vemos, em ambos os casos suas tentativas são frustradas por uma percepção de impotência frente ao dominador. Mesmo Sarah não consegue confrontar Lawrence, uma vez que o ambiente no qual cresceu condiciona a felicidade feminina à presença masculina:

¹²² ‘You seem unusually nervous of me, madam. Is there something I should know?’

He said this very calmly, looking into my eyes all the time.

I stood up as straight and tall as I could, and I closed my eyes for a moment, and when I opened them again I looked at the policeman very coldly and I spoke with the voice of Queen Elizabeth the Second.

‘How dare you?’ I said.

The policeman took half a step back, as if I had hit him. He looked down at the ground and he blushed.

‘I’m sorry, madam,’ he mumbled.

Then he looked back at me. At first he looked embarrassed, but slowly an expression of anger came over his face. I realised I had gone *over the top* again. I had made him ashamed, and that is one thing I would not need to explain to the girls from my country or the girls of your country: when you make a man ashamed, you make him dangerous. [...] (CLEAVE, 2008, p. 337-338)

- Não existem muitos homens capazes de cortar o próprio dedo, não é, Lawrence?
- O quê? Não. Eu com certeza não conseguiria.
- Esperei demais de Andrew, não foi? Não só naquela praia. Esperei demais da vida. Um longo silêncio.
- O que você esperou de mim?
- A pergunta me pegou desprevenida e havia raiva na voz dele. Minha mão tremia segurando o telefone.
- [...]
- Por favor, Lawrence, pare, que coisa horrível.
- Ah, meu Deus, eu sei, é mesmo. Desculpe.
- Por favor, não fique zangado comigo. Estou telefonando para pedir um conselho seu.¹²³ (CLEAVE, 2010, p. 124-125)

Após a perda de Andrew, o receio de ser abandonada por Lawrence paralisa quaisquer tentativas de Sarah de desconstruir o ideário patriarcal no qual está inserida. Mesmo em sua viagem para a Nigéria, Sarah é tranquilizada pela ideia de ter Lawrence esperando por seu retorno à Inglaterra, ou seja, o pensamento hegemônico e patriarcal é um impeditivo para a insurgência duradoura contra o poder dominador.

Nesse ínterim, o autor lembra que, mesmo pertencendo a realidades bastante distintas, é comum nossas referências culturais se manterem conectadas a elementos europeus hegemonicamente proclamados como verdades, como no caso do uso do período greco-romano como referencial cultural para o ocidente:

A Grécia representa apenas um legado europeu, não mundial. Se alguém concordar que as soluções para os dilemas contemporâneos podem ser encontrados na filosofia política e moral grega, não podemos naturalmente considerar que “da Grécia em diante” está ligado apenas ao legado europeu. O primeiro problema aqui seria desligar a contribuição grega para a civilização humana da contribuição moderna (da renascença em diante, do início do mundo moderno/colonial). Assim, o legado grego poderia ser reapropriado pelo mundo árabe/islâmico, que introduziu a Grécia na Europa, bem como por outros legados – chinês, indiano, africano subsaariano, ou indígena-americano e *creole* na América Latina e Caribe – que não existem

¹²³ ‘Not many men would cut off a finger, would they Lawrence?’

‘What? No. I definitely don’t think I would.’

My throat burned.

‘I expected too much of Andrew, didn’t I? Not just on the beach. I expected too much of life.’

A long silence.

‘What did you expect of me?’ said Lawrence.

The question caught me unprepared and there was anger in his voice. My phone hand trembled.

[...]

‘Please, Lawrence. That’s horrible.’

‘Oh God, I know. I’m sorry.’

‘Please don’t be angry with me. I’m phoning to ask your advice.’ (CLEAVE, 2008, p. 168-169)

como um legado europeu, mas como uma descontinuidade da tradição clássica.¹²⁴ (MIGNOLO, 2008, p. 255-256, tradução nossa)

Exemplos de insurreição contra culturas hegemônicas e tentativas de europeização e dominação de povos colonizados podem ser percebidos na contemporaneidade. Esforços em favor de sistemas representacionais que fujam do eixo Europa-Estados Unidos; a valorização de literaturas não canônicas de autores indígenas, africanos e latino-americanos; e o reconhecimento de elementos mitológicos, culturais e religiosos de matriz africana, cujo ensino é estipulado na lei brasileira, por exemplo, podem ser vistos como modos de resistência a influências coloniais da cultura europeia.

Ainda acerca da concepção de decolonização, gostaríamos de comentar as ideias de Catherine Walsh e de Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel. Em consonância com as considerações de Mignolo, a escritora equatoriana Catherine Walsh, em *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época* (2009), reitera que a partícula “pós”, em “pós-colonial”, não indica um divórcio da colonização, mas uma libertação dos sistemas de pensamento coloniais:

Suprimir o “s” e nomear “decolonial” não é promover um anglicismo. Pelo contrário, é marcar uma distinção com o do significado castelhano de “des”. Não pretendemos simplesmente desmontar, desfazer ou reverter o colonial, ou seja, passar de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e traços deixassem de existir. Ao contrário, a intenção é sinalizar e provocar um posicionamento - uma postura e uma atitude constante - de transgredir, intervir, insurgir e influenciar. O decolonial indica, então, um caminho de luta contínua no qual podemos identificar, tornar visível e incentivar “espaços” de exterioridade e construções alternativas.¹²⁵ (WALSH, 2009, p. 14-15, tradução nossa)

¹²⁴ Greece represents only a European legacy, not a planetary one. If we agree that solutions for contemporary dilemmas can be found in Greek moral and political philosophy, we cannot naturally assume that “from Greece onwards” is linked only to the European legacy. The first issue here would be to de-link the Greek contribution to human civilization from the modern (from the Renaissance on, from the inception of the modern/colonial world) contribution. Thus, the Greek legacy could be reappropriated by the Arabic/Islamic world, which introduced Greece to Europe, and also by other legacies—Chinese, Indian, sub-Saharan African, or American Indian and Creole in Latin America and the Caribbean—that do not exist as a European legacy but as a discontinuity of the classical tradition (Mignolo 1995, pt. 1). (MIGNOLO, 2008, p. 255-256)

¹²⁵ Suprimir la “s” y nombrar “decolonial” no es promover un anglicismo. Por el contrario, es marcar una distinción con el significado en castellano del “des”. No pretendemos simplemente desar-mar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento —una postura y actitud continua— de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas. (WALSH, 2009, p. 14-15)

Para Walsh, insurgir contra a dominação imperialista implica no reconhecimento da presença do colonizador nos espaços dominados, reforçada, por exemplo, por fontes midiáticas. Uma presença que, por meio de elementos culturais como música, cinema ou literatura, perpetuam relações coloniais e apoiam o estabelecimento do que Adichie chama de “história única”. Ao lembrar de sua infância, Pequena Abelha comenta que o único contato das crianças com o cinema vinha por meio de um filme estadunidense:

[...] O único filme que tínhamos se chamava *Top Gun*, e nós o vimos cinco vezes. Lembro a primeira vez que foi exibido, os meninos da aldeia estavam todos excitados achando que seria um filme sobre um revólver, mas o filme não era sobre um revólver. Era sobre um homem que tinha de viajar para todo lado muito depressa, às vezes numa motocicleta, às vezes num avião que ele próprio pilotava, e às vezes de cabeça para baixo. Nós, as crianças da minha aldeia, discutimos isso e concluímos duas coisas: primeiro, que o filme deveria se chamar mesmo era *O Homem que Estava com Muita Pressa*, e, segundo, que a moral do filme é que ele deveria se levantar mais cedo, para não ter de correr para fazer tudo caber no seu dia, e não ficar deitado na cama com mulher de cabelo louro que chamávamos de “Mulher-que-Fica-na-Cama”. [...] ¹²⁶ (CLEAVE, 2010, p. 73)

As impressões das crianças sobre o filme e a falta de compreensão acerca das dinâmicas sociais estadunidenses criam um certo tom cômico na passagem. Ainda assim, o contato recorrente das crianças com uma única história acerca da vida nos Estados Unidos afunila o imaginário dos colonizados para idealizações sobre o indivíduo metropolitano como uma representação do herói masculino valente, valoroso, habilidoso, atraente etc., mantendo o dominador como um sujeito de qualidades superiores.

Mesmo na Inglaterra, Pequena Abelha comenta como os refugiados são constrangidos a aceitar a cultura metropolitana:

Elas pararam de falar, porque o táxi estava chegando. [...] A janela do carona estava aberta e deixava escapar uma música alta. [...] Era uma canção chamada “We Are the Champions”, de um conjunto inglês chamado Queen. Sei disso pelo seguinte: um dos funcionários do centro de detenção de imigrantes adorava esse conjunto. Ele costumava levar o aparelho de som dele e tocar a música para nós quando estávamos trancadas em nossas celas. Se a pessoa dançasse e sacudisse o corpo para mostrar que gostava da música, ele trazia

¹²⁶ [...] The only film we had was called *Top Gun* and we watched it five times. I remember the first time we saw it, the boys in my village were excited because they thought it was going to be a film about a gun, but it was not a film about a gun. It was a film about a man who had to travel everywhere very fast, sometimes on a motorbike and sometimes in an aeroplane that he flew himself, and sometimes upside down. We discussed this, the children in my village, and we decided two things: one, that the film should really be called *The Man Who Was in a Great Hurry* and two, that the moral of the film was that he should get up earlier so that he would not have to rush to fit everything into his day, instead of lying in bed with the woman with blond hair that we called ‘The Stay-in-Bed Woman.’ [...] (CLEAVE, 2008, p. 95-96)

mais comida para ela. Certa vez, ele me mostrou uma foto do conjunto. Era a fotografia que aparecia na caixa do CD. Um dos músicos tinha um bocado de cabelo. Era preto com cachos muito enrolados, e se amontoava em cima da cabeça dele como se fosse um grande peso, e descia pelo pescoço até os ombros. Eu sei o que significa moda na sua língua, mas aquele cabelo não parecia moda coisa nenhuma, acredite — parecia mais uma punição, um castigo.¹²⁷ (CLEAVE, 2010, p. 63)

As palavras da protagonista espelham o controle colonial mantido pelo poder metropolitano. A cultura do colonizador deve ser distribuída e absorvida para que o colonizado garanta algum nível de conforto. Aqueles que se submetem são recompensados, enquanto os resistentes à dominação são ignorados até que suas necessidades os obriguem a se subordinar ao dominador.

Embora escapar da influência do colonizador, ou mesmo revertê-la de alguma forma, voltando a um estado similar ao período anterior à colonização, pareça uma idealização distante de uma realidade plausível, Walsh defende a aceitação e subversão dos preceitos coloniais como maneira de desconstruir e remodelar espaços e elementos de dominação.

A necessidade de desconstrução das arquiteturas de poder colonial e de subalternização social parece ser aspecto indispensável para a ruptura das relações de dominação centradas na Europa e nos Estados Unidos. A conscientização de grupos subalternizados acerca das maneiras como as relações de poder colonial afetam o cotidiano, permite que esses rastros coloniais sejam transformados de influências danosas, para insumos no desembaraço de vínculos coloniais.

Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel abordam o pensamento decolonial em *Colonialidade e perspectiva negra* (2016). Os autores explicam que os esforços decoloniais surgem devido a um certo apagamento das contribuições latino-americanas no concernente às teorias pós-coloniais. O pensamento decolonial surge, assim, como um movimento em direção à não universalização de ideários, permitindo a criação e renovação constantes de construtos representacionais e de formas de interpretação social e cultural.

¹²⁷ They stopped then, because the taxi was pulling up. [...] The side window was open and there was music blasting out. [...] It was a song called 'We Are the Champions' by a British music band called Queen. This is why I knew the song: it is because one of the officers in the immigration detention centre, he liked the band very much. He used to bring his stereo and play the music to us when we were locked in our cells. If you danced and swayed to show you liked the music, he would bring you extra food. One time he showed me a picture of the band. It was the picture from the CD box. One of the musicians in the picture, he had a lot of hair. It was black with tight curls and it sat on the top of his head like a heavy weight and it went right down the back of his neck to his shoulders. I understand *fashion* in your language, but this hair did not look like fashion, I am telling you—it looked like a punishment. (CLEAVE, 2008, p. 79-80)

Ao evitar o paradoxal risco de colonização intelectual da teoria pós-colonial, a rede de pesquisadores da decolonialidade lançou outras bases e categorias interpretativas da realidade a partir das experiências da América Latina. Em outras palavras, com essa iniciativa, parafraseando Chakrabarty (2000), busca-se não somente provincializar a Europa, mas também toda e qualquer forma de conhecimento que se proponha a universalização, seja o pós-colonialismo seja a própria contribuição decolonial a partir da América Latina. (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 16)

Segundo os autores, o pensamento decolonial é um pensamento de fronteira, por meio do qual os sujeitos que se encontram nas fronteiras ideárias eurocentradas de modernidade podem compreender sua situação, repensar e agir sobre os elementos sociais, políticos e culturais que os mantêm em uma dinâmica de relações subalternizantes e exploratórias.

Porém, os sujeitos coloniais que estão nas fronteiras – físicas e imaginárias – da modernidade não eram e não são seres passivos. Eles podem tanto se integrar ao desenho global das histórias locais que estão sendo forjadas como podem rejeitá-las. É nessas fronteiras, marcadas pela diferença colonial, que atua a colonialidade do poder, bem como é dessas fronteiras que pode emergir o pensamento de fronteira como projeto decolonial.

O pensamento de fronteira não é um pensamento fundamentalista ou essencialista daqueles que estão à margem ou na fronteira da modernidade. Justamente por estar na fronteira, esse pensamento está em diálogo com a modernidade, porém a partir das perspectivas subalternas. (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 18-19)

Podemos perceber em Pequena Abelha uma personagem posicionada nas fronteiras citadas por Bernardino-Costa e Grosfoguel. Ela compreende que o espaço no qual se encontra é dominado por uma mentalidade colonizadora e, apesar de não haver uma transformação efetiva de sua mentalidade, visto ela constantemente enredar pelos mesmos preceitos de dominação masculina e colonial que destruíram sua aldeia e a obrigaram a fugir de sua terra, podemos perceber que existem tentativas por parte da personagem, e por extensão, de Cleave, de quebra desses paradigmas coloniais.

Ao abrir para uma tentativa de decolonização de Pequena Abelha, notamos, por exemplo, em sua explicação sobre a inexistência de ditados relacionados a lobos em sua cultura, o modo como a personagem recupera elementos culturais e tenta reelaborar a recepção de sua cultura pela metrópole.

Assim, resgatar elementos culturais e repensá-los à luz de ideias que fujam dos construtos representacionais hegemônicos e eurocentrados e decolonizar o pensamento a fim de protestar contra formas de subalternização configuram-se como ferramentas na construção

de sociedades inclusivas nas quais os corpos atualmente relegados a periferias sociais possam ter acesso às esferas de poder.

Walsh acrescenta ainda, em seu texto *(Post)Coloniality in Ecuador: the indigenous movement's practices and politics of (re)signification and decolonization* (2008), a necessidade de observarmos os perigos de novas tentativas de colonização. Ao citar acordos internacionais de comércio a autora questiona o quanto esses sistemas econômicos interferem e/ou buscam apropriarem-se novamente de mecanismos colonizadores.

Percebemos, assim, que, se a princípio o romance pode ser lido como uma narrativa pós-colonial, as reflexões de Pequena Abelha abrem o texto para tentativas de avanço decolonial, pois, como mencionado por Bernardino-Costa e Grosfoguel, são pensamentos promotores de esforços que ultrapassam as fronteiras binárias de dominação, rejeitando, assim como comentado acerca das ideias de Butler, a promoção de binarismos como maneiras exclusivas, ou ao menos predominantes, de pensamento:

Aqui reside uma importante diferença entre o projeto decolonial e as teorias pós-coloniais. Essas tematizam a fronteira ou o entrelugar como espaço que rompe com os binarismos, isto é, onde se percebe os limites das ideias que pressupõem essências pré-estabelecidas e fixas. Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também *loci* enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. O que está implícito nessa afirmação é uma conexão entre o lugar e o pensamento. (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 19)

Acrescentamos ainda que, apesar das ideias decoloniais manterem em seu horizonte de análises principalmente as vivências latino-americanas, elas representam concepções que podem ser aplicadas para todo o chamado sul global, aqui entendido não como algo puramente geográfico, mas como uma representação de indivíduos, populações, comunidades e camadas sociais de alguma maneira exploradas, excluídas, invisibilizadas e/ou subalternizadas, seja cultural, política, econômica ou socialmente.

As ideias de Walsh, Bernardino-Costa e Grosfoguel sintetizam muito do pensamento decolonial na concepção, por exemplo, de que o material ideológico uma vez outorgado às comunidades subjugadas não se apresenta como um impeditivo ao desenvolvimento desses povos, nem deve ser excluído do compêndio epistemológico. Enquanto realidade impossível de ser apagada, a reinterpretção e transformação desse pensamento é sobretudo uma oportunidade de rompimento com laços coloniais opressores e uma ocasião favorável ao desenvolvimento do pensamento não europeu e não colonizado. Gostaríamos de comentar, a seguir, sobre o modo

como as ideias pós/decoloniais podem caminhar juntamente com o pensamento feminista na promoção de igualdade frente a sociedades tradicionalmente patriarcais e heteronormativas.

3 FEMINISMOS PÓS/DECOLONIAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FEMINISMO E O FEMININO EM *THE OTHER HAND*

Iniciamos nossas considerações apresentando um breve panorama histórico sobre o feminino e sobre as origens do pensamento feminista, não apenas por motivo de contextualização, mas também por vislumbrarmos em *Pequena Abelha* características que remontam às ideias defendidas por uma primeira onda feminista, não em suas lutas sufragistas, mas em sua busca por isonomia e aceitação social. Iniciamos nossas considerações expondo as ideias de Rose Marie Muraro.

O ser feminino está constantemente ligado à divindade e à sociedade. Revisando o passado humano, desde a passagem das sociedades coletoras nômades para as comunidades agrícolas, a figura feminina desempenha papel fundamental na construção e manutenção da estrutura social.

Em *A repressão dos valores femininos no mundo e na igreja* (1989), Rose Marie Muraro explica que antes das sociedades de caça a grandes animais já havia divisão do trabalho entre homens e mulheres. Entretanto, essa divisão não denotava a existência de desigualdades entre os gêneros. Segundo a autora, a organização social das primeiras comunidades concede à mulher um papel central na vida social e/ou uma posição de governo junto ao masculino.

Quando analisamos resquícios de sociedades que habitaram o continente africano e o que hoje conhecemos como Oriente-Médio é comum que encontremos representações de figuras femininas como deidades governantes ou mesmo como elementos divinos importantes na constituição social.

Ao vislumbrarmos, à guisa de exemplo, a divindade Pótnia, de Çatal Huyuk, atual território da Turquia, adorada há cerca de 10 mil anos; ou mesmo estátuas da Vênus de Lespugne e da Vênus de Willendorf, notamos o culto à imagem feminina provavelmente surgindo antes daquele a divindades masculinas. Enquanto estudiosos ainda discutem a possível inclinação da adoração a essas entidades, seja objetivando fertilidade, sexualidade ou comando enquanto deidade principal, não parece fugir do consenso a ideia de que a figura feminina representa papel importante no horizonte religioso de civilizações antigas.

Examinando a função de perpetuação de geração de vida na cultura grega, entretanto, podemos perceber que muitas vezes temos a figura masculina como central. Se pensarmos nos deuses olímpicos, Zeus, por exemplo, em algumas versões dos mitos dá origem à deusa Atena sem a necessidade da intervenção feminina; ou mesmo Afrodite, que é conhecida por nascer da espuma do mar resultante da castração do titã Urano.

O cristianismo, por exemplo, tende a transferir para mãos masculinas a criação da humanidade. Identificado como masculino, ainda que nenhum gênero lhe seja atribuído oficialmente pela Igreja, Deus cria Adão e Eva, ancestrais comuns dos seres humanos segundo a religião cristã. Devemos notar ainda que o desligamento da figura feminina do protagonismo religioso ocidental é reforçado com a submissão da mulher ao homem e a subseqüente derrocada da raça humana a partir de um delito quase que exclusivamente feminino: Eva desobedece as regras estabelecidas ao comer a maçã, é moralmente fraca o bastante para sucumbir à tentação da serpente, ao mesmo tempo que é forte e astuta o suficiente para tentar o homem e manipulá-lo a seguir seus passos. À mulher é imputada ambas as culpas, ainda que as características necessárias para a realização dos delitos pareçam incompatíveis a princípio.

Dentro da sociedade cristã ocidental, o apagamento feminino é enfraquecido por imagens de santas e beatas dignas da bênção papal, mas indignas de posições de comando na cúria. O mesmo acontece com as mulheres na sociedade: a elas é imputado o papel de “santas do lar” ou “condenadas mundanas”, sem opções de meios termos. A prisão familiar é a “salvaguarda” que garante a proteção masculina às mulheres e à honra feminina, uma vez que são vistas pelos valores patriarcais como criaturas indefesas sem meios de garantir sua autopreservação.

Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe* (2016), comenta a importância da instituição familiar citando que, após os processos de industrialização, foi reforçada a ideia da suposta inferioridade feminina a partir da identificação da mulher com o papel materno:

A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. (DAVIS, 2016, p. 30)

Os papéis de gênero femininos e a instituição familiar são amplamente abordadas na narrativa de Cleave como elementos fundamentais da vivência feminina. Enquanto Pequena Abelha se satisfaz ao cuidar de Charlie, Sarah tem no papel de mãe o que considera ser uma das poucas decisões corretas de sua vida, ainda que revele a infelicidade conjugal com Andrew:

[...] Venho de uma família cujos problemas eram quase sempre pequenos e superáveis.

Não tínhamos casos extraconjugais na minha família. Mamãe e papai amavam-se muito [...] Na minha família, passávamos todas as férias em Devon e escolhíamos nossos companheiros para toda a vida. Eu me perguntava como fora que eu havia rompido o modelo.

[...] Não me lembrava de quanto tempo fazia que eu não dormia assim, pelo menos desde que me casara com Andrew. No primeiro mês, soube que ele não era o homem certo. Depois disso, foi aquela sensação crescente de insatisfação que deixa uma pessoa acordada à noite. O cérebro se recusando a abrir mão daquelas vidas alternativas que poderiam ter sido. Gente que dorme pesado não dorme com todo mundo que aparece.

[...] Quando menina, gostava de tudo o que as meninas gostam: pulseiras de plástico cor-de-rosa e mais tarde as de prata; uns poucos namorados para treinar e em seguida, sem nenhuma grande pressa, homens. [...] ¹²⁸ (CLEAVE, 2010, p. 130)

Em suas memórias de infância Sarah expõe um ideal de família que tenta sustentar com Andrew. Ao pensar nas reações de sua mãe se esta soubesse da existência de Lawrence, Sarah reconhece suas atitudes como uma quebra dos padrões de submissão femininos, e se culpa por isso. Ainda assim, a necessidade da personagem em ter uma figura masculina ao seu lado sobrepõe qualquer sentimento de remorso acerca de suas ações, uma vez a figura masculina sendo elemento, segundo a personagem, fundamental para a identidade familiar e em sua identificação como mãe, fonte de realização pessoal: “[...] Lembrei a mim mesma de que Clarissa não possuía algumas das coisas maravilhosas que eu tinha em minha vida, como meu filho lindo, Batman, e portanto era indiscutivelmente menos realizada do que eu.”¹²⁹ (CLEAVE, 2010, p. 41).

Um outro exemplo da identificação de Sarah com seu papel de mãe e sua função como dona-de-casa é a discussão da personagem com seu amante quando este deseja visitá-la. Embora a visita aconteça, o debate telefônico mostra a tentativa de manutenção dos papéis sociais de Sarah como mais importantes que o corpo feminino:

¹²⁸ [...] I come from a family whose problems were always small and surmountable.

We didn't have extramarital affairs in my family. Mummy and Daddy loved each other very much, [...] In my family we took our holidays in Devon and our partners for life. I wondered how it was that I had broken the mould. [...] I couldn't remember sleeping like that, not since I married Andrew. Within the first month, I'd known he wasn't the right man. After that, it's the growing sense of dissatisfaction that keeps one awake at night. The brain refusing to let go of those alternative lives that *might have been*. It isn't the strong sleepers who sleep around.

[...] As a girl I liked what all girls like: pink plastic bracelets and later silver ones; a few practice boyfriends and then, in no particular hurry, men. [...] (CLEAVE, 2008, p. 175-176)

¹²⁹ [...] I reminded myself that Clarissa did not have some of the wonderful things I had in my life, such as my beautiful son, Batman, and that she was therefore almost certainly less fulfilled than I was. (CLEAVE, 2008, p. 47)

[...] Cravei as unhas na palma de minha mão livre e lutei desesperadamente contra uma parte de mim que me dizia que uma noite na cama com Lawrence e uma garrafa de Pouilly-Fumé seria muito mais excitante do que a Rádio 4.
 — Não, sinto muito. Não vou deixar você vir à minha casa.
 — Mas por que não?
 — Porque minha casa sou eu, Lawrence. [...] ¹³⁰ (CLEAVE, 2010, p. 172)

[...] Estava agindo daquela maneira para proteger Charlie, mantendo distância entre mim e Lawrence. A coisa certa a ser feita. Tudo já era complicado demais. Aí estava algo que eu nunca poderia explicar à minha mãe, imagino: que existem circunstâncias em que permitimos que os homens entrem em nosso corpo mas não em nossa casa. [...] ¹³¹ (CLEAVE, 2010, p. 172)

O ambiente familiar é mais importante e mais protegido do que o corpo feminino. Sarah não tem problemas em se envolver com Lawrence, embora pense várias vezes nos sentimentos da esposa traída. As relações sexuais com o amante devem ser mantidas, mas preferencialmente longe da casa, onde a quebra das diretrizes da santidade feminina não possa conspurcar o ambiente doméstico.

Pequena Abelha também reconhece em suas lembranças de infância, especialmente aquelas relacionadas à sua irmã, uma fonte de conforto para seus problemas. Ao rememorar um episódio no qual ambas se perdem em uma selva nigeriana, a protagonista descreve a maneira como a presença de Nkiruka a coloca em uma posição de segurança:

Desatei a chorar porque a escuridão era completa e eu achava que não acabaria nunca.
 Mas Nkiruka me abraçou bem forte, e me embalou, e cochichou para mim:
 — Não fique triste, irmãzinha. Diga, qual é o meu nome?
 Em meio aos meus soluços, eu disse:
 — Seu nome é Nkiruka.
 E minha irmã esfregou minha cabeça e disse:
 — Sim, é isso mesmo. Meu nome significa “o futuro é brilhante”. Viu? Acha que nossa mãe e nosso pai me dariam esse nome se não fosse verdade? Enquanto estiver comigo, irmãzinha, a escuridão não vai durar para sempre. ¹³²
 (CLEAVE, 2010, p. 220)

¹³⁰ [...] I dug my nails into the palm of my free hand and fought desperately against the part of me that was pointing out that an evening in bed with Lawrence and a bottle of Pouilly-Fumé might be more exciting than Radio 4.

‘No. I’m sorry. I won’t let you come to my house.’

‘But why not?’

‘Because my house is *me*, Lawrence. [...]’ (CLEAVE, 2008, p. 235)

¹³¹ [...] I was doing this to protect Charlie, keeping the distance between me and Lawrence. It was the right thing to do. Things were complicated enough. It’s something I could never have explained to my mother, I suppose: that there are circumstances in which we will allow men to enter our bodies but not our homes. [...] (CLEAVE, 2008, p. 235-236)

¹³² I started to cry because the darkness was complete and I did not think it would ever end. But Nkiruka, she held me close and she rocked me and she whispered to me, *Do not be sad, little sister. What is my name?* And through my sobs I said, *Your name is Nkiruka.* And my sister rubbed my head and she said, *Yes, that is right. My name means ‘the future is bright’. See? Would our mother and our father have given me this name if it was not true? As long as you are with me, little sister, the darkness will not last forever.* [...] (CLEAVE, 2008, p. 303-304)

Se inicialmente, quando em território nigeriano, a segurança de Pequena Abelha é representada na presença da irmã, o assassinato de Nkiruka transfere essa noção de segurança para Sarah, a mulher que cortou o próprio dedo para que Pequena Abelha sobrevivesse.

— Não acho que seja certo você estar aqui. Não acho que seja bom para Sarah neste momento.
 Soprei meu chá. O vapor subiu no ar parado da cozinha e brilhou.
 — Acha que você é bom para Sarah neste momento, Lawrence?
 — Acho, acho, sim.
 — Ela é uma boa pessoa. Salvou minha vida.
 Lawrence sorriu.
 — Conheço Sarah muito bem — disse ele. — Ela já me contou a história toda.
 — Então você precisa acreditar que só estou ficando aqui para ajudá-la.
 — Não estou convencido de que você seja o tipo de ajuda de que ela precisa.
 — Sou o tipo de ajuda que vai tomar conta do filho dela como se ele fosse meu irmão. Sou o tipo de ajuda que vai limpar a casa dela e lavar a roupa dela e cantar para ela quando ela estiver triste. Que tipo de ajuda é você, Lawrence? Talvez você seja o tipo de ajuda que só aparece quando quer ter relações sexuais.¹³³ (CLEAVE, 2010, p. 192)

Ao pontuar suas opiniões acerca da permanência de Pequena Abelha na casa de Sarah, Lawrence demonstra o controle que deseja exercer sobre a amante. As discussões entre o homem e Pequena Abelha são originadas no desafio da jovem africana à autoridade masculina. A convivência relativamente pacífica entre os dois principia apenas quando, após dizer-se responsável pelo suicídio de Andrew, Pequena Abelha se vê novamente dominada pelo homem branco colonizador.

A resposta da protagonista indica ainda seu papel servil na família de Sarah. A condição de Pequena Abelha enquanto colonizada não permite que sua posição na família branca colonizadora seja idêntica à de nenhum de seus membros originais. Aludindo aos comentários de Patricia Hill Collins em *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro* (2016): “[...] essas mesmas mulheres negras sabiam

¹³³ ‘I don’t think it’s right, your being here. I don’t think it’s good for Sarah at the moment.’
 I blew on my tea. The steam from it rose up into the still air of the kitchen, and it glowed. ‘Do you think you are good for Sarah at the moment, Lawrence?’
 ‘Yes. Yes I do.’
 ‘She is a good person. She saved my life.’
 Lawrence smiled. ‘I know Sarah very well,’ he said. ‘She told me the whole story.’
 ‘So you must believe I am only staying here to help her.’
 ‘I’m not convinced you’re the kind of help she needs.’
 ‘I am the kind of help that will look after her child like he was my own brother. I am the kind of help that will clean her house and wash her clothes and sing to her when she is sad. What kind of help are you, Lawrence? Maybe you are the kind of help that only arrives when it wants sexual intercourse.’ (CLEAVE, 2008, p. 263-264)

que elas jamais pertenceriam a suas ‘famílias’ brancas. Apesar de seu envolvimento, permaneciam como *outsiders*.” (COLLINS, p. 100), ou seja, apesar da proximidade de Pequena Abelha com Sarah e Charlie, ela continua sendo uma refugiada da Nigéria sem documentação; não há espaço para ela dentro da família branca, a não ser como mão-de-obra.

Diferente de suas relações no núcleo familiar nigeriano, a segurança de Pequena Abelha na Inglaterra é condicionada à utilidade da garota na manutenção doméstica, ou seja, o motivo para Lawrence não entregá-la à polícia vincula-se à sujeição servil de Pequena Abelha à família branca. Nesse sentido, Pequena Abelha representa muito do legado ocidental relativo às populações negras.

Ainda sobre a instituição familiar, Muraro explica que outro fator determinante na dominação do feminino é a privação de grande número de mulheres na vivência econômica social. Enquanto historicamente parte da função feminina em algumas sociedades consiste em garantir a alimentação e os suprimentos para o bom funcionamento do lar, os homens são tradicionalmente considerados como os motores econômicos da família, sendo vetado, em muitos casos, o trabalho feminino. Essa ideia de masculinidade provedora ainda parece ser fortemente propagada por numerosos discursos conservadores e religiosos, o que não apenas reforça sanções impostas a mulheres, como também ideias machistas sobre feminilidade frágil e desprotegida, além de fortalecer a pressão patriarcal sobre o masculino.

O episódio da praia nigeriana é um retrato de como o homem é comumente posicionado como o detentor do poder econômico. Antes de encontrar o exército miliciano, Andrew e Sarah discutem com um dos seguranças do hotel sobre o perigo de continuarem caminhando pela praia:

Na praia, o homem branco dizia:

— Tem a ver com dinheiro?

E o segurança respondeu:

— Não sinhô.

O segurança apurou o corpo e olhou para a mata, de onde vinham os latidos dos cachorros. Tirou o fuzil do ombro.

[...]

O homem branco disse:

— Ora, deixe disso, chega de teatro. Diga só quanto quer, vamos lá. Minha mulher já está enjoada de tanto ficar presa naquele hotel. Quanto quer para nos deixar dar uma volta sozinhos? Um dólar?

O segurança sacudiu a cabeça. Não estava olhando para o homem branco. Acompanhava com os olhos um bando de pássaros vermelhos que levantara voo da mata uns duzentos metros adiante.

— Não, dólar, não — disse o segurança.

— Dez dólares, então — disse a mulher branca.

— Ah, pelo amor de Deus, Sarah, não exagera. Isso equivale a uma semana de salário aqui.

— Deixe de ser pão-duro — replicou a mulher branca. — Que são dez dólares para nós? É bom poder fazer alguma coisa por essa gente. Deus sabe o que eles passam.

— Está bem, então, cinco dólares — disse o homem branco.

O segurança observava as copas das árvores. A uns cento e cinquenta metros de distância, no topo de um pequeno barranco, as pontas das samambaias se agitavam.

— Vocês voltam comigo agora — disse o segurança. — No hotel é melhor para vocês.

— Escute aqui — disse o homem branco —, desculpe se o ofendemos oferecendo dinheiro, e eu o respeito por não aceitar. [...] Não vim aqui para ter outra pessoa editando minhas férias.

[...]

— Por favor, senhora e sinhô — disse o segurança. — Vem encrena aí. Vocês não conhecem o meu país.¹³⁴ (CLEAVE, 2010, p. 111-112)

Na dinâmica entre as três personagens, é explicitada a ideia do colonizado como um indivíduo facilmente corruptível devido a aspectos sociais como pobreza e ignorância. Além disso, é clara a concepção de que a fonte dos recursos financeiros não é apenas a figura masculina, mas o masculino colonizador. Assim como o segurança, Sarah pode ter acesso à riqueza da metrópole somente a partir da anuência do dominador masculino. A guisa de exemplo podemos citar o pedido de Sarah para que o marido dê dez dólares para o segurança, substituído por Andrew pela oferta de cinco. A interação entre as personagens realça a concepção de que nas relações coloniais ou nas relações conjugais, o homem é predominantemente visto como detentor do poder econômico.

¹³⁴ Down on the beach the white man was saying, ‘Is this about money?’

And the guard was saying, ‘No, mister.’

The guard stood up straight and looked into the jungle where the noise of the dogs was. He unslung his rifle. [...]

The white man said, ‘Oh don’t give us the big performance. Just tell us how much you want. Come on. My wife is sick to the gills of being cooped up in that fuckin’ compound. What will you take to let us go for a walk on our own? One dollar?’

The guard shook his head. He wasn’t looking at the white man. He was watching a flock of red birds flying up from the jungle, two hundred yards away.

‘No dollar,’ the guard said.

‘Ten dollars, then,’ the white woman said.

‘Oh, for the love of God, Sarah,’ the white man said. ‘That is *way* too much. That’s a week’s wages here.’

‘Don’t be such a tight-arse,’ the white woman said. ‘What’s ten dollars to us? It’s nice to be able to do something for these people. God knows they have little enough.’

‘Well, look then, five dollars,’ the white man said.

The guard was watching the treetops. One hundred and fifty yards away, up a shallow gully, the tips of the palm ferns were twitching.

‘You come back with me now,’ the guard said. ‘Hotel compound is best for you.’

‘Listen,’ the white man said. ‘I’m sorry if we offended you by offering money and I respect you for not taking it. [...] I didn’t come here to have anyone edit my holiday.’

‘Please, mister and missus,’ the guard said. ‘Trouble is come here. You do not know my country.’ (CLEAVE, 2008, p. 149-151)

Frente a essas considerações, é importante notarmos que elas comumente estão ligadas à vivência de mulheres, assim como Sarah, brancas da classe média. São essas mulheres que protagonizam o início da organização do movimento feminista ocidental, embora ainda comprometidas com o pensamento hegemônico, cristão e contaminado por séculos de opressão patriarcal. Dessa maneira, gostaríamos de nos deter brevemente nas acepções iniciais que construíram as ideias de feminismo enquanto movimento organizado, conquanto essas ideias restrinjam enormemente a participação de mulheres na luta feminista.

Talvez uma maneira de compreender as ramificações atuais do pensamento feminista seja explorar sua história. Assim, de forma a ilustrar a caminhada feminina rumo à conscientização sobre a opressão masculina e à busca por direitos sociopolíticos iguais, gostaríamos de comentar as considerações de Carla Cristina Garcia, acerca do desenvolvimento do movimento feminista hegemônico ocidental cristão, e de Mary del Priore sobre a condição da mulher no final do século XIX. Cabe esclarecermos que embora Priore enfoque principalmente a realidade brasileira, nosso objetivo é principalmente sublinhar exemplos da vivência feminina quando inserida em contexto patriarcal e tradicionalista.

Em *Breve história do feminismo* (2015), Garcia aponta que a opressão masculina sobre o ser feminino será elemento comum da hierarquia social por muitos séculos. Ao retornar ao período renascentista, por exemplo, percebemos os novos paradigmas sobre o ser humano, bem como as ideias científicas, predominantemente ligados à figura masculina, não alcançando mulheres de qualquer estrato social. Nesse sentido, a autora cita a explicação para tal fenômeno sob as palavras de São Tomás de Aquino, quando este discursa acerca da possibilidade de sacerdócio para ex-escravizados e mulheres: “Questionado se o escravo liberto poderia ser sacerdote, São Tomás de Aquino respondeu que sim, pois o escravo é *‘socialmente inferior’*, enquanto a mulher é *‘naturalmente inferior’*.” (GARCIA, 2015, p. 25, grifos do autor).

Apesar do feminino ainda encarnar papéis secundários durante o Renascimento, o culto renascentista ao gênio humano e à individualidade renderam consequências para as mulheres do período. Já no século XVI algumas mulheres começam a se organizar em direção a reivindicações contrárias à subalternização na sociedade e, malgrado o termo *feminismo* tendo sido cunhado apenas quatro séculos mais tarde, em 1911, podemos vislumbrar essas primeiras tentativas de organização como as sementes do pensamento espalhado pela Europa posteriormente.

Existem ainda numerosas manifestações anteriores de mulheres em favor da promoção de alguma equidade, mas, de maneira geral, essa equidade compreendia uma intenção particular, como ocorre com Hipátia de Alexandria, ou mesmo a brasileira Maria Quitéria de

Jesus. Em ambos os casos, reconhecemos nesses indivíduos o ideal de insurgência contra os papéis tradicionais das mulheres na sociedade e, embora suas histórias não sejam exemplos de finais felizes, serviram como modelo de oposição aos lugares fixados para o feminino na sociedade marcada pelo machismo estrutural.

A fermentação das ideias de libertação das amarras sociais ganha força apenas no final do período renascentista, a partir das ideologias advindas da Reforma Protestante. Uma vez que o pensamento reformista prevê “[...] a primazia da consciência-indivíduo e o sacerdócio universal [...]” (GARCIA, 2015, p. 30), o sexo biológico, na época ainda confundido com as determinações de gênero, não impede o indivíduo de ser reconhecido enquanto sujeito consciente e culturalmente capaz de exercer o sacerdócio. Esse nivelamento entre o masculino e o feminino, praticamente ausente no pensamento católico tradicional, mostra-se enquanto elemento aprazível e útil na legitimação de reivindicações femininas.

É forçoso notarmos que, em sua maioria, os levantes em favor de maior igualdade entre homens e mulheres foram concebidos sobretudo nas esferas sociais economicamente e politicamente favorecidas. O caso das Preciosas, por exemplo, é simbólico, pois marca a crítica da sujeição feminina prescrita em códigos sociais, culturais, religiosos e jurídicos por um grupo de damas da aristocracia europeia, ou seja, a revolta contra os padrões sociais ainda está, aqui, demarcada em um círculo hegemonicamente seletivo de mulheres educadas e de classe social elevada, sem que as realidades e as vivências de outras mulheres encontrem espaço. Ademais, não é dispensável reforçarmos que todas essas insurgências acontecem em meio a um pano de fundo europeu hegemônico e, à proporção que as organizações femininas se deslocam para o continente americano, a crescente classe média estadunidense, na qual o pensamento feminista floresce, em quase simultaneidade com aquele dos países europeus, mantém a hegemonia como palavra de lei em suas reivindicações.

Ainda assim, é do grupo das Preciosas que surge o considerado por Garcia como a primeira obra “feminista”, na qual a demanda pela igualdade dos sexos é amplamente abordada. Com *Sobre a igualdade dos sexos*, escrito em 1673 por Poulin de la Barre, as ideias começam a ser difundidas com mais amplitude e a chegar às mãos de filósofos que, embora em número reduzido, principiam discussões de apoio às demandas femininas.

Essas ideias ganham força novamente quando das revoluções ocorridas na Europa e na América do Norte no século XVIII. Os princípios de igualdade e cidadania pregados pela Revolução Francesa (1789) e pela Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776) abrem caminho para que as mulheres rejeitem a continuidade das desigualdades entre os sexos. Utilizando os próprios ideais da revolução, muitas mulheres denunciam a hipocrisia do

pensamento revolucionário que não conseguia perceber as incongruências na defesa da manutenção da sujeição feminina:

A razão ilustrada, fundamentalmente crítica, possui a capacidade de voltar-se sobre si mesma e detectar suas próprias contradições. E foi dessa maneira que as mulheres da Revolução Francesa a utilizaram quando observaram com espanto como o novo Estado revolucionário não encontrava contradição alguma em defender a igualdade universal e deixar sem direitos civis e políticos todas as mulheres. (GARCIA, 2015, p. 40)

Em seus apontamentos, essas mulheres denunciavam o que apelidaram de “aristocracia masculina”, pois mesmo os esforços femininos durante os conflitos revolucionários não eram reconhecidos pelos grupos majoritários de homens. Nas queixas apresentadas ao rei francês por parte dos três Estados (nobreza, clero e povo), as mulheres não tiveram participação, insuflando, assim, a composição dos *cahiers de doléance*, ou seja, cadernos de queixas, nos quais as mulheres declaravam estar abaixo do terceiro Estado e expunham não apenas seus desejos acerca de educação, trabalho, matrimônio, leis e direito ao voto, como também destacavam a consciência de sua condição enquanto indivíduos vitimados pela força opressora masculina.

Para Mary del Priore, em *Histórias e conversas de mulher* (2013), essa opressão masculina é evidente quando pensamos em dois dos principais pilares sociais patriarcais: a família, como mencionado, e a religião. Segundo a autora, a família é mais velha das instituições sociais humanas, principalmente quando pensamos na realidade cristã. Embora tenha sobrevivido à sanha religiosa do espelhamento com a sagrada família bíblica, o espaço doméstico não foi, e ainda não é para a mulher, um ambiente de liberdade.

No período pós colonização portuguesa do Brasil, a mulher é considerada como a “rainha do lar”, e suas incumbências na família são claramente definidas: desempenhar funções de manutenção da limpeza doméstica; cuidar e educar os filhos, em especial as meninas; e atender os desejos sexuais do marido:

A Igreja católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro de casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja. (PRIORE, 2013, p. 13)

A falha em qualquer de suas funções no seio familiar, mais que uma vergonha, poderia transformá-la no “demônio familiar”, uma criatura indigna da alcunha de “mulher”. Cabe ao feminino e aos filhos respeitarem a autoridade masculina, como uma bússola moral que subordina todos os integrantes da família a seus desígnios.

A descoberta do caso extraconjugal de Sarah, por exemplo, como uma falha no preceito de obediência, respeito e subordinação ao marido, ameaça a integridade da família O'Rourke e, portanto, a posição da personagem como dona-de-casa e mãe:

Mais tarde, com Charlie já acomodado em sua cama, telefonei para meu marido.

— Charlie quer que você volte, Andrew.

Silêncio.

— Andrew?

— Charlie quer, é?

— É.

— E quanto a você? Você quer que eu volte?

— Eu quero o que Charlie quer.

— Você realmente sabe como fazer um homem se sentir especial.

— Por favor. Sei que magoei muito você. Mas agora vai ser diferente.

— Ah, tem razão, vai ser diferente mesmo.

— Não posso criar nosso filho sozinha, Andrew.

— E eu não posso criar meu filho tendo uma vagabunda como mãe dele.¹³⁵ (CLEAVE, 2010, p. 173)

— Por favor, Andrew. É sobre você, eu e Charlie que estamos falando. Gosto tanto de vocês dois que você nem imagina. O que fiz com Lawrence... sinto muitíssimo.

— Por que você fez isso?

— Não teve qualquer importância, nunca. Foi apenas sexo.

A mentira saiu da minha boca com tanta facilidade que percebi porque a frase era tão popular.¹³⁶ (CLEAVE, 2010, p. 174)

¹³⁵ Later, with Charlie tucked up in bed, I phoned my husband. ‘Charlie wants you back, Andrew.’

Silence.

‘Andrew?’

‘Charlie does, does he?’

‘Yes.’

‘And what about you? Do you want me back?’

‘I want what Charlie wants.’

Andrew’s laugh down the phone—bitter, derisory. ‘You really know how to make a man feel special.’

‘Please. I know how badly I’ve hurt you. But it’ll be different now.’

‘You’re bloody right it’ll be different.’

‘I can’t raise our son alone, Andrew.’

‘Well, I can’t raise my son with a slut for his mother.’ (CLEAVE, 2008, p. 237)

¹³⁶ ‘Please, Andrew. This is you and me and Charlie we’re talking about. I care so much about both of you, you can’t imagine. What I did with Lawrence...I’m so sorry.’

‘Why did you do it?’

‘It was never meant to mean anything. It was just sex.’ The lie came out of my mouth so easily that I realized why it was so popular. (CLEAVE, 2008, p. 237-238)

Sarah encarna o papel da mulher cuja vida é dedicada ao bem-estar familiar. Suas vontades e sentimentos são negados em favor do filho, pois ela quer “o que Charlie quer”, e seu desejo pelo amante é rejeitado em prol da manutenção da família. O tom de submissão de Sarah frente às vontades de Andrew ecoa os preceitos cristãos de subordinação feminina ao homem, e denuncia o condicionamento da felicidade feminina aos desejos masculinos, pois a mulher deve dedicar sua vida à família ou a Deus, e o desvio dessas opções pode ser visto como uma afronta à sociedade. Sua felicidade não é importante, pois luta pela continuidade do casamento ainda que declare: “O’Rourke é um nome áspero, e imaginei que minha felicidade fosse amaciá-lo. Mas como Sarah O’Rourke perdi o hábito da felicidade. [...]”¹³⁷ (CLEAVE, 2010, p. 131)

O texto de Cleave reproduz uma série de clichês patriarcais e religiosos que ora representam a mulher no papel de uma Eva contemporânea, como no caso de Pequena Abelha, causadora da ruína de Andrew; ora mantém a figura da mulher em posição abaixo do homem, visto ser Sarah quem procura o marido, pois como mulher é função dela, não de Andrew, prezar pela manutenção do ambiente doméstico. O relacionamento entre os pais de Charlie corrobora as palavras de Priore, além de espelhar questões comuns aos relacionamentos conjugais contemporâneos.

Pontuamos que Priore, ao escrever seu texto, mantém em mente uma sociedade de base católica, notadamente focada em uma realidade brasileira, e ressaltamos que esse sistema de opressão patriarcal também pode ser encontrado em desígnios de muitas igrejas de denominação protestante, como as vertentes religiosas anglicanas. Em maior ou menor grau, a submissão das mulheres aos homens integra os dogmas bíblicos, de modo que a mulher mantém uma constante “dívida” para com o gênero masculino, visto como responsável pela preservação de sua existência social.

Na sociedade que aprisiona por meio do matrimônio, apenas a mulher casada, seja com um homem ou com Deus, é considerada respeitável. Segundo Priore, nesse contexto a ideia machista sobre o “sexo frágil” e a concepção da mulher enquanto sujeito em constante necessidade de proteção criam uma dívida do feminino com o masculino, como se a existência e sobrevivência das mulheres fosse uma benesse masculina.

Ao citar as relações entre homens e mulheres no passado brasileiro, a autora ressalta como a religião mantinha as mulheres “em rédeas curtas”. Qualquer ação ou pensamento que de alguma forma desafiasse a supremacia masculina ou as diretrizes eclesiásticas era visto como

¹³⁷ O’Rourke is a sharp name and I imagined my happiness would soften it. But as Sarah O’Rourke I lost the habit of happiness. [...] (CLEAVE, 2008, p. 177)

um claro sinal de degradação moral e uma desonra para a família da mulher. Não é espantoso que formas de esconder essas supostas “falhas” femininas, como as rodas de enjeitados ou roda dos expostos, bastante populares no Brasil e em Portugal entre os séculos XV e XIX; ou o envio de mulheres “rebeldes” para conventos ou para internações forçadas em sanatórios, tenham sido populares por muitos anos.

Embora presas a uma estrutura familiar limitante, a virada do século XIX para o século XX marca o momento em que movimentos feministas organizados ganham espaço no Reino Unido e nos Estados Unidos, enfocando, entre outras pautas, questões referentes ao voto feminino. A formação de grupos femininos com objetivos e questionamentos em comum: a busca por melhores condições de vida e por igualdade entre homens e mulheres, começa a tomar forma e a divulgar de maneira mais acentuada as ideias feministas.

Inicialmente, o movimento conta principalmente com um grupo bastante específico de mulheres: brancas e de classe média. Esse princípio, portanto, apresenta reivindicações que contemplam uma parcela específica e assaz reduzida da população feminina. Em *Ain't I a woman?* (1990), bell hooks comenta sobre o início do movimento feminista nos Estados Unidos ao sublinhar as condições às quais mulheres, antes escravizadas, eram submetidas na sociedade estadunidense.

Segundo hooks, os corpos negros femininos sofriam violência tanto física quando sexual, seja antes ou depois da abolição da escravatura. Inseridos na sociedade patriarcal norte-americana, desde os primórdios do tráfico negreiro para as colônias inglesas na América, a mulher negra foi alvo do ódio masculino.

O tratamento brutal de mulheres negras escravizadas por homens brancos expunha a profundidade do ódio pelas mulheres e pelo corpo feminino. Esse tratamento era consequência direta das atitudes misóginas direcionadas às mulheres, que prevaleciam na sociedade colonial americana.¹³⁸ (HOOKS, 1990, p. 29, tradução nossa)

Ainda segundo hooks, esse ódio é perceptível ao reconhecermos que, embora as mulheres escravizadas fossem incumbidas de trabalhos braçais nas lavouras coloniais, o inverso não é verdadeiro, ou seja, funções tradicionalmente vistas como femininas pelo pensamento patriarcal não eram comumente atribuídas a escravizados do sexo masculino. A autora

¹³⁸ The brutal treatment of enslaved black women by white men exposed the depths of male hatred of woman and woman's body. Such treatment was a direct consequence of misogynist attitudes toward women that prevailed in colonial American society. (hooks, 1990, p. 29)

argumenta que a liberdade e os corpos dos homens negros escravizados podiam lhes ser tomados, mas sua masculinidade não.

Essas ideias explicam, por exemplo, o porquê de Pequena Abelha, como uma garota negra e africana, ser representada constantemente em situações tipicamente vistas como femininas e/ou relegadas a camadas sociais mais baixas: faxineira, babá, “imigrante” esquálida, ex-prisioneira, fugitiva, ruína do homem branco, comparada a animais e coisificada; enquanto Sarah é a viúva branca da classe média, indefesa, necessitada de ajuda e da companhia masculina.

Os homens de Cleave, também, devem cumprir os papéis patriarcais, sob pena de eliminação. Andrew, como marido, não foi respeitado por sua esposa, não é mais capaz de satisfazê-la sexualmente, não pode protegê-la no encontro com os milicianos nigerianos e mostrou-se menos corajoso que ela ao recusar cortar seu dedo para salvar Nkiruka; seu fim é a autoeliminação, pois seu valor é questionado uma vez que não pode mais representar o modelo patriarcal hegemônico e colonizador.

Lawrence, por outro lado, é capaz de manter duas famílias, além de conseguir estabelecer seu domínio sobre Sarah e Pequena Abelha, ou seja, seu posto como ideal colonizador é garantido e recompensado. Mais do que uma falta de representatividade LGBTQIA+ entre suas personagens, a construção narrativa de Cleave comprova que o pensamento machista e escravagista mantém raízes na contemporaneidade.

Ainda acerca das considerações de hooks, devemos observar que a colonização nos moldes citados se desenvolveu sobretudo nas colônias britânicas do sul dos Estados Unidos, visto que essas colônias abrigavam grandes extensões territoriais dedicadas ao sistema de *plantation*, ou seja, ao contrário das colônias do norte, mais industrializadas, as colônias do sul contavam ainda com um numeroso contingente de trabalhadores escravizados para sua produção agrícola. Percebemos, portanto, a existência de similitudes, na Inglaterra e nos Estados Unidos, acerca do ideário colonial, patriarcal e hegemônico, uma maneira de preservação da influência dessas concepções sobre o pensamento social, político e cultural.

A autora explica que na percepção escravagista estadunidense, assim como acontecia nas demandas de trabalho, os castigos eram comumente distribuídos de maneira semelhante, embora as mulheres, normalmente mais expostas a vários tipos de violência, tendiam a sofrer mais com as punições.

Essas situações são usadas por Sojourner Truth ao discursar em 1852 na segunda convenção anual do movimento pelos direitos femininos em Ohio, Estados Unidos. Parece simbólico o fato do discurso de Truth ter se seguido ao de um homem branco cuja fala, segundo

hooks, condenava a igualdade de direitos entre homens e mulheres ao alegar que “[...] a mulher era fraca demais para performar sua cota de trabalho manual – que a mulher era inata e fisicamente inferior ao homem.”¹³⁹ (HOOKS, 1990, p. 160, tradução nossa). Parece também significativo que, de acordo com hooks, as mulheres brancas ali presentes gritassem contra a fala de Truth unicamente pelo fato de ela ser uma mulher negra.

Em seu discurso, Truth questiona as diferenças entre o tratamento dispensado a mulheres de classes sociais distintas ao expor sua realidade enquanto ex-escravizada:

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a subir em carruagens, erguidas sobre as valas, e ter o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém me ajuda a entrar em carruagens, nem a passar sobre poças de lama, nem me dá o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem o meu braço! Arei e plantei, e levei tudo para os celeiros, e nenhum homem era melhor que eu! E eu não sou uma mulher? Podia trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando conseguia comida – e suportar o chicote também! E eu não sou uma mulher? Dei à luz a treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando gritei com minha dor de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu! E eu não sou uma mulher?

Então eles falam sobre essa coisa na cabeça; como é que eles chamam isso? [um membro da audiência sussurra “intelecto”]. Isso mesmo, querida. O que isso tem a ver com os direitos das mulheres ou o direito dos negros? Se minha xícara comporta só meio litro e a sua um litro, não seria maldade sua não me deixar encher essa meia medida?

Então aquele mocinho de preto ali diz que mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era uma mulher! De onde veio o seu Cristo? De onde veio o seu Cristo? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo, essas mulheres reunidas devem ser capazes de fazê-lo voltar e ficar do lado certo novamente! E agora que elas estão pedindo para fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer.¹⁴⁰ (TRUTH, 1852, tradução nossa)

¹³⁹ [...] woman was too weak to perform her share of manual labor – that she was innately the physical inferior to man. (HOOKS, 1990, p. 160)

¹⁴⁰ That man over there says that women need to be helped into carriages, and lifted over ditches, and to have the best place everywhere. Nobody ever helps me into carriages, or over mud-puddles, or gives me any best place! And ain't I a woman? Look at me! Look at my arm! I have ploughed and planted, and gathered into barns, and no man could head me! And ain't I a woman? I could work as much and eat as much as a man - when I could get it - and bear the lash as well! And ain't I a woman? I have borne thirteen children, and seen most all sold off to slavery, and when I cried out with my mother's grief, none but Jesus heard me! And ain't I a woman?

Then they talk about this thing in the head; what's this they call it? [member of audience whispers, "intellect"] That's it, honey. What's that got to do with women's rights or negroes' rights? If my cup won't hold but a pint, and yours holds a quart, wouldn't you be mean not to let me have my little half measure full?

Then that little man in black there, he says women can't have as much rights as men, 'cause Christ wasn't a woman! Where did your Christ come from? Where did your Christ come from? From God and a woman! Man had nothing to do with Him.

If the first woman God ever made was strong enough to turn the world upside down all alone, these women together ought to be able to turn it back, and get it right side up again! And now they is asking to do it, the men better let them.

Ao desafiar as convenções sobre a condição feminina, Truth expõe as incongruências do discurso machista e racista da época. Davis (2016), por exemplo, comenta acerca da divisão do trabalho no período escravagista que, como citado por Truth, era comumente dividido de maneira “igualitária” entre os escravizados, enquanto as punições eram piores quando direcionadas às mulheres:

A maioria das meninas e das mulheres, assim como a maioria dos meninos e dos homens, trabalhava pesado na lavoura do amanhecer ao pôr do sol. No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens.

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, p. 25)

A percepção da realidade vivenciada por populações femininas negras abre espaço para a inclusão de mulheres negras no movimento, não enquanto números, mas como participantes ativamente engajadas na luta contra injustiças racialmente estabelecidas. A igualdade racial começa a fincar raízes nas agendas feministas.

Nesse sentido, hooks explica que, como um movimento composto em grande parte por mulheres brancas e de classe média, a igualdade de gênero era desejada, enquanto pautas sobre igualdade racial eram desvalorizadas. Uma preocupação constante dessas mulheres era o rebaixamento do status social, soerguendo os homens negros a um patamar superior ao seu, caso houvesse igualdade racial. Uma outra explicação é a mitologia segregacionista criada pela escravidão segundo a qual a mulher negra era vista como imoral e incapaz de liderar um movimento organizado:

Um desses problemas foi a tendência geral entre os Americanos brancos, e até mesmo alguns negros que sofreram lavagem cerebral, em considerar todas as mulheres negras como sexualmente imorais, licenciosas e libertinas – um estereótipo negativo originado na mitologia sexista americana. Conseqüentemente, enquanto organizações de mulheres brancas podiam se concentrar em medidas gerais de reforma, as mulheres negras precisaram

lançar uma campanha para defender sua “virtude”.¹⁴¹ (HOOKS, 1990, p. 165, tradução nossa)

Os estereótipos da mitologia sexista norte-americana acompanham as mulheres, principalmente as mulheres negras, até os dias atuais, seja através de figuras como Sapphire¹⁴², a emasculante megera irritadiça; por meio de elementos imagéticos como o *black face*; ou por meio de mitos sexualizantes do corpo feminino negro, outrificando-o e conferindo-lhe elementos de exotismo. Davis também comenta os mitos criados sobre as mulheres negras ao citar que: “As discussões incessantes sobre sua ‘promiscuidade sexual’ ou seus pendores ‘matriarcais’ obscureciam, mais do que iluminavam, a situação das mulheres negras durante a escravidão.” (DAVIS, p. 22). A expressão desses mitos sexuais na contemporaneidade abrem espaço para considerações machistas sobre estupro, por exemplo, e apesar de afetarem as mulheres em geral, é patente a visão machista contemporânea da mulher negra como mais sexualmente “disponível”.

Na narrativa de *Cleave*, a sexualidade é abordada como uma forte característica feminina. Sarah e sua colega de trabalho Clarissa, por exemplo, fazem da moda e do sexo os principais temas de suas conversas:

— Deixe de ser pragmática, Sarah. Estamos falando de um novo universo inteiro de prazer sexual. Que estamos chamando de ponto C. De Chefê. Viu o que fizemos aqui?
 — Fantástico.
 — Obrigada, querida. Nós nos esforçamos.
 Chorei intimamente ao pensar em mulheres pelo país afora sentindo prazer com gerentes do segundo escalão de ternos de calças lustrosas. [...] ¹⁴³
 (CLEAVE, 2010, p. 42)

¹⁴¹ One such problem was the general tendency among white Americans and even some brainwashed blacks to regard all black women as sexually immoral, licentious, and wanton – a negative stereotype that had its origin in American sexist mythology. Consequently, while white women’s organizations could concentrate their attention on general reform measures, black women had to launch a campaign to defend their ‘virtue’” (HOOKS, 1990, p. 165)

¹⁴² Personagem caricatural tomada pela mídia como um estereótipo de mulheres negras. Sapphire fala alto, é rude, maliciosa, teimosa, agressiva e temperamental. Vista como emasculante, sobretudo para homens negros, era comumente retratada com as mãos na cintura, ou gesticulando enquanto humilhava homens negros por problemas sexuais ou por falta de emprego. Foi utilizada por muito tempo pelos veículos de mídia como uma forma de punição às mulheres negras que quebrassem o estereótipo da mulher servil, passiva e invisível.

¹⁴³ ‘Don’t get empirical with me, Sarah. We’re talking about a whole new realm of sexual pleasure. We’re calling it the B-spot. B, as in boss. See what we did there?’

‘Ingenious.’

‘Thank you darling. We do try.’

I wept inwardly at the thought of women up and down the country being pleased by middle managers in shiny-bottomed suits. [...] (CLEAVE, 2008, p. 49)

Editora de uma revista feminina, Nixie, Sarah tem seus pensamentos constantemente ligados a temas considerados na narrativa da Cleave como importantes para a mulher metropolitana da classe média. A mentalidade colonial atribui à mulher interesses vistos muitas vezes como frívolos, enquanto problemas sociais são encarados como desimportantes. Uma das únicas tentativas da esposa de Andrew de publicar uma matéria que fugisse ao estereótipo machista sobre o feminino é reprimida, pois é considerada como irrelevante para a metrópole:

— Oh, Sarah — disse Clarissa. — Nós já estamos juntas há tempo demais para uma deixar a outra na mão... Você é a chefe. É claro que vou fazer uma matéria sobre refugiados se você quiser mesmo. Mas acho que não está entendendo que as pessoas vão abandonar a leitura logo no começo. *Não é um assunto que afete a vida de alguém*, o problema é esse.¹⁴⁴ (CLEAVE, 2010, p. 212, grifo nosso)

As palavras de Clarissa reafirmam a ideologia colonial acerca dos povos colonizados como descartáveis, substituíveis. O sofrimento e a vulnerabilidade desses sujeitos não afetam a vida do colonizador, uma vez que a função desses corpos se limita a servir os interesses dominantes, são indivíduos irrelevantes para a continuidade da sociedade metropolitana.

Sarah mantém, assim, sua existência focada na satisfação sexual, na manutenção doméstica e na preservação de seu *status* social. Quando o estado depressivo de Andrew progride, assume a função de tentar conter o abalo na vida conjugal por meio de relações sexuais:

Encontrei-o aos prantos. Perguntei quem telefonara, mas ele não quis dizer. Então, como estávamos ambos acordados e Charlie ainda estava dormindo, fizemos amor. Às vezes eu fazia isso com Andrew. Mais para ele do que para mim, realmente. Àquela altura de nosso casamento, tornara-se uma tarefa de manutenção, como checar os aquecedores — apenas mais um dos cuidados domésticos. [...] ¹⁴⁵ (CLEAVE, 2010, p. 35)

Impossibilitada de alcançar a satisfação sexual com Andrew, seus desejos são redirecionados não apenas para seu amante, como também para outros homens, embora de modo contido. Quando uma dupla de policiais vai ao seu escritório informá-la sobre a morte do

¹⁴⁴ ‘Oh Sarah,’ said Clarissa. ‘We go too far back to let one another down. You’re the boss. Of course I’ll get you a feature on refugees, if you really want it. But I really don’t think you understand how quickly people’s eyes will glaze over. It isn’t an issue that affects anyone’s own *life*, that’s the problem.’ (CLEAVE, 2008, p. 291)

¹⁴⁵ I found him in tears. I asked him who it had been on the phone, but he wouldn’t say. And then, since we were both awake and Charlie was still asleep, we made love. I used to do that with Andrew sometimes. More for him than for me, really. By that stage of our marriage it had become a maintenance thing, like bleeding the air out of the radiators—just another part of running a household. [...] (CLEAVE, 2008, p. 38-39)

marido, os pensamentos de Sarah revelam mais curiosidade acerca das características físicas de ambos, do que sobre a razão da visita:

Os rostos dos policiais brilhavam de modo pouco natural sob a luz rosada. Pareciam homens de filmes em preto e branco colorizados por computador. Um deles, mais velho, era calvo. Com uns quarenta e cinco anos. O mais novo, o do cabelo louro curto, talvez tivesse uns vinte e dois, vinte e quatro anos. Belos lábios. Bem cheios, parecendo suculentos. Não era bonito, mas fiquei fascinada pela maneira como se portava de pé e baixava os olhos de modo respeitoso ao falar. E é claro que o uniforme também sempre conta. Gostaria de saber se despem o protocolo junto com o casaco, ou algo assim.¹⁴⁶ (CLEAVE, 2010, p. 46)

Embora a sexualidade da mulher branca seja explorada na narrativa, essa característica é apresentada como mais decorosa que a sexualidade da mulher negra. Os mitos raciais comentados por hooks são abordados por Cleave principalmente por meio da personagem Yevette. Representada como uma refugiada negra ignorante e debochada, a hipersexualização de Yevette é evidente nos diálogos que tem com Pequena Abelha:

— Esse motorista de táxi, ele parecia bunitão no telefone?
 — Não falei com o motorista, só com o atendente da central de táxis.
 — Faz dezoito mês que tô sem homi, Musquita. É bom esse motorista sê o próprio Rei do Pedaço, tá me entendeno? Gosto de homi alto, com umas gurdurinha. Num gosto desses fedelhim magricelo, não. E tem de vir todo chique, arrumado. Não vô perdê meu tempo cum homi fudido, tô certa ou num tô? ¹⁴⁷(CLEAVE, 2010, p. 61)

A representação da sexualidade de Yevette, aliada ao vocabulário atribuído à personagem, ecoa a concepção racista acerca da imoralidade da mulher negra, pois ela deseja a satisfação sexual, mas também ambiciona ganho de alguma espécie. Um outro ponto interessante é a ênfase na lascividade da personagem que, baseado no tempo decorrido desde sua última relação sexual, alude a um desejo exacerbado por sexo.

¹⁴⁶ The officers' faces glowed unnaturally in the pinkish light. They looked like black and white movie men, colored in by a computer. One older, the one with the bald patch. Maybe forty-five. The younger one, with the blond cropped hair, maybe twenty-two or twenty-four. Nice lips. Quite full, and rather juicy looking. He wasn't beautiful, but I was transfixed by the way he stood and cast his eyes down deferentially when he spoke. And of course there's always something about a uniform. You wonder if the protocol will peel off with the jacket, I suppose. (CLEAVE, 2008, p. 55)

¹⁴⁷ 'Dis taxi-driver, he soun cute on de phone?'

'I did not talk to the driver. I only talked to the taxi controller.'

'Eighteen month I gone without a man, Bug. Dis taxi-driver better be a rill Mister Mention, yu know what I'm sayin? Me like em tall, wid a bit o fat on em. Me no like no skinny boys. An me like em dress fine. Got no time fo loosers, ain't dat right?' (CLEAVE, 2008, p. 77)

A sexualidade da mulher negra é também vinculada por Cleave à submissão ao colonizador. Ao comentar com Pequena Abelha os motivos de sua libertação, Yevette sugere o uso da relação sexual como moeda de troca:

— Fiz um favorzim prum daqueles homi da imigração, né? Ele mudô umas coisa lá no computador, umas marca no lugar certo, sabe, e — PIMBA! — saiu os nome tudo de quem era pra sortá. Tu, eu e mais duas moça. [...] E aí nós tá aqui agora. Sortinha da silva.

— Só que sem documentos.¹⁴⁸ (CLEAVE, 2010, p. 75)

— Então, o que você disse ao homem do Ministério do Interior?

— Na minha entrevista pra pedi asilo? Tu qué sabê quiequeu disse prele?

— É.

— Eu disse que caso ele desse um jeito pra me sortá daquele lugar, ele podia fazê o que quisesse comigo.

— Não entendi.

— Inda bem que o homi do ministero era um tantim mais esperto que tu, Musquita. Tu nunca notô que as sala das entrevista num tem janela? Ti juro, a mulé daquele homi deve tá de perna cruzada faz uns dez ano, pelo jeito que ele aceitô logo a minha oferta. E num foi um dia só, não, sabia. O homi precisou de quatro entrevista pra ter certeza que tava tudo que é papel em ordem, tá me entendo?¹⁴⁹ (CLEAVE, 2010, p. 78)

A narrativa de Yevette mostra a exploração sexual da mulher negra como uma relação de permuta, pois para alcançar benefícios, como a liberdade, a mulher colonizada deve se submeter aos desejos do dominador. A narrativa de *The Other Hand* perpetua a posição subalterna da mulher negra na medida em que o controle sobre a liberdade e o corpo desses indivíduos não lhes pertencem mais, são ferramentas na manutenção do poder colonial.

Mesmo após a entrega de seu corpo para o sujeito metropolitano, o benefício pretendido por Yevette não é integralmente concedido: ela é libertada, mas não possui documentos, ou seja, é uma liberdade provisória:

¹⁴⁸ Yevette sighed. ‘Me did a *favor* for one of dem immigration men, all right? He make a few changes on de computer, jus put a tick in de right box, yu know, an—POW!—up come de names for release. Yu, me an dem two other girls. [...] So here we is. Free and ee-zee.’

‘Except we don’t have papers.’ (CLEAVE, 2008, p. 98)

¹⁴⁹ ‘So what did you tell the man from the Home Office?’

‘For me asylum interview? You wanna know what I tole him?’

‘Yes.’

Yevette shrugged. ‘I tole him if he arrange to get me release from dat place, he can do what he want wid me.’

‘I don’t understand.’

Yevette rolled her eyes. ‘Well thank de lord de Home Office man was a lil bit smarter dan yu, Bug. Yu nivver notice dey interview rooms didn’t have no windows? Me swear to yu, dat man’s ooman mus of kept her legs cross for de las ten year, de way he took me up on me offer. An it wasn’t jus on de one day, mind. It took de man *four interviews* fore he was certain me papers was in order, yu know what I’m sayin?’ (CLEAVE, 2008, p. 102-103)

- Não sei. Acha mesmo que você foi solta por causa do que fez com o homem do Ministério?
- Acho, não, eu sei, Musquita. Ele me disse inté a data.
- Mas não deu seus documentos?
- Hã-hã. Nenhum documento. Ele falou que tem limite pro podê dele, entende? Que fazer uma marquinha no computador dele pra mandá os funcionário nos sortá, é uma coisa, ele pode dizer: Meu dedo escorregô. Mas aprová o pedido de asilo é outra coisa, uma história muito diferente.
- Quer dizer que agora você é ilegal?
- Eu e tu tomém, Musquita. Eu e tu e essas outra aí. Eles deixaro nós quatro sair por causo do que eu fiz pro homi do ministero.¹⁵⁰ (CLEAVE, 2010, p. 79)

As benesses do colonizador não significam uma liberdade total e/ou duradoura, uma vez que a metrópole precisa garantir o domínio sobre os corpos colonizados. Embora livres do Centro de Imigrantes, as vidas de Yvette e Pequena Abelha continuam condicionadas ao poder colonial, elas são livres apenas até que o colonizador decida o contrário.

As sexualidades de Pequena Abelha e Nkiruka também são abordadas na narrativa de Cleave. Nos relatos da garota acerca do desabrochar sexual da irmã, podemos perceber como a compreensão da protagonista sobre os homens é desenvolvida:

[...] minha irmã mais velha Nkiruka costumava sorrir para os homens de nossa aldeia naquele curto verão depois de ela ter virado moça mas antes de realmente se tornar uma mulher, e certamente antes da noite em que minha mãe a levou para um canto sossegado a fim de ter uma conversa séria com ela.¹⁵¹ (CLEAVE, 2010, p. 9)

Minha irmã mais velha Nkiruka, ela se tornou mulher na estação do plantio, sob o sol da África, e quem pode culpá-la se o grande calor vermelho a deixou imprudente e namoradeira? Quem não se encostaria no batente da porta e sorriria com ar indulgente, sem falar nada, ao ver minha mãe fazê-la sentar-se e lhe dizer: *Nkiruka, filha querida, você não pode sorrir para os rapazes mais velhos dessa maneira?*¹⁵² (CLEAVE, 2010, p. 15)

¹⁵⁰ ‘I do not know. You really think you were released because of what you did with the Home Office man?’

‘Me know it, Bug. De man even tole me de date.’

‘But he didn’t give you your papers?’

‘Uh-uh. No papers. Him say dere a limit to his powah, yu see what I’m sayin? He be tickin one little box on de computer to tell dem officers to let us free, him can jus say, *Me hand slipped*. But approvín de asylum application? Dat’s a diffren story.’

‘So you’re illegal now?’

Yvette nodded. ‘Yu an me both, Bug. Yu an me an dem other two also. All four of us gettin let out cos of what I done fo de Home Office man.’ (CLEAVE, 2008, p. 103-104)

¹⁵¹ [...] my big sister Nkiruka used to smile at the men in our village in the short summer after she was a girl but before she was really a woman, and certainly before the evening my mother took her to a quiet place for a serious talk. (CLEAVE, 2008, p. 1-2)

¹⁵² My big sister Nkiruka, she became a woman in the growing season, under the African sun, and who can blame her if the great red heat of it made her giddy and flirtatious? Who could not lean back against the doorpost of their house and smile with quiet indulgence when they saw my mother sitting her down to say, *Nkiruka, beloved one, you must not smile at the older boys like that?* (CLEAVE, 2008, p. 10-11)

Na história contada por Pequena Abelha a ideia do calor como responsável pelo aumento do apetite sexual molda a ambientação da primeira experiência de Nkiruka. Segundo a protagonista, antes de sua primeira relação, a irmã já provocava o desejo masculino ao sorrir para os rapazes, algo que mãe, como representante da instituição familiar, se esforçava para coibir. A sexualidade da filha deve ser moldada segundo os preceitos familiares e a moral cristã, de modo que a continuidade da instituição familiar seja garantida segundo o discurso hegemônico e patriarcal Europeu.

Devemos pontuar, entretanto, que a maneira como Pequena Abelha narra a história de sua irmã parece aludir a uma atitude libertina por parte de Nkiruka. Essa alusão é corroborada pela descrição de Sarah sobre a beleza da jovem nigeriana:

[...] Abelhinha me contou que a irmã mais velha era uma moça muito bonita, o tipo de moça que os homens dizem ser capaz de fazê-los esquecer seus problemas. E o tipo de moça que as mulheres dizem ser o problema. Abelhinha se perguntava qual dos dois tipos a irmã iria ser.¹⁵³ (CLEAVE, 2010, p. 108)

O comentário de Sarah expõe as duas opções comumente facultadas para o sujeito feminino: a “mulher correta” ou a “devassa”. Como comentado por Muraro, a mulher pode se encaixar nas diretrizes sociais hegemônicas ao se casar e estabelecer uma família com um marido ao qual ela deve servir e se submeter; ou tornar-se uma anomalia, um elemento maligno a conspurcar o tecido social. Dessa forma, apesar de Nkiruka ter sua primeira relação sexual, as frequentes conversas entre ela e a mãe tentam a adequação da garota às regras sociais, como ditadas pelo discurso hegemônico e religioso.

A história do relacionamento entre Nkiruka, cujo nome significa “o futuro é brilhante”, e o sujeito masculino, entretanto, tem ironicamente um fim trágico: a eliminação da jovem. Caçada pela selva nigeriana, a garota é capturada pelos soldados milicianos e cruelmente assassinada na presença de Pequena Abelha:

Os milicianos me empurraram para baixo do barco e me disseram para escutar. Disseram que me deixariam ir embora quando tudo acabasse. Estava escuro debaixo do barco, e havia caranguejos andando lá dentro. Eles estupraram minha irmã. Jogaram-na em cima do lado do barco e a estupraram. Eu ouvia seus gemidos. Não podia ouvir tudo através das tábuas do barco. O som chegava abafado. Ouvi minha irmã sufocando, como se estivesse sendo

¹⁵³ [...] Little Bee told me that her big sister was a very pretty girl. She was the kind of girl the men said could make them forget their troubles. She was the kind of girl the women said was trouble. Little Bee wondered which it was going to be. (CLEAVE, 2008, 145)

estrangulada. Ouvi o barulho do corpo dela batendo nas tábuas. Durou um tempo enorme. Continuou durante a parte quente do dia, mas estava escuro e frio debaixo do barco. No início, minha irmã gritava versículos das Escrituras, porém mais tarde sua mente começou a variar e ela começou a gritar as canções que cantávamos quando éramos crianças. No final, eram só gritos. Primeiro eram gritos de dor mas finalmente mudaram e pareciam os gritos de um bebê recém-nascido. Não havia dor neles. Eram automáticos. Não paravam. Cada grito era exatamente o mesmo, como se fosse uma máquina que os produzisse.¹⁵⁴ (CLEAVE, 2010, p. 137-138)

— Sua irmã — ela dizia —, sua irmã tão linda, ah, meu Deus, ah, Jesus, eu...
[...]

— Perto do fim, ouvi Nkiruka implorar para morrer. Ouvi os milicianos rindo. Depois escutei os ossos de minha irmã serem quebrados um por um. Foi assim que minha irmã morreu. É verdade, ela era uma moça linda, você tem razão. Na minha aldeia, diziam que ela era o tipo de moça que faz um homem esquecer seus problemas. Mas às vezes as coisas não acontecem como as pessoas dizem. Quando os homens e os cães acabaram com minha irmã, os únicos pedaços dela que eles jogaram no mar foram os que não podiam ser comidos.¹⁵⁵ (CLEAVE, 2010, p. 138-139)

O relato de Pequena Abelha exprime não apenas a brutalidade crua da violência sexual, como também a gradual desumanização de sua irmã. Inicialmente uma garota, perde sua individualidade e humanidade até se transformar em pedaços de carne e ossos atirados ao mar. O texto de Cleave reafirma o domínio masculino, uma vez que o corpo e a vida do feminino estão constantemente submetidos aos desejos do homem. Assim como o destino de Pequena Abelha é vinculado às escolhas de Lawrence, por exemplo, a morte de Nkiruka é decidida quando Andrew escolhe não cortar o próprio dedo para salvar a garota e, posteriormente, quando os soldados milicianos a torturam e assassinam.

O medo e a distância que Pequena Abelha deseja manter dos homens é resultado das experiências traumáticas à que foi submetida. Aliado à pouca idade da protagonista, cerca de

¹⁵⁴ [...] The hunters pushed me under the boat and they told me to listen. They said they would let me go, once it was over. It was dark under the boat, and there were crabs moving around under there. They raped my sister. They pushed her up against the side of the boat and they raped her. I heard her moaning. I could not hear everything, through the planks of the boat. It was muffled, the sound. I heard my sister choking, like she was being strangled. I heard the sound of her body beating against the planks. It went on for a very long time. It went on into the hot part of the day, but it was dark and cool under the boat. At first my sister shouted out verses from the scriptures but later her mind began to go, and then she started to shout out the songs we sang when we were children. In the end there were just screams. At first they were screams of pain but finally they changed and they were like the screams of a newborn baby. There was no grief in them. They were automatic. They went on and on. Each scream was exactly the same, like a machine was making them.' (CLEAVE, 2008, p. 186-187)

¹⁵⁵ 'Your sister,' she was saying. 'Your beautiful sister, oh my god, oh Jesus, I...'

[...]

'Near the end I heard Nkiruka begging to die. I heard the hunters laughing. Then I listened to my sister's bones being broken one by one. That is how my sister died. Yes she was a beautiful girl, you are right. In my village they said she was the kind of girl that could make a man forget his troubles. But sometimes it does not work out like people say. When the men and the dogs were finished with my sister, the only parts of her that they threw into the sea were the parts that could not be eaten.' (CLEAVE, 2008, p. 188)

dezesseis anos, essa vivência explica o fato da sexualidade de Pequena Abelha ser pouco abordada em *The Other Hand*:

- E tu confia nesse homi aí?
 — Já encontrei ele uma vez.
 — Mi disculpe, Musquita, mas esse cara parece que num combina muito com o teu tipo.
 — Conheci ele no meu país.
 — E que diacho ele tava fazendo na Ni-gera?
 — Encontrei com ele numa praia.
 — Uá-ha-ha-ha! Tô sabeno! E a outra me dizem que tu era virge!
 Sacudi a cabeça.
 — Não foi nada disso.
 — Conta outra, dona Musquitinha Assanhada! Tu deve ter feito alguma coisa pro cara te dar esse adicumento valioso aí.¹⁵⁶ (CLEAVE, 2010, p. 76-77)
- Na realidade, nem sei o que é um homem.
 Sarah pestanejou.
 — Ah, é, claro. Esqueço às vezes que você é muito novinha.¹⁵⁷ (CLEAVE, 2010, p. 146)

Embora percebida de maneira diversa em Yvettee e Nkiruka, a outrificação do corpo negro de Pequena Abelha é constantemente reforçada na narrativa de Cleave. Assim como a irmã e a colega jamaicana, Pequena Abelha é subalternizada, dominada e manipulada pelo poder patriarcal e hegemônico que emana da metrópole. Mesmo Sarah é submetida à autoridade masculina, ainda que, como parte da influência metropolitana, a proteção colonial lhe seja garantida. Os corpos negros, entretanto, são explorados, humilhados e desumanizados, em um processo de outrificação garantidor de seu reconhecimento como exterior ao poder dominante.

Essa outrificação, e consequente exotização, do corpo negro é também explorada por hooks em *Olhares negros: raça e representação* (2019). Nesse livro, a autora reúne diversos relatos de experiências e discute a forma como os corpos negros são representados no meio midiático e social.

¹⁵⁶ ‘What, and yu trust dis man?’

‘I met him once.’

‘Scuse me, Bug, but dis man don’t look like yo *type*.’

‘I met him in my country.’

‘What de hell was dis man’s business in Nye-*jirrya*?’

‘I met him on a beach.’

Yvettee threw her head back and slapped her thighs. ‘*WU-ha-ha-ha-ha!* Now me see. An dey tole me yu was a *virgin!*’

I shook my head. ‘It was not like that.’

‘Don tell me it wasn’t like dat, Lil Miss Sexy-Bug. Yu mus of done *soleting* to de man, make him want to give yu dis *vall-able dockment*.’ (CLEAVE, 2008, p. 100)

¹⁵⁷ [...] ‘Actually, I have never taken a man.’

Sarah blinked. ‘Yes. Of course. I forget you’re so young, sometimes.’ (CLEAVE, 2008, p. 199)

Para a autora, o apoio da mídia a esses estereótipos racistas exorta o sentimento comum de auto-ódio de muitos homens e mulheres negras. Esse sentimento é comumente refletido em discursos coloristas que buscam atenuar o tom da pele negra ou, como menciona hooks, na busca por relacionamentos com pessoas de pele clara. O amor à negritude é, no contexto racista da sociedade ocidental, algo perigoso e visto com desconfiança, pois é constantemente relacionado pela mídia a características depreciativas.

A autora comenta sobre esse desejo simbólico de embranquecimento ao mencionar seus alunos em uma universidade. Segundo hooks:

Eles queriam falar do auto-ódio das pessoas negras, ouvir os demais confessarem (especialmente os estudantes não brancos) em narrativas eloquentes as diversas maneiras como tentaram conquistar a branquitude, ao menos simbolicamente. Eles davam uma profusão de detalhes sobre as formas como tentavam parecer “brancos” falando de determinada maneira, usando certas roupas, ou escolhendo grupos específicos de amigos brancos. (HOOKS, 2019, p. 46)

É possível notarmos, assim, como o desejo de branquitude é incutido na mente do sujeito com o passar do tempo, como um subproduto natural de uma sociedade racista. O branco é supervalorizado enquanto o negro é outrificado. A solução seria, portanto, lutar para a promoção de igualdade entre brancos e negros? Para hooks, não. Segundo a autora, a forma como a ideia de igualdade é atualmente difundida parece caminhar rumo à promoção de choques entre realidades distintas, uma vez que homogeneiza as diferenças sociais e culturais como uma massa singular de indivíduos.

Nesse sentido, hooks argumenta que a igualdade não seria tão desejada quanto o reconhecimento e a aceitação da diferença, ou seja, a percepção de que os elementos distintivos são importantes e desejados na construção de uma sociedade mais justa. Parte da solução, segundo a autora, encontra-se vinculada à desconstrução de imagens culturalmente cristalizadas sobre os corpos negros.

A escritora esclarece que, enquanto produto do olhar branqueador sobre a sociedade, a mídia, principalmente em seus elementos imagéticos, descarta corpos negros, ou reafirma a exotização desses corpos. Essa exotização e erotização são constantemente apresentados das mais diversas formas nos veículos midiáticos. Não há muito, era possível vermos em tempo de Carnaval uma mulher negra nua, com o corpo pintado, dançando na tela da televisão como um símbolo da festividade. A “mulata” sexualmente atrativa que samba para mostrar a alegria do Carnaval é um objeto de desejo para o patriarcado ocidental, além de servir como um lembrete

da relação de submissão do corpo negro feminino. Tomar consciência desse tipo de estereotipagem do corpo e do sujeito negro é elemento *sine qua non* na promoção das desconstruções ideológicas necessárias para a equidade racial, bem como de uma decolonização do feminino para com a hegemonia patriarcal.

E a quem “pertence” a luta por direitos iguais? Segundo hooks, a todos. Para a autora, mesmo sujeitos privilegiados na sociedade tem condições de auxiliar na demanda por igualdade de direitos através de suas escolhas políticas, mas é necessária a compreensão de que: “[...] o racismo é opressor não porque as pessoas brancas têm sentimentos preconceituosos em relação aos negros (elas poderiam ter esses sentimentos e nos deixar em paz), mas porque é um sistema que promove a dominação e a submissão” (HOOKS, 2019, p. 54).

Segundo a autora, mulheres brancas e homens (brancos ou negros) também estão inseridos nas lutas políticas, uma vez que a estrutura social machista e racista atinge a todos. Amar a negritude não deve ser um objetivo apenas de pessoas negras, pois esse sentimento não subentende o ódio à branquitude. Esse amor parece ser, para hooks, uma forma de retirar a negritude do posto de “outro exótico”, ainda que a diferença continue a existir. Nesse sentido, a busca não é pela eliminação dessa diferença, mas por sua aceitação.

Importante notarmos que a inclusão de outros sujeitos guarda também um viés perigoso. Para a autora, é preciso entendermos que a aceitação da diferença não significa necessariamente a abdicação por parte do sujeito de sua posição de poder. Como esclarecimento, hooks cita um episódio no qual um grupo de jovens brancos via o interesse sexual por jovens homens ou mulheres negras como um sinal de um pensamento não racista. No entanto, falham em perceber que suas fantasias sexuais com corpos negros são fruto do pensamento racialmente estereotipado e altamente sexualizado atribuído ao povo negro.

Mesmo pessoas negras podem não perceber esse pensamento como fruto do racismo socialmente estruturado. Para hooks, em uma sociedade na qual as pessoas negras estão em constante ataque por parte da população branca e dos órgãos políticos, o apaziguamento racializado oferecido pelos discursos sociais é confortável:

Massas de jovens insatisfeitos com o imperialismo dos Estados Unidos, com o desemprego, com a falta de oportunidades econômicas, sofrendo da doença pós-moderna da alienação, sem senso de origens e base, sem identidade redentora, podem ser manipulados por estratégias culturais que oferecem Outridade como apaziguamento. (HOOKS, 2019, p. 72)

Dessa maneira, segundo a autora, enquanto pessoas brancas preenchem uma demanda social pelo término do racismo, as pessoas negras encontram ambiente confortável e falsamente

seguro, pretensamente livre de relações de submissão, entretanto, ambos ainda fazem parte de uma dinâmica racial que exclui e degrada a imagem do negro ao exaltar a branquitude.

Cleave é um exemplo do quanto o discurso colonial racista e machista faz parte do cotidiano. Segundo o autor, seu objetivo com *The Other Hand* é contar a história de refugiados em fuga de zonas de conflito. Seu texto, porém, replica uma série de concepções coloniais acerca do sujeito feminino e do sujeito negro que refletem o discurso hegemônico, patriarcal e racista arraigado na mentalidade imperialista eurocentrada. Os corpos negros e femininos são subjugados pelo ideal machista, que deve eliminar seus elementos fracos ou inaptos.

Apontamos ainda a percepção de hooks acerca da dinâmica racial infiltrada por relações de poder que frequentemente operam de maneira a manter a negritude como um elemento de subalternização. Aliada ao gênero e à classe social, a raça compõe elemento decisivo na manutenção das relações exploratórias e opressivas do patriarcado branco europeu.

Como discorre Kimberlé Crenshaw, em *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color* (1991), pessoas negras, especialmente as mulheres negras, não são vitimizadas por violências exclusivamente devido a características como “ser mulher” ou “ser negra”, mas também por outros fatores. A autora esclarece que a violência não opera por meio de escolhas, mas por meio da somatória de elementos. Pequena Abelha, como uma garota negra, sem recursos econômicos, refugiada, colonizada, etnicamente não valorizada, por exemplo, não é vitimizada pela sociedade devido a apenas uma de suas características pessoais, mas em razão de todas elas.

Collins (2016) reitera a percepção de Crenshaw ao defender que, mesmo dentro de comunidades negras, as experiências de cada mulher são moldadas segundo uma série de elementos que refletem suas percepções sociais e culturais:

[...] embora o fato de se viver a vida como mulher negra possa produzir certas visões compartilhadas, a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas individuais de mulheres negras tem resultado em diferentes expressões desses temas comuns. Portanto, temas universais que são incluídos nos pontos de vista de mulheres negras podem ser experimentados e expressos de forma distinta por grupos diferentes de mulheres afro-americanas. (COLLINS, p. 102)

Essa convergência de elementos citados por Crenshaw e Collins contribui para a dinâmica de violência social contra mulheres negras têm em seu horizonte também uma série de projetos arquetípicos cultivados nas sociedades ocidentais, desde os anos de escravidão desses povos, e reforçados durante as empreitadas imperialistas dos séculos XIX e XX. Como

comentamos em capítulos anteriores, hooks discute como as ideias europeias que apontavam os povos africanos como inerentemente selvagens e, portanto, carentes de uma liderança pronta a tirá-los de seus ambientes incivilizados reverbera até os dias atuais as concepções racistas desses indivíduos como selvagens, altamente sexualizados, temperamentais e menos inteligentes; ideias que reforçam estereótipos racistas e mantêm relações de poder, as quais subalternizam os sujeitos negros frente a pessoas brancas.

Ao relatar a experiência de mulheres negras, e em menor número, de mulheres latinas, Crenshaw critica a forma como os estereótipos de raça e de gênero trabalham na manutenção das mulheres negras como um dos principais grupos vitimizados pela violência interseccional. Segundo a autora: “[...] a violência experienciada por muitas mulheres é comumente formatada por outras dimensões de suas identidades, como raça e classe.”¹⁵⁸ (CRENSHAW, 1991, p. 1242, tradução nossa)

Para Crenshaw, o fato da somatória de elementos diversos serem relevantes na compreensão da violência contra mulheres negras contribui para a perpetração indiscriminada desse tipo de atitude, visto que os sistemas de assistência social a essas populações, por exemplo, encontram-se preparados para auxílio referente aos maus tratos em separado, ou seja, acolhe-se a mulher em razão do seu gênero, ou de sua raça, ou de sua orientação sexual, mas raramente todas essas características são consideradas em conjunto no momento do acolhimento.

Considerando-se as diferentes realidades das comunidades negras, bem como suas peculiaridades em relação às comunidades brancas, podemos compreender o porquê da ajuda às mulheres negras ser vista por Crenshaw como mais desafiadora do que aquela dispensada às comunidades femininas brancas.

Muitas mulheres negras, por exemplo, sofrem com a pobreza, as responsabilidades de cuidar dos filhos e a falta de qualificação profissional. Esses encargos, em grande parte consequência da opressão de gênero e classe, são então agravados pelo emprego racialmente discriminatório de práticas habitacionais comumente enfrentadas por mulheres negras, assim como pelo desemprego desproporcionalmente alto entre pessoas negras, o que faz dessas mulheres vítimas de agressão doméstica menos capazes de depender do apoio de amigos e familiares para conseguir abrigo temporário.¹⁵⁹ (CRENSHAW, 1991, p. 1245-1246, tradução nossa)

¹⁵⁸ “[...] the violence that many women experience is often shaped by other dimensions of their identities, such as race and class.” (CRENSHAW, 1991, p. 1242)

¹⁵⁹ Many women of color, for example, are burdened by poverty, child care responsibilities, and the lack of job skills. These burdens, largely the consequence of gender and class oppression, are then compounded by the racially discriminatory employment of housing practices often faced by women of color, as well as by the

Ao compreendemos a somatória de elementos desfavoráveis agindo na realidade da população feminina negra de modo a manter uma posição de subalternidade notamos a interação entre fatores de vulnerabilidade cotidianamente afogando a condição feminina negra em um nível abaixo daquele enfrentado por mulheres brancas e por homens negros. Para Crenshaw, ao experienciar o feminismo diferentemente das mulheres brancas e o racismo diferentemente dos homens negros, duas barreiras claramente limitantes são impostas às essas mulheres.

Nesse sentido, a autora exemplifica suas ideias a partir das preconceções racistas proeminentemente divulgadas na mídia norte-americana e compartilhadas pela mídia brasileira, acerca da violência enquanto elemento próprio das comunidades negras. Para Crenshaw, é perceptível a ideia de que enquanto a violência entre pessoas negras é compreendida como “natural”, o mesmo tipo de violência é duramente criticado pelos veículos da mídia quando tem como alvo uma pessoa branca. Na narrativa de Cleave, por exemplo, a relação entre as quatro ex-prisioneiras do Centro de Imigrantes não só é normalizada, mas também utilizada como alívio cômico por meio do discurso de Yevette. A autora afirma também que as punições direcionadas a pessoas negras são em geral mais severas do que aquelas aplicadas a pessoas brancas, o que contribui para aumentar a desconfiança de homens e mulheres negras para com o sistema judiciário.

Ao olharmos para a realidade brasileira, à guisa de exemplo, notamos que em 2022 cerca de dois terços da população carcerária total é composta por pessoas negras e, ao observarmos as mesmas estatísticas no sistema carcerário do Reino Unido, descobrimos que em 2020 25% da população carcerária total era composta por pessoas negras. Embora em uma proporção menor do que aquela encontrada no Brasil, devemos apontar que no mesmo ano apenas 14% da população do Reino Unido era de origem africana.

Esses dados reforçam o argumento de Crenshaw de que grande parte da população afrodescendente prefere o silêncio em casos de violência doméstica, por exemplo, de maneira a não contribuir na percepção negativa das comunidades negras como culturalmente violentas.

Embora seja enganoso sugerir que os americanos brancos chegaram a algum acordo sobre o grau de violência nas suas próprias casas, não deixa de ser verdade que a raça acrescenta mais uma dimensão às fontes de supressão do problema da violência doméstica no seio das comunidades não-brancas. As pessoas negras devem frequentemente pesar os seus interesses em evitar

disproportionately high unemployment among people of color that makes bettered women of color less able to depend on the support of friends and relatives for temporary shelter. (CRENSHAW, 1991, p. 1245-1246)

questões que possam reforçar percepções públicas distorcidas contra a necessidade de reconhecer e abordar problemas entre comunidades. No entanto, o custo da supressão raramente é reconhecido [...] ¹⁶⁰ (CRENSHAW, 1991, p. 1256, tradução nossa)

Cientes da percepção pública desfavorável, da qual são frequentemente alvos, e do modo como essa visão as coloca em posição prejudicial frente ao sistema judiciário, Crenshaw argumenta que mulheres negras comumente recorrem a resignação ou a alguma forma de fuga de sua situação. Nesse sentido, um outro exemplo explorado pela autora é a supressão comumente internalizada em comunidades de origens asiáticas nas quais a honra da família é uma prioridade, preservada às custas, muitas vezes, do bem estar de seus membros: “[...] essa prioridade tende a ser interpretada como obrigando as mulheres a não gritar em vez de obrigar os homens a não bater.” ¹⁶¹ (CRENSHAW, 1991, p. 1257, tradução nossa).

Além da supressão provocada por questões sociais e culturais das comunidades negras, e dos estereótipos raciais que contribuem para a manutenção das mulheres negras como sujeitos subalternizados, Crenshaw também aborda o machismo estrutural comumente internalizado na sociedade. Segundo a autora, em casos de violência contra mulheres, os homens ainda têm a seu favor um imaginário coletivo que condena a vítima por suas ações, como se a violência sofrida tivesse sido provocada.

Casos de violência sexual contra mulheres negras, por homens negros são, segundo a autora, tratados pelas autoridades com descuido devido à ideia de que a violência é algo natural dessas comunidades. No entanto, casos de violência contra mulheres brancas por homens afrodescendentes, a depender das condições socioeconômicas do acusado, tendem a provocar, ora punições (mais severas do que nos casos contra mulheres negras), ora ocasionar a “solidariedade” para com esses homens sob a escusa de racismo estrutural. Seja contra a mulher negra, ou branca, a autora aponta que a voz feminina é comumente desacreditada, uma vez que não só a investigação, como também a opinião pública, costumam deslocar o foco criminal primeiramente para a própria vítima, pois qualquer comportamento sexual socialmente condenado pelo pensamento patriarcal é visto como motivo para a revogação da condição de vítima da mulher. Mesmo entre grupos femininos, a palavra masculina parece ter mais valor

¹⁶⁰ While it would be misleading to suggest that white Americans have come to terms with the degree of violence in their own homes, it is nonetheless the case that race adds yet another dimension to why the problem of domestic violence is suppressed within nonwhite communities. People of color often must weigh their interests in avoiding issues that might reinforce distorted public perceptions against the need to acknowledge and address intracommunity problems. Yet the cost of suppression is seldom recognized [...] (CRENSHAW, 1991, p. 1256)

¹⁶¹ [...] this priority tends to be interpreted as obliging women not to scream rather than obliging men not to hit.” (CRENSHAW, 1991, p. 1257)

que a vivência pessoal feminina, principalmente quando aliada a experiências desviantes da norma patriarcal estabelecida.

Em qualquer situação de violência e supressão, Crenshaw esclarece que o apagamento da vivência de mulheres negras é maior que o de mulheres brancas, uma vez que, assim como asiáticas e latinas, as negras encontram-se no limbo da outrificação: “[...] mulheres “outras” são silenciadas tanto por serem relegadas para a margem da experiência como por exclusão total. A inclusão tokenística, objetificante, voyeurística é pelo menos tão nociva ao empoderamento quanto a exclusão total”¹⁶² (CRENSHAW, 1991, p. 1261, tradução nossa).

A questão da exclusão é bastante forte quando associada às comunidades minorizadas, principalmente aos grupos femininos, ainda que devemos salientar que parte das chamadas “minorias” são assim nomeadas devido principalmente a uma carência de direitos do que a uma real inferioridade numérica. Ao comentar sobre os problemas enfrentados por mulheres latinas devido a diferenças linguísticas, Crenshaw mais uma vez lança foco às tramas interseccionais que subalternizam grupos considerados como desviantes das normas hegemônicas ou minoritários. As palavras de Crenshaw mostram como a exclusão de corpos negros, como Yvette, tem uma profunda base linguística, pois a personagem é mostrada na narrativa de forma cômica, como um modelo do que é claramente não europeu. No entanto, ainda que seu discurso se adeque à linguagem dominante, Pequena Abelha, por exemplo, ainda é uma representação do colonizado indesejado e subalternizado, submisso ao poder hegemônico, patriarcal e racista do colonizador masculino.

CONSIDERAÇÕES

Ao observarmos as diversas acepções conferidas à representação no decurso da história humana, notamos as diferentes maneiras como o conceito de representar é compreendido na contemporaneidade. De Platão e Aristóteles a Olney, Butler e Spivak, a concepção do representar, seus elementos constitutivos e suas maneiras íntimas de construção representacional individual, nos permitem entender a representação, enquanto processo e produto, como parte fundamental da vida humana.

Analisando a representação como elemento literário, oferecemos, em nosso trabalho, uma visão que não privilegia apenas o texto, o leitor ou o autor, mas que considera a todos

¹⁶² [...] “other” women are silenced as much by being relegated to the margin of experience as by total exclusion. Tokenistic, objectifying, voyeuristic inclusion is at least as disempowering as complete exclusion. (CRENSHAW, 1991, p. 1261)

como ingredientes na interpretação e compreensão textual. Para além de lançar foco apenas no texto, entendemos a subjetividade autoral, por exemplo, como elemento enriquecedor para a experiência literária. Enquanto não negamos a possibilidade de leitura de um texto como um bloco completo de significado, acreditamos que a literatura não está limitada apenas à trama textual. Ao conhecermos o autor, compreendemos a subjetividade autoral como parte do texto, imprimindo na tessitura narrativa as vivências daquele que constrói a história e permitindo ao leitor uma visão mais aprofundada do que é narrado.

A representação de Pequena Abelha é marcada pela ausência, nos dez primeiros capítulos, de seu nome verdadeiro. Autointitulada “Pequena Abelha”, a garota se utiliza dessa identidade como maneira de escapar dos perigos de sua terra natal, mas também na tentativa de adaptação à vida na Inglaterra. Seu nome verdadeiro, Udo, é mencionado apenas nas duas últimas páginas do romance, quando está novamente em solo nigeriano. Essa identidade fragmentada da personagem estabelece uma divisão entre as duas realidades vividas pela garota: Udo, a menina negra nigeriana; e Pequena Abelha, a refugiada sem documentos que tenta se adaptar à vida na metrópole. Assim como postula Stuart Hall, elas não são identidades distintas, mas faces complementares de um mesmo indivíduo.

Enquanto representação do colonizado, Pequena Abelha deseja se adaptar às normas sociais e culturais metropolitanas, uma vez que essa adaptação é considerada pela personagem como uma maneira de garantir sua sobrevivência. A seleção de fragmentos reunidos em nossas análises retrata o modo como o texto de Cleave representa a sociedade britânica, principalmente quanto às relações entre homens e mulheres, e entre o colonizador e o colonizado.

Lançando foco sobre a figura feminina, buscamos nas teorias sobre representação, nas ideias pós-coloniais e decoloniais, e nos estudos de gênero, as bases críticas e teóricas para nossas considerações, objetivando, assim, compreender de que maneira a representação de uma garota negra africana é construída segundo a subjetividade e a vivência de um autor branco de origem europeia.

Parcialmente inspirado, segundo o próprio Cleave, na infância vivida em Camarões, o romance guarda o mundo íntimo autoral ao representar, dentre suas personagens, homens e mulheres, negros e brancos, e o ambiente sociocultural nigeriano e inglês. A vivência subjetiva de Cleave é, assim, explorada por meio dos olhos de Pequena Abelha e de Sarah à medida que submergimos nas relações intra e interpessoais das personagens. As considerações de ambas sobre Andrew, Charlie e Lawrence; o desconforto de Sarah acerca de determinadas tabus sociais; suas lembranças das tradições familiares; a luta de Pequena Abelha para entender e se adaptar à sociedade inglesa; sua infância na Nigéria; suas críticas a uma Inglaterra que exclui

refugiados: são todos elementos em cuja a bagagem autoral está latente, como, por exemplo, a experiência jornalística de Cleave, a infância do autor na África e as percepções de seu entorno social. Seus escritos, assim, nos permitem compreender as percepções de Cleave acerca dos papéis masculinos e femininos na sociedade, da influência familiar na vivência individual e da vida e cultura exteriores à metrópole.

É inegável o bom trabalho de Cleave em criticar a sociedade inglesa em seu tratamento com refugiados, entretanto, suas tentativas de representar o mundo desses indivíduos levam o romance a uma série de clichês ao reviver narrativas que mantêm os parâmetros coloniais, hegemônicos e patriarcais de pensamento. Dessa maneira, Cleave perpetua entre suas personagens relações nas quais os papéis de gêneros reproduzem os discursos heteronormativos, indicando, ainda, o desafio a tais regras como infrutífero, e estabelecendo o desvio desses padrões como passíveis de punição, à exemplo da sina de Andrew.

O então marido de Sarah, ao falhar em seu papel como protetor e provedor, comete suicídio, uma vez que não existe espaço para a ruptura nos papéis tradicionais de gênero. Ao se mostrar inapto à perpetuação do poder masculino, ele é eliminado da narrativa e substituído por Lawrence. Em um outro exemplo, Sarah reconhece suas falhas como mãe, procurando na figura masculina de Lawrence e na servidão voluntária de Pequena Abelha os insumos necessários para a recuperação de sua identidade como esposa e mãe.

Enquanto exemplo do modelo colonizador europeu, Cleave representa ainda personagens que reproduzem diversos estereótipos coloniais contaminados por concepções patriarcais, hegemônicas e racistas como, por exemplo, a hipersexualização de Yevette, retratada como uma mulher negra refugiada, explorada, ignorante, agressiva e desbocada, que se utiliza de favores sexuais como uma forma de escambo por sua liberdade; e Pequena Abelha, a protagonista negra, maravilhada pelo mundo quase mágico da metrópole colonial, que percebe na sociedade inglesa sua chance de sobrevivência, embora a aceitação pelo colonizador lhe seja negada.

Em uma contínua atitude servil para com a família branca, Pequena Abelha imputa a si mesma o objetivo de cuidar de Sarah e Charlie, a fim de reestabelecer a harmonia, embora sua própria necessidade de cuidados, como uma garota de dezesseis anos, seja frequentemente negligenciada. Ao abrir mão de suas possibilidades de segurança e sobrevivência ligadas ao nome “Pequena Abelha”, ao revelá-lo para Charlie, a garota atesta o fim de um grande arco narrativo no qual sua principal missão foi tentar resolver problemas da família colonizadora.

Ao descaracterizar a protagonista, despindo-a, por quase toda a narrativa, de elementos linguísticos relacionados com sua terra natal, o texto de Cleave reforça vínculos coloniais,

salientando os contrastes entre colonizadores e colonizados. A revelação final do nome verdadeiro da protagonista mostra que, mesmo por meio da linguagem, não há espaço na sociedade metropolitana, idealizada, mágica e segura, para o sujeito colonial.

Ao tentar contar a história de Pequena Abelha, Cleave deixa visível a existência de uma história única sobre o povo nigeriano. Ao comentar com uma internauta sobre a violência na Nigéria e na Inglaterra, esclarecendo que a violência existe também no país britânico, o autor reconhece o direcionamento de sua narrativa no sentido de propagar a ideia de uma Nigéria violenta e corrupta em contraste com uma suposta Inglaterra pacífica, ainda que episódios de violência epistemológica sejam descritos no romance.

Cleave corrobora sua narrativa de outrificação do povo nigeriano ao mostrar constantemente o medo que Pequena Abelha tem dos homens, mais especificamente, dos homens nigerianos. Suas tentativas de desafio à figura masculina são voltadas principalmente para homens ingleses pois, ao contrário dos compatriotas da garota, ela não vê neles ameaças de violência física ou sexual.

Os constantes pensamentos suicidas de Pequena Abelha ecoam a violência vivenciada por sua irmã na praia nigeriana e renovam o medo da violência do colonizado, bem como a descartabilidade das vidas dos sujeitos exteriores à metrópole. Representado em sua fala: “[...] Como é bom ser irrelevante. [...]”¹⁶³ (CLEAVE, 2010, p. 260), o sentimento de limbo identitário, confessado pela protagonista em solo britânico, traz conforto para a garota, pois a afasta da terra natal e, portanto, da brutalidade do homem colonizado.

A violência epistemológica, entretanto, está diretamente ligada à representação feminina. A narrativa de Cleave perpetua a ideia do masculino metropolitano como dominador, seja na relação com o mundo colonial, ou no convívio com o feminino. A mulher é comumente situada em posição subordinada às figuras masculinas, tendo sufocadas quaisquer tentativas de insurgência, pois todos devem se dobrar à batuta patriarcal, sob pena de punição.

Os traços culturais da metrópole, por exemplo, são inseridos na narrativas como representações da civilização. Pequena Abelha não deve utilizar sua língua materna, nem usar a língua do colonizador da maneira como esta é utilizada em sua terra. Ao contrário, ela deve aprender o inglês padrão e aceitar a cultura colonizadora como modo de tentar garantir sua sobrevivência. Nesse contexto, desvios e insurreições, como o desafio da garota ao policial, geram punições ou, como no caso da protagonista, o envio do indivíduo de volta para sua terra natal, de onde tanto se esforçou para fugir.

¹⁶³ “[...] How nice to be inconsequential. [...]” (CLEAVE, 2008, p. 363)

Devemos pontuar que, se em uma primeira leitura a obra de Cleave se mostra como binária, uma análise mais atenta revela tentativas, embora mal sucedidas, de abertura para o pensamento decolonial por parte de Pequena Abelha. A protagonista revela compreender sua situação enquanto colonizada e analisa o modo como o pensamento colonial a atinge. O insucesso pode ser verificado na falta de um empenho real rumo à transformação de sua situação, uma vez que Pequena Abelha tem para todas as tentativas de resistência o mesmo final: o reenquadramento nas normatizações do pensamento colonizador.

Sarah, por outro lado, apesar de não questionar explicitamente o domínio masculino e a importância que dá à presença de homens em sua vida, também tem momentos de rebelião contra essa necessidade, momentos esses que, a exemplo de Pequena Abelha, são sufocados, atrelando novamente a britânica ao ideário patriarcal.

No disposto por Cleave em seu texto, à mulher ainda são atribuídas características próprias dos tradicionais papéis de gênero, como mãe e esposa. Sarah explicita na narrativa que seu trabalho é importante, mas isso não a impede de pedir demissão, enquanto sua função como mãe de Charlie é para ela a melhor escolha de sua vida e o motivo de sua realização pessoal. Já a mulher negra é representada em papéis, ainda que não idênticos, muito próximos da *Saffire*, como Yvette, desbocada, agressiva e hipersexualizada; ou Pequena Abelha, a serviçal gentil e sempre pronta a ajudar de bom grado a família branca.

Ainda que apresentados como críticas à sociedade inglesa, as representações de violência física, econômica e epistemológica são ecos dos mitos sobre as populações negras difundidos, ao menos, desde as incursões escravocratas nas Américas. Da mesma maneira, as relações entre homens e mulheres entoam novamente as limitações estabelecidas pelos desígnios patriarcais. O poder econômico, a violência física e o domínio psicológico são retratados como características masculinas, enquanto a servitude, a maternidade e a necessidade de proteção são atribuídas à figura feminina.

Devemos mencionar ainda que a narrativa do estrangeiro refugiado pode ser resumida em uma única história: a do indivíduo que, devido à violência sofrida em seu país de origem, busca na metrópole a única forma de garantir sua sobrevivência. Os momentos de recordação de Pequena Abelha, mesmo antes da destruição de sua aldeia, são marcados por medo e pelo conforto que vem de sua irmã. Quanto às histórias de outros refugiados, pouco ou nada é narrado, são representados em sua maioria como os seres trágicos comentados pela protagonista.

São patentes os esforços de Cleave em criticar a sociedade inglesa, bem como em retratar o tratamento dispensado aos refugiados na Inglaterra. Entretanto, é notável o fato de

que a maneira como Cleave representa os indivíduos colonizados, especialmente os de origem africana, ou como no caso de Yevette, caribenha, resgata diversos ingredientes do discurso patriarcal e do pensamento colonizador eurocentrado.

Nossas considerações apontam o fato da arquitetura textual de Cleave representar Pequena Abelha, uma jovem subalternizada africana, a partir dos olhos de um homem branco colonizador. Seus pensamentos e recordações, suas palavras e devoção para com a família branca e o espaço metropolitano refletem as vivências de Cleave enquanto um homem branco e europeu. Centrado em um pensamento heteronormativo, suas personagens replicam papéis de gênero cujas amarras não conseguem quebrar e permanecem enquanto representações de uma outridade exterior à Europa. Ainda que tente observar o mundo pelos olhos de uma garota negra africana, parece não existir por parte do autor um reconhecimento acerca de seus próprios privilégios, o que percebemos ao vermos multiplicadas nas falas e pensamentos de Pequena Abelha uma série de clichês provenientes do pensamento hegemônico centrado no imperialismo cultural, político e social europeu.

Na esperança de termos contribuído para os estudos de gênero, para os estudos pós-coloniais e para a crítica decolonial, bem como para as teorias sobre representação, vemos no texto de Cleave, na relação entre texto e autor, uma oportunidade de incitação para outras discussões, bem como uma base prolífica para mais reflexões sobre a construção representacional.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, C. N. *The Danger of a Single Story*. [S.L.]: Ted Talks, 2009. 1 vídeo (18 min, 33 seg) Tradução: Erika Rodrigues. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript. Acesso em: 17 jan. 2022.

ALMEIDA, S. R. G. Apresentando Spivak. In: SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 122-138, jul.-dez. 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

APPIAH, K. A. *The Ethics of Identity*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

ARISTÓTELES. Poética. In. PESSANHA, J. A M. (org.). *Os pensadores: Aristóteles*. v. II. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. A arte poética. *Domínio Público*, 2001. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2019

ARNAO, M. A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana: mudanças teóricas e desdobramentos filosóficos. *Agora*, Rio de Janeiro, v. XI, n. 2, p.187-201, Jul.-Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v11n2/a02v11n2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 2002.

ASSIS, W. F. T. *Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo*. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, set.-dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v27n72/11.pdf>> Acesso em: 20 dez. 2018.

AUAD, D. *Feminismo: que história é essa?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: A teoria do romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardi, et. al. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BALLESTRIN, L. América latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai.-ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. In: *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.1, p. 15-24. jan.-abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRABO, T. S. A. M. *Mulheres, gênero e violência*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BRANDÃO, R. S. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. *Bodies that Matter*. New York: Routledge, 1993.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2006

CASTRO-GÓMEZ, S. (Post)Coloniality for Dummies: Latin American Perspectives on Modernity, Coloniality, and the Geopolitics of Knowledge. In: MORAÑA, M.; DUSSEL, E.; JÁUREGUI, C. (ed.). *Coloniality at Large: Latin American and Postcolonial Debate*. Durham; London: Duke University Press, 2008. p. 259-285.

CHAGASTELLES, T. M. S. As sociedades africanas e o colonialismo. In: MACEDO, J. R. (org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CLEAVE, C. *Pequena Abelha*. Tradução: Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

CLEAVE, C. *The Other Hand*. London: Sceptre, 2008.

CLEAVE, C. *Little Bee*. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2008.

CLEAVE, C. *About Chris Cleave*. 2016. Disponível em: <https://chriscleave.com/about-2/>. Acesso em: 22 out. 2021.

CLEAVE, C. *The real world of LITTLE BEE*. Disponível em: <https://chriscleave.com/little-bee/get-involved/>. Acesso em: 9 abr. 2019.

CLEAVE, C. *Little Bee author Q&A*. Disponível em: <https://chriscleave.com/little-bee/the-true-story-behind-my-new-novel/>. Acesso em: 9 abr. 2019.

COLLINS, P. H. *Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 1991.

COLLINS, P. H. *Black Sexual Politics: African-Americans, Gender and the new Racism*. New York: Routledge, 2004.

COLLINS, P. H. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. In: Revista Sociedade e Estado, v.31, n.1, p. 99-127. jan.-abr. 2016.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

COSTA, L. M. *A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.

CRENSHAW, K. W. *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Chicago: University of Chicago Legal Forum, 1989

CRENSHAW, K. W. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*. Stanford: Stanford Law Review, 1991.

CRENSHAW, K. W. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. Revista Estudos Feministas, ano 1. [S.l.: s.n.], 2002.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GAMBARATO, R. R. Signo, significação, representação. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, 2005. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_18_ReniraRam.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

GARCIA, C. C. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.

GROSGOUEL, R. Decolonizing Western Universalisms: Decolonial Pluri-versalism from Aimé Césaire to the Zapatistas. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*. Merced, v. 1, n. 3, p. 88-104, Set.-Dez. 2012.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri/ PUC-Rio, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage/Open University, 2003.

HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOOKS, b. *Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism*. Cambridge: South End Press, 1981.

HOOKS, b. *Feminist Theory: from Margin to Center*. Cambridge: South End Press, 2000.

HOOKS, b. *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*. Cambridge: South End Press, 2000.

LAURETIS, T. A Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, H. (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LYNCH, H. R. K. O. *Mbadiwe: A Nigerian Political Biography, 1915 – 1990*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

MATERA, M.; BASTIAN, M. L.; KENT S. K. *The Women's War of 1929: Gender and Violence in Colonial Nigeria*. New York: Palgrave MacMillan, 2012.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. The Geopolitics of Knowledge and the Colonial Difference. In.: MORAÑA, M.; DUSSEL, E.; JÁUREGUI, C. (ed.). *Coloniality at Large: Latin American and Postcolonial Debate*. Durham; London: Duke University Press, 2008, p. 225-258.

MUNHOZ, J. M. H. O que representa representação? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 2, p. 77-58, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v43n2/v43n2a09.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MURARO, R. M. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2000.

MURARO, R. M. A repressão dos valores femininos no mundo e na igreja: pontos para uma reflexão teológica. In: RIBEIRO, H. (coord.). *Mulher e dignidade: dos mitos à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1989.

NIGRO, C. M. C. A literatura que abriga mulheres. In: SILVA, A. M.; BORGES, L.; CARRIJO, S. A. B. (org.). *Tessituras literárias: cultura, identidade e outras artes*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2017, v. 1, p. 19-34.

NIREC – Nigeria Inter-Religious Council. *About NIREC*. Disponível em: <https://www.nirec.org.ng/about.php>. Acesso em: 13 jun. 2021.

NWOSU, N. I. The Dynamics of Nigeria's Decolonization Policy in Africa. In. *Transfiguration Journal of History*, v. 22, (s.l.) (s.n.), 1993

OLNEY, J. *Autobiography and the Cultural Moment: A Thematic, Historical, and Bibliographical Introduction*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

PELÚCIO, L. et al. (org.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, J. P. *Do performativo à performatividade: a vulnerabilidade à linguagem*. São Paulo: Revista Cult, 2013.

PRIORE, M. D. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

QUIJANO, A. *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America*. Durham: Duke University Press, 2008

- QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. *In*: BONILLO, H. (org.). *Los conquistados*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. [s.l.] [s.n.]. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449.
- RIBEIRO, H. *et al.* (org.). *Mulher e dignidade: dos mitos à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RORTY, R. Feminismo, Ideologia e Desconstrução: uma visão pragmática. *In*: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, H. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- SAID, E. W. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 23-72.
- SOIHET, R. *Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas*. Estudos Feministas. vol.5, n.1, 1997.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TEDESCHI, L. A. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.
- TRUTH, S. *Ain't I a Woman?* Disponível em: <https://www.feminist.com/resources/artspeech/genwom/sojour.htm>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- U.S. DEPARTMENT OF STATE. *2018 Report on International Religious Freedom: Nigeria*. Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2018-report-on-international-religious-freedom/nigeria/>. Acesso em: 13 jun. 2021.